
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PROEF - Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física

O ATLETISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: muito além do “saber fazer”

ADRIANA GARCIA



**RIO CLARO - SP
2023**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PROEF - Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física

O ATLETISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: muito além do “saber fazer”

ADRIANA GARCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista - UNESP, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Dr. Flávio Soares Alves

G216a	<p>Garcia, Adriana</p> <p>O atletismo nas aulas de educação física : muito além do "saber fazer" / Adriana Garcia. -- Rio Claro, 2023</p> <p>166 p. : fotos + objeto educacional</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientador: Flávio Soares Alves</p> <p>1. Educação. 2. Educação Física. 3. Atletismo. 4. Base Nacional Curricular Comum. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.


CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O ATLETISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: muito além do “saber fazer”


AUTORA: ADRIANA GARCIA

ORIENTADOR: FLAVIO SOARES ALVES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Educação Física, área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:


Documento assinado digitalmente
 **FLAVIO SOARES ALVES**
Data: 04/09/2023 14:04:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. FLAVIO SOARES ALVES (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP Instituto de Biociências

Documento assinado digitalmente
 **GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS**
Data: 04/09/2023 15:21:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / UFSCar - Universidade Federal de São Carlos - SP

Prof. Dr. RORAIMA ALVES DA COSTA FILHO (Participação Virtual)
Secretaria Municipal de Educação / Rio Claro - SP

Documento assinado digitalmente
 **RORAIMA ALVES DA COSTA FILHO**
Data: 05/09/2023 09:50:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rio Claro, 01 de setembro de 2023

Dedico essa conquista à Deus.
Ao Marcelo, meu companheiro de jornada.
À minha família, que está sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

À Professora Suraya Darido, pelo esforço e luta por este programa. Aos professores do ProEF especialmente aqueles do polo UNESP - Rio Claro e UFSCAR-São Carlos.

Ao meu orientador Prof. Flávio Soares Alves, que me auxiliou durante todo o processo de reflexão e amadurecimento de ideias e posterior construção e lapidação dessa dissertação e produto educacional com toda competência, paciência e inspiração.

Aos professores Glauco Souto Nunes Ramos e Roraima Alves da Costa Filho, que gentilmente aceitaram o convite para compô-la a banca de defesa e contribuíram com este trabalho compartilhando suas experiências e conhecimentos com muita generosidade e respeito.

Aos meus colegas e cursistas do Polo Rio Claro Rafael, Cristiane, Samira, Géssica, Gescian, Helder, Osni, Marcelo, Leandro, Marcos, Moisés e George pelo companheirismo, troca de conhecimentos e apoio técnico e emocional no decorrer dessa jornada.

Aos meus queridos alunos da EMEIEF (R) Alfredo C. Stahlberg que contribuíram trazendo suas significações e conhecimentos para essa pesquisa, talvez sem saber o quanto ela era importante para mim.

Ao meu companheiro Marcelo, minha irmã Andreia, minha mãe Aparecida, meus sobrinhos Mell e Lucca que tiveram que lidar muitas vezes com minha ausência, ansiedade e excesso de demandas profissionais e acadêmicas e ainda assim se mobilizaram para que eu acreditasse que poderia concluir esse Mestrado.

“O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização do processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2018, p. 93).

GARCIA, Adriana. **O atletismo nas aulas de educação física**: muito além do “saber fazer”. Orientador: Flávio Soares Alves. 2023. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Biociências/ Júlio Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2023.

RESUMO

Essa dissertação parte de inquietações que apontam para a seguinte injunção: não raras vezes, no ambiente escolar, a prática da Educação Física parece assumir compromisso apenas com a produção de um certo “saber fazer” restrito única e exclusivamente na composição de dimensões procedimentais às vezes totalmente descontextualizadas das demandas situacionais que atravessam o exercício de ensino. Nesta injunção, a Educação Física escolar parece não dialogar com um ensino mais focado na formação de cidadãos e na construção de uma visão crítica, por parte dos alunos, capaz de acentuar valores éticos e democráticos tão importantes para a qualificação das relações destes alunos com eles próprios e com o mundo. Tendo em vista esse problema, pergunta-se: O que fazer para mudar esse cenário, que reduz os propósitos das aulas de Educação Física na escola de maneira simplista? Partindo desta indagação, este estudo se propôs em pensar em uma intervenção pedagógica que valorizasse, porém extrapolasse esse “saber fazer”, para tanto, investigou possibilidades de se trabalhar o atletismo nos iniciais do ensino fundamental, tomando como referência as oito dimensões de conhecimento propostas pela BNCC. Essa proposta investigativa assumiu um perfil qualitativo, inspirada na abordagem metodológica da pesquisa participante. O trabalho de campo foi instalado em uma escola rural da cidade de Limeira - SP, com crianças de um 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. A partir do diálogo estabelecido entre os referenciais bibliográficos estudados, as singularidades do campo e a experiência da professora pesquisadora, se constituiu um movimento de planejamento, implementação e avaliação de uma unidade didática envolvendo o ensino do atletismo. Ao longo do exercício analítico, procurou-se evidenciar a possibilidade de ampliar o ensino do atletismo para além da questão motora e competitiva ao perpassar pelas oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC: experimentação, fruição, uso e apropriação, análise, compreensão, construção de valores, protagonismo comunitário e reflexão sobre a ação. Como resultados observou-se que é possível transitar pelas oito dimensões do conhecimento já nos anos iniciais, desde que respeitando as características da faixa etária na composição do exercício didático-pedagógico. Verificou-se também que é preciso ressaltar a dialogicidade entre as diferentes dimensões do conhecimento, haja vista que é impossível isolá-las plenamente durante o exercício do ensino. Na medida em que se dá vez e voz a essa dialogicidade nota-se uma ampliação da leitura de mundo, por parte dos alunos, o que foi evidenciado, nesta pesquisa, com um maior engajamento destes durante as aulas, expresso nas discussões acerca de valores, preconceitos e direitos relacionados à aprendizagem do atletismo.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. BNCC. Dimensões do conhecimento. Atletismo.

GARCIA, Adriana. **Athletics in physical education classes**: far beyond “knowing how to do”. Advisor: Flávio Soares Alves. 2023. 166 f. (Professional Master's Degree in Physical Education in National Network – ProEF) – Institute of Biosciences / Júlio de Mesquita Filho, São Paulo State University – UNESP, Rio Claro, 2023.

ABSTRACT

This Masters dissertation is based on concerns that point to the following injunction: in the school environment, the practice of Physical Education seems not rarely to assume a commitment only with the production of a certain “know-how” restricted solely and exclusively in the composition of procedural dimensions. Thus, these dimensions are sometimes totally decontextualized from the situational demands that cross the teaching exercise. In this injunction, the school Physical Education does not seem to dialogue with a teaching that is more focused on the formation of citizens and on the construction of a critical view by the students. This way, it is capable of emphasizing ethical and democratic values that are so important for the qualification of these students' relationships with themselves and with the world. In view of this problem, we have asked the following question: What can be done to change this scenario, which reduces the purposes of Physical Education classes at school in a simplistic way? Starting from this question, this study proposed to think of a pedagogical intervention that valued, but went beyond this “know-how”, therefore, it has investigated possibilities of working on athletics in the beginning of fundamental education, by taking as a reference the eight dimensions of knowledge proposed by the BNCC. This investigative proposal has taken on a qualitative profile, inspired by the methodological approach of participant research. The fieldwork has been carried out in a rural school in the city of Limeira - SP, with children from a 2nd grade of elementary school. From the dialogue established among the bibliographical references studied, the teacher-researcher's singularities of the field and the experience, a movement of planning, implementation and evaluation of a didactic unit involving the teaching of athletics has been constituted. Throughout the analytical exercise, we have sought to highlight the possibility of expanding the teaching of athletics beyond the motor skill and competitive issue by going through the eight dimensions of knowledge proposed by BNCC: experimentation, fruition, use and appropriation, analysis, understanding, construction of values, community protagonism and reflection on action. As a result, it was observed that it is possible to transit through the eight dimensions of knowledge since the early years, as long as the characteristics of the age group are respected in the composition of the didactic-pedagogical exercise. It was also found that it is necessary to emphasize the dialogue between the different dimensions of knowledge, given that it is impossible to fully isolate them during teaching. As this dialogicity is given time and voice, an expansion of the students' reading of the world can be noted, which was evidenced, in this research, with their greater engagement during classes, expressed in discussions about values, prejudices and rights related to learning athletics.

Keywords: School Physical Education; BNCC; Dimensions of knowledge; Athletics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema da prova de arremesso de peso.....	99
Figura 2. Esquema da prova de arremesso de peso.....	150
Figura 3. Esquema da prova do salto em distância	151

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. EMEIEF (R) Alfredo Christiano Stahlberg.....	30
Imagem 2. EMEIEF (R) Alfredo Christiano Stahlberg.....	30
Imagem 3. Diário de Campo.....	35
Imagem 4. Aluno auxiliando seu colega na execução do arremesso de peso.....	90
Imagem 5. Saltos na amarelinha.....	91
Imagem 6. Aluno vivenciando o arremesso de peso sentado.....	94
Imagem 7. Crianças realizando arremessos por cima de uma corda.....	96
Imagem 8. Aluna “queimando” o salto	98
Imagem 9. Disputa da prova adaptada de arremesso de peso.....	99
Imagem 10. Aluno vencedor da corrida estádio com sua coroa de “louros”	100

LISTA DE QUADROS

1. Trabalhos relacionados ao ensino do atletismo na escola.....	37
2. Classificação dos esportes.....	52
3. Categorias de análise.....	77

LISTA DE GRÁFICOS

1. Brincadeiras preferidas das crianças (filhos únicos)31
2. Brincadeiras preferidas das crianças que possuem irmãos.....32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Abordagem Desenvolvimentista
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
EMEIEF R	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Rural
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Plano Nacional do Livro e Material Didático
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UD	Unidade Didática
UE	Unidade Escolar

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	16
2 DELIMITAÇÃO PROBLEMÁTICA	21
2.1 Objetivos Gerais	22
2.2 Objetivos específicos	23
2.3 Produto Educacional	23
3 PERCURSO INVESTIGATIVO.....	26
3.1 Contextualização da pesquisa.....	28
3.1.1 A escola.....	29
3.1.2 Os participantes	31
3.1.3 O Currículo Escolar da Rede Municipal de Limeira	33
3.2 Instrumentos.....	35
3.3 Procedimentos para a coleta de dados	37
4 PLANO DE COMPOSIÇÃO TEÓRICA.....	41
4.1 A história da Educação Física no Brasil e a atuação docente.....	41
4.2 As legislações educacionais e a Educação Física escolar.....	46
4.3 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular.....	51
4.3.1 Uma inquietação a partir da BNCC	54
4.4 O atletismo e as possibilidades de trabalho no contexto escolar	55
5 UNIDADE DIDÁTICA DE ATLETISMO	60
6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS.....	74
7 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES DESTA PESQUISA.....	76
7.1 Conhecer para posicionar-se	78
7.2 Refletindo sobre as práticas	86
7.3 Experimentar para avançar	93
7.4 O esporte além da escola.....	102

7.5 Uso e apropriação	107
7.6 Protagonismo comunitário	110
7.7 O trabalho concomitante das dimensões do conhecimento	114
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICES.....	133
APÊNDICE A - Diário de campo	133
APÊNDICE B - Roteiro de observação	160
APÊNDICE C - Termo de assentimento (TALE)	161
APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	163
ANEXO A - Parecer do comitê de ética.....	165

1 APRESENTAÇÃO

Essa pesquisa se propôs produzir, implementar e avaliar uma unidade didática envolvendo o atletismo nos primeiros anos do ensino fundamental, para tanto, buscou pelas experiências e percepções dos alunos acerca deste esporte. E para garantir a abertura desta investigação a composição desta unidade didática transitou pelas oito dimensões do conhecimento¹ delineadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desta maneira, foi possível se encontrar com o atletismo na Educação Física Escolar considerando essa prática esportiva para além do “saber fazer.”

Antes de apresentar formalmente esta trajetória investigativa, uma necessidade aqui acossa, pedindo passagem para as memórias da pesquisadora que aqui escreve. É sabido que a simples aparição desta necessidade no curso das tortuosas linhas que se seguem pode gerar certa estranheza ao leitor, haja vista que o discurso acadêmico-científico dedica certas reservas à regência textual produzida na primeira pessoa do singular, no entanto, permita-me aqui este adendo que não se faz sem razão, já que a definição desta proposta de pesquisa dialoga (e muito) com a minha história de vida.

Assim, antes de me aprofundar na ação do pesquisar – entendido como movimentação intencional, organizada e sistematizada – convido o leitor a mergulhar comigo nas tramas da minha história de vida que, à sua maneira deixa à mostra as motivações e os sentidos que me levaram a escolher essa temática para a minha dissertação de mestrado.

Fui uma criança apaixonada pelo movimento, na minha infância os períodos em que eu não estava na escola eram recheados por horas de brincadeiras na companhia de outras crianças, onde explorávamos as ruas, os terrenos baldios, os quintais, brincávamos de boneca, casinha e nos aventurávamos escalando muros e grandes árvores. Na escola minhas aulas preferidas eram as de Educação Física,

¹ De acordo com a BRASIL (2017) ao trabalhar com as diferentes as unidades temáticas da Educação Física se privilegie oito dimensões de conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário. Tais dimensões serão apresentadas e explicadas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

costumava ser uma das mais habilidosas da turma e conseqüentemente comumente era selecionada para participar de jogos escolares.

No ensino médio, fui convidada pelo meu professor de Educação Física a representar a escola em uma competição de atletismo e, assim, com o objetivo de melhorar minha marca no salto em distância, entrei em um clube para me aperfeiçoar em tal modalidade esportiva, e lá fiquei por alguns anos, chegando a competir pela minha cidade em jogos regionais.

Já no Ensino Superior escolhi o curso de Educação Física, em razão da minha boa relação com o movimentar-se, com o lúdico e pela ideia de transformar vidas através da atividade física. Anos mais tarde, já no mercado de trabalho, a educação me escolheu, confesso que não era meu grande sonho, mas ali entendi que se queria contribuir para a construção de um mundo melhor, eu tinha encontrado o meu lugar.

Essa mudança de paradigma não se deu de uma hora para a outra, foi um processo moroso e que ainda está acontecendo. Se em um primeiro momento eu exaltava a importância do movimento na vida das pessoas por contribuir para uma melhor qualidade de vida, aos poucos fui percebendo que além de vivenciar era importante também compreender e refletir sobre ele, entender como as manifestações culturais advindas do movimentar-se humano influenciam e são influenciadas pela sociedade, e que assim como o mundo essas influências e significados se transformam. Sabendo desse processo, por que não usar tais conhecimentos com vistas a buscar uma sociedade mais justa para todos²?

Após tal entendimento, uma pessoa menos atenta, poderia acreditar que bastava partir para uma nova forma de atuar dentro do ambiente escolar para promover tais transformações, mas mudanças de comportamento levam tempo para ocorrer, inclusive para aqueles que como eu, entendem que apenas vivenciar, ou seja, se concentrar exclusivamente na execução de determinado movimento, ou ainda conhecer técnicas e táticas de determinado esporte, possui limitações na contribuição para a construção de uma sociedade democrática e justa. Assim, peço licença para

² A pesquisadora reconhece a relevância dos movimentos em defesa das minorias, especialmente o que diz respeito à questão do gênero, no entanto para facilitar a leitura optou-se por seguir a regra gramatical atual, dessa forma alguns substantivos que serão escritos no masculino representarão todas as orientações de gênero.

apresentar parte do meu caminho na educação e os motivos que me levaram delimitar o problema dessa dissertação.

Sou professora da educação básica há mais de dezessete anos, sendo que desses longos anos, doze foram dedicados ao Ensino Fundamental – anos finais e Ensino Médio e dez com Ensino Fundamental – anos iniciais e/ou Educação Infantil, tanto na rede pública quanto na rede privada. Lá no início de minha atuação como educadora, lembro que minha abordagem pedagógica era direcionada, quase que exclusivamente, para aquisição de habilidades motoras e aprendizagem esportiva.

Ao longo dos anos, minha visão sobre a função da Educação Física na escola foi se modificando, seja por ampliação de leituras, formação continuada ou por mudanças nos documentos oficiais que alteraram a forma de abordagem da disciplina, e assim, as aulas que inicialmente tratavam apenas da questão motora, passaram paulatinamente a se preocupar também em como os conteúdos estudados foram construídos socialmente e culturalmente, como eles se apresentam em diferentes contextos e grupos sociais, que valores estão atrelados à sua prática, sempre buscando uma melhor compreensão e apropriação do tema, com vistas a possibilitar uma leitura crítica do mundo que o cerca.

Todavia, parte dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio não reconhecia estes momentos como possibilidades de aprendizagem na Educação Física, entendiam que a aula deveria ser de cunho exclusivamente prático, visando aperfeiçoamento de habilidades motoras, treinamento esportivo, chegando a rechaçar o estudo de elementos da cultura corporal de movimento que não tivessem ligados ao esporte e aos jogos e brincadeiras.

Arrisco aqui pensar, ainda que de forma preliminar, que esse comportamento pode ser compreendido pelo histórico de experiências relacionadas à Educação Física que tais alunos tiveram ao longo de sua escolaridade, onde as vivências práticas eram predominantes, senão a única forma de trabalho, sem reflexões sobre as mesmas e sem ampliação dos conhecimentos além daqueles do senso comum.

Muitos professores, inclusive esta pesquisadora, sofreram influências das práticas relacionadas ao higienismo, militarismo e esportivismo, em toda a sua vida acadêmica, o que pode contribuir para que estes profissionais reproduzam tais procedimentos em suas aulas, uma vez que tais experiências nem sempre foram

encaradas de forma negativa, tanto que optaram pela Educação Física como escolha de carreira.

Particularmente, no meu caso, a troca de saberes que atravessam o cotidiano escolar e a oportunidade de novos estudos, especialmente em nível de mestrado, me fizeram repensar minha forma de intervenção em Educação Física. Contudo, reconheço a dificuldade em mudar a minha prática pedagógica, pois isso implica sair de uma zona de conforto profissional e ainda desestabilizar outras pessoas como alunos, demais professores e inclusive a gestão e comunidade escolar que possuíam e/ou ainda possuem uma visão da disciplina relacionada ao “como fazer” determinado movimento ou prática corporal.

Nós da Educação Física, historicamente fomos absorvendo e valorizando esse enfoque do “como fazer” ou em outras palavras numa ação pedagógica onde o professor tem sua atenção voltada para que o aluno seja capaz de “saber fazer” determinada prática corporal, muito por conta da forte influência médica, higienista, militar e esportivista que tanto subsidiaram a organização da Educação Física como área de conhecimento inserida no campo da educação e da saúde (DAÓLIO, 2010).

Na perspectiva de ampliar a forma de atuação docente, Darido e Souza Júnior (2007) alicerçados nos estudos de Coll *et al.* (2000) e Zabala (1998), trouxeram a possibilidade de se trabalhar os conteúdos escolares em três diferentes dimensões de conteúdos, a atitudinal estabelecendo relações com os saberes ligados ao “como se deve ser”, a conceitual com foco na aprendizagem de fato e conceitos, ou seja aquilo “que se deve saber” e pôr fim a procedimental que estaria ligada ao “saber fazer”, sendo que esta última por muito tempo predominou nas aulas de Educação Física estando atrelada ao vivenciar, ao saber praticar as diferentes manifestações da cultura corporal.

Apesar dos avanços nos estudos acerca das possibilidades de atuação docente, ir além do “saber fazer” não parece ser uma tarefa simples e sobre essa dificuldade de inclusão de conteúdos que extrapolem a dimensão procedimental nas aulas de Educação Física, Darido resume:

Em outras palavras, a discussão sobre a inclusão destes conteúdos na área é extremamente recente e há dificuldades na seleção, e na implementação de conteúdos relevantes. Além disso, muitas vezes, a comunidade escolar não oferece respaldo para os professores trabalharem com esta proposta e os alunos são bastante resistentes a propostas que incluam uma discussão mais sistematizada sobre a dimensão conceitual e atitudinal nas suas aulas,

até porque há uma tradição muito acentuada na escola de que Educação Física é muito divertida porque se resume ao fazer, ao brincar e não ao compreender os seus sentidos e significados (DARIDO, 2005, p. 67).

Essa relutância de parte dos alunos em adaptar-se à outras formas de estudar a Educação Física no ambiente escolar me levou a me arriscar em outros níveis de ensino na expectativa de que alunos mais jovens não teriam uma visão formada sobre as aulas de Educação Física.

Atualmente, leciono em uma rede de ensino com foco na Educação Infantil, Ensino Fundamental – anos iniciais. Neste contexto atual de mobilização de minha prática profissional, tenho observado que as crianças menores são mais motivadas e mais abertas à diversidade de conteúdos propostos, todavia ainda relacionam as aulas de Educação Física ao momento de brincar na escola. Neste tocante, cabe ressaltar que é claro que o caráter lúdico faz parte deste componente curricular, mas, deve ser tratado como elemento de um processo educativo mais amplo e integral, o que significa dizer que sua função não pode se reduzir única e exclusivamente ao simples divertimento.

Até aqui, caro leitor, me ocupei com a difícil tarefa de me colocar na escrita, para situar um lugar de fala no contexto da Educação Física Escolar. Pois bem, é com essa história de vida e com as intuições nela imersas que fui compondo a delimitação problemática desta pesquisa, a qual passo a apresentar na próxima seção.

2 DELIMITAÇÃO PROBLEMÁTICA

O texto da apresentação da pesquisa, que se seguiu acima, possibilitou chamar a atenção para o seguinte problema: a Educação Física, não raras vezes, parece um pouco deslocada dentro do ambiente escolar, no que diz respeito à formação do cidadão, através do acesso e transformação do conhecimento sistematizado pela humanidade, sendo que ainda ouvimos de pessoas da comunidade escolar e alunos que a Educação Física é o momento de brincar e jogar, destinado apenas para a diversão e a descontração dos estudantes.

Tal situação me traz algumas inquietações, como investigar possibilidades que levem a uma prática pedagógica mais ampla e diversa para os professores e mais significativa para os alunos, sem a qual, os esforços educacionais parecem não fazer sentido.

E para operar a ampliação do universo de intervenções pedagógicas do professor de Educação Física, tal como acima defendemos, busca-se nesta pesquisa pelo respaldo da BNCC, que é o mais recente documento normativo que define as aprendizagens essenciais às quais os estudantes de todo o território brasileiro devem ter acesso ao longo de sua trajetória escolar.

Segundo tal documento, a intervenção pedagógica do professor de Educação Física escolar deve sempre considerar oito dimensões do conhecimento que vão além do “saber fazer” historicamente proposto nas aulas da Educação Física Escolar (BRASIL, 2017). Ao longo desta pesquisa iremos nos dedicar em estudar mais cuidadosamente cada uma delas. Para o atual momento, como guisa à uma compreensão preliminar destas oito dimensões, poderíamos dizer que elas se referem à ampla complexibilidade com a qual os conhecimentos se apresentam durante o exercício do ensino. É justamente essa complexibilidade que nos faz enxergar uma ação de intervenção que vá além deste importante, porém limitado “saber fazer.”

Alguns livros didáticos oferecidos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) como Darido *et al.* (2017) e Darido *et al.* (2021) destacam o trabalho com as dimensões do conhecimento com vistas a explorar os significados que atravessam as diferentes práticas corporais, buscando um processo formativo mais amplo e contextualizado, todavia diferente do que este estudo se propõe, não se preocupam em investigar e

avaliar a possibilidade de exploração de todas as dimensões do conhecimento já nos anos iniciais do ensino fundamental.

Alicerçada pela legislação vigente, bem como por materiais didáticos oferecidos pelo PNLD, ao longo deste estudo, optou-se em focar em um conteúdo específico das aulas de Educação Física, o atletismo, buscando pensar o seu desenvolvimento nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente em uma turma do 2º ano.

A escolha pelo atletismo é justificada pela sua relevância enquanto uma das formas de esporte sistematizado mais antigas e tradicionais, pelo fato de ele trabalhar amplamente com movimentos básicos especialmente correr, saltar e arremessar, que são habilidades muito presentes nos jogos e brincadeiras das crianças e a similaridade entre o objetivo principal das provas do atletismo, que é conseguir a melhor marca e o desejo de querer ser mais rápido ou saltar mais longe que é uma característica facilmente observada entre os pequenos.

Já a opção pela turma do 2º ano se deu porque de acordo com a BNCC e com o Currículo da Rede Municipal de Ensino de Limeira (cidade onde será realizada esta pesquisa) o atletismo foi classificado como um esporte de marca que deve ser estudado no 1º e/ou 2º ano do ensino fundamental (BRASIL, 2017; LIMEIRA, 2019).

Tendo em vista este cenário e, considerando que a intenção mais primordial nesta pesquisa é ampliar o universo de intervenções pedagógicas do professor de Educação Física e oportunizar a construção de uma aprendizagem mais significativa para os alunos, é possível definir a questão central desta pesquisa nos seguintes termos: ***como trabalhar o atletismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental para além do “saber fazer”?***

2.1 Objetivos Gerais

- ✓ Contribuir para a ampliação do campo de discussões e práticas acerca do universo de intervenções pedagógicas do professor de Educação Física Escolar.
- ✓ Investigar algumas possibilidades de trabalhar do atletismo nos iniciais do ensino fundamental, tomando como referência as oito dimensões de conhecimento BNCC.

2.2 Objetivos específicos

- ✓ Produzir uma unidade didática de ensino do atletismo nos anos iniciais, dando enfoque específico às oito dimensões do conhecimento delineadas pela BNCC.
- ✓ Implementar e avaliar o plano de intervenção proposto com uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Limeira – SP.

2.3 Produto Educacional

O produto educacional desta pesquisa é resultado de um processo de produção, implementação e avaliação de uma Unidade Didática (UD) apresentada no formato de E-book, tematizando a prática do atletismo para alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. A composição desta UD levou em consideração três diferentes fatores: os referenciais teóricos estudados, as singularidades do universo da pesquisa e a experiência da pesquisadora enquanto professora de Educação Física Escolar. Desta composição foi possível constituir um plano de aulas que, como já observado, foi implementado e analisado junto aos alunos, de modo que, o produto educacional desta pesquisa é resultado de todo este caminho que vai da produção até a análise da UD. É deste lugar, portanto, que também acolhe o exercício da análise e avaliação da UD que se evidencia o seu produto educacional.

Nesta UD buscou-se ampliar os conhecimentos das crianças acerca do tema e, ao mesmo tempo, dar protagonismo para as experiências e percepções dos próprios alunos acerca do atletismo escolar. E para operar esse movimento investigativo constituído entre conceitos, práticas, percepções e estudos, esta pesquisa utilizou como base referencial as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

À luz deste referencial teórico, a UD foi implementada junto à turma de alunos do 2º ano do ensino fundamental e no decorrer do processo o plano de intervenções produzido nesta UD foi se adaptando às necessidades e singularidades do grupo. Todo esse caminho foi registrado em um diário de campo (Apêndice 1) e os dados coletados foram categorizados e analisados de forma a avaliar se a UD conseguiu

transitar pelas oito dimensões do conhecimento. Foi no bojo do movimento investigativo que se encontra aqui apresentado ao longo deste documento que o produto educacional desta pesquisa foi efetivamente gerado,

Na sequência, damos inícios a uma breve apresentação da forma como se organizou este estudo, orientando sobre o que irá ser apresentado nas próximas páginas deste trabalho.

A próxima seção tratará do capítulo 3 relacionado ao percurso investigativo, onde justificaremos a escolha pela pesquisa qualitativa e metodologia da pesquisa participante, além de trazermos algumas de suas características. Nele também apontaremos os critérios da opção pelo atletismo, faremos um panorama do contexto em que a pesquisa foi aplicada, apontando as singularidades da escola, rede de ensino de Limeira – SP e alunos participantes. Além disso, discorreremos sobre a escolha pelo diário de campo, bem como os pontos a serem registrados nele e, na sequência delimitamos os procedimentos usados para a coleta de dados.

No capítulo 4, intitulado de Plano de Composição Teórica, resgataremos parte da história as legislações educacionais ligadas à Educação Física escolar, esse percurso nos traz alguns indicativos que nos ajudam a entender os motivos que levaram aos principais problemas apontados na apresentação deste trabalho, como o caráter exclusivamente prático das aulas, sem preocupações em relacionar os conhecimentos referentes às diferentes práticas corporais com uma contextualização e compreensão do mundo em que vive.

Já no capítulo 5, apresentaremos a Unidade Didática planejada para ser aplicada com os alunos participantes e para servir como campo da pesquisa, bem como algumas considerações sobre seu planejamento e implementação.

No capítulo 6, discorreremos acerca dos procedimentos utilizados para a análise de dados, sobre a relevância de uma leitura minuciosa do diário de campo, a compreensão dos significados e categorização, e a nossa opção por relacionar os dados às oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

A análise dos dados será apresentada no capítulo 7, onde, como já dito anteriormente, procuramos pelos apontamentos que nos indicavam ou não se todas as dimensões propostas pela BNCC apareciam nas situações didáticas realizadas e como os alunos respondiam frente às diferentes formas de apresentar e dialogar com os conhecimentos relacionados ao atletismo.

Finalizando o trabalho, traremos os resultados das análises e considerações finais, na qual apresentaremos como o grupo estudado respondeu à uma prática pedagógica que buscou transitar pelas oito dimensões do conhecimento propostas pelas BNCC.

3 PERCURSO INVESTIGATIVO

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, visando investigar as possibilidades de ampliar o universo de intervenções no ensino do atletismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Cabe ressaltar que o perfil desta pesquisa qualitativa trabalhou “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” que atravessaram o campo investigado (MINAYO, 2002, p. 21- 22). No campo onde esse universo investigativo se desenhou observou-se inúmeras variáveis, dentre as quais se destacaram as oito dimensões do conhecimento observadas na BNCC e que serviram de base para a mobilização das análises desta pesquisa.

Ao considerar que o conhecimento pode se apresentar de diferentes formas e almejar que seja garantido aos alunos essa diversidade de possibilidades de acesso ao saber, foi preciso assumir o pressuposto que o professor e sua atuação profissional é uma das variáveis do processo educativo, ou seja: ele não só afeta, como também é afetado pelo exercício pedagógico que introduz junto aos alunos, abrindo caminhos para uma ação co-educativa que os coloca em um mesmo plano de composição da experiência educativa.

Sensível à essa premissa, este trabalho buscou respaldo na metodologia da pesquisa participante. Nela, o pesquisador interage ativamente em todo o processo de investigação, se envolvendo com os pesquisados, anotando suas reações, interações, bem como as análises que o próprio faz a respeito do caminho percorrido durante a pesquisa (SEVERINO, 2007).

A pesquisa participante tem na sua origem uma preocupação social, surge de uma inquietação em levar a pesquisa, o desenvolvimento tecnológico e o conhecimento científico para além das bibliotecas universitárias, já que uma parcela muito pequena da sociedade tem acesso a esse tipo de saber sistematizado, como nos alerta Mariani e Carvalho (2019), que ressaltam ainda que parte da população mundial, sequer tem acesso às condições essenciais de sobrevivência e, infelizmente muitas vezes acaba não sendo beneficiada pelos avanços das pesquisas científicas. Diante desse quadro, entre as décadas de 1950 e 1970, passam a refletir sobre seu papel social,

Logo, de que adiantaria compreender e elaborar grandes teorias da sociedade excludente e injusta em que viviam, se tal conhecimento ficaria circulando apenas entre os meios acadêmicos, ou na melhor das hipóteses, seu destino seria o “emprateiramento” nas bibliotecas universitárias? (MARIANI; CARVALHO, 2019, p. 2)

Chizzotti (2006, p. 90) afirma que “a pesquisa participante tem como pressuposto, subjacente à sua história, a democratização da produção do conhecimento e da sociedade e o desenvolvimento da justiça social.”

O desejo de transformar a realidade dos alunos da escola pública leva essa professora-pesquisadora a engajar-se em um projeto que vá além de observar uma realidade, mas sim investigar os conhecimentos já produzidos cientificamente e culturalmente sobre o objeto de estudo, elaborar uma estratégia de ensino, aplicá-la e intervir de maneira a investir para que os alunos tenham acesso ao conhecimento e reflitam sobre ele.

Ao tratar de diferentes estudos acerca das origens da pesquisa participante na América Latina, Brandão (2006) aponta que,

Entre aqueles que escreveram a respeito dessas várias tendências, há sempre o reconhecimento de que, de um modo geral, a pesquisa participante deve ser encarada como um instrumento de trabalho não menos confiável e rigoroso do que a pesquisa acadêmica, pelo fato de propor uma atividade mais coletiva, mais participativa e mesmo mais popular (BRANDÃO, 2006, p. 31).

Apoiando-se na reflexão trazida por Brandão (2006) de que a pesquisa participante deve ser encarada com a mesma confiabilidade e rigurosidade de qualquer outra pesquisa acadêmica, optou-se por seguir tal metodologia, desenvolvendo-a em quatro etapas:

1ª. Etapa: levantamento bibliográfico em relação ao atletismo na escola e as dimensões do conhecimento.

2ª. Etapa: construção de uma Unidade Didática com o atletismo e as dimensões do conhecimento nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

3ª. Etapa: aplicação, registro e avaliação da Unidade Didática com crianças do 2º ano do ensino fundamental - anos iniciais na cidade de Limeira - SP.

4ª. Etapa: análise dos registros produzidos em aula (diários de campo) de maneira a observar os resultados e possibilidades de aplicação de uma unidade

didática tematizando o atletismo que considere as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

3.1 Contextualização da pesquisa

O trabalho educativo envolvendo o conteúdo atletismo aconteceu na única turma de segundo ano do ensino fundamental - anos iniciais da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Rural EMEIEF (R) Alfredo Christiano Stahlberg, durante as aulas de Educação Física, sob a minha orientação didática e pedagógica.

Para cobrir demandas éticas deste trabalho, vale ressaltar que os dados coletados tiveram, primeiramente, uma finalidade estritamente didática e só após findada a relação educativa é que se considerou o aproveitamento destes dados para fins de pesquisa³.

A escolha do atletismo se deu, pois de acordo com o currículo da rede municipal de Limeira são nos primeiros anos do Ensino Fundamental que deve ser abordado o conteúdo “esportes de marca” que contempla a modalidade atletismo (LIMEIRA, 2019).

Ademais é comum observar no cotidiano escolar que tais crianças adoram correr, saltar, arremessar, além de envolver-se em brincadeiras que envolvam a comparação de resultados onde buscam ser mais rápidas ou mais fortes que seus colegas. Tais situações podem ser facilmente relacionadas ao atletismo, dessa forma acredita-se que ao estudar tal modalidade esportiva os alunos consigam estabelecer relação dela com a sua vida, tornando assim a aprendizagem mais significativa⁴.

Ciente da importância do movimento no cotidiano das crianças, mais especificamente das habilidades de corrida, saltos e arremessos que estão presentes na cultura e universo infantil, espera-se que a escolha do atletismo auxilie as crianças

³ À propósito, cabe pontuar que essa pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Campus Rio Claro – RC. Seguem os dados da aprovação: CAAE: 55635222.8.0000.5465, data da aprovação 08/03/2022, número do parecer de aprovação: n. 5.278.960. O parecer de aprovação encontra-se no anexo desta pesquisa (Anexo A).

⁴ Segundo Coll *et al.* (1998), a aprendizagem significativa é aquela que faz sentido na vida dos educandos, que passam a ressignificá-la no contexto em que vivem de maneira a contribuir para o seu desenvolvimento, crescimento pessoal e socialização.

a estabelecerem relações entre o conteúdo estudado e a sua vida e com o meio que os cerca, para assim contribuir com uma aprendizagem que faça sentido e promova o desenvolvimento pessoal de cada educando.

Ao escolher o tema atletismo, esporte que explora intensamente algumas habilidades motoras presentes no cotidiano dos alunos, bem como abordá-lo considerando diferentes frentes, neste caso as oito dimensões do conhecimento, partiu-se do pressuposto que esta intervenção além de ser significativa para as crianças em termos de desenvolvimento sensório-motor, também pode contribuir na ampliação de outras habilidades, tais como as cognitivas, as relacionais, as comunicacionais e socioemocionais que, juntas apresentam a ampla complexidade das relações humanas conectando a prática do atletismo escolar às demandas da vida e da história da humanidade, ampliando assim a compreensão de mundo dos alunos que entra, por sua vez, na composição da formação cidadã destas crianças.

3.1.1 A escola

O trabalho de campo foi desenvolvido no segundo semestre letivo de 2022, mais exatamente nos meses de agosto e setembro, durante as aulas de Educação Física da EMEIEF(R) Alfredo Christiano Stahlberg, localizada na zona rural da cidade de Limeira – SP.

Para que o leitor possa compreender melhor o contexto no qual foi realizada esta pesquisa na sequência serão descritas as características dos componentes do Universo atingido pela pesquisa à época de sua realização.

A EMEIEF(R) Alfredo Christiano Stahlberg atende crianças com idades entre 4 e 11 anos, ou seja, desde a Educação Infantil na 1ª e 2ª etapa em uma turma multisseriada aos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). A maioria desses alunos usa como meio de transporte para se deslocar até a unidade de ensino o ônibus escolar rural, sendo que alguns deles chegam a ficar cerca de uma hora em deslocamento, desgastando-os no caminho. Outro ponto a destacar é que como a maioria dos “pontos”, onde os alunos esperam o ônibus não possui cobertura, o que resulta em um elevado índice de absentismo em dias de chuvas intensas.

A estrutura física da escola conta com 3 salas de aula, 1 sala administrativa e 1 sala de coordenação pedagógica, 3 banheiros, sendo 1 para funcionários e 2 para

as crianças, 1 cozinha, 1 pátio coberto que também é usado como refeitório, 2 pátios descobertos medindo 5X8m e 4x8m, onde são realizadas a maioria das aulas de Educação Física, 1 parque com brinquedos, 1 parque de areia.

As aulas de Educação Física também podem ser realizadas em uma área de terra do sítio vizinho que pertence a uma das funcionárias da escola, cuja família doou o terreno e prédio inicial para que naquele espaço se implantasse uma unidade escolar.

Apesar de contar com seis computadores que são utilizados pelas crianças para realizar avaliações institucionais, a escola enfrenta muita dificuldade com o acesso à internet, o que dificulta o trabalho dos profissionais da escola e de práticas de ensino voltadas para a educação tecnológica.

Imagens 1 e 2. EMEIEF (R) Alfredo Christiano Stahlberg



Fonte: Elaboradas pela autora

No ano de 2022, período em que foi aplicado o estudo, a equipe escolar era composta por 1 diretora, 1 coordenadora, 1 professora de Educação Física, 1 professor de Artes, 7 pedagogas, sendo que uma delas readaptada, 2 monitoras, 2 auxiliares de serviços gerais e 2 merendeiras.

A escolha por essa escola se deu por ela ser uma das sedes da professora pesquisadora e pela disposição da direção em colaborar com o estudo.

A pesquisa foi realizada na turma do segundo ano da unidade escolar, a escolha se deu, pois o tema atletismo é um esporte de marca e, de acordo com o currículo da Secretaria da Educação da Cidade de Limeira, deve ser trabalhado no referido ano de escolaridade (LIMEIRA, 2019).

3.1.2 Os participantes

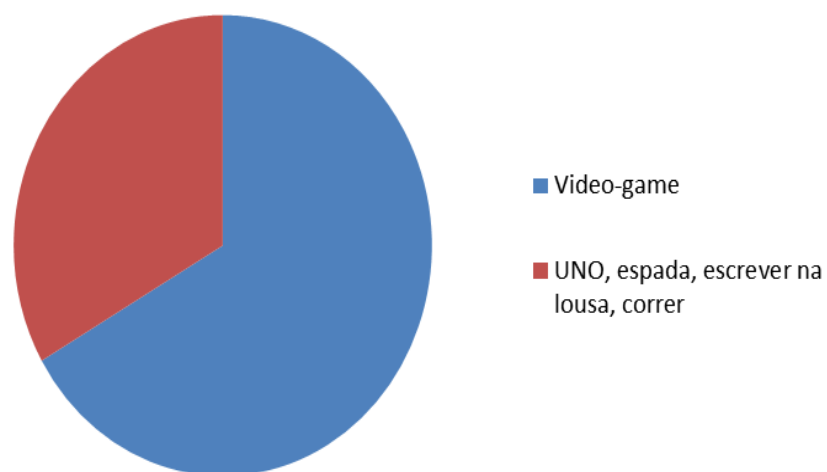
Alunos de uma turma do 2º ano do ensino fundamental, com idades entre 7 e 8 anos de idade, de uma escola municipal rural da cidade de Limeira - SP e a professora pesquisadora que ministra aulas de Educação Física para a maioria dos alunos da turma desde 2019 quando ingressaram nesta escola.

Dos 17 alunos, 7 são meninas e 10 meninos, 10 deles frequentam esta unidade escolar desde a 1ª etapa, ou seja, estudam juntos a cerca de 3 anos e meio. Todas as crianças moram na zona rural de Limeira, sendo que 7 delas nunca moraram em centros urbanos.

As crianças da turma têm boa relação entre si e são extremamente acolhedoras com novos colegas o que facilita a interação e a boa relação entre eles já que há grande rotatividade de alunos na turma. Somente no ano de 2022 ocorreram 4 matrículas suplementares, 4 transferências, sendo que em 1 desses alunos transferidos ficou menos de 15 dias matriculado na U.E.

Dentre os 17 alunos 3 são filhos únicos, destes de acordo com os pais em seu tempo livre 2 preferem brincar de vídeo game e 1 prefere atividades com escrever na lousa, UNO, espada e correr.

Gráfico 1. Brincadeiras preferidas das crianças (filhos únicos)

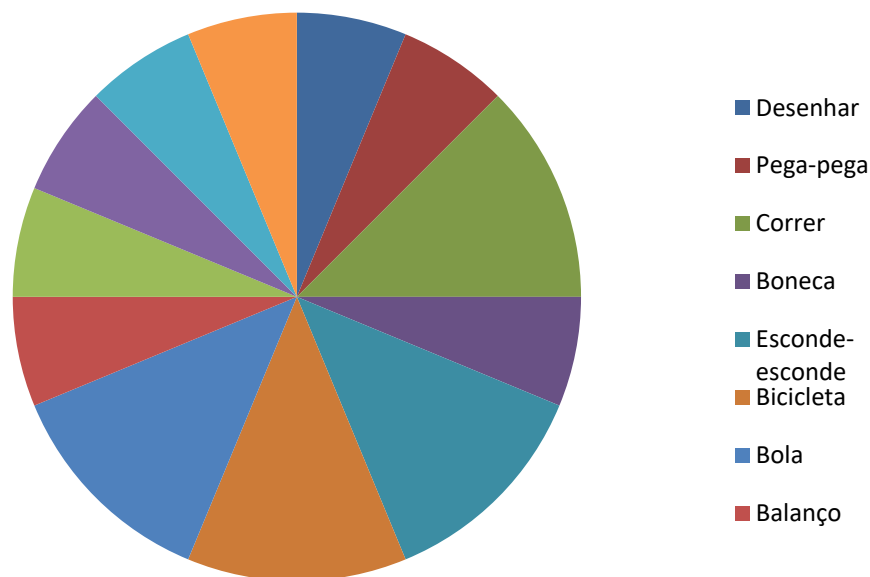


Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se no quadro acima que a tecnologia está muito presente na vida de tais crianças, já que brincar com videogame faz parte do dia a dia da maioria delas, além disso, há uma predominância de brincadeiras que podem ser praticadas sozinhas ou com um adulto.

Já as crianças que possuem irmãos, de acordo com seus pais, optam na hora de brincar por atividades bem diversificadas, incluindo desenhar, boneca, pega-pega, esconde-esconde, bicicleta, correr, carrinho, balanço, com o cachorro, pular corda e bola.

Gráfico 2. Brincadeiras preferidas das crianças que possuem irmãos



Fonte: Elaborado pela autora

Quando se fala de crianças moradoras da zona rural, pode-se criar a ideia de indivíduos que possuam uma relação intensa com a natureza, levando a um imaginário que em seus momentos de lazer elas usufruam de atividades como nadar no rio, subir em árvores, andar a cavalo, entre outros. No entanto, não é isso que se observa na realidade deste grupo específico, embora algumas atividades citadas indiquem alguma relação com a natureza, como o balanço que pode ser amarrado em uma árvore ou a necessidade de espaço para andar de bicicleta, correr e brincar com o cachorro, tais brincadeiras também podem ser observadas em crianças moradoras da zona urbana.

Assim, neste caso, no que diz respeito às brincadeiras preferidas as variáveis estão mais relacionadas à disponibilidade de parceiros para brincar do que ao fato de elas morarem na zona rural.

3.1.3 O Currículo Escolar da Rede Municipal de Limeira

Nesta seção, trarei algumas especificidades da política educacional municipal na cidade de Limeira. Tal intento faz-se necessário pois poderá trazer indícios importantes para justificar algumas das escolhas que interferiram na produção e na implementação da UD envolvendo atletismo.

A construção do Currículo da Rede Municipal da cidade de Limeira foi uma realização coletiva que contou com a colaboração de diferentes profissionais que atuavam à época no setor educacional, inclusive com a participação de professores da própria rede de ensino.

O referencial teórico base que alicerçou a construção do currículo municipal foram “os estudos da psicologia histórico-cultural, mais precisamente a partir das contribuições de Vigotski e Leontiev, a qual estuda o desenvolvimento humano sob a ótica da máxima potencialidade” (LIMEIRA, 2019, p. 13). Assim, a rede trabalha com a finalidade de uma educação de excelência sempre buscando o desenvolvimento máximo de cada um de seus alunos.

Destarte, entende-se que para que cada indivíduo possa evoluir plenamente é necessário lhe oportunizar situações que favoreçam a apropriação do conhecimento produzido histórico, social e culturalmente pela humanidade. Para a rede, os professores possuem papel central neste processo cabendo-lhes oferecer aos alunos acesso a esse conhecimento através da socialização dos conteúdos científicos sistematizados.

É essencial que os professores compreendam que sua prática pedagógica não fica circunscrita apenas à escola, sua ação tem reflexo na sociedade, tanto contribuindo para manter quanto para transformar essa realidade (LIMEIRA, 2019, p.18).

Como toda rede de ensino nacional, a rede municipal de Limeira precisou passar por um processo de adequação às orientações curriculares da BNCC que entrou em vigor no ano de 2017, todavia diferente do que sugere o documento

nacional, optou por não trabalhar na perspectiva do desenvolvimento de habilidades e competências (BRASIL, 2017), mas em organizar suas expectativas de ensino e aprendizagem em conteúdos e objetivos de ensino, pois entende que

o conteúdo é o objeto de ensino do professor e meio capaz de promover o desenvolvimento das habilidades. Sem a clareza do que deve ser ensinado, o docente pode se perder em práticas pedagógicas generalistas que reverberam a falta de progressão de aprendizagem (LIMEIRA, 2019, p. 6).

Diante disso, como será observado mais a frente, a UD elaborada neste trabalho, que usa como um de seus referenciais teóricos a BNCC, não trabalhará prioritariamente visando o desenvolvimento de habilidades, mas sim objetivos de aulas.

No que diz respeito à Educação Física, orienta que o ser humano seja entendido em sua totalidade, rechaçando a dualidade corpo x mente, buscando sempre o desenvolvimento integral do ser humano contribuindo assim para a formação do cidadão capaz de compreender a si e a sociedade, tendo condições de intervir e transformar o meio em vive (LIMEIRA, 2019).

Em relação ao esporte, o Currículo da Rede Municipal de Limeira corrobora com Soares *et al.* (2009, p. 69-70) quando afirma que,

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como esporte “na” escola.

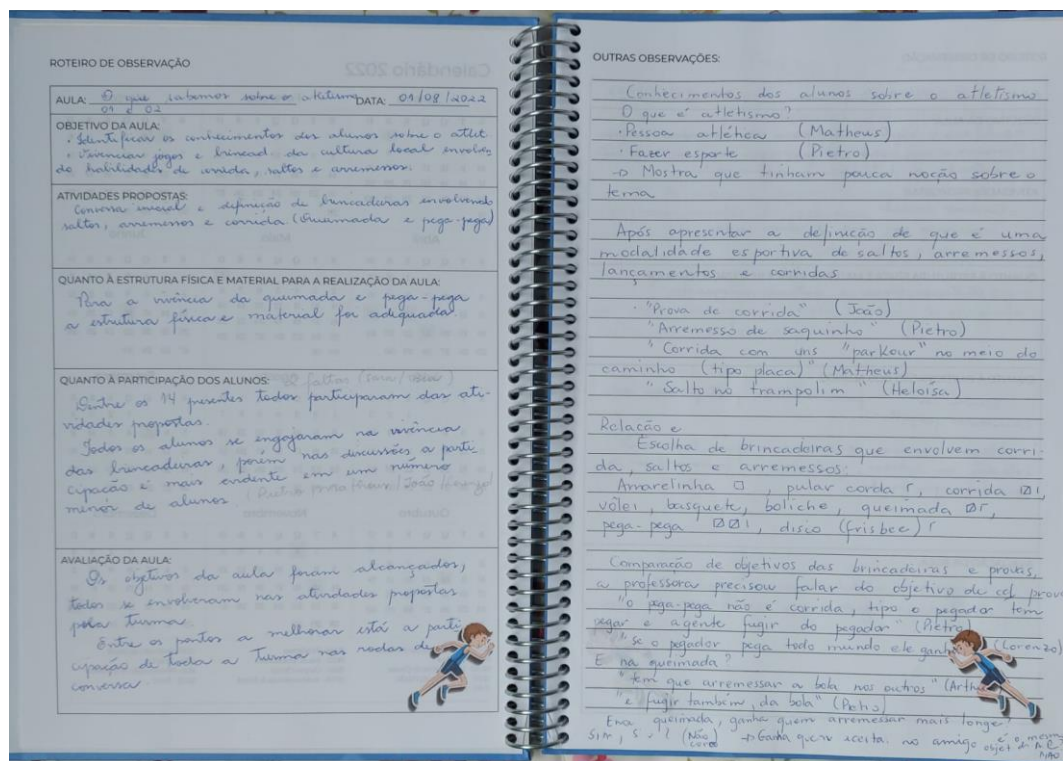
Nesse sentido, entende-se que ao se abordar o esporte dentro do ambiente escolar ele não deverá ser tratado apenas como uma reprodução do esporte institucionalizado, ou seja, aquele que cujo objetivo maior é o rendimento, mas sim, investigar e discutir quais sentidos e significados são e/ou foram atribuídos ao esporte ao longo de sua história pelos diferentes grupos sociais que se apropriaram deste componente da cultura corporal de movimento para os diferentes fins, como educacional, saúde, competição, socialização, inclusão, lazer, trabalho entre outras possibilidades.

3.2 Instrumentos

Para a coleta de dados foi utilizado um caderno de anotações, no qual foram registradas as impressões da professora-pesquisadora frente aos acontecimentos em curso durante as aulas. Tais impressões deram origem aos diários de campo da professora pesquisadora que foi o instrumento utilizado posteriormente para a realização das análises desta pesquisa.

Como procedimento, definiu-se que essas impressões deveriam ser registradas sempre ao final de cada aula da unidade didática previamente elaborada, ou ainda quando a pesquisadora sentisse necessidade. Em um segundo momento, os registros foram passados para o meio digital para facilitar a anexação dos dados neste trabalho.

Imagem 3. Diário de campo



Fonte: Elaborada pela autora

Para respaldar a composição desses registros escritos, buscou-se por referenciais bibliográficos dentro do escopo das pesquisas participantes, segundo os quais os diários de campo são instrumentos potentes para acessar as informações e que pode ser acessado a qualquer momento para registrar nossas impressões,

angústias e observações que passam durante um determinado encontro educativo (NASCIMENTO; LEMOS, 2020).

Na esteira desta ideia, observa-se que o que passa na escrita diarística não são apenas informações, mas expressões de uma singularidade em curso que dão cores e sabores para a produção dos dados da pesquisa. Tais cores e sabores estão sempre em processo de diferenciação, o que alimenta a escrita diarística (NASCIMENTO; LEMOS, 2020).

A composição dos diários de campo considerou, os gestos, os comportamentos e as falas dos estudantes⁵, que tiveram oportunidade de refletir a cerca de suas aprendizagens e dificuldades, sobre os significados atribuídos às práticas e sobre as suas atitudes relacionadas à motivação, cooperação, respeito, solidariedade, engajamento, dialogicidade durante a realização das atividades didáticas propostas. Tais atitudes foram expressas através dos relatos das situações vivenciadas em aula e que estavam dentro do escopo reflexivo proposto por essa pesquisa.

Lourau (1993, apud NASCIMENTO; LEMOS, 2020) aponta o diário de campo como uma ferramenta que permite registrar e analisar os acontecimentos cotidianos, em uma relação dialógica, ou seja, uma estratégia de intervenção para fazer pensar e romper com as ordens estabelecidas.

A respeito das características dos diários de campo Nascimento e Lemos (2020, p. 242) acrescentam que “nesse sentido, os acontecimentos geram outros acontecimentos e os escritos nos diários não são descrições apenas de algo visto e dito pelo pesquisador, já que abrem brechas e promovem singularizações.”

Os registros realizados devem considerar a experiência e atuação do pesquisador enquanto parte constituinte da pesquisa,

Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73)

⁵ A fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, no diário de campo, os nomes das crianças foram substituídos por pseudônimos escolhidos por eles. Respeitando assim, o direito à privacidade, corroborando assim, com as orientações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

Diante do exposto, o diário de campo é aqui entendido como um instrumento de observação, registro, análise e diálogo de extrema relevância para o processo de coleta, produção e análise de dados diante das especificidades da realidade pesquisada.

3.3 Procedimentos para a coleta de dados

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico com livros de pesquisadores da área da Educação, Educação Física, além do rastreamento em bibliotecas e bases virtuais de importantes universidades paulistas como Delalus, Athenas e Acervus, e sites de revistas científicas como Scielo e o Portal Capes buscando pesquisas relacionadas ao ensino do atletismo na escola, à BNCC e às dimensões dos conteúdos.

Para este levantamento foram usadas algumas palavras-chave como “atletismo na escola”, “BNCC e esportes de marca”, “BNCC e atletismo na escola”, sendo que foram consideradas pesquisas realizadas nos últimos 15 anos.

Nesse rastreamento, que foi realizado no período de janeiro a julho de 2022, foi possível observar que nas bases consultadas não há publicações relacionadas ao ensino do atletismo e/ou esportes de marca que levem em consideração as orientações da BNCC. Já em relação ao ensino do atletismo na escola foram encontrados 21 artigos, 4 teses, 3 livros, 10 monografias (TCC - trabalho de conclusão de curso), 6 dissertações e 1 parte de uma monografia. Tais materiais foram relacionados na tabela que segue:

Quadro 1. Trabalhos relacionados ao ensino do atletismo na escola

Tipo de documento	Título e ano de publicação	Autor(es) Autora(s)
Livro	Atletismo na escola (2014)	Sara Quenzer Matthiensen; Ricardo Garcia Capeli
Livro	Caderno didático de atletismo (2012)	Luiz Claudio Marques (org.)
Livro	Jogos de mesa adaptado ao ensino do atletismo na escola: passo a passo (2013)	Sara Quenzer Matthiensen; Juliana Cardoso Daniel.
Parte de monografia	O atletismo na escola como viagem (2017)	Edson de Jesus Manoel
TCC	Organização curricular e novas tecnologias de ensino do atletismo na escola (2011)	Vitor Abdias Cabót Germano
TCC	Experiências pedagógicas de atletismo na escola: em busca de registros na internet (2015)	Denis Rodrigo Del Conte
TCC	A importância do atletismo na escola (2008)	Heloísa Pelisser Canton
TCC	O jogo de videogame relacionado ao atletismo e suas possibilidades pedagógicas (2015)	Guilherme Correa Camuci;

TCC	Ensino e aprendizagem do atletismo nas escolas públicas estaduais de Bauru a partir do currículo de educação física do estado de São Paulo (2013)	Lais Tragente Leão Peres
TCC	As novas tecnologias de informação e comunicação como um recurso para a produção de material didático voltado ao ensino do atletismo (2014)	Gabriel Katayama Passini
TCC	A história do arremesso do peso como subsídio para o seu ensino em aulas de Educação Física (2012)	Paulo Ricardo Mendes da Costa
TCC	O atletismo escolar: trajetórias de aprendizagem entre gerações (2019)	Diego Nera Lima
TCC	A história do salto triplo como subsídio para seu ensino na escola (2011)	Camila Basso Sibila
TCC	Ensino do atletismo na educação física escolar : uma revisão bibliográfica acerca do conteúdo (2012)	Evandro Sandrin
Dissertação	TIC no ensino do atletismo na escola: o Prezi como recurso para o ensino do salto em altura (2017)	Gabriel Katayama Passini
Dissertação	Tecnologia educacional para o ensino do atletismo: o jogo de mesa como um recurso didático-pedagógico (2013)	Jacqueline Carvalho
Dissertação	Tecnologias da Informação e Comunicação e o salto em distância: possibilidades de utilização de um DVD didático para o ensino do atletismo escolar (2014)	Tiago Pedicini Ferreira Silva
Dissertação	A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos (2012)	Guy Ginciene
Dissertação	O salto com vara na escola: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica (2009)	Fernando Paulo Rosa Freitas
Dissertação	Press start [recurso eletrônico]: os exergames como ferramenta metodológica no ensino do atletismo na educação física escolar (2016)	Karen Regina Salgado
Artigo	O modelo do Sport Education no ensino do atletismo na escola (2017)	Guy Ginciene; Sara Quenzer Matthiensen
Artigo	Sobre vídeos do Youtube relacionados à confecção de implementos adaptados para o ensino do atletismo na escola (2018)	Thiago Lucas de Castro; Sara Q. Matthiensen; Guy Ginciene
Artigo	O corpo das crianças nas aulas de atletismo na escola (2012)	Carlos Fabre Miranda
Artigo	Atletismo e escola: interfaces com o conhecimento e desenvolvimento humano discente (2019)	Rodolfo Silva da Rosa; Felipe Goedert Mendes; Edison Roberto de Souza
Artigo	O pensamento lógico no ensino e aprendizagem do atletismo (2022)	Rolando Castro-Marcelo; Arminda Cyrne Garrine-Neves
Artigo	Atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da educação física nos últimos anos (2015)	Eduardo Vinícius Mota e Silva; Florence Rosana Fagnello Gemente; Guy Ginciene; Juliana Cardoso Daniel; Sara Quenzer Matthiensen
Artigo	Atletismo escolar em diferentes propostas de ensino (2018)	Ronan Junio Fonseca
Artigo	O atletismo na perspectiva educacional (2017)	Leandro Araujo de Sousa; Andreyson Calisto de Brito
Artigo	O ensino do atletismo nas aulas de Educação Física (2020)	Marcos Antônio Araujo Bezerra; Elton Carlos Bezerra Horas; Gabriela Gomes de Oliveira Bezerra; Cícero Idelvan de Moraes; Cícero Rodrigo da Silva; Cícero Cleber Brito Pereira.
Artigo	O ensino do Atletismo em ambiente escolar: limitações, abordagens e possíveis adaptações materiais (2021)	Lucas Matoso Milan; Gabriel Martins Del Borgo; Jeferson Roberto Rojo.
Artigo	A prática pedagógica do atletismo na educação física escolar (2018)	Ana Lúcia Cardoso; Larissa Rosso Ronsani
Artigo	O atletismo nas aulas de educação física das escolas estaduais do município de Imbituva-PR (2017)	Jeniffer Daiane Cordel; Clóvis Marcelo Sedorko; Keila Grauciele de Almeida.
Artigo	O atletismo nas aulas de educação física das escolas de Novo Hamburgo/RS: Possibilidades e limitações (2016)	Janaína Andretta Dieder; Alexandre José Höller.
Artigo	O atletismo escolar: proposta de organização de aulas a partir da proposta crítico-emancipatória e didática comunicativa (2013)	Jacob Alfredo Iora; Carmem Lucia Marques
Artigo	Diagnóstico do atletismo escolar em Santa Maria (2014)	Lysellene de Avila Lencine
Artigo	A prática do atletismo nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II no município de Divinópolis - MG (2015)	Fábio Ferreira Resende; Lucas Savassi Figueiredo
Artigo	Educação Física Escolar: objetivos e estratégias para o ensino do atletismo (2020)	Gislei José Scapin; Leandra Costa
Artigo	O atletismo no contexto escolar em Quissamã (2013)	Ronaldo Nascimento Maciel

Artigo	Atletismo escolar: Possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação física (2009)	Carmen Lucia Marques; Jacob Alfredo Iora
Artigo	Utilização das TIC nas aulas de Educação Física escolar em unidades didáticas de atletismo e dança (2021)	Allisson Nascimento Farias Fernanda Moreto Impolcetto
Artigo	Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física escolar	Flórence Rosana Faganello Gemente; Sara Quenzer Matthiensen
Tese	Atletismo na Educação Física Escolar: a elaboração colaborativa do software Athletic (2015)	Flórence Rosana Faganello Gemente
Tese	Proposta de metodologia para desenvolvimento de plataforma gamificada para o ensino de atletismo (2020)	Fernando Chade de Grande
Tese	Atletismo e desenvolvimento humano proposição e análise de um modelo didático de ensino (2021)	João Carlos Martins Bressan
Tese	A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo (2016)	Guy Ginciene

Fonte: Elaborada pela autora

Como nenhum destes materiais encontrados nos bancos de dados pesquisados dialogavam com as dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, houve a necessidade de se realizar um filtro, onde foram considerados para o trabalho aqueles estudos que iam além do ensino de habilidade motoras, técnicas e regras da modalidade, mas que também consideravam outros aspectos, como os históricos e éticos do atletismo.

Os únicos materiais que consideraram a BNCC, mais especificamente as dimensões do conhecimento foram obras didáticas oferecidas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) como Darido *et al.* (2017) e Darido *et al.* (2021), tais publicações não estavam anexadas às bases virtuais de dados pesquisadas no período em que foi realizada a pesquisa.

O estudo deste material bibliográfico rastreado e posteriormente selecionado, atrelado à minha experiência profissional, as especificidades da escola e dos alunos deram respaldo para a composição da proposta de trabalho (Unidade Didática) abordando o ensino do atletismo nas séries iniciais do ensino Fundamental. Deste movimento compositivo, esta pesquisa relacionou também as dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, o que mobilizou, como efeito, a construção do produto educacional desta pesquisa.

Cabe ressaltar que tão importante quanto o resgate das produções científicas relacionadas ao ensino do atletismo na escola, a experiência docente da professora que gerencia essa pesquisa também foi amplamente considerada na composição desta proposta de trabalho (UD), tal consideração é importante, devido a seu conhecimento da realidade local e das especificidades dos alunos. E, como se sabe,

esse cuidado com a delimitação situadas das propostas educativas é fundamental para a geração de qualificação da intervenção.

4 PLANO DE COMPOSIÇÃO TEÓRICA

Para responder as indagações levantadas em relação à Educação Física na escola, partiu-se de um levantamento bibliográfico do processo histórico da inserção da Educação Física dentro do ambiente escolar e como esse caminho pode ter influenciado a atuação docente e a percepção da sociedade sobre esse componente curricular.

Na sequência, a intenção foi encontrar subsídios da legislação vigente, mais especificamente a BNCC, bem como na bibliografia especializada para elaborar uma proposta de trabalho que amplie as possibilidades de discussão das diferentes práticas corporais, e, para fins deste estudo a prática escolhida foi o atletismo.

O plano de estudos bibliográficos que será apresentado na sequência foi fundamental para se garantir a composição da dimensão teórica e conceitual da Unidade Didática elaborada, implementada e avaliada neste trabalho.

4.1 A história da Educação Física no Brasil e a atuação docente

Para entender melhor a atuação docente, cabe uma retomada dos movimentos que fizeram parte da história da Educação Física escolar, uma vez que essas mudanças influenciaram de alguma forma a prática dessa professora pesquisadora, bem como dos demais profissionais que ainda atuam na Educação Básica.

A obra de Soares *et al.* (2009) resgata brevemente o momento histórico que marcou a introdução da Educação Física na escola lembrando que, com o advento do capitalismo na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX, houve a necessidade de se pensar na construção de um novo modelo de sociedade, onde a força de trabalho seria encarada como uma moeda de troca para aqueles que não possuíam bens para vender ou trocar. Isto posto, o exercício físico, bem como outras práticas higienistas passaram a ser recomendadas à população com o argumento de que tais medidas os transformaria em pessoas mais fortes, ágeis e aptas ao labor.

Foi neste contexto que surgiram as escolas de Ginástica Alemãs que inicialmente foram pensadas para a população adulta, mas logo foram introduzidas no ensino formal como o nome de Educação Física, inclusive entre outras regiões do mundo como países da Europa e das Américas.

Nesse período a Educação Física era defendida no ambiente escolar, por estar baseada na ciência e apoiada por médicos higienistas que pregavam a ideia de aprimoramento físico e moral dos indivíduos. As aulas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que aplicavam os exercícios com padrões militares de hierarquia e disciplina (SOARES *et al.*, 2009). Esse flerte da Educação Física com a instituição militar parece ter favorecido outro momento de transição da área.

No Brasil, com a instauração do Estado Novo (1937-1946), que foi um regime ditatorial comandado por Getúlio Vargas que,

...acreditava na força da coerção e da manipulação da população para conduzir a nação rumo ao desenvolvimento. Ideais de patriotismo e civismo aliado à prática de exercícios físicos como forma de preparação para o trabalho e para a guerra eram algumas das frentes de ação político-governamental priorizadas por Getúlio (PEREIRA, 2014, p. 33).

A Educação Física tornou-se um importante instrumento para auxiliar nesse processo, diante disso através do Decreto-lei nº 1.212, de 17 de abril de 1939 foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, se tornando a primeira escola de formação superior em Educação Física para civis (BRASIL, 1939).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil, o esporte começa a ganhar força dentro da Educação Física escolar. Com princípios de rendimento, superação, seleção dos mais aptos, racionalização de meio e técnicas, o professor passa a cumprir um papel de treinador esportivo, inclusive muitos sendo contratados pelo seu desempenho desportivo (SOARES *et al.*, 2009).

Embora referenciada por instituições diferentes, ciência (medicina), exército, esporte, as mudanças que ocorreram até então na Educação Física não foram tão intensas, todos apresentavam em comum o melhoramento físico e moral dos praticantes.

Darido e Sanches Neto (2005) salientam que a Educação Física esportivista ganha grande relevância nacional após as conquistas dos mundiais de 1958 e 1962 pela seleção brasileira de futebol. Diante disso, os governos militares que assumiram o poder a partir de 1964, passam a investir ainda mais na Educação Física como meio de promoção do país como potência em competições esportivas pelo mundo.

Uma Educação Física escolar com foco do esporte de rendimento, ou seja, na formação ou detecção de talentos esportivos, além de alienante acaba por hipervalorizar apenas um grupo pequeno de indivíduos, desconsiderando a maior

parte dos estudantes. Face ao exposto, esse modelo sofreu e ainda sofre críticas de professores e pesquisadores da área, como nos alerta Kunz,

Especialmente na década de 80 iniciou-se no Brasil um período de crítica, talvez seja melhor dizer denúncia, sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas pela Educação Física. Uma das críticas era fundamentada em modelos teóricos de tendência marxista, que via no fomento do esporte uma sequência até mais rigorosa, do processo de alienação e reificação do homem que já acontecia na sociedade, especialmente com a classe trabalhadora, na relação do poder econômico com uma elite (KUNZ, 2009, p. 16).

Apesar das críticas iniciadas na década de 80, influências do modelo esportivista e militarista estiveram presentes na atuação de diversos professores por muito tempo. No ano de 1993, esta professora que aqui disserta ainda era aluna da educação básica (8ª série), e, vivenciou em suas aulas de Educação Física práticas como a exigência de uniforme obrigatório como saia branca plissada sobre um shorts azul, camiseta do uniforme da escola, tênis azul, meia branca com duas listras azuis, aulas separadas por sexo e em horário oposto ao dos demais componentes curriculares. No momento da chamada a turma organizava-se em quatro ou cinco filas, sentadas na quadra e expostas às variações do tempo. No início das aulas todos deveriam correr dez voltas em torno da quadra e, se por ventura alguém fosse observado pelo professor burlando a ordem, ou seja, andando ou parado deveria dar uma volta agachado, além disso os conteúdos estudados eram ligados exclusivamente ao esporte, sendo que os alunos mais aptos representariam a escola em competições escolares.

Como alternativa às aulas influenciadas pelo militarismo e esportivismo, nas décadas de 1970 e 1980 que começam a surgir os movimentos que ficaram conhecidos como “renovadores” na Educação Física, sendo que o primeiro a ganhar maior notoriedade foi o da Psicomotricidade cujo foco estava no desenvolvimento psicomotor com vistas ao desenvolvimento do indivíduo, através da mudança de hábitos, ideias e sentimentos, interligando as dimensões motora, cognitiva e afetiva (SOARES *et al.*, 2009).

Outro movimento relevante desse período foi a abordagem desenvolvimentista (AD) que buscou dar uma especificidade para a Educação Física, ou seja, o desenvolvimento motor da criança e adolescente, cabendo ao professor de Educação Física estar atento à fase de desenvolvimento de seus alunos, detectar os erros e

assim propiciar elementos e informações para que tais erros fossem superados. Em uma análise desta abordagem após 20 anos de sua publicação, um dos seus principais autores, o professor Go Tani defende:

A AD coloca o movimento humano como centro das preocupações da EFE. Deste modo ele é interpretado na dinâmica interação do ser humano com o meio ambiente e também dentro do ciclo de vida de um indivíduo, enquanto um elemento que contribui para uma crescente ordem no sistema, ou seja, um aspecto crítico da vida (TANI, 2008, p. 315).

Embora Go Tani defenda o movimento humano como um elemento crítico da vida, a forma como ele se apresenta na abordagem desenvolvimentista, descontextualizado do meio que interage recebeu críticas de alguns acadêmicos da Educação Física,

Quando o currículo está desvinculado das mudanças culturais, ele corrobora o processo de dominação, subalternização, discriminação e conflito entre culturas. Vejamos, por exemplo, as propostas curriculares convencionais da Educação Física. Com aulas focadas nas habilidades motoras, na aprendizagem esportiva ou nas noções monoculturais de saúde e cuidado com o corpo, dificilmente se possibilitará a construção de subjetividades mais abertas ao trato da diversidade (NEIRA, 2011, p. 196).

Nesse mesmo período, por volta dos anos 1980, com a redemocratização do país, surgiram grupos que começaram a repensar a Educação Física através de estudos de pedagogias críticas. De acordo com Neira (2011), as teorias críticas ressaltaram a necessidade de repensar quais grupos são representados e quais são negados nos conteúdos que integram os currículos escolares.

Na década de 1990, surgem dois importantes trabalhos associando a Educação Física às teorias críticas, o primeiro elaborado por um coletivo de autores (Castellani Filho, Soares, Taffarel, Varjal, Escobar, Bracht) que representavam diferentes universidades brasileiras e publicaram o livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”, defendendo uma pedagogia crítico superadora. Para essa abordagem, a Educação Física trata de um conhecimento denominado de Cultura Corporal, representados pelas seguintes práticas corporais: jogo, esporte, ginástica e dança. Tais práticas devem ser estudadas como linguagem de maneira a compreender suas relações com os problemas sociopolíticos da sociedade, entre eles as desigualdades sociais (SOARES *et al.*, 2009).

O segundo, defendido por Elenor Kunz é conhecido como uma abordagem crítico-emancipatória, que defende a educação como uma ação comunicativa. Essa capacidade comunicativa deve ser desenvolvida no ambiente escolar com o objetivo de formar sujeitos capazes de conhecer, compreender, problematizar e analisar criticamente os elementos culturalmente construídos, para participar ativamente da sua vida social, cultural e esportiva (KUNZ, 2009).

Mais recentemente começam a emergir os estudos relacionados ao multiculturalismo também denominados de teorias pós críticas, que assim como as teorias críticas entendiam que não bastava se preocupar apenas com os aspectos técnicos do processo de ensino e aprendizagem, era necessário questionar as relações de poder estabelecidas no ambiente educacional ao privilegiar conhecimentos de grupos identitários em detrimento de outros (SILVA, 2011).

Enquanto as teorias críticas se preocupam com questões sociais como luta de classes, ideologia e capitalismo as teorias pós críticas trazem novos elementos que também representariam importantes marcadores sociais presentes nas relações de poder estabelecidas na escola e na sociedade como gênero, etnia, religião, escolarização entre outros (NEIRA, 2011).

Assim, as teorias pós críticas ou multiculturalismo crítico ampliam o debate sobre as relações de poder na sociedade, que segundo elas não estariam ligadas apenas as classes sociais dominantes economicamente, mas também a questões relacionadas aos costumes de variados grupos culturais e a partir disso levanta questões como, por que determinadas religiões são aceitas socialmente enquanto outras são discriminadas e perseguidas? Por que conhecimentos de alguns povos são ensinados no ambiente escolar enquanto outros são negados e/ou distorcidos?

A educação em uma perspectiva multicultural crítica não só valoriza e reconhece as diferenças, como também assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural (NEIRA, 2011, 196).

No cotidiano escolar a influência das teorias críticas e pós-críticas caminham a passos lentos e um dos fatores que podem justificar tal situação é que a construção do futuro professor de Educação Física não se dá exclusivamente no ensino superior, ela perpassa toda a experiência da educação básica e as vivências extraescolares

relacionadas aos conteúdos ligados às categorias da cultura corporal de movimento como dança, jogo, ginásticas, lutas e esportes.

... a lógica da prática dos professores de Educação Física tem por eixo um lugar “estratégico”: o corpo desses profissionais. Corpo este que, considerado como produto da sociedade e da cultura, pode ser compreendido em termos de tradição social, sendo que os movimentos por ele expressos transmitidos através de gerações (DAÓLIO, 2010, p. 91).

Vale lembrar também que a tradição da área está diretamente ligada às atividades práticas como foco no ensino de determinado movimento e/ou execução de determinada prática corporal, sem preocupações relacionadas a reflexões, questionamento do *status quo* e construção de conhecimento,

Nosso fazer não passava de uma “atividade” que acontecia no seu interior. Nosso compromisso resumia-se a uma “atividade” (fazer) e hoje somos desafiados a construir um saber “com” esse fazer. Mais que isso, pensar um saber que se desenvolve ao longo dos anos escolares em complexidade e criticidade (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p.13).

Qualquer mudança na atuação dos profissionais que atuam nas escolas dificilmente ocorrerá de maneira simples. Um corpo que viveu e experienciou práticas ligadas ao militarismo e ao esportivismo não se liberta desses valores facilmente, especialmente se teve sucesso nestas situações, como é o caso de boa parte destes professores. Dessa forma, pensar em uma Educação Física que hegemonicamente extrapole o sentido da educação motora ou o simples saber fazer, necessitará do empenho de mais de uma geração de profissionais para que se concretize.

O percurso e identidade da Educação Física escolar sofreu interferências dos acontecimentos históricos e mudanças que a sociedade foi sofrendo ao longo dos anos e isso também ficou evidenciado nas legislações educacionais que nortearam e ainda norteiam o papel da Educação Física dentro da escola, a próxima seção deste trabalho é dedicada a abordar brevemente esse assunto.

4.2 As legislações educacionais e a Educação Física escolar

Até se tornar um componente curricular obrigatório da Educação Básica brasileira no ano de 2001, através da Lei 10.328 de 12 de dezembro de 2001, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Educação Física seguiu um longo

caminho permeado de conquistas e perdas de espaço no ambiente escolar de acordo com as legislações educacionais vigentes em cada período (BRASIL, 2001).

Como apontam Impolcetto e Darido (2020), na Lei de Diretrizes e Bases de 1961, que teve vigência até 1971, a Educação Física era uma prática obrigatória para alunos dos cursos pré-primário, primário e médio com até 18 anos de idade. Em 1971 houve uma reforma educacional, e a Educação Física passou a ser obrigatória em todos os níveis de ensino, porém era considerada facultativa aos estudantes que trabalhassem mais que seis horas por dia e estudassem no período noturno, tivessem mais que 30 anos de idade, prestassem serviço militar ou ainda que fossem fisicamente incapacitados de acordo com o art.7 da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Posteriormente, as condições de facultatividade da prática da Educação Física foram ampliadas no ano de 1977, pela Lei 6.503, que acrescentou os alunos da pós-graduação e as mulheres com prole (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020).

Nesse período a Educação Física não era tratada como componente curricular e sim como uma prática, dando a impressão de que não havia ali um saber a ser sistematizado e discutido. Apresentava também um caráter excludente, uma vez que quem fosse fisicamente incapacitado não teria obrigatoriedade de frequentar as aulas, porém não havia essa orientação para as demais disciplinas, o que reforça o pressuposto que a Educação Física não contribuiria para a formação do indivíduo para além da questão motora.

Anos depois, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, por meio da Lei 9.394/1996, a Educação Física passou de prática à componente curricular da Educação Básica, sendo facultativa nos cursos noturnos. Não havia especificidade de quem seria o profissional que ministraria o componente curricular, dessa forma na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental ela era comumente ministrada por professores com formação no Magistério ou Pedagogia, também não havia determinação de objetivos e temas a serem trabalhados, entretanto deveria estar relacionada ao Projeto Político Pedagógico da Escola e adequar-se as características da faixa etária e condições dos escolares (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020).

Nesse período, a presença do profissional de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil não era uma realidade para a maioria das escolas brasileiras, sendo que o componente curricular ficava a cargo das professoras pedagogas com formação generalista.

O leque de possibilidades para a dispensa das aulas de Educação Física foi alterado novamente pela Lei nº 10.793/2003 que especificou os casos em que a participação nas aulas seria facultativa, ou seja: alunos que cumprissem jornada de trabalho superior a 6 horas diárias, maiores de 30 anos, que tenham prole, que estivessem prestando serviço militar inicial com participação obrigatória em Educação Física, e aqueles amparados pelo decreto Lei 1044 de 21 de outubro de 1969⁶ (BRASIL, 1969; BRASIL, 2003).

Percebe-se que quanto à abrangência da Educação Física os avanços não foram muito significativos ao longo dos anos, houve sim um grande salto na sua inserção no contexto escolar quando se torna um componente curricular obrigatório da Educação Básica, além de dever estar vinculado ao Projeto Político Pedagógico da Escola, entretanto, infelizmente muitos grupos ainda podiam ficar desassistidos pelo componente curricular, evidenciando a necessidade da área se fortalecer como um instrumento de formação do cidadão, que tem um saber a ser sistematizado e que entende o indivíduo como um ser complexo que sofre influências sociais, biológicas, culturais, emocionais e que deve ser respeitado e estimulado considerando toda a sua complexidade.

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) lança os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Tal documento visa trazer referenciais para que cada sistema de ensino brasileiro possa construir propostas educacionais com vistas a contribuir com a construção de uma sociedade democrática.

O documento traz orientações no sentido de

garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção

⁶ Art 1º São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados, caracterizados por: a) incapacidade física relativa, incompatível com a frequência aos trabalhos escolares; desde que se verifique a conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes; b) ocorrência isolada ou esporádica; c) duração que não ultrapasse o máximo ainda admissível, em cada caso, para a continuidade do processo pedagógico de aprendizado, atendendo a que tais características se verificam, entre outros, em casos de síndromes hemorrágicas (tais como a hemofilia), asma, cartide, pericardites, afecções osteoarticulares submetidas a correções ortopédicas, nefropatias agudas ou subagudas, afecções reumáticas, etc.

da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. (BRASIL, 1997, p.13).

Tal documento, também se preocupa em identificar e potencializar ações necessárias para a melhora da qualidade educacional do país como a formação e valorização de professores e investimentos físicos e materiais para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade (BRASIL, 1997).

No que diz respeito à Educação Física, os PCN's trazem a preocupação de que a área extrapole a dimensão da prática por si mesma, destacando a necessidade de abordar os conhecimentos de maneira conceitual e que se distancie de uma atuação relacionada ao condicionamento físico e um padrão de rendimento único para todos os alunos, desrespeitando suas características individuais (BRASIL, 1997).

Em relação ao objeto de estudo do componente curricular Educação Física, os PCN's trazem à luz o conceito de cultura corporal que foi defendido por Soares *et al.* (2009) como o conjunto de manifestações construídas culturalmente pelo homem ao longo de sua evolução, como por exemplo o jogo, o esporte, a ginástica, as danças e outras, e que sempre estarão permeados por uma intencionalidade e significação que podem ser individuais ou socialmente construídas.

De acordo com os PCN's o estudo das manifestações da cultura corporal devem estar à serviço de um objetivo maior que é a construção da cidadania,

A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. Além disso adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. O trabalho de Educação Física abre espaço para que se aprofundem discussões importantes sobre aspectos éticos e sociais, alguns dos quais merecem destaque (BRASIL, 1997, p. 24).

Os PCN's foram documentos importantes para a Educação Física no ambiente escolar ao incentivar uma prática voltada para todos, respeitando as diferenças individuais, sociais, regionais e culturais, além de colocá-la à serviço de um projeto maior de sociedade, visando para isso a formação de cidadãos que valorizem e atuem na formação de uma sociedade democrática.

Recentemente ocorreu a construção de um novo documento normativo, intitulado de Base Nacional Comum Curricular, a formulação do mesmo contou com a

participação de especialistas da Educação de diferentes setores como universidades, escolas, secretarias da educação e de diferentes regiões do Brasil, tendo sua primeira versão aberta à consulta pública em 2015, a segunda versão foi colocada para apreciação pública em maio de 2016, cujo teor incluía algumas contribuições da sociedade, e, a última e mais polêmica versão foi publicada em 20 de dezembro de 2017, após parte da equipe que estava contribuindo para a elaboração do documento ser substituída, o que dificultou a continuidade do trabalho de construção democrática que estava sendo realizado ao longo do processo (MATIAS-ANDRIATTI, 2020).

Para contextualizar esse período vale lembrar que entre 2016 e 2017 o Brasil passou por um processo de impeachment presidencial, assim a mudança na Presidência da República culminou com alterações no ministério da Educação e consequentemente alterações na equipe que atuava na construção da BNCC.

O texto final recebeu críticas profissionais ligados às diferentes áreas da educação e parte relacionada ao componente curricular Educação Física também não agradou a todos.

Neira (2018) critica, entre outros pontos, a ideia de determinar o que são aprendizagens essenciais para todas as crianças de um território tão vasto como o brasileiro, desconsiderando as especificidades e cultura de cada local; opõe-se ao pouco espaço destinado à discussão da concepção da área, salienta que não fica claro o significado de a Educação Física estar na área de linguagens, aponta que vincular as práticas corporais ao lazer, aos cuidados com o corpo e entretenimento reduz as possibilidades de ampliação dos olhares sobre tais práticas que podem ter muitos outros significados como o profissional, estético, religioso, competição.

Cabe ressaltar que as questões apontadas acima são uma amostra das fragilidades denunciadas pelo autor em relação ao componente curricular de Educação Física, todavia Neira reconhece que o documento pode representar um avanço na Educação Física de muitas escolas brasileiras, especialmente nos anos iniciais, que muitas vezes restringe o componente curricular a vivência de algumas poucas brincadeiras, sem contextualizá-las e aprofundar os conhecimentos sobre o tema, ressalta a importância de agora a Educação Física estar oficialmente situada na área de linguagens, o que significa que as práticas corporais necessitem ser lidas, interpretadas, ressignificadas e produzidas, outra observação feita pelo autor é a

importância de cada professor estudar a fundo o documento e realizar um trabalho que vá além da BNCC (NEIRA, 2020).

Betti (2017) aponta também algumas fragilidades como, por exemplo, não deixar claro qual a concepção de sociedade, educação e escola que o documento defende, não explica o que significa a Educação Física situar-se na área de linguagens, todavia, apesar de alguns apontamentos contrários, avalia que o texto mostrou algumas direções e caminhos a serem trilhados e conclui que a BNCC trouxe mais benefícios do que malefícios à Educação Física escolar.

Reconhecendo suas fragilidades, mas sobretudo apoiando-se nos avanços trazidos pelo documento a seção seguinte se dedicará a trazer alguns caminhos apontados pela BNCC entendidos como positivos e significativos para a realização deste trabalho.

4.3 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular

Segundo a BNCC a Educação Física é a área que estuda as práticas corporais, como fenômeno cultural em permanente transformação em suas diferentes formas, sentidos e significados, produzidos e reinventados por diferentes grupos sociais ao longo da história. Segundo o documento,

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2017, p. 214).

Cabe ressaltar aqui que a BNCC defende o modo particular da Educação Física de acessar os conhecimentos advindos das práticas corporais prezando pela vivência, pela experimentação corporal, mas não se limitar a isso. Esse conhecimento deve dialogar com a vida dos alunos, com o meio em que vivem, com a sociedade como um todo, de maneira que essa criança seja estimulada a compreender, questionar, admirar e quem sabe transformar o mundo.

As práticas corporais foram divididas em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças e práticas corporais de aventura que devem ser trabalhadas no decorrer do Ensino Fundamental.

Neste trabalho abordaremos a unidade temática “esporte”, que no documento foi categorizado usando “um modelo de classificação baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com adversário, desempenho motor e objetivo tático da ação” (BRASIL, 2017, p. 215). Dessa forma, as categorias elencadas pela BNCC foram: esportes de marca, de campo e taco, de rede/quadra dividida ou de parede rebote, de invasão ou territorial, técnico-combinatório e de combate que serão brevemente descritas na tabela a seguir:

Quadro 2. Classificação dos esportes

Categoria	Descrição
Marca	Modalidades cujo objetivo é conseguir a melhor marca que pode ser medida em segundos, metros ou quilos (todas as provas do atletismo, remo, ciclismo, levantamento de peso etc.).
Precisão	São as modalidades cujo objetivo principal é acertar um alvo parado ou em movimento, para isso deve-se lançar/arremessar um objeto, comparando-se o número de tentativas, a pontuação conquistada em cada tentativa, ou a proximidade o objeto arremessado ao alvo (mais perto ou mais longe do que o adversário conseguiu deixar) como nos seguintes casos: bocha, curling, golfe, tiro com arco, tiro esportivo, entre outros.
Técnico-combinatório	São as modalidades nas quais há uma comparação da ação motora é de acordo com padrões técnico-combinatórios (ginástica artística, ginástica rítmica, nado sincronizado, patinação artística, saltos ornamentais etc.).
Rede/quadra dividida ou parede de rebote	Modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária de maneira que o adversário seja incapaz de devolvê-la corretamente ou levando-o a cometer um erro dentro do período em que o objeto do jogo está em movimento (esportes de rede: voleibol, vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, <i>badminton</i> e peteca; esportes de parede: pelota basca, raquetebol, <i>squash</i> etc.).
Campo e taco	Modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, com o objetivo de percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar pontos (beisebol, críquete, <i>softbol</i> etc.).
Invasão ou territorial	Modalidades que comparam a capacidade de uma equipe introduzir ou levar um objeto a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, <i>touchdown</i> etc.), e ao mesmo tempo em que protege o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, <i>frisbee</i> , futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi etc.).
Combate	Modalidades caracterizadas por disputas buscando subjugar o adversário através de técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa (judô, boxe, esgrima, sumô, <i>tae kwon do</i> etc.).

Fonte: Adaptação da BNCC (BRASIL, 2017, p. 216-217).

Compreender as características de cada categoria poderá facilitar a aprendizagem do funcionamento dos diferentes esportes e assim ampliar as possibilidades de a criança ser capaz de fazer uso dos mesmos fora do ambiente escolar. O esporte ensinado na escola, não precisa necessariamente seguir suas regras oficiais, mas sempre que possível seguir a estrutura de funcionamento oficial, por exemplo, se a prática tematizada for o beisebol, é importante pensar em jogos que levem o estudante a rebater a bola ou outro objeto o mais longe possível, para assim percorrer o maior número de bases e marcar pontos.

Experienciar e conhecer a estrutura de funcionamento de cada unidade temática estudada faz parte da essência da forma de atuação da Educação Física dentro do meio escolar, entretanto a BNCC propõe que se considere oito dimensões de conhecimento ao tematizar as práticas corporais ao longo do processo de escolarização, possibilitando a compreensão de seus diferentes significados, regras, táticas, rituais, usos etc. (BRASIL, 2017). Para melhor compreensão, as dimensões de conhecimentos serão descritas a seguir:

- **Experimentação:** diz respeito aos conhecimentos que só podem ser acessados via vivência corporal, à experiência com a prática. Nessa dimensão o professor deverá na medida do possível se organizar para que elas sejam positivas para os alunos de maneira que eles não passem a rechaçar a prática;
- **Uso e apropriação:** esse conhecimento se materializa quando a pessoa é capaz de usar determinada prática corporal em outros contextos de sua vida de maneira autônoma;
- **Fruição:** está relacionada à apreciação estética da prática corporal em si, onde o indivíduo poder desfrutar de sua vivência ou apreciá-la quando realizada por outras pessoas;
- **Reflexão sobre a ação:** são os conhecimentos gerados através da vivência ou observação de vivências corporais, onde a pessoa deverá ser capaz de empregar técnicas e estratégias para resolver desafios da prática, adequar as práticas às necessidades e anseios dos envolvidos na ação, conhecer novas modalidades. Tal momento não deve ocorrer apenas de maneira espontânea,

mas sim ser planejado pelo professor de forma a conduzir os alunos a usar técnicas de análise;

- **Construção de valores:** originário de discussões e vivências do contexto que determinada prática corporal foi tematizada, esse conhecimento necessita de uma intencionalidade pedagógica, com o objetivo propiciar a aprendizagem de valores capazes de formar o cidadão que irá atuar em prol de uma sociedade democrática e a superação de preconceitos e estereótipos ligados às práticas tematizadas;
- **Análise:** é a capacidade de entender as características e o funcionamento das práticas estudadas, saberes relacionados por exemplo, aos efeitos de determinado exercício sobre o corpo, à classificação de determinado esporte, aos esquemas táticos e técnicas de uma modalidade, entre outros;
- **Compreensão:** se dá quando o estudante compreende a relação das práticas corporais com o contexto sociocultural e local em que foi criada e transformada ao longo de sua história e quais os fatores que influenciaram sua criação e modificações;
- **Protagonismo comunitário:** relaciona-se à capacidade do cidadão em refletir sobre as possibilidades de acesso que a comunidade tem em acessar as diferentes práticas corporais e atuar ativamente no sentido de democratizar o acesso a elas favorecendo assim a convivência social.

A BNCC salienta que não há uma hierarquia entre essas dimensões propostas, inclusive afirma que elas se atrelam umas às outras podendo ser tratadas concomitantemente e sem a necessidade de seguir uma sequência pré-estabelecida (BRASIL, 2017).

4.3.1 Uma inquietação a partir da BNCC

Dentre todas as contribuições trazidas pela BNCC, o trabalho com as oito dimensões de conhecimento vem ao encontro com um anseio que me acompanha nos últimos anos de carreira profissional, que é ampliar as percepções dos alunos

acerca das práticas corporais estudadas dentro da escola, extrapolando as possibilidades da simples vivência e aprender a praticar.

Assim, seguindo as intuições que atravessam minha ação profissional na escola e, pautando-se nas oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, interessamos avançar no escopo deste trabalho, de modo a pensar em possibilidades de ampliação do universo de intervenções pedagógicas do professor de Educação Física escolar.

Para fins deste estudo a prática corporal escolhida foi o atletismo devido às características dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, minha principal área de atuação neste momento. Tais crianças demonstram grande interesse em jogos e brincadeiras que requeiram as principais habilidades envolvidas no atletismo, especialmente correr, e, apesar não conhecerem o esporte atletismo com suas configurações oficiais costumam comparar seus resultados enquanto brincam.

Essa realidade precisa ser considerada ao planejar as ações que serão realizadas dentro do ambiente educacional, como lembra a própria BNCC,

As crianças possuem conhecimentos que precisam ser, por um lado, reconhecidos e problematizados nas vivências escolares com vistas a proporcionar a compreensão do mundo e, por outro lado, ampliados de maneira a potencializar a inserção e o trânsito dessas crianças nas várias esferas da vida social (BRASIL, 2017, p. 224).

A próxima seção pretende abordar o atletismo e sua relevância enquanto prática corporal histórica e culturalmente construída e transformada e possibilidades de trabalho com esse esporte dentro do ambiente escolar.

4.4 O atletismo e as possibilidades de trabalho no contexto escolar

O atletismo parece ser a forma sistematizada de esporte mais antiga que existe, esteve presente já na primeira Olimpíada na cidade de Olímpia, na Grécia, no ano de 776 a.C., e até hoje nunca esteve fora de nenhuma edição dos Jogos Olímpicos (SESI, 2012). Tais dados mostram a relevância desta prática corporal dentre os demais esportes e indicam que o seu estudo dentro do ambiente escolar pode trazer diversas possibilidades de leitura sobre a relação homem x mundo.

Ao longo dos anos, assim como toda atividade humana, o atletismo sofreu inúmeras modificações, desde a formatação e evolução das provas, a diversidade de

praticantes, os significados e preconceitos atrelados à sua prática, o uso de drogas para melhorar o desempenho, enfim, inúmeros saberes que não devem ser deixados de fora do ensino desta modalidade ao longo do processo de escolarização.

A base das habilidades motoras usadas nas diferentes provas do atletismo são os movimentos de saltar, correr, marchar, lançar e arremessar que são facilmente encontrados em diferentes brincadeiras do universo infantil e no cotidiano do mundo adulto, dessa forma entende-se que o trabalho com essa modalidade esportiva pode ser facilmente contextualizado com as diferentes realidades dos escolares. Outro ponto a se considerar é a possibilidade de adaptação de materiais para o ensino da maioria das provas disputadas o que permite a sua vivência mesmo em escolas de infraestrutura inadequada e falta de materiais.

Apesar de inúmeros fatores que justificariam o ensino deste esporte dentro do ambiente escolar, o atletismo quando abordado nem sempre consegue garantir um ensino mais amplo e contextualizado, como nos alerta Prado e Matthiensen ao criticarem o ensino do atletismo atrelado apenas aos conteúdos técnicos, ou seja, ao saber fazer:

Entretanto, o professor de Educação Física escolar, muitas vezes, não explora as possibilidades de contextualização da prática, quer seja por falta de material, quer por falta de um conhecimento do contexto histórico-cultural da modalidade ou prova específica. Isso acaba, sem dúvida, contribuindo para a ideia errônea de que a Educação Física é uma disciplina secundária no processo de formação da criança, e que o conteúdo ensinado dentro de suas aulas pode muito bem ser substituído pelos intervalos e recreios escolares (PRADO; MATTHIENSEN, 2007, p.121)

Corroborando com Prado e Matthiensen (2007) este trabalho ressalta a necessidade de se trabalhar o atletismo além do saber fazer, ampliando as possibilidades de leitura deste esporte relacionando-o com outras dimensões de conhecimento, todavia o professor deve estar atento para que tais situações de aprendizagem sejam prazerosas aos alunos, aumentando assim as chances de engajamento deles no processo de ensino.

O lúdico é um elemento muito presente em jogos e brincadeiras e que pode facilitar o envolvimento e a aprendizagem dos alunos, todavia Ginciene (2016) ressalta que apesar de alguns movimentos básicos do atletismo estarem presentes em algumas brincadeiras, não basta executá-las de maneira descontextualizada ao trabalhar o conteúdo, há de se estabelecer uma relação com o objeto de estudo. Como

exemplo a brincadeira de “pega-pega”, que pode ser usada como uma iniciação às corridas, todavia tal atividade envolve muitas ações não inerentes às provas de velocidade como mudar de direção, desviar do pegador e elaboração de estratégias para a captura dos fugitivos; assim, faz-se necessário que os alunos tenham consciência que, a ação motora é a corrida nas duas propostas, mas os objetivos são diferentes.

Diante do exposto, ao planejar os jogos e brincadeiras para ensinar o atletismo, o professor deverá preocupar-se em estabelecer conexões entre os objetivos do jogo e a lógica de funcionamento da prova estudada de maneira que os alunos possam ter a experiência da atividade prática, preferencialmente de forma lúdica, e ao mesmo tempo entender e analisar as características de seu objeto de estudo e ainda refletir sobre a sua atuação e de seus colegas durante a vivência.

Como relatado anteriormente, os materiais oficiais para a prática do atletismo podem ser adaptados para a vivência do mesmo em contextos diferentes das competições oficiais. Com o objetivo de auxiliar os professores nesta tarefa De Castro, Matthiesen e Ginciene (2018) identificaram e catalogaram em um banco de dados, vídeos disponíveis no Youtube com orientações sobre adaptação de alguns materiais.

Ao tratar do uso da internet como recurso educacional Moran (1997) observa que a mesma pode ser usada como ferramenta de divulgação do que está sendo produzido nas escolas e universidades, aumenta as possibilidades de comunicação de entre professores e estudantes e professores e outros professores, alunos e seus colegas de turma ou de outros lugares, além de subsidiar as atividades de ensino com a disponibilização de textos, imagens, vídeos, livros e revistas. Nas atividades de apoio ao ensino, pode-se ter acesso a textos, imagens, sons do tema específico do programa, utilizando-os como um elemento a mais, junto com livros, revistas e vídeos.

Gemente (2015) alerta que os professores de Educação Física não devem temer o uso de diferentes tecnologias da informação em suas aulas, pressupondo que isso tiraria a identidade de sua prática pedagógica, ao negar o uso de recursos tecnológicos tais professores correm o risco de distanciar-se cada vez mais da realidade dos estudantes.

Sensibilizado quanto à relevância do uso das tecnologias da informação na educação, mais especificamente no ensino da prova de 100 metros nas aulas de Educação Física, Ginciene (2012) se encarregou de organizar um material didático,

onde elencou uma série de vídeos, sites, blogs e redes sociais que abordavam a prova de 100 m.

É possível encontrar facilmente nas redes sociais vídeos com dicas e orientações para adaptação de materiais para a prática do atletismo, o professor pode também criar suas próprias alternativas de adequação com os recursos disponíveis na escola e quando possível incluir os alunos nesse processo de construção do material usado nas aulas, levando os mesmos a reconhecerem formas e possibilidades de construir seus próprios objetos esportivos para praticarem o atletismo dentro e fora do ambiente escolar, estimulando assim o protagonismo estudantil.

Nesta pesquisa, será defendido que os conhecimentos sobre o atletismo e qualquer outra manifestação da cultura corporal devem ser tratados de maneira abrangente, extrapolando os limites dos seus procedimentos e técnicas. Uma das dimensões que devem ser consideradas ao estudar uma modalidade é compreensão de seu contexto histórico. Ao defender tal abordagem, pode-se ter a impressão de que para isso as aulas de Educação Física passem a ser em grande parte expositivas, como as dos demais componentes curriculares. Todavia, ao tratar tal conteúdo o professor deve buscar alternativas para variar os meios e estratégias de ensino respeitando as particularidades de cada turma.

Aqui cabe ressaltar que o trato desses conteúdos históricos em sala de aula não se limitam, unicamente, a introduções expositivas e teóricas de datas e nomes de atletas. A ideia do ensino do atletismo na perspectiva histórica é fazer os alunos compreenderem a história dessa modalidade, assim como as mudanças pelas quais as provas do atletismo passaram no decorrer dos anos, utilizando, para isso, jogos e brincadeiras (GINCIENE, 2016, p.81).

Ao retomarmos a história do atletismo, é necessário realizar um cuidadoso trabalho de pesquisa, para não correr o risco de nos limitar aos conhecimentos do senso comum que liga exclusivamente a origem da modalidade às ações do homem pré-histórico que usava lançamentos para caçar, ou saltava rios, ou corria em diferentes contextos, tais movimentos estavam relacionados às habilidades motoras naturais utilizadas em seu dia a dia e não ao atletismo em si (SESI, 2006).

Como um produto produzido histórico e culturalmente, o atletismo ao longo de sua existência enquanto manifestação da cultura corporal carregou valores, sentidos e significados próprios de uma época, local ou grupo social/cultural. O texto da BNCC

orienta que ao tematizar as diferentes práticas corporais deve-se preocupar em discutir valores e normas relacionadas à construção de uma sociedade democrática, especialmente aqueles ligados ao respeito às diferenças e combate aos diferentes tipos de preconceito. Além disso, o documento também prega a importância de se compreender o contexto social/cultural em que a manifestação foi criada e transformada ao longo do tempo, bem como as características dessa sociedade (BRASIL, 2017).

Garantir a participação de todas as crianças na realização das atividades, discutir as diferenças, exaltar as possibilidades de cada um e adequar situações de aprendizagem para transpor as barreiras físicas, materiais e as de características individuais e/ou do grupo de alunos é um entre os inúmeros desafios dos professores.

Por gerações a Educação Física preocupou-se essencialmente com a aprendizagem dos gestos técnicos das diferentes práticas corporais, porém este tipo de abordagem limita as possibilidades de levar os alunos a perceberem e problematizarem as diferenças individuais, as relações de poder, os diferentes tipos de preconceito, compreenderem as transformações pelas quais as práticas corporais passaram e assim estabelecer relações com o meio que os cerca, de maneira a contribuir de maneira mais abrangente com a formação do cidadão.

Ao tratar pedagogicamente o tema, é preciso relacioná-lo com a história de vida desses alunos e de sua comunidade, selecionar atividades que não desconsiderem o caráter lúdico, partir de brincadeiras que façam parte do repertório infantil e que envolvam os movimentos mais utilizados nas provas do atletismo como correr, saltar e arremessar, orientar quanto às características da modalidade e suas transformações ao longo dos anos, considerar os diferentes sentidos e significados atribuídos a essa prática corporal, promover a inclusão durante o estudo do tema, refletir sobre os perigos e cuidados a serem considerados para a prática, entre outras possibilidades que surgirem e se fizerem pertinentes no decorrer do processo.

E é na esteira desta outra lógica de trabalho pedagógico, pautado pelas diretrizes da BNCC, e pelas oito dimensões do conhecimento que delineamos uma Unidade Didática, envolvendo o conteúdo Atletismo no contexto da Educação Física Escolar, a qual será apresentada a seguir.

5 UNIDADE DIDÁTICA DE ATLETISMO

A Unidade Didática (UD) que será apresentada na sequência deu suporte para a construção do produto educacional final desta pesquisa, além disso, teve como finalidade delimitar o campo onde as atividades foram realizadas, registradas e posteriormente avaliadas.

No seu planejamento foi considerada a realidade da Unidade Escolar a qual foi aplicada, ou seja, fatores como estrutura física, disponibilidade de materiais, número de aulas de Educação Física por semana, se a aula era dupla ou não, conhecimentos dos alunos sobre o tema, características dos alunos, enfim, ela foi planejada para ser aplicada no contexto em que foi implementada.

O processo de leitura e levantamento dos dados deram origem às seções teóricas que trouxeram reflexões de diferentes autores sobre o processo de inserção da Educação Física no ambiente escolar brasileiro, as contribuições das legislações, especialmente da BNCC para a organização da Educação Física na escola e também possibilidades do trabalho do atletismo nas unidades de ensino, tais reflexões contribuíram para a construção da Unidade Didática, que também considerou a experiência da professora pesquisadora, bem como o contexto da escola e dos alunos na qual a UD foi aplicada

Como será visto a seguir, a UD propõe objetivos a serem contemplados e não habilidades e competências a serem desenvolvidas como sugere a BNCC, essa escolha se deu pois o Currículo da Rede Municipal de Limeira, a qual a escola, alunos participantes e professora pesquisadora estão vinculados, optou por trabalhar com objetivos de ensino uma vez que entende que estes dão mais especificidade a ação pedagógica e são capazes de promover o desenvolvimento de habilidades (LIMEIRA, 2019).

Sua intenção foi de tematizar o atletismo indo além da execução de movimentos e técnicas da modalidade, para isso, foram consideradas as oito dimensões dos conhecimentos: experimentação, fruição, análise, compreensão, construção de valores, uso e apropriação, reflexão sobre a ação e protagonismo comunitário ao planejar a UD, sem a pretensão de que as crianças dominassem cada uma delas, uma vez que ainda estão no início do processo de escolarização.

Em cada plano de aula estarão descritas as principais dimensões do conhecimento trabalhadas, sendo que o plano também irá prever uma roda de conversa final buscando investigar o quanto os alunos se apropriaram de cada uma delas.

Ao elaborar a UD busquei como inspiração a estrutura geral para os planos de aula de algumas das principais obras didáticas oferecidas pelo PNLD que já são utilizadas como material de apoio em diferentes redes de ensino, como Darido *et al.* (2021), Sanchez (2021), Darido *et al.* (2017) e Ricetto (2021).

Sua aplicação e avaliação caminhou num exercício de reflexão e ação, sempre documentado em diários de campo, subsidiado pela observação da ação dos alunos nas aulas e por rodas de conversa, trazendo a pesquisa para a realidade escolar de maneira a verificar a sua efetividade.

Uma vez planejada a UD, o próximo passo foi a busca pelas autorizações das crianças e responsáveis. A abordagem aos pais se deu durante uma Reunião de Pais de Mestre, para apresentar os objetivos da pesquisa e solicitar a autorização, aceite e preenchimento do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 4). Para os pais que não compareceram à reunião presencial foi enviado um vídeo no grupo de comunicação entre escola e as famílias da rede social WhatsApp, neste vídeo foram dadas orientações sobre a pesquisa e sobre o preenchimento dos documentos.

As crianças também foram orientadas previamente sobre o objetivo da pesquisa, além da leitura prévia do TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3), e em seguida, uma a uma assinou o documento.

Uma vez assinados os documentos de participação na pesquisa, deu-se início a sua implementação que ocorreu entre 01 de agosto de 2022 e 06 de setembro de 2022, usando as instalações da escola. Neste período, não tivemos nenhum contratempo em relação ao clima, ou seja, chuva ou ventos fortes no horário das aulas, sendo possível seguir as atividades propostas na UD.

Em contrapartida, no decorrer da aplicação da UD, num processo de reflexão e ação sobre a prática pedagógica, observei a necessidade de ampliar o uso de vídeos para que as crianças pudessem visualizar a realização das provas estudadas já que as imagens propostas inicialmente pareciam não estar contribuindo suficientemente para a compreensão das modalidades.

Ainda nesse movimento de avaliação do processo, optei pela inclusão da prova do salto em distância, para que as crianças, além de ampliar o universo de provas pertencentes ao atletismo, também tivessem mais opções para a elaboração e vivência do festival, bem como melhor aproveitamento da estrutura da pista de atletismo que eles conheceriam no final da aplicação da unidade didática.

E o último ponto planejado no decorrer da aplicação da UD, foi a reflexão sobre a falta de espaços adequados para a prática de esportes na zona rural, essa necessidade se deu após a observação do grande encantamento das crianças com a estrutura física da pista de atletismo, bem como de todo o complexo esportivo do SESI.

Assim, a UD apresentada abaixo, é produto do diálogo entre o planejamento inicial e das necessidades de adaptações que foram observadas ao longo da implementação.

Aula 1. O que sabemos sobre o atletismo?

Duração da aula: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: Caneta e folha de papel para um cartaz (cartolina, papel pardo ou outro)

Objetivos:

- Identificar os conhecimentos dos alunos sobre o atletismo.
- Selecionar, junto com os alunos, jogos e brincadeiras da cultura local envolvendo habilidades de corrida, saltos e arremessos que possam ser vivenciados na escola, respeitando as características dos participantes e da unidade escolar.
- Vivenciar os jogos e brincadeiras elencados pelos alunos.
- Comparar os objetivos das brincadeiras vivenciadas e os objetivos de algumas provas do atletismo.

Principais dimensões do conhecimento: experimentação e análise

Conversa inicial

Levantar algumas questões sobre o atletismo de maneira a investigar os conhecimentos dos alunos sobre o tema.

- O que é o atletismo?
- Alguém já praticou e/ou conhece alguém que pratique ou tenha praticado?

Após este primeiro momento, fazer uma breve explanação sobre o atletismo enquanto prática corporal, cujo objetivo consiste na comparação de resultados, a fim de descobrir quem é a pessoa que corre mais rápido, lança ou arremessa mais longe, salta mais longe ou mais alto, ou seja, quem possui a melhor marca em cada habilidade.

Retomar a conversa, relacionando os conhecimentos ao cotidiano das crianças:

- Em quais atividades do dia a dia usamos as habilidades de correr, saltar ou arremessar? Quais brincadeiras envolvem tais habilidades?
- Quais brincadeiras poderíamos vivenciar na escola envolvendo essas habilidades?

Anotar as respostas em um cartaz, ou caderno, de maneira a registrar os conhecimentos iniciais dos alunos sobre o tema.

Em seguida, democraticamente, pensar junto com os alunos em duas ou três brincadeiras presentes no cotidiano deles que possam ser vivenciadas, respeitando as características dos participantes e da escola.

Desenvolvimento:

Vivenciar as brincadeiras propostas pelos alunos atentando-se para que elas permitam a participação de todos eles.

Discussões sobre a aula:

Proporcionar um momento de diálogo onde os alunos possam demonstrar se compreenderam os objetivos dos esportes de marca e se são capazes de comparar os objetivos das brincadeiras realizadas e os objetivos das principais provas do atletismo. Sugestões de questionamentos:

- O que era preciso ser realizado para ter sucesso nas brincadeiras vivenciadas?
- Quais os objetivos das provas do atletismo (saltos, corridas, arremessos e lançamentos)?
- Os objetivos das brincadeiras que vivenciamos são parecidos com o objetivo principal do atletismo que é o de conquistar uma melhor marca (ser mais rápido; saltar mais longe, ou mais alto; lançar ou arremessar mais distante)?

Aula 2. O arremesso de peso

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: Imagens de provas de arremesso de peso e lançamentos, bolas de borracha, cordas

Objetivos:

- Identificar a prova do arremesso de peso
- Identificar o objetivo da prova do arremesso de peso.
- Vivenciar o arremesso de peso, aumentando a distância gradativamente.
- Relacionar os objetivos da atividade com a prova de arremesso de peso.

Principais dimensão do conhecimento: experimentação, análise e fruição

Conversa inicial:

Apresentar várias imagens de provas do atletismo relacionadas aos lançamentos e arremesso, como: arremesso de peso adaptado (cadeirantes), arremesso de peso feminino, lançamento de martelo, lançamento de disco. Pedir para que as crianças apontem quais as imagens se relacionam ao arremesso de peso. Se necessário auxiliá-las nesse processo.

Após a identificação da prova e nomeação das demais modalidades presentes nas imagens, questione a turma sobre qual o objetivo do arremesso de peso? Espera-se chegar à conclusão de que é “arremessar o mais longe possível”.

Desenvolvimento:

Propor uma vivência de arremessos salientando a necessidade de lançar a bola para frente e para o alto de maneira que passe por cima de uma rede ou corda.

Separar as crianças em duas turmas e colocá-las uma de cada lado de uma corda esticada a 1,5m de altura. Entregar uma bola de borracha para cada criança e pedir que arremessem para o lado oposto. O objetivo é arremessar o maior número de bolas possível, não deixando nenhuma bola em seu campo. Após alguns minutos de atividade, a dar um sinal para que parem os arremessos, pode ser um apito ou comando combinado previamente. O grupo contará o número de bolas de cada lado, sendo que o lado que tiver menos bolas será o vencedor.

Chamar os alunos para falarem sobre a prática. Perguntar se eles realizaram diferentes tipos de arremesso. Como se sentiram? Que estratégias usariam para aumentar a distância do arremesso?

Em um segundo momento, buscando aumentar a distância entre o ponto de arremesso e a corda central, posicionar outra corda a 1,5m da corda central e peça que os alunos não ultrapassem essa marcação no momento do arremesso.

Discussões sobre a aula:

Ao final da aula, levantar alguns questionamentos com a finalidade de observar se os alunos se apropriaram dos temas abordados. Sugestões:

- Qual o objeto utilizado na prova de arremesso de peso?
- Durante a atividade vocês realizaram arremessos? Foram capazes de aumentar a distância dos seus arremessos?
- A bola usada foi adequada?
- Que tal construirmos uma bola mais pesada para realizar novos arremessos?

Pedir aos alunos que façam uma bola de arremesso de peso adaptada, com ajuda de seus familiares, como sugestão, eles poderão encher um plástico com aproximadamente 500g de areia e revesti-lo com uma meia velha ou sacola plástica.

SUGESTÕES DE VÍDEOS:

- Como fazer um implemento adaptado: Peso
<https://www.youtube.com/watch?v=o7KuUJsu1a4>
- Como fazer um implemento adaptado para aula de arremesso de peso – Atletismo
<https://www.youtube.com/watch?v=BaxxOY7EJI0>

Aula 3. A evolução do arremesso de peso

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: TV com acesso à internet, bolas de meia, giz para marcar o chão.

Objetivos:

- Vivenciar algumas formas de arremesso fazendo referência à sua evolução ao longo dos anos.
- Entender que o arremesso de peso está em constante transformação, assim como a humanidade.
- Identificar diferentes tipos de arremesso.
- Refletir sobre a execução do próprio arremesso.

Principais dimensões do conhecimento: Experimentação, compreensão, análise e reflexão sobre a ação.

Conversa inicial:

Pedir que as crianças apresentem as bolas produzidas em casa, explicando que os objetos serão usados em uma das atividades propostas para a aula.

Trazer alguns questionamentos sobre o tema da aula, como, por exemplo:

- Qual seria a origem do arremesso de peso? Será que essa é uma modalidade antiga ou recente?
- Qual será a melhor forma de realizar o arremesso de peso para que ele alcance a maior distância possível?

Mostrar um vídeo com a evolução das técnicas do arremesso e pedir que eles observem as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e as diferentes técnicas de arremesso usadas na atualidade. Sugestão:

Atletismo: Arremesso do Peso <https://www.youtube.com/watch?v=EyiDQuxxym8> acesso em 12 jul. 2022

Perguntar à turma sobre as principais mudanças que eles observaram nas provas de arremesso ao longo dos anos e quais os principais tipos usados na atualidade.

Na sequência, mostrar arremessos de diferentes atletas, pausando o vídeo e pedindo que eles identifiquem as técnicas utilizadas (O'Brien e rotacional).

Sugestão: Atletismo #27_Arremesso de peso: <https://www.youtube.com/watch?v=lywIC93tIJQ>
Acesso em 19 jul. 2023

Explicar que as técnicas assistidas no vídeo são as mais usadas atualmente em competições adultas. Em seguida, convidar os alunos a experimentar uma sequência de arremessos no espaço externo da escola.

Desenvolvimento:

Inicialmente, pedir que as crianças arremessem uma pedra grande fazendo referência ao período histórico ao qual os celtas realizavam competições de arremesso de pedras. Para evitar acidentes, pode-se adaptar algum material.

Num segundo momento, disponibilizar bolas de borracha, deixando-as próximas ao desenho de um canhão, simbolizando os arremessos realizados pelos soldados Ingleses no século XVII. Pedir que as crianças as lancem da forma como imaginam que os soldados faziam à sua época.

Na sequência, desenhar áreas de arremesso no chão e retomar o movimento do arremesso lateral parado, sendo que os alunos deverão se atentar à empunhadura, à extensão do braço ao final do arremesso e não sair da área de lançamento. Cada criança usará a bola que fabricou em casa. Após alguns arremessos e orientações sobre a execução do movimento, a professora filmará cada criança arremessando. Posteriormente, cada criança deverá refletir sobre sua ação ao observar a execução do seu arremesso, apontando possíveis pontos a melhorar: quanto à posição do braço no início do arremesso, ao braço oposto estendido para cima na direção do arremesso, à extensão do braço que realizará o arremesso que deverá mover-se para cima e para frente, além de não sair da zona de arremesso. Se necessário, auxilie-a nesse processo, com questionamentos, como: Você respeitou a área de arremesso? Seus braços estavam posicionados corretamente?

Discussões sobre a aula:

- Gostaram de realizar a sequência de arremessos?
- Qual foi a primeira forma de disputa de arremessos?
- O que os soldados arremessavam em seus momentos de lazer por volta do século XVII?
- Vocês conseguiram realizar o arremesso lateral parado?
- Percebemos que ao longo dos anos as técnicas do arremesso de peso se alteraram?
- Será que elas poderão mudar futuramente novamente?

Aula 4. Diferentes tipos de corpos no atletismo

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: imagens de atletas ao longo dos anos, cadeiras e bolas de meia

Objetivos:

- Reconhecer que as formas de perceber o corpo se modificam com o passar do tempo.
- Conhecer o arremesso de peso para cadeirantes.
- Experimentar o arremesso de peso na posição sentada.
- Refletir sobre a importância de possibilitar a participação de todos nas atividades esportivas.

Principais dimensões do conhecimento: fruição, construção de valores, compreensão e experimentação.

Conversa inicial:

Iniciar um diálogo buscando identificar os conhecimentos que as crianças possuem acerca das características físicas de um atleta do arremesso de peso. Sugestões de perguntas:

- Quais as características físicas de um atleta do arremesso de peso?

Espera-se que, pelas imagens e vídeos que já viram sobre o tema, descrevam pessoas grandes, com musculatura definida e/ou “obesas”.

- Vocês acreditam que sempre foi assim?

Desenvolvimento:

Mostrar imagens dos campeões Olímpicos da modalidade nas Olimpíadas de 1924, atentando para a estrutura corporal deles, ou seja, magros. Contar que na época acreditava-se que pessoas com um biótipo específico teriam ótimo desempenho em todas as modalidades esportivas, mas que, com o passar dos anos, percebeu-se que as diferentes provas do atletismo exigiam características específicas.

Usar como referência a reportagem “Atletismo deixa o biótipo padrão e agrega do magro ao peso-pesado”, que trará o referencial teórico e imagens que podem ser utilizadas em aula. A reportagem está disponível em:

<https://ge.globo.com/atletismo/noticia/2015/08/atletismo-deixa-o-biotipo-padrao-e-agrega-do-magro-ao-peso-pesado.html> Acesso em 19 jul. 2023

Num segundo momento, questionar a turma:

- Ao arremessarmos o peso, ficamos na posição em pé ou sentado?
- Será que uma pessoa com uma amputação de pernas ou com algum tipo de paralisia nos membros inferiores pode arremessar o peso? Se sim, como?

Para que eles possam apreciar um arremesso de peso adaptado, apresentar um ou mais vídeos com atletas paralímpicos arremessando de suas cadeiras.

Sugestão de vídeo: “Polonesa fica com a prata no arremesso de peso feminino (F34); chinesa é campeã”, disponível em:

<https://ge.globo.com/paralimpiadas/video/polonesa-fica-com-a-prata-no-arremesso-de-peso-feminino-f34-chinesa-e-campea-5307014.ghtml> Acesso em 19 de jul. 2023.

Convide-os a experimentar o arremesso de peso na posição sentada. Para isso, você pode usar uma cadeira escolar e orientá-los a não sair da cadeira até o final do movimento. Sugira que use os conhecimentos adquiridos na aula sobre o arremesso lateral parado e aplicá-los na execução do arremesso sentado.

Discussões sobre a aula:

Procurar, nesta discussão final, identificar se as crianças perceberam que padrões relacionados à prática esportiva se modificam ao longo do tempo. E se concordam com o estabelecimento desses padrões. Observar se eles valorizam e se mobilizam em favor da participação de todas as pessoas nas práticas corporais. Sugestões de questionamentos:

- Percebemos que no passado acreditava-se que apenas pessoas magras eram consideradas aptas a terem bom desempenho nos diferentes esportes. E atualmente, como é?
- É possível realizar arremesso de peso sem a mobilidade dos membros inferiores?
- Como se sentiram ao vivenciar o arremesso na posição sentada?
- Devemos determinar quem pode ou não realizar alguma atividade esportiva?
- E se percebermos que algum amigo não consegue participar de alguma atividade ou brincadeira, como devemos proceder? Deixá-lo de fora ou pensar em formas de permitir a sua participação? Por quê?

Aula 5. A corrida e a nossa vida

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: TV, bolas coloridas, bambolês, DVD player, DVD

Objetivos:

- Reconhecer como o uso da corrida foi se modificando ao longo dos anos.
- Vivenciar uma brincadeira envolvendo a corrida

Principais dimensões do conhecimento: fruição, experimentação e compreensão

Conversa inicial:

Investigar como as crianças percebem que a corrida está presente no seu cotidiano e como acreditam que os povos que nos antecederam usavam as corridas. Sugestões de perguntas:

- Como as corridas estão presentes no dia a dia de vocês?
- Por que as pessoas correm?
- No decorrer da história, como as pessoas usavam a corrida?

Desenvolvimento:

Na sala de aula, assistir a um trecho do filme “Os Croods” e pedir que fiquem atentos aos motivos que levavam os personagens a correrem. Após a fruição dos 15 primeiros minutos do filme já é possível levantar alguns questionamentos:

No período em que se passa o filme, como era usada a corrida? Por que era importante correr? Espera-se que relacionem a corrida à sobrevivência, à caça e à proteção.

Convidar as crianças a vivenciarem brincadeiras simulando as situações observadas no filme.

1ª Caça e caçador: As crianças devem ser divididas de maneira que 4 delas sejam caçadores e o restante seja caça. Inicia-se um jogo de “pega-pega” finalizando quando todas as caças forem capturadas. Faz-se um revezamento até que todas as crianças passem pela função de caçador.

2ª Em busca de alimento: Separar as crianças em dois grupos, que participarão de uma brincadeira de estafeta em que cada equipe deverá pegar o maior número de bolinhas (alimentos) possível e, para isso, deverão locomover-se com velocidade. À frente de cada fila será colocado um bambolê onde ficarão as bolinhas conquistadas e do outro lado ficará uma caixa de papelão com as bolinhas a conquistar. Entre estes dois pontos, uma criança realizará o papel de predador atrapalhando a corrida das demais crianças, mas não capturando-as. Ganha a equipe que capturar mais bolinhas.

Discussões sobre a aula:

Neste momento, observar se as crianças são capazes de compreender que as corridas são usadas para diferentes fins no decorrer da História. Sugestões de questionamentos:

Na época em que os homens moravam em cavernas, como é que conseguiam seus alimentos?

- A corrida era importante nesse período?
- Nessa época, correr era considerado um esporte?
- Hoje usamos a corrida com os mesmos objetivos?
- Em que circunstâncias usamos a corrida atualmente?
- Será que, no futuro, correr poderá ter outros significados?

Aula 6. As corridas, os Jogos Olímpicos e as mulheres

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: coroa de louros ou de qualquer outra folha

Objetivos:

- Conhecer um pouco da história das corridas nos Jogos Olímpicos.
- Refletir sobre como a sociedade tratava as mulheres no passado e atualmente.

Principais dimensões do conhecimento: compreensão, experimentação e construção de valores

Conversa inicial:

Identificar o que as crianças já sabem sobre os Jogos Olímpicos. Sugestões de questionamentos:

- Vocês conhecem os Jogos Olímpicos?
- Vocês sabem qual foi a primeira prova disputada nos Jogos Olímpicos?
- Todas as pessoas podiam disputar os primeiros Jogos Olímpicos?

Falar sobre a corrida do estádio, cuja distância era de 192, 27 metros no ano de 776 a.C., na qual só era permitida a participação masculina e que foi vencida por Corobeu, que ficou conhecido como o primeiro campeão olímpico da história e recebeu, como prêmio, uma coroa de louros.

Desenvolvimento:

Convidar as crianças a vivenciar uma corrida nos moldes das primeiras competições Olímpicas. Todavia, como forma de provocação, excluir as meninas da atividade, uma vez que, na Era Antiga, as mulheres eram impedidas de participar dos jogos.

Orientação sobre a brincadeira:

Vamos experimentar essa corrida? Valendo uma coroa de louros? Porém, as meninas não poderão participar, já que naquela época as mulheres não podiam competir. Ao final da atividade o vencedor receberá uma coroa de louros.

Discussões sobre a aula:

Nesse momento, investigar se as crianças se atentaram a alguns elementos históricos compartilhados durante a aula, como o nome do primeiro campeão Olímpico, a forma de premiação daquela época. Na sequência, levantar a questão da não participação feminina nas provas e questionando-os como a sociedade trata e tratou as mulheres ao longo do tempo.

- Vocês se lembram do nome do primeiro campeão de uma prova Olímpica?
- Qual foi o seu prêmio?
- Deu tudo certo durante a aula? Todos gostaram? Todos participaram da corrida? Essa atividade foi justa para todas as crianças?

Espera-se um desconforto das meninas por não terem participado. Propor uma discussão sobre como as mulheres eram vistas no passado e atualmente.

Após a discussão, considerar a possibilidade de repetir a prova, porém, agora, com a participação de meninos e meninas.

Ao final da vivência, comparar a corrida sem a participação feminina e com a participação feminina.

Aula 7. Corridas de revezamento

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: Bastões com aproximadamente 30 cm

Objetivos:

- Vivenciar brincadeiras que envolvam o revezamento das crianças.
- Entender a dinâmica das provas de revezamento.
- Apreciar atletas numa prova de revezamento.

Principais dimensões do conhecimento: experimentação, análise, compreensão e fruição

Conversa inicial:

Neste início de aula, investigar o que as crianças sabem sobre as corridas de revezamento. Sugestões de questionamentos:

- As provas do atletismo que estudamos até agora são realizadas individualmente ou em equipes?
- Vocês sabiam que existem provas que devem ser realizadas em equipes com 4 pessoas?

Falar brevemente sobre as características das provas de revezamento no atletismo, como, por exemplo: elas acontecem nos formatos 4 X 100m ou 4 x 400m; são necessários 4 atletas que passam um bastão de um para o outro; as corridas ocorrem em raias delimitadas, sendo que cada equipe deve permanecer em sua raia do início ao fim da prova; o bastão não pode cair no chão; entre outras características que achar pertinente.

Desenvolvimento:

Na área externa, dividir a turma em equipes com 4 crianças cada e propor a vivência de uma brincadeira de estafetas, possibilitando, assim, uma forma de revezamento.

Num segundo momento, orientar que nas corridas de revezamento há a necessidade da passagem de um bastão, que em hipótese alguma poderá cair no chão.

Retomar a brincadeira de estafetas e salientar que os alunos deverão pensar em estratégias para que consigam realizar a atividade no menor tempo possível e sem deixar o bastão cair no chão.

Depois, orientá-los para que, no momento da passagem do bastão, a criança que irá recebê-lo deverá estar de costas para o colega que fará a passagem.

Num terceiro momento, de volta à sala de aula, mostrar alguns vídeos de atletas participando de provas de revezamento. Solicitar que as crianças observem as passagens de bastão, a sincronização dos atletas no momento da passagem, e atentem quanto a movimentação das mãos. Sugestão de vídeo: Revezamento 4x100m Feminino Mundial de Atletismo Sub20, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7yxO8NO5ig> Acesso em: 19 jul. 2023

Discussões sobre a aula:

Ao final, orientar os alunos a falarem sobre o que observaram nos vídeos. Sugestões:

- Gostaram de apreciar uma prova de atletismo por vídeo?
- O que chamou mais a atenção de vocês?
- Quais as semelhanças e diferenças da vivência que realizaram na escola e as provas que vocês observaram nos vídeos?
- É possível dizer que na escola também realizamos provas de revezamento?

Aula 8. Corridas de velocidade e saída baixa

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: sem materiais

Objetivos:

- Experimentar diferentes formas de saída nas corridas do atletismo.
- Entender as mudanças ocorridas ao longo dos anos na saída das corridas.

Principais dimensões do conhecimento: experimentação e análise

Conversa inicial:

Sugestões de questões para identificar o que as crianças sabem sobre o tema:

- Alguém já observou qual é a posição de um atleta antes da largada de uma corrida? Como é?
- As formas de saída são iguais em todas as provas de corrida?

Desenvolvimento:

Na área externa, explicar que na saída das corridas de velocidade (curtas) os atletas se posicionam próximo ao chão, enquanto nas corridas de fundo e meio fundo (com distância maior) eles saem em pé.

Explicar que nem sempre foi assim, pois inicialmente em todas as corridas os atletas saíam em pé (saída alta), mas que, com o passar do tempo, as provas mais curtas adotaram a saída baixa, em que os próprios atletas cavavam pequenos buracos no chão para fincarem os pés e darem o primeiro impulso, e isto só deixou de acontecer com a criação e implementação dos blocos de partida.

Convidar os alunos a vivenciarem, através de brincadeiras, diferentes posições de saída para uma corrida.

Para isso, propor brincadeira de “mãe da rua” diferente, em que a mãe da rua ficará atrás do grupo e não entre um ponto e outro, assim, as crianças poderão correr em linha reta, sem a necessidade de desvios. Outro diferencial será que as crianças, ao se prepararem para correr para o lado oposto, deverão fazê-lo de diferentes formas usando as saídas do atletismo. Num primeiro momento usarão a saída alta, depois usarão a saída baixa (nesta, os alunos farão os buracos no chão).

Discussões sobre a aula:

Refletir nesse momento sobre a forma mais adequada de realizar a saída em uma prova de corrida para cada um e, além disso, levantar hipóteses sobre os motivos que levaram às transformações ocorridas nas saídas das corridas de velocidade. Sugestões de questões:

- Qual forma de saída vocês preferem?
- Quais as vantagens e desvantagem de cavar buracos no chão?
- Por que vocês acham que a saída baixa se tornou uma regra do atletismo?

Explicar que a saída baixa hoje é obrigatória e usada também como recurso para evitar queima da largada.

Aula 9. O salto em distância

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: bambolês, duas cordas

Objetivos:

- Experienciar o salto em distância a partir de uma brincadeira do cotidiano infantil.
- Conhecer as principais características do salto em distância.
- Refletir sobre as suas possibilidades individuais e adequá-las à vivência de saltos mais adequada para si.

Principais dimensões do conhecimento: experimentação, reflexão sobre a ação e análise

Conversa inicial:

Comunicar que o tema da aula é a prova do salto em distância, cujo vencedor é aquele que salta mais longe.

Assistir, junto à turma, a parte do vídeo que orienta sobre algumas técnicas do salto em distância “A receita para o salto em distância perfeito” disponível no endereço https://www.youtube.com/watch?v=-2_c85LYiAI Acesso em 19 jul. 2023.

Reforçar a necessidade de uma corrida prévia, da impulsão para cima e para frente a partir de um pé numa área determinada e a queda com os pés unidos à frente.

Com base no vídeo, questionar os alunos:

- Vocês já saltaram em uma pista dessas?
- Se alguém já saltou, pode descrever a experiência?
- Em que contexto vocês costumam saltar?
- Na brincadeira da amarelinha é preciso usar essa habilidade? Vamos vivenciá-la?

Desenvolvimento:

Organizar bambolês pelo chão, formando o desenho da brincadeira “amarelinha” (formar mais de um desenho no chão de maneira que as crianças não fiquem ociosas). Propor a vivência da amarelinha. Após alguns minutos de vivência, parar a atividade e questioná-los se é possível aumentar a distância dos bambolês para assim ampliar a distância dos saltos.

Aumentar a distância entre os bambolês, deixando algumas amarelinhas com distâncias diferentes, possibilitando que as crianças escolham a que melhor se adequa às suas características individuais.

Conversa com os alunos:

- Nessa atividade vocês conseguiram ampliar a distância dos saltos?
- Vivenciaram a impulsão a partir de um pé?

- Que tal experimentarmos novas formas de saltar, em que o objetivo principal é aumentar cada vez mais a distância?

Num primeiro momento, sugerir a realização do salto em distância parado e com as pernas afastadas, orientando os alunos a balançar seus braços para frente e para trás de maneira a ganhar impulso e partir com os joelhos semiflexionados.

Para iniciar o salto com corrida prévia, levante algumas questões:

- No vídeo a que assistimos, observamos que o salto em distância é realizado parado ou com uma corrida prévia?
- Onde é realizada a aterrissagem do salto?
- Podemos saltar a qualquer momento, ou é preciso tocar em algum local antes?
- Entre quais pontos é realizada a verificação da distância?
- Que tal experimentarmos esse salto aqui na escola?

Discussões sobre a aula:

- Será que conseguimos realizar o salto em distância?
- No desafio de saltar sobre as duas cordas, qual era o ponto onde vocês deveriam realizar a impulsão?
- Quais as semelhanças e diferenças entre o salto realizado na escola e o salto que vocês assistiram no vídeo do início da aula?

Aula 10. Planejando um festival

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: papéis, canetas

Objetivos:

- Participar do planejamento de um mini festival de atletismo.
- Confeccionar material a ser utilizado como premiação
- Reconhecer-se com agente capaz participar da organização de eventos.

Principal dimensão do conhecimento: protagonismo comunitário

Conversa inicial:

Retomar quais foram as práticas relacionadas ao atletismo vivenciadas nas últimas aulas (salto em distância, arremesso de peso, corrida de velocidade, corrida de revezamento). Convidar as crianças a planejarem conjuntamente um mini festival de atletismo.

Desenvolvimento:

Inicialmente explicar que a ideia do festival é promover um momento de socialização dos conhecimentos que foram adquiridos ao longo do estudo do atletismo; que o foco principal estará na confraternização e não na disputa. Dessa forma, o intuito seria premiar todos os participantes.

Questionar a turma sobre as possibilidades de premiação, reforçando que o prêmio será confeccionado por eles. Assim, as crianças devem pensar em possibilidades viáveis de confecção. Sugerir a divisão da turma em equipes, de maneira que a disputa não seja individual. Perguntar quais provas podem ser disputadas de modo que todos possam participar. Separar a turma em 3 ou mais equipes, que podem ser divididas por cores.

Num segundo momento, após a decisão sobre a forma de premiação, iniciar, junto ao grupo, a confecção do prêmio com os materiais disponíveis na escola.

Adaptação das provas:

Salto em distância: Dividir o setor em 3 níveis: se a criança saltar e aterrissar no nível 1, marca 1 ponto para sua equipe; nível 2, marca 2 pontos; nível 3, marca 3 pontos. Se a criança “queimar” o salto, não ganha nenhum ponto.

Arremesso de peso: Dividir o setor em 3 níveis, se a bola cair no nível 1 a equipe ganha um ponto, nível 2 dois pontos, nível 3 marca três pontos. Se a criança “queimar” o arremesso não ganha nenhum ponto.

Corrida de 50m: 1º lugar ganha 3 pontos, 2º lugar ganha 2 pontos, 3º lugar ganha 1 ponto

Revezamento: Dividir a pista de atletismo pelo número de alunos de cada equipe, de maneira que uma volta de 400m seja completada com a participação de todos da equipe.

Elencar com a turma quais os materiais precisam ser providenciados para o dia do festival, considerando as provas planejadas, as necessidades fisiológicas da turma, os cuidados com o corpo, a premiação, entre outros pontos que achar necessário.

Discussões sobre a aula:

Procurar identificar nas crianças como se sentiram em realização à sua participação no planejamento do evento e quais as expectativas delas para o dia do festival. Sugestões de questionamentos:

- Como foi participar do planejamento do festival?
- Vocês acreditam que crianças podem participar da organização de eventos?
- O que esperam para o dia do festival?

Aula 11. Festival e visita à pista de atletismo

Duração: De 4 a 5 horas

Materiais necessários: Transporte, apito, cronômetro, marcações com os nomes dos alunos, prêmios, bastões, e outros a serem definidos com os alunos.

Objetivos:

- Conhecer uma pista de atletismo
- Participar de um festival de atletismo
- Atuar como protagonista na execução de um festival de atletismo.

Principais dimensões do conhecimento: experimentação, análise e protagonismo comunitário

Conversa inicial:

Conversar sobre os cuidados a serem tomados durante o transporte e a chegada ao clube que possui a pista de atletismo. Comparar o espaço da pista com os locais adaptados na escola para a prática e com os locais observados nos vídeos assistidos durante o todo o estudo sobre o tema.

Checar com o grupo se os materiais para as provas estão separados.

Definir qual a sequência das provas a serem vivenciadas.

Desenvolvimento:

Seguir a sequência das provas previamente elaborada junto aos alunos. Criar estratégias para que os alunos se revezem na organização das provas, como, por exemplo, retomar as regras previamente elaboradas, anotar resultados e organizar o grupo que não estiver competindo.

Ao final, premiar todos os participantes.

Discussões sobre a aula:

- Gostaram de conhecer uma pista de atletismo?
- O que chamou mais atenção?
- Quais as diferenças em praticar o atletismo em uma pista e na escola?
- Gostaram de participar de um festival de atletismo?
- Como se sentiram assistindo/apreciando seus colegas competirem?
- Preferem competir ou planejar o festival?

Aula 12. Avaliação

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: Celular para gravação

Objetivos: Avaliar se o trabalho conseguiu dialogar com todas as dimensões do conhecimento

Conversa, desenvolvimento e avaliação:

Para esse momento final do processo elaborar algumas questões que perpassem pelas diferentes dimensões do conhecimento propostas pela BNCC. Como sugestão, segue abaixo um roteiro de perguntas que podem ser colocadas ao grupo de forma geral, entretanto, é importante chamar para a discussão aquelas crianças mais tímidas, que pouco se manifestam no coletivo.

Experimentação: Como foi a participação de vocês nas atividades? Alguém deixou de realizar alguma atividade? Houve algum desconforto? Em algum momento não foi prazeroso? O que poderia ser melhorado nas vivências práticas?

Uso e apropriação: Algum de vocês conseguiu levar os conhecimentos adquiridos nas aulas para fora da escola, ou seja, praticou ou ensinou alguém da família alguma das brincadeiras, dos conhecimentos ou atividades que realizamos? Como foi? O que ensinou? Com quem brincou?

Fruição: Como vocês se sentiram realizando as atividades? Como foi assistir aos vídeos? Como se sentiram ao observar seus colegas competindo no festival? Será que, se hoje, eu os convidasse a assistir a alguns vídeos de atletismo, vocês os assistiriam da mesma forma que antes? Que elementos observariam nas provas que antes não prestavam atenção?

Reflexão sobre a ação: Se eu os convidasse a participar de uma competição de atletismo com as provas de salto em distância, arremesso de peso, corridas de velocidade e revezamento, que cuidados vocês teriam em cada prova? Como realizariam o salto? Como se posicionariam nas raias? De que forma fariam o arremesso? Como passariam o bastão?

Construção de valores e compreensão: Descobrimos, através do nosso estudo, que as provas olímpicas só permitiam a participação masculina, o que vocês pensam sobre isso? Observamos também que a participação de pessoas com deficiência em esportes demorou a acontecer. O que vocês fariam se um de nossos colegas não pudesse realizar algum tipo de atividade das aulas?

Análise: Vocês se lembram de qual é o objetivo principal de cada prova estudada (salto em distância, arremesso de peso, corridas)? Como se observa quem foi o vencedor? Conhecem outros esportes com objetivos parecidos?

Protagonismo comunitário: Como foi sua participação na organização do evento? Como se sentiu? Nas redondezas do local onde moram, existem espaços e oportunidades oferecidos pela prefeitura para que as crianças e os adultos possam praticar esportes? Vocês gostariam de ter acesso a isso? Vocês sabiam que há leis que dizem que toda criança deve ter acesso ao esporte, à cultura, ao lazer?

Ler e discutir o artigo 71, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do adolescente:

ECA - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Art. 71. A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Sugerir a redação de uma carta às autoridades competentes, a fim de reivindicar oportunidades de acesso ao lazer e ao esporte.

6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente os dados bibliográficos coletados foram sintetizados procurando sempre dialogar com a realidade vivenciada pela professora, depois de registrados foram utilizados na elaboração da Unidade Didática.

Após aplicação da UD, dos registros em diário de campo e avaliação, os dados seguiram para um processo de análise, para isso, lançamos mão de princípios da pesquisa qualitativa, particularmente, princípios da abordagem da pesquisa participante.

Corroborando com Bogdan e Binklen (1994), Farias, Impolcetto e Benites (2020) apontam que a primeira fase da análise dos dados é a organização e leitura minuciosa de todo o material coletado, buscando uma identificação e compreensão dos significados que atravessam as informações recolhidas, num segundo momento o pesquisador deve preocupar-se em interpretar os sentidos por traz de palavras, ideias, comportamentos e informações que se repetem ao longo do material coletado, essa etapa é chamada de codificação.

Posteriormente fez-se necessário categorizar os códigos identificados na fase anterior, para isso Bogdan e Binklen (1994, p. 221) orientam,

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras e frases são categorias de codificação.

Apoiada no referencial de Benites *et al.* (2015), ao iniciar a categorização dos códigos foi preciso considerar as questões que moviam minha pesquisa, seus objetivos, as características da mensagem que poderiam ser interpretadas e analisadas de acordo com os objetivos de meu trabalho, no caso, optei por categorizar os dados que estabeleciam relações com as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

Assim, a próxima fase deste trabalho focou na análise dos dados coletados na implementação da UD, bem como na verificação se neste trabalho o ensino do atletismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental extrapolou os limites do “saber

fazer”, ou seja, além do ensino dos movimentos foi possível estabelecer um diálogo com a realidade dos educandos e ainda transitar pelas oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

7 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES DESTA PESQUISA

A análise que aqui se inicia foi um movimento dialético que considerou os dados coletados, a literatura pesquisada, as características do público-alvo e a experiência desta professora-pesquisadora que, desde as primeiras linhas desta pesquisa, se reconheceu como agente na construção desta investigação. Desta organização compositiva é que se encaminhou o exercício da análise explicitada nesta seção de análise dos dados.

Neste sentido, como estratégia de construção analítica, optou-se pela regência em primeira pessoa, mas buscando sempre que possível, escapar das armadilhas da interpretação enviesada. A chave para tanto, foi se apoiar na BNCC e, particularmente nas oito dimensões do conhecimento e nos referenciais bibliográficos que gravitam ao redor das temáticas desenvolvidas ao longo da análise.

As categorias elencadas passam obrigatoriamente pelas oito dimensões do conhecimento, algumas delas ganharam uma seção específica de análise, enquanto outras foram tratadas de maneira concomitante. Vale lembrar que a interação entre tais dimensões é um fator de extrema relevância para garantir uma atuação docente preocupada com um ensino significativo e com a construção de uma sociedade democrática.

Após a escrita e retomada dos textos dos diários de bordo foram constituídas as seguintes categorias de análise:

- ✓ Conhecer para posicionar-se;
- ✓ Refletindo sobre as práticas;
- ✓ Experimentar para avançar;
- ✓ O esporte além da escola;
- ✓ Uso e apropriação
- ✓ Protagonismo comunitário
- ✓ O trabalho concomitante das dimensões;

Na sequência, apresento um quadro onde trago as categorias com uma breve descrição de maneira que o leitor possa se preparar para o que irá encontrar mais a frente, além disso, serão descritas a/as dimensão/dimensões que mais aparecem em cada uma delas.

Quadro 3. Categorias de análise

Categoria	Breve descrição
Conhecer para posicionar-se	Traz a relevância de conhecer e refletir sobre os fatos históricos que apontam as diferentes manifestações de injustiças sociais e/ou manifestações de discriminação de preconceito com vistas a contribuir com a formação de uma sociedade com valores democráticos. Nesta categoria, as dimensões do conhecimento que mais se evidenciam são construção de valores e compreensão .
Refletindo sobre as práticas	Aponta algumas possibilidades de atuação junto aos alunos trazendo práticas que transitem pela dimensão do conhecimento reflexão sobre a ação , previamente planejadas de maneira a contribuir para que estes sejam capazes de apreender novas modalidades e adequar as práticas às suas características, mas traz também a importância de considerar os apontamentos levantados pelos alunos de maneira a colocá-los na posição de corresponsável pela própria aprendizagem.
Experimentar para avançar	Traz indícios de que como a dimensão do conhecimento experimentação pode contribuir significativamente para a construção de conceitos.
O esporte além da escola	Essa categoria reforça a necessidade de se trabalhar o esporte na escola exaltando os valores educativos e inclusivos, todavia indica que se queremos que os alunos possam conhecer e refletir sobre os diferentes sentidos e significados atribuídos à essa prática corporal pelos diferentes grupos, é importante que os alunos ampliem essa percepção sobre o esporte, para que possa inclusive criticá-lo. As principais dimensões responsáveis por essa ampliação de sentidos são análise e compreensão .
Uso e apropriação	Traz apontamentos que na faixa etária investigada, o uso e apropriação diz respeito a usar os conhecimentos estudados sobre o tema em situações de jogos e brincadeiras fora do contexto escolar. No caso desse contexto de pesquisa, a dimensão do conhecimento uso e apropriação só pôde ser observada através de relatos das crianças.
Protagonismo comunitário	Como o próprio nome da categoria aponta, buscou-se investigar de que forma se transitou neste estudo pela dimensão do conhecimento protagonismo comunitário com crianças de 7 – 8 anos.
O trabalho concomitante das dimensões	A principal característica dessa categoria é justamente o trabalho com mais de uma dimensão do conhecimento nas atividades pedagógicas, o que parece contribuir para uma aprendizagem mais significativa. Nas situações trazidas para discutir essa dialogicidade e interrelação entre as dimensões, ficaram em evidência a fruição, compreensão, análise, experimentação e construção de valores .

Fonte: Elaborado pela autora

E para dar encaminhamento à composição da análise destas categorias buscou-se responder o seguinte questionamento:

- ✓ Que situações-problema se passaram durante o desenvolvimento da UD nas quais foi possível evidenciar indícios das oito dimensões do conhecimento apontadas na BNCC?

7.1 Conhecer para posicionar-se

Para dar início às análises desta categoria, convido o leitor a entrar comigo em uma das aulas que foram desenvolvidas ao longo da implementação da UD sobre o atletismo para os alunos do 2º. ano do Ensino Fundamental.

A aula consistia em vivenciar, ainda que de maneira adaptada a Corrida Estádio, que entre outros conhecimentos trazia à discussão o fato de que na época em que tal corrida era disputada não se permitia a participação feminina. A forma de propor atividade foi intencionalmente impositiva de maneira a observar qual seria a reação dos alunos diante de uma ação preconceituosa e excludente. Nessa situação foi possível identificar certa dificuldade do grupo em questionar regras vindas de uma pessoa que exerce alguma autoridade sobre eles. Tal situação será retratada nos excertos do diário de campo que seguem,

“Professora: ... “Vocês topam realizar uma corrida como se fosse a corrida Estádio que foi uma das primeiras provas dos Jogos Olímpicos?”

Crianças empolgadas: “Sim.”

Professora: “O vencedor da prova, ganhará essa linda coroa que eu fiz.”

Enquanto eles comemoravam, complementei:

Professora: “Porém, como eu disse, naquela época as mulheres não participavam, assim as meninas não poderão participar.”

A reação dos meninos foi de comemoração, ainda que tímida. Já as meninas não disseram uma palavra, mas seus corpos e expressões indicavam que estavam contrariadas.

Os meninos se preparavam para a corrida e eu, que estava atenta às reações femininas, inclusive esperava que se manifestassem mais ativamente pude observar que algumas sussurravam entre si algo relativo à situação, mas nenhuma delas questionou minha decisão de deixá-las apenas como expectadoras da atividade.”

Após a vivência da prova, enquanto discutíamos sobre a aula eu os questioneei:

Professora: “Tem uma outra situação que eu queria abordar. Essa atividade foi justa para todos os alunos?”

Robin: "Não, porque caímos."
Spider: "Alguém derrubou o Cyborg e o Robin."
Professora: "Além disso, aconteceu algo que foi injusto com as crianças da sala?"
Pimentinha: "Nem todo mundo recebeu a coroa⁷"
Professora: "Mas a coroa não era só para o vencedor?"
Crianças: "Sim"
Professora: "Não faltou a presença de algumas pessoas nessa competição?"
Cleitinho: "As meninas."
Professora: "É justo?"
Crianças: "Não."
Professora: "Eu gostaria que as meninas falassem como elas se sentiram em relação à proibição da participação?"
Lady bug: "Eu fiquei triste."
Rapunzel: "Chateada."

Como pode ser observado no trecho acima, inicialmente, as crianças não apontaram a exclusão feminina de parte da atividade como uma injustiça, e, a primeira pessoa a identificar o problema foi um menino, diante do silêncio das meninas, foi necessário chamá-las à discussão.

Mesmo após serem questionadas, as manifestações femininas foram de certa forma passivas "triste", "chateada", a princípio não foram capazes de contestar a injustiça que haviam sofrido e nem de questionar a forma como a atividade foi proposta e/ou criticar as proibições que o esporte e a sociedade como um todo impunham às mulheres em outros momentos históricos.

A não contestação das regras, bem como a forma passiva de se pronunciar "Eu fiquei triste" e "Chateada", parece estar relacionada a forma como a cultura tem influenciado a educação de meninas ao longo do tempo. Formas de agir, falar, como brincar e se vestir tem seguido padrões que ainda resistem em nossa sociedade.

Simone de Beauvoir (1980) em sua atemporal obra "O Segundo Sexo" já alertava que a identidade feminina começa a ser construída logo após ao nascimento, quando seus educadores e sociedade lhes impõe um comportamento mais passivo e gentil, enquanto os meninos são incentivados à valentia e coragem.

Daólio (2006) relata que o comportamento feminino é influenciado pela família desde cedo, o que pode ser facilmente constatado na escolha dos brinquedos, pois ao contrário dos meninos que ganham chuteiras, bolas e carrinhos, as meninas são estimuladas a brincar com bonecas e utensílios de cozinha, além disso são elas que comumente ficam em casa ajudando a mãe nos afazeres do lar e aprendendo

⁷ Havia um combinado com a turma que previa que o vencedor da corrida "Estádio" receberia uma coroa de "louros" assim como os campeões Olímpicos da Antiguidade.

comportamentos delicados e não contestadores, ou seja, inicia-se já na infância a construção do adulto responsável pelo cuidar da casa, da família e da harmonia do lar.

Assim como as mulheres, historicamente diferentes grupos sociais sofreram e/ou ainda sofrem variadas formas de preconceito que se manifestam nos mais diversos setores da sociedade, inclusive no esporte. Conhecer como estas questões se manifestam no universo esportivo e refletir sobre as possibilidades de se discutilas e problematizá-las deve ser algo a ser considerado pelo professor de Educação Física que está comprometido com a formação de cidadãos que atuem na construção de uma sociedade democrática.

Entendo aqui que as dimensões do conhecimento que podem contribuir mais efetivamente nesse processo de reconhecimento de preconceitos, bem como entender como eles se manifestaram ao longo da história humana são “**construção de valores**” e “**compreensão**”, a BNCC as define da seguinte maneira:

Quanto à construção de valores,

vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. (BRASIL, 2017, p. 221).

Já a compreensão,

refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. Em linhas gerais, essa dimensão está relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou e as modificou, às razões da sua produção e transformação e à vinculação local, nacional e global. (BRASIL, 2017, p. 221-222).

Algumas ações deste trabalho foram planejadas com o intuito de atuar dentro desta lógica, a primeira delas foi pensada para discutir o papel feminino nos esportes e na sociedade ao longo dos anos. Nesta situação didática, optou-se por fazer transitar pelas dimensões do conhecimento da compreensão, da construção de valores e da experimentação.

Esperava-se que no decorrer da aula os alunos compreendessem parte do processo histórico a qual o atletismo passou através de uma explanação e

experimentação de uma vivência prática e sobretudo que o grupo, em especial, as meninas questionassem a própria exclusão da atividade.

Diante da apatia do grupo em refutar uma situação de injustiça passei então a refletir sobre como minha ação pedagógica poderia estar contribuindo ou não para o desenvolvimento do olhar crítico e capacidade de questionamento frente as atividades realizadas em aula e que podem se manifestar em outros contextos de suas vidas, mesmo que elas sejam injustas para um ou mais alunos.

De qualquer forma, faz-se importante essa reflexão quanto a nossa atuação e como ela pode influenciar o comportamento dos nossos alunos. Ao tratar do tema do ensino reflexivo numa perspectiva metodológica Rangel *et al.* (2005) sugere que os professores busquem refletir acerca da sua prática pedagógica e que esse processo considere as características de sua unidade escolar, bem como de sua profissão e evite um isolamento profissional buscando compartilhar suas reflexões com outros docentes na perspectiva de que esse movimento dialógico contribua para uma maior qualidade de ensino e favoreça o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Assim, se há uma intenção de estimular a criticidade dos alunos faz-se necessário observar se estamos planejando ações que levem ao questionamento de comportamentos e superação de estereótipos que atravessam as práticas corporais, sejam através das vivências ou das discussões sobre as mesmas, além da colaboração para a formação de uma sociedade democrática, onde todos tenham direito à livre manifestação são preceitos que atravessam a dimensão do conhecimento ligada à construção de valores (BRASIL, 2017).

Neste trabalho de campo junto aos alunos e alunas, tomei o cuidado de registrar momentos em que é possível observar que quando estimulados os alunos se manifestam a respeito dos diferentes tipos de estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade e mais especificamente neste caso, nas práticas corporais, tais como o registrado no excerto abaixo.

Professora: “É justo os homens poderem fazer algumas atividades e as mulheres não?”

Crianças: “Não.”

Professora: “Se os meninos jogam futebol, as meninas também podem jogar?”

Crianças: “Sim”

Pimentinha: “Vocês jogam chute a gol com a gente no recreio.”

Spider: “Tem gente que fala, que só porque é menina não pode jogar futebol, pode sim.”

Depois de uma breve discussão dos direitos que foram negados às mulheres ao longo da história, as crianças assim se manifestaram:

Professora: "Homens e mulheres devem ou não ter os mesmos direitos?"

Cleitinho: "Tudo o que o homem pode fazer, a mulher também pode."

Professora: "Todos concordam?"

Crianças: "Sim."

Professora: "Perfeito. Agora quero propor uma nova corrida com a participação dos meninos e das meninas. Vocês topam?"

Crianças: "Sim."

Na aula seguinte, retomamos a temática da aula que abordou a prova Olímpica chamada Estádio, suas características e articular com o contexto daquela sociedade que proibia a participação das mulheres em eventos esportivos.

Professora: "Alguém lembra o nome da primeira prova disputada em Olimpíadas?"

Ninguém conseguiu responder.

Professora: "O nome da prova era "Estádio", vocês se lembram como era essa prova?"

Naruto: "Era uma corrida"

Pimentinha: "Era uma corrida que só os homens podiam competir"

Professora: "Por que as mulheres não podiam?"

Algumas crianças: "Porque era proibido"

Professora: "E hoje, as mulheres são proibidas de competir?"

Crianças: "Não."

Professora: "O que vocês acham dessa mudança?"

Pimentinha: "Eu acho bom."

Professora: "Alguma menina pode falar sobre isso?"

Rapunzel: "Acho que todo mundo tem direito, não pode proibir"

Professora: "Quando alguém disser que vocês não podem fazer alguma coisa só porque são meninos ou meninas, o que vão falar?"

Rapunzel: "Tipo, se alguém disser que não posso brincar de futebol só porque sou menina, vou dizer posso sim"

Pimentinha: "É, não tem nada a ver, todo mundo pode brincar daquilo que quiser."

Rangel *et al.* (2005) nos alertam que historicamente convivência e o respeito entre os sexos é algo recente na Educação Física escolar que os separava nas aulas até a década de 1980, assim estimular o respeito entre as partes, bem como subsidiá-los a questionar qualquer tipo de preconceito e/ou exclusão que atinja tanto as meninas quanto os meninos deve ser algo a ser considerado no planejamento docente.

Estar atento às questões de gênero durante as aulas de Educação Física é uma forma de ajudar os jovens a construir relações com equidade,

respeito pelas diferenças, somando e completando o que homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e, com isso, aprendendo a ser pessoas mais abertas e equilibradas (RANGEL *et al*, 2005, p. 108).

Entender como as relações entre os gêneros se estabeleceram ao longo da história permite compreender por que ainda hoje existem questões a serem resolvidas se desejamos uma convivência respeitosa, democrática e justa entre todas as pessoas, assim o professor de Educação Física pode e deve refletir sobre possibilidades o assunto em aula.

Todavia, em nossa sociedade não são somente relações de gênero que são desiguais, assim ainda pensando em propostas com foco em compreender as transformações que o atletismo passou ao longo dos anos, bem como levantar discussões sobre formas de discriminação e preconceitos, com o intuito de estimular “a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática” (BRASIL, 2017, p. 221), planejei uma situação didática com o seguinte tema “Diferentes tipos de corpos no atletismo.”

Na referida aula me arrisquei a levar aos alunos uma reflexão. Disse a eles que não raras vezes, no âmbito da cultura, aparecem pontos de vistas que afirmam haver padrões de corpos considerados aptos para as diferentes modalidades esportivas, em detrimento de outros que são considerados inadequados, principalmente no contexto do esporte de alto nível. Comentei que no passado, no atletismo, apenas os corpos magros e altos eram considerados ideais para as diferentes provas do atletismo. Incomodado com essa reflexão, um dos alunos se manifestou:

Pimentinha: “Mas tá errado isso, todos tem o direito de participar.”

Concordei com o aluno, mas destaquei que estávamos nos referindo à um ponto de vista acerca do esporte de alto nível, que apontava para um certo padrão do corpo no esporte amplamente visibilizado nos veículos de divulgação midiática e enraizado no senso comum da população. Como efeito desta minha insistência no tema, percebi um incômodo geral dos alunos, o que me deixou bastante animada, pois este incômodo dava indícios de que estava conseguindo fazer o que estava me propondo: provocar os alunos, instigá-los a pensar acerca do contexto em meio ao qual a prática esportiva se mobiliza no âmbito da cultura.

Acreditando que estava indo para o caminho certo dei continuidade à proposta provocativa da aula e os questioneei sobre como seria possível, por exemplo, alguém com dificuldades para manter-se em pé participar de uma prova de arremesso de peso. Vale ressaltar que lancei este exemplo para os alunos aproveitando que já tínhamos vivenciado práticas de arremesso de peso durante nossas aulas, por isso, busquei aproveitar os conhecimentos prévios que os alunos já tinham sobre essa prova. Eles sabiam, por exemplo, que essa prova precisa ser executada na posição em pé. Não demorou e um dos alunos respondeu à minha provocação da seguinte maneira:

Cleitinho: “Se não dá pra ficar de pé, aí alguém precisa ajudar segurando a pessoa, ou então, a pessoa faz o arremesso sentada!”

Pronto! Foi a resposta que eu precisava para experimentar. Mostrei alguns vídeos de atletas paralímpicos arremessando peso e os convidei a fazer o mesmo. Logo todos se animaram para tentar. Desta forma, ingressamos para a parte prática da aula. Percebi os alunos mais envolvidos com o conteúdo, mais atentos ao que se passava. Era preciso contestar, no próprio corpo aquele ponto de vista sobre os corpos ideais para a prática do atletismo e a contestação veio na forma de pesquisa corporal.

Após ampla prática de pesquisa às voltas com o arremesso de peso, encaminhei a aula com uma conversa sobre os temas tratados e, mais uma vez as crianças deram indicativos de que a participação de todos é um ponto importante para elas.

Professora: “Vimos que no passado acreditava-se que apenas pessoas magras e atléticas eram consideradas aptas a terem bom desempenho nos diferentes esportes. E atualmente, como é?”

Cleitinho: “Todo mundo pode participar.”

Naruto: “Não pode excluir.”

Mais adiante, os provoquei esperando que outros alunos se posicionassem, especialmente um deles que em outros momentos havia relatado que fora do ambiente escolar já ter sido impedido de brincar por outras crianças devido às suas características físicas.

Professora: “É justo que, alguém por suas características físicas, ou seja, altura, peso, cor de pele, seja impedido de praticar algum esporte?”

Crianças: “Não.”

E finalmente, o aluno se manifestou:

Pimentinha: “Isso não tem nada a ver, todo mundo tem direito de brincar.”

Professora: “E, se viesse aqui para a nossa escola alguma criança com alguma dificuldade para participar das brincadeiras, o que faríamos?”

Cyborg: “Aí, tem que ajudar.”

Moana: “É... não pode deixar sem participar.”

Ainda que a turma, indique quando provocada que certos comportamentos são inadequados, como a exclusão de um ou mais alunos de atividades pedagógicas, é necessário estimular a capacidade de diálogo e questionamento de preconceitos e/ou injustiças que estão enraizadas em nossa sociedade, para assim, caminhar no sentido da formação de indivíduos aptos para exercer a plena cidadania.

Vale destacar que, essa busca pela superação das diferentes formas de preconceito e discriminação não deve ocorrer em situações casuais que podem vir ocorrer nas aulas e sim ser uma prática planejada para garantir que a superação de estereótipos seja um tema a ser tratado pedagogicamente nas aulas de Educação Física (BRASIL, 2017).

Em situações em que ocorram qualquer tipo de exclusão e/ou afastamento de algum aluno das atividades o professor deve estar atento à heterogeneidade da turma de forma a garantir a participação de todos nas aulas através da adaptação das atividades, sendo que esse caminho pode ser construído de maneira coletiva envolvendo todo o grupo na ação (RANGEL *et al.*, 2005).

Ao que parece, neste grupo pesquisado, todos entendem a legitimidade de se garantir à todas as pessoas condições de acesso, permanência, manifestação e desfrute das diferentes práticas corporais. Todavia, por vezes quando envolvidos na vivência da brincadeira ou jogo, as crianças mostraram precisar de uma provocação para atentarem-se à algumas situações de exclusão e/ou injustiça.

Em contrapartida, a professora que aqui defende um ensino alicerçado em valores democráticos percebeu que em alguns momentos sua própria prática pedagógica carecia de estímulos para proporcionar ao grupo um posicionamento mais questionador e participativo. Convém estar atento ao alerta trazido por Rangel *et al.* (2005), sobre a complexidade da ação do ensinar e sobre necessidade de o professor refletir continuamente acerca de sua prática pedagógica, tornando-se investigador de sua própria atuação profissional questionando-a e aprendendo com ela.

7.2 Refletindo sobre as práticas

Ao pensar um ensino que busque a formação do sujeito em sua totalidade, que entenda a importância um fortalecimento da humanização, a busca pela autonomia, pela democracia e especialmente a construção do conhecimento é importante criar momentos nas aulas onde os alunos tenham voz, seja para trazer seus conhecimentos sobre determinado assunto, mas também para manifestar-se acerca daquilo que está estudando e como está estudando.

Nesse sentido, o professor de Educação Física deve se preocupar que em sua prática pedagógica tenha momentos reflexivos, de maneira a fortalecer a experimentação prática, além de intensificar suas relações de sentido. É no bojo desta discussão que se pergunta: Que movimentos transitam ao longo da prática de aula quando se dá ênfase à “**reflexão sobre a ação**”?

Segundo a BNCC a reflexão sobre a ação constitui uma dimensão do conhecimento, dentre as oito que essa diretriz educacional apresenta. De acordo com a BNCC, a reflexão sobre a ação gera aprendizagens através da observação e análise das situações vivenciadas abrindo caminhos potentes para a proposição de soluções aos problemas relativos à prática realizada (BRASIL, 2017).

Esta dimensão do conhecimento apareceu de maneira recorrente ao longo das aulas de atletismo realizadas com os alunos. Ao trazer momentos de reflexão sobre as ações propostas, quando as questões eram abertas, os alunos, muitas vezes, se mostraram preocupados com o cuidado e a integridade física dos participantes, apontando que este tema tinha uma certa relevância para eles como veremos nos recortes dos diálogos a seguir.

Cinderela: “Professora, algumas pessoas jogaram as bolas na nossa cabeça”
Lady bug: “É, pegou em mim também.”
Wandinha: “Até em mim”
Spider: “Eu também levei bolada.”

Diante das reclamações perguntei se alguém tinha se machucado e se tinham alguma estratégia para evitar novos “acidentes.”

Lady bug: “Não machucou, mas doeu um pouco”
Professora: “O que vocês sugerem para que isso não ocorra novamente”
Wandinha: “É só pedir para não jogar na gente”
Pimentinha: “Eu não joguei em ninguém”
Robin: “Nem eu”

Lady bug: “Tem que ter cuidado né! Prestar atenção! Pensar um pouco antes de fazer!”

Em outra ocasião os interpelei sobre este mesmo assunto:

Professora: “Alguém levou bolada nesta rodada?”

Crianças: “Não”

Lady bug: “Uma bola bateu na minha perna.”

Professora: “Foi muito incômodo? Doeu?”

Lady bug: “Não.”

Professora: “Está tudo bem com você?”

Lady bug: “Sim.”

Professora: “Alguém tem alguma sugestão para melhorar ainda mais a segurança dessa atividade?”

Pimentinha: “Poderíamos usar bolas bem levinhas, aí não machuca.”

Professora: “Alguma outra sugestão?”

Cleitinho: “Poderiam ser bolas de pano.”

Notem que minha estratégia não foi impor a proposição de uma resolução ao problema, mas indagá-los para que eles próprios pudessem refletir e autorregular suas condutas. Abrindo espaço para o diálogo sincero entre os alunos acerca do problema das boladas eles próprios trouxeram algumas possibilidades de adaptação da aula para que tal situação não se repetisse.

Após uma mudança de regras na atividade, que já estava prevista de acordo com a proposta da aula, os alunos retornaram à prática e, ao final dela, percebi que eles estavam mais atentos ao tema cuidado e segurança. Como resultado desta preocupação, observei que nenhum aluno saiu lesionado das aulas, e no principal, completaram o processo de implementação da UD mais conscientes em relação aos cuidados para evitar as quedas e boladas que ocorreram em algumas situações.

A questão dos “acidentes” foi retomada por eles em outros momentos. Em uma das aulas, quando eu buscava fazê-los refletir sobre problemática da não participação feminina nas aulas, eles voltaram a citar a questão dos tombos:

Professora: “Tem uma outra situação que eu queria abordar. Essa atividade foi justa para todos os alunos?”

Robin: “Não, porque caímos.”

Spider: “Alguém derrubou o Cyborg e o Robin.”

E no dia seguinte, ao retomarmos os temas tratados na aula onde eles caíram, novamente este foi um dos assuntos trazidos:

Professora: “Alguém quer comentar algo sobre a atividade?”

Pimentinha: “Aconteceu um “atropelamento.””

Goku: "Um caiu em cima do outro"
 Professora: "Alguém se machucou?"
 Crianças: "Não."
 Professora: "O que poderíamos fazer para isso não acontecer mais?"
 Simon: "Colocar um risco no chão."
 Cinderela: "Eu sei, colocar algumas linhas e cada um fica na reta de uma linha"
 Professora: "Que excelente ideia. Vocês já viram isso em algum lugar?"
 Crianças: "Sim."
 Cinderela: "Na Olimpíada."

A preocupação com a segurança voltou a aparecer quando conversávamos sobre as diferenças entre praticar o atletismo na escola e em uma pista de atletismo.

Professora: "Que diferenças vocês perceberam entre fazer o atletismo na escola e fazer o atletismo na pista do SESI?"
 Pimentinha: "Eu sei. Porque lá no SESI tem pista de corrida de verdade e aqui não, porque não tem muito espaço. **Então aqui é mais perigoso.** A bola de meia é mais leve do que aquela usada lá (bola de peso infantil), **então aquela é mais perigosa.**"
 Professora: "Você achou a outra bola mais perigosa?"
 Pimentinha: "Sim, por que é mais pesada"
 Professora: "Que cuidados devemos tomar para não nos machucarmos com aquela bola?"
 Pimentinha: "Ah, não ficar com brincadeira boba e tomar cuidado para não acertar o colega."

Como é possível perceber nos excertos trazidos do diário de campo, ao serem estimulados a refletir sobre as atividades vivenciadas os alunos identificaram alguns pontos que os incomodavam e usaram seus conhecimentos adquiridos em outros momentos para solucionar os problemas que os perturbavam.

Freire (1996, p. 13) ao defender um ensino que estimule a curiosidade e a criticidade nos educandos, orienta que o professor valorize os saberes dos alunos e afirma que em "condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo."

Quando o foco está na reflexão sobre a ação, é importante valorizar os saberes e os sentidos e significados que os alunos trazem acerca da prática realizada e em alguns casos essa dimensão pode fugir ao domínio do planejamento prévio, ou seja, nem sempre é possível prever onde a reflexão vai chegar a partir de uma determinada ação planejada, devido ao caráter dinâmico das aulas. É claro que em uma ação educativa qualificada é necessário apontar caminhos, mas esse apontamento precisa suportar sempre doses de imprevisibilidade, a depender dos acontecimentos que

passam ao longo das aulas, permitindo inclusive atravessar outras dimensões do conhecimento.

Para continuar nessa categoria de análise, a qual também está relacionada à dimensão do conhecimento “reflexão sobre a ação”, porém com outro enfoque, convido novamente o leitor a mergulhar comigo na aula ministrada sobre arremesso de peso. Em um dado momento chamei uma criança de cada vez, e perguntei se de acordo com as orientações dadas anteriormente, o seu próprio arremesso estava correto ou se havia algo a ser melhorado e quais estratégias usariam para isso. Minha intenção ali, foi estimular a atitude reflexiva dos alunos face às suas próprias performances durante a aula. Segue abaixo um excerto de diário de campo, no qual descrevo o que se sucedeu deste exercício reflexivo:

Das oito crianças presentes na aula, 3 conseguiram realizar a análise sem a minha intervenção. Cabe comentar que todas tinham realizado o movimento como solicitado e relataram que estava correto, citando o posicionamento corporal, execução e saída da área de arremesso.

Outras duas crianças não souberam comentar, nesse momento precisei intervir, questionando a posição e movimentação de cada parte do corpo e, assim, com meu auxílio conseguiram identificar com respostas simples (sim, não, não está certo).

Três crianças afirmaram que seus movimentos estavam corretos, mas não sabiam justificar, precisaram de intervenções para apontar o que realmente estava correto e para identificar o que poderia ser melhorado. Entretanto, uma destas 3 crianças não foi capaz de admitir o ponto a ser melhorado, o que não foi uma grande surpresa para a professora, já que tal criança não costuma lidar bem com suas dificuldades e com correções.

Como já previsto, devido a faixa etária da turma, a maioria das crianças presentes precisaram ser acompanhadas passo a passo para que pudessem identificar problemas na execução do próprio movimento, por outro lado, um dos alunos pediu para auxiliar seus colegas no momento do arremesso, mostrando que se apropriou dos conhecimentos e já era capaz de colocá-los em prática orientando outras pessoas.

Enquanto uma criança realizava seu arremesso, um de seus colegas se dirigiu a mim e perguntou:

Pimentinha: “Professora, posso ajudar o Naruto a se posicionar para o arremesso?”

Eu concordei e ele se aventurou na tarefa.

Imagem 4. Aluno auxiliando seu colega durante a execução de um arremesso



Fonte: Elaborada pela autora

Em outro momento, em que foi oportunizado às crianças refletirem sobre suas ações a fim de adequar a prática às suas possibilidades, como orienta a BNCC (BRASIL, 2017) a maioria das crianças precisaram ser auxiliadas, como é pode ser observado no trecho trazido do diário de campo abaixo.

Professora: “Vamos brincar de uma amarelinha diferente, onde vamos aumentando a distância dos saltos?”

Todos concordaram, e já na área externa organizei duas amarelinhas com bambolês, assim conseguiria aumentar a distância gradativamente. Separei a turma em duas filas e fui aumentando as distâncias. A partir do momento que observei que algumas crianças não estavam conseguindo saltar as distâncias propostas, pedi para que se sentassem e disse:

Professora: “Percebi que a distância entre os bambolês está muito grande para alguns de vocês, então agora vou deixar uma das amarelinhas com uma distância maior entre os bambolês e a outra com a distância menor, quem perceber que está com muita dificuldade em saltar a amarelinha com a distância maior, vai para a outra.

A ideia era que eles pudessem perceber e analisar o próprio movimento e procurar a amarelinha que se adequasse melhor à sua condição naquele momento, entretanto não foi o que aconteceu com a maioria. Cerca de 7 alunos estavam com dificuldades, mas apenas 1 ficou na amarelinha com distância menor. Senti a necessidade de parar a atividade novamente.

Professora: “Todos que estão saltando na amarelinha maior estão conseguindo pular dentro dos bambolês ou alguns estão errando?”

Naruto: “Tem um monte de gente errando.”

Pimentinha: “É, só eu fiquei aqui (na amarelinha com distância mais curta).”

Professora: “Vamos combinar assim, quem errar o salto volta para a amarelinha “menor.””

Embora, todos tenham concordado, alguns ainda permaneciam na amarelinha com distância maior, mesmo com muita dificuldade em realizar os saltos. Parei mais uma vez e disse:

Professora: “Eu estou gravando, vocês acham que estão me enganando ou se enganando? Sei quem não está cumprindo o combinado.”

Professora: “Vocês conseguem perceber quando erram?”

Goku: “Sim, quem pisava no bambolê ou fora dele estava errando.”

Pimentinha: “Tinha que pisar dentro do bambolê.”

Professora: “Todos sabiam disso?”

Crianças: “Sim”

Professora: “E por que não seguiram o combinado?”

Pimentinha: “O Spider não estava fazendo certo.”

Professora: “Não quero acusações. Quero que me respondam, por que não seguiam os combinados?”

Ninguém soube se explicar, na sequência tentei sensibilizá-los sobre a importância de perceber seus corpos e suas possibilidades.

Professora: “Pessoal, sempre conversamos em nossas aulas sobre nossas diferenças, não somos e nem precisamos ser iguais a ninguém, mas precisamos perceber como nosso corpo funciona. Se percebo que não sei andar de skate, preciso usar estratégias para aprender, ou seja, vou procurar alguém que me ensine, vou usar equipamentos de segurança, não vou descer uma ladeira, não andarei por vias movimentadas com carros. Se eu não me respeitar e tentar descer uma ladeira em cima de um skate o que provavelmente irá me acontecer?”

Moana: “Você vai cair.”

Pimentinha: “Nossa, vai se arrebentar””

Professora: “Por isso, preciso perceber como meu corpo funciona, como realizo determinado exercício, para pensar em estratégias para melhorar.”

Na sequência, eles voltaram a atividade se adequando a amarelinha mais coerente com suas possibilidades.

Imagem 5. Saltos na amarelinha



Fonte: Elaborada pela professora

Ao estimular a reflexão na ação dos alunos, a construção de conhecimentos deixa de estar focada unicamente no professor para envolver também os alunos. Neste envolvimento, o aluno passa a ser o próprio protagonista no seu processo de aprendizagem, em um movimento de reflexão e autoanálise, assim poderíamos nos aproximar do que nos orienta Freire (1996) que é levar os educandos a assumirem um papel ativo na construção de seu conhecimento.

Cabe ressaltar que esse movimento reflexivo não é fácil de ser alcançado e demanda por cultivo constante. Nas primeiras vezes em que esse recurso é utilizado, nem todos os alunos correspondem, podem ficar aguardando pelas explicações do professor ou precisam de ajuda para lidar com suas dificuldades, tal como observou-se nos excertos de diário apresentados acima, no entanto, ao investir outras vezes nesta mesma estratégia didática, os alunos tendem a se soltar, se posicionar com maior frequência e refletir sobre suas reais possibilidades no momento da ação, permitindo-se tornar cada vez mais protagonistas no seu desenvolvimento.

Vale ressaltar que o exercício da reflexão, muitas vezes é difícil para os adultos, que dirá para as crianças, por isso, é preciso ter paciência e cuidado, deixando tempo para que elas encontrem em si mesmas a coragem de se expressar, pois como nos alerta Cerqueira (2006) cada ser humano possui suas singularidades, com suas experiências de vida, valores, crenças, diante disso, cabe ao professor conhecê-las, respeitá-las e promover situações de aprendizagem com vistas a garantir o construção de conhecimento e da subjetividade.

Ao analisar a dimensão do conhecimento “reflexão sobre a ação” proposta pela BNCC e relacioná-la às dimensões do conteúdo (procedimental, atitudinal e conceitual) sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, Diniz *et al.* (2017) indicam que a reflexão sobre a ação estabelece conexões com os procedimentos pois necessariamente envolve uma ação realizada e ao conteúdo conceitual já que implica um pensamento sistematizado sobre o movimento executado. Acrescentam que esse caminho de refletir sobre suas ações levam ao conceito de feedback que pode ser intrínseco, quando o aluno por si só é capaz mobilizar seu sistema sensorial para analisar seus movimentos ou de outros, ou ainda, o feedback extrínseco, onde aluno faz uso de informações trazidas por outros como seus pares e professores para assim conseguir refletir sobre a ação realizada.

Como pode ser observado nos trechos dos diários trazidos para a análise, no início desta seção, tanto o conceito de feedback intrínseco quanto o de feedback extrínseco foram presenciados nas respostas dos alunos à atividade. Assim, o professor deve estar atento às necessidades individuais de cada criança para dar subsídios através de questionamentos e dicas para que ao longo de seu desenvolvimento elas sejam capazes de analisar e aperfeiçoar suas ações autonomamente (DINIZ *et al.*, 2017).

Como guisa à uma melhor orientação deste processo de cultivo da prática reflexiva é preciso lembrar que em um primeiro momento, as crianças se apropriaram visualmente da forma de execução correta do arremesso e, em seguida deveriam executá-lo, analisá-lo e se necessário levantar hipóteses de aperfeiçoamento do próprio movimento. Cabe ao professor cuidar deste processo didático de mobilização da atividade reflexiva e este processo não se faz sem paciência, cuidado e uma boa dose de amor e compaixão.

7.3 Experimentar para avançar

Quando estava prestes a finalizar o trabalho da Unidade Didática, promovi uma roda de conversa com os alunos acerca do estudo do atletismo com vistas a observar se as dimensões do conhecimento tinham sido contempladas ao longo do trabalho e percebi que muitas das respostas advinham dos momentos de experimentação as quais eles participaram, como veremos nos trechos que serão expostos na sequência.

Ao questioná-los tipos de arremesso de peso perguntei aos alunos: quais foram os tipos de arremesso que vivenciamos nas aulas? Após ouvir a questão, um dos alunos responde:

Robin: “Tem o arremesso na cadeira”

Professora: “Isso mesmo. Quem arremessa na cadeira?”

Robin: “Eu sei. Quem tem problema na perna.”

Pimentinha: “Ou eles quebraram a perna ou nasceram assim.”

Spider: “É cadeirante.”

Arremesso na cadeira? Como assim? Para entender o porquê desta resposta, será preciso esclarecer como se deu o processo educativo envolvendo a prática do arremesso de peso. Quando se adentrou no tema do arremesso de peso adaptado

para diferentes tipos de corpos, foi explicado que os paratletas realizavam essa modalidade sentados em suas cadeiras de roda, então, de maneira adaptada, na escola, dedicou-se um tempo para a experimentação do arremesso na posição sentada em cadeiras.

Imagem 6. Aluno vivenciando o arremesso de peso sentado



Fonte: Elaborada pela autora

Essa experimentação adaptada foi extremamente lúdica para os alunos, de modo que, quando indagados sobre os tipos de arremesso possíveis, geralmente vem à mente o modo como a experimentação se deu na prática. Surge daí a resposta do aluno: “Arremesso na cadeira.”

Essa resposta, que toma o modo como a prática do arremesso se deu como um dado significativo para refletir sobre os tipos de arremesso, revela a importância, para não dizer a centralidade, da experimentação na composição dos sentidos da aprendizagem.

A centralidade da experimentação no avanço das práticas de ensino e aprendizagem talvez ajude a explicar o porquê de darmos tanta importância para o “saber fazer” nas aulas de Educação Física. Sobre este tocante, vale ressaltar que esta pesquisa defendeu desde o início que um trabalho comprometido com um ensino de qualidade na Educação Física escolar deveria ir além do saber fazer, nunca

ignorando a necessidade de ele estar presente nas aulas, uma vez que o corpo em movimento é uma das características fundamentais dessa área.

O “saber fazer” entendido neste estudo é o saber relacionado ao conseguir realizar certas ações de maneira a poder vivenciar os conteúdos relativos à cultura corporal de movimento como jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas e danças. Cabe ressaltar aqui, que esse saber por si só é muito complexo e relevante para a maioria das crianças em idade escolar e não deve deixar de configurar como o ponto principal das aulas.

Entendemos aqui que a dimensão do conhecimento que estaria diretamente relacionada a esse saber fazer é a “experimentação” que de acordo com a BNCC,

refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. (BRASIL, 2017, p. 220).

Vidotti (2020) ao estudar as dimensões do conhecimento salienta que se deve ter cuidado ao abordar a dimensão “experimentação”, pois embora essa dimensão tenha sua relevância na base, alguns temas necessitam de aprofundamento, especialmente aqueles ligados à realidade dos alunos.

Tal posicionamento corrobora com as intenções deste trabalho, todavia no decorrer da realização das atividades, a experimentação, em muitos momentos, foi o ponto chave para que outras dimensões do conhecimento pudessem ser mobilizadas durante o exercício de ensino. Em contrapartida, sem essa preocupação de atravessar as demais dimensões, a simples experimentação poderia se tornar em uma vivência cujos sentidos e significados se centralizariam no ato em si, com limitadas conexões com outros saberes cerceando os alunos de uma educação que os leve a relacionar a aprendizagem das práticas corporais a uma visão mais crítica de mundo.

Para reforçar a ideia da relevância da experimentação na construção do conhecimento, passo a discutir aqui acerca de um outro momento em que fica claro que os alunos tiveram que recorrer às experiências práticas para levantar hipóteses sobre as modalidades estudadas, dando, portanto, novos indícios acerca da importância e da centralidade da experimentação na ampliação dos sentidos daquilo que está sendo apreendido. Quando questionei a turma sobre a possível origem do arremesso de peso deles respondeu:

Cleitinho: “Sabe o vôlei? Pensaram vou fazer igual” (tal resposta pode estar relacionada à aula anterior onde tiveram de arremessar bolas por cima de uma corda).

Essa resposta pode soar um pouco estranha para o leitor, mas ela se deu devido ao seguinte, na aula anterior as crianças tinham vivenciado práticas de arremesso e essa experiência aconteceu de maneira que talvez tenha sugerido a ele que a modalidade arremesso de peso teria se originado a partir do esporte voleibol. Na imagem abaixo, talvez não fique claro, mas há uma corda separando as duas equipes, assim como no voleibol que há uma rede divisória.

Imagem 7. Crianças realizando arremessos por cima de uma corda



Fonte: Elaborada pela autora

Para incentivar o arremesso para o alto, utilizamos uma corda que acabou dando uma característica visual para a prática que, na mente dos alunos, se aproximava da disposição espacial dos esportes de rede, tal como o voleibol. Nota-se, portanto que, além da experimentação, a visualidade que organiza a distribuição espacial de uma prática é amplamente significativa para os alunos, o que atesta a importância da experimentação efetiva daquilo que está sendo ensinado para que o conteúdo que está sendo apreendido, de fato seja incorporado na própria experimentação.

Em outra situação de aprendizagem, a experimentação foi importante para que as crianças fossem capazes de identificar a necessidade do uso de raias nas provas de velocidade. Durante a vivência de uma corrida sem o uso de raias na escola, as crianças se esbarraram e alguns deles caíram no chão. Ao promover uma conversa levando-os a refletirem sobre as ações realizadas na aula, apontaram tal situação como um problema e uma das hipóteses para solucioná-lo foi o uso de marcações no chão de maneira que cada criança se limitasse a um espaço de corrida. Tal situação pode ser observada nos diálogos abaixo.

Professora: “Alguém quer comentar algo sobre a atividade?”

Pimentinha: “Aconteceu um “atropelamento.””

Goku: “Um caiu em cima do outro”

Professora: “Alguém se machucou?”

Crianças: “Não.”

Professora: “O que poderíamos fazer para isso não acontecer mais?”

Simon: “Colocar um risco no chão.”

Cinderela: “Eu sei, colocar algumas linhas e cada um fica na reta de uma linha”

Professora: “Que excelente ideia. Vocês já viram isso em algum lugar?”

Crianças: “Sim”

Cinderela: “Na Olimpíada”

Crianças: “Éééé...”

Fica evidenciado no trecho acima que um problema identificado em uma vivência, juntamente com um momento de reflexão sobre a prática levou os alunos a mobilizarem suas memórias acerca daquilo que já tinham experienciado efetivamente, o que oportunizou a composição de outros saberes a partir daquilo que já tinha sido corporificado.

Essa experiência corporal prévia com a corrida e a queda foi necessária para que outros conhecimentos fossem adquiridos e tivessem sentido para a vida daquelas crianças. Mauss (1974) disserta sobre a relevância de os elementos de uma cultura passar pelo corpo ao tratar daquilo que intitulou de técnicas corporais, ou seja, a forma como cada sociedade/cultura aprende a fazer uso de seu corpo e ressalta que esse processo deveria partir do concreto para o abstrato.

Nota-se que esse diálogo com as experiências vividas é essencial para reforçar as aprendizagens, na medida em que abre caminhos para uma aprendizagem mais ampla e significativa. Segundo Coll *et al.* (1998), a aprendizagem só é significativa quando faz sentido na vida dos educandos, que a ressignificam no sentido

de contextualizá-la ao meio em que vive, de forma a favorecer seu desenvolvimento pessoal e social.

Algo semelhante aconteceu na aula sobre salto em distância. Em sala, o tema foi abordado através de conversas e uso de vídeos que traziam a execução e algumas regras da referida prova e, inclusive, destacavam o limite das tábuas de impulsão para validar ou não o salto. Todavia, quando questionadas algumas crianças usaram lembranças relacionadas à vivência do salto para dar um retorno à questão proposta pela professora.

Imagem 8. Aluna “queimando” o salto



Fonte: Elaborada pela autora

Professora: “Antes do salto, o pé que realiza o impulso deve tocar em qualquer lugar?”

Cleitinho: “Não pode pisar na areia.”

Em outra aula sobre o mesmo tema, onde eu buscava que as crianças trouxessem características do salto em distância, o fato se repetiu.

Moana: “Ah, tem que prestar atenção para não pisar na areia antes de saltar.”

Respostas relacionadas aos momentos de experimentação da prática corporal voltaram a aparecer quando ao tratar das características da prova de arremesso, outro aluno pareceu reportar-se à forma como a prova foi realizada no dia do festival de atletismo e não às explicações e vídeos foram aplicados ao longo do processo.

Professora: “Leite. Se eu disputar uma prova de arremesso de peso com a Moana, como saberemos quem foi a vencedora?”

O aluno Leite, que pouco se manifesta ficou paralisado. E outros disseram que sabiam a resposta, mas insisti que eu gostaria de ouvir a resposta do Leite.

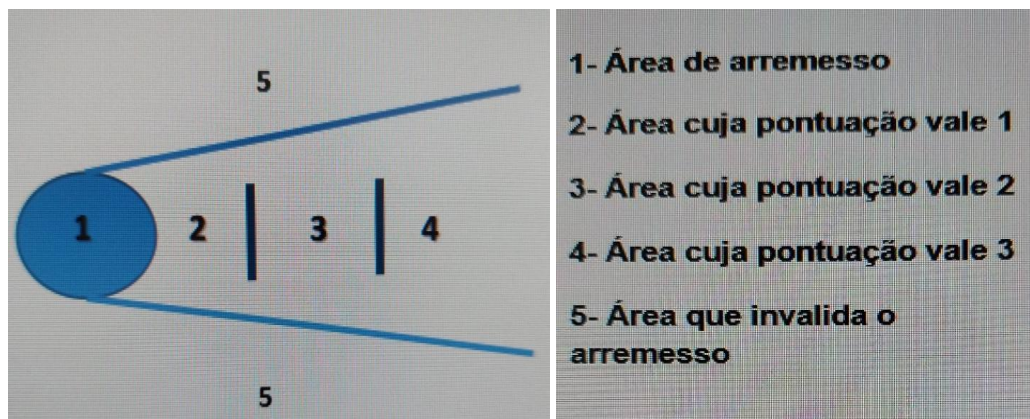
Professora: “Para vencer a prova do arremesso de peso, o que cada competidor deve fazer?”

Leite: “Mais pontos.”

Penso que a resposta relacionada aos pontos estava atrelada à forma que fizemos a disputa no dia do festival.

No dia do festival de atletismo eles realizavam os arremessos e quanto maior a distância dele, maior seria a pontuação, como mostrado no esquema abaixo.

Figura 1. Esquema da prova de arremesso de peso



Fonte: Elaborado pela autora

Imagem 9. Disputa da prova adaptada de arremesso de peso



Fonte: Elaborada pela autora

Em outra ocasião, ao retomar as transformações ocorridas ao longo dos anos nas diferentes provas do atletismo, novamente uma situação realizada na prática vem à tona durante o diálogo.

Naruto: “É mudam, antes ganhavam coroa de folhas, agora ganham troféu e medalha.”

Além do termo “coroas de folhas” e não coroa de louros, o que me faz acreditar que a fala deste aluno se relacionava à uma vivência prática, pois essa informação além de ser comentada em sala de aula, também foi trabalhada através de uma corrida com características de provas realizadas nos primeiros Jogos Olímpicos, onde só era permitida a participação masculina e o vencedor receberia uma coroa de “louros” (na verdade folhas de uma árvore da escola), pois foi justamente a criança que deu a resposta acima quem venceu a corrida e esse fato parece ter sido relevante para ele já que no dia seguinte ele retornou à escola com a coroa de folhas, agora ressecadas, na cabeça.

Imagem 10. Aluno vencedor da corrida estádio com sua coroa de “louros”



Fonte: Elaborada pela autora

As falas e situações apontadas anteriormente me fazem suspeitar que a dimensão do conhecimento “experimentação” pode ser relevante não apenas para aprender técnicas e táticas, mas pode ser uma forma prazerosa de se acessar a

aprendizagem de conceitos. No entanto, para isso se efetivar é necessário contextualizar o tema estudado, pois se a prática se limitar a ela mesma, um aluno poderá confundir uma adaptação de atividade com a regra de uma prova ou modalidade esportiva tal como foi citado em um dos exemplos apontados em relação ao salto em distância.

Professora: “Antes do salto, o pé que realiza o impulso deve tocar em qualquer lugar?”

Cleitinho: “Não pode pisar na areia.”

Possivelmente, mais alunos aprenderam conceitos durante o momento das vivências, mas não se manifestaram durante as rodas de conversa, outros, entretanto aprenderam com o uso de vídeos e pelos diálogos que tivemos ao longo de todos o processo, assim, deve-se considerar todas as possibilidades e formas de apresentação dos conteúdos a serem ensinados.

Cabe ressaltar que é possível planejar atividades práticas, usando inclusive jogos e brincadeiras para a aprendizagem de conceitos históricos e culturais, não sendo necessário limitar-se apenas à extensas situações didáticas com explanações, ou leituras, como defende Ginciene ao propor um trabalho do atletismo abordando na perspectiva histórica.

A ideia do ensino do atletismo na perspectiva histórica é fazer os alunos compreenderem a história dessa modalidade, assim como as mudanças pelas quais as provas do atletismo passaram no decorrer dos anos utilizando, para isso, jogos e brincadeiras. (GINCIENE, 2016, p. 81).

Além dos demais fatores já colocados aqui para defender a natureza experiencial das aulas de Educação Física, talvez aquele que mais deveria ser considerado é o fato de a criança desejar estar em movimento, pelo prazer que colocar o corpo em ação provoca nos escolares, especialmente naqueles da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (grupo alvo deste trabalho).

Em uma conversa acerca da fruição de um vídeo, que eles apontavam ter gostado, ao final foram questionados:

Professora: “É mais divertido praticar ou assistir?”

Crianças: “Praticar.”

Com base ao que foi exposto sobre a experimentação aqui defende-se que ela é de extrema relevância para as crianças e exatamente por isso pode levar a outras dimensões do conhecimento. Ressalta-se a importância de um planejamento de ações que promovam o diálogo do momento de experimentação com outras dimensões do conhecimento, todavia, a partir da discussão da experimentação os próprios alunos podem trazer questionamentos sobre o que foi realizado e levantar hipóteses de soluções possíveis para resolver os problemas observados.

7.4 O esporte além da escola

Ao iniciarmos nosso trabalho com o tema atletismo, foi possível observar que a maioria das crianças não o conheciam em sua forma sistematizada, como pode ser visto nos trechos abaixo:

Iniciei a aula explicando que daríamos início ao estudo do atletismo e questionei a turma se eles sabiam o que era o atletismo, pois eu anotaria as respostas na lousa. Inicialmente, ocorreu um breve silêncio e encorajei-os a falar, já que naquele momento eu só queria acessar os conhecimentos deles sobre o assunto. Na sequência, alguns alunos se arriscaram:

Cleitinho: “Pessoa atlética”

Pimentinha: “Fazer esporte.”

Após a constatação que, somente a palavra atletismo, trazia poucas referências para eles. Dei mais elementos a eles para que respondessem à pergunta inicial. Expliquei que o atletismo era uma modalidade esportiva constituídas por provas que envolviam saltos, corridas e arremessos, sendo que seus objetivos estavam relacionados em saltar mais distante ou mais alto, correr mais rápido que os demais concorrente e arremessar ou lançar o mais longe possível. Após tais definições, as crianças avançaram nas respostas:

Naruto: “Prova de corrida”

Pimentinha: “Arremesso de saquinho”

Cleitinho: “Corrida com uns “parkour” no meio do caminho (tipo placa)

Lady bug: “Salto no trampolim”

De acordo com o que demonstra o excerto acima a palavra atletismo, naquele momento pouco significava à maioria dos alunos, entre aqueles que se arriscaram a responder, alguns até trouxeram elementos relativos à modalidade, observe que o aluno “Naruto” trouxe uma resposta bem genérica, uma vez que eu já tinha citado a relação do atletismo com as corridas e “Cleitininho”, parece fazer referência a alguma corrida com obstáculos, mas relacionou-as com o parkour que aparece nos games

que eles acessam pelo celular, isto é sabido pois muitos deles já haviam citado o parkour em outros momentos e quando questionados se referem aos jogos virtuais.

Naruto: "Prova de corrida"

Cleitinho: "Corrida com uns "parkour" no meio do caminho (tipo placa)"

Após o uso de vídeos e imagens eles passam a reconhecer a modalidade atletismo, mas não eram capazes de identificar algumas características do esporte de alto nível, exigências técnicas, físicas, seleção dos mais aptos, acredita-se que isso ocorra porque até então a experiência pessoal deles com o esporte estava relacionada aos valores que o mesmo carrega dentro do ambiente escolar, já que em suas respostas haviam elementos relacionados a participação de todos e sem especificações de corpos que podem ou não realizar determinada atividade.

Iniciei a aula questionando a turma sobre as características físicas de um atleta de arremesso de peso, porém a turma não soube responder. Tentei auxiliá-los:

Professora: "Um especialista em arremesso de peso é uma pessoa bem magrinha ou uma pessoa mais musculosa e/ou mais pesada?"

Cyborg: "Todo mundo poder participar."

Professora: "Realmente, todas as pessoas podem participar. Mas neste momento estamos falando dos atletas, aqueles que participam de grandes competições, que são os melhores de seu país no arremesso. Vamos observar alguns atletas."

Percebi que ou as crianças não possuíam essa concepção de corpo de um atleta profissional de arremesso de peso ou já foram tão influenciadas pelo discurso que todos podem e devem realizar as atividades que optaram por uma resposta mais inclusiva.

Na sequência mostrei algumas imagens de alguns dos principais atletas de arremesso de peso no mundo na atualidade.

Professora: "E agora, após a visualização das imagens, como normalmente é o corpo de um atleta no arremesso de peso na atualidade?"

Cinderela: "São musculosos."

Cyborg: "São gordos também."

Moana: "São fortes e grandes."

Professora: "Será que sempre foi assim? Será que os principais atletas do mundo do arremesso de peso sempre foram musculosos e com peso corporal elevado?"

Pimentinha: "Acho que eram fortões."

As respostas dos alunos me fizeram constatar que a ideia de atletismo construída por eles se limitava às vivências realizadas na escola e, que eles ainda não tinham acessado esse esporte por outras fontes seja através da vivência fora da escola e/ou por meio das mídias.

De acordo com a BNCC, “a unidade temática Esportes reúne tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas” (BRASIL, 2017, p. 215). As manifestações formais estariam ligadas ao esporte institucionalizado que recebe grande atenção da mídia, caracterizado pela disputa entre pessoas, duplas e/ou equipes, com regras fixadas por instituições ligadas à cada modalidade. Entretanto, para além do nível competitivo ele também é usufruído por outros grupos que podem lhe atribuir significados diferentes ligados por exemplo ao lazer, educação, saúde, estética, e, nestes contextos ele não necessitaria seguir as regras formais, que por sua vez, poderiam ser adaptadas às características e necessidades do grupo que o pratica, ao espaço e material disponível (BRASIL, 2017).

Assim reforçamos a pertinência de que a criança vivencie o esporte na escola com regras adaptadas ao contexto educativo, ao grupo, ao espaço e aos materiais disponíveis, todavia é necessário que ela também conheça o esporte de alto nível e suas características, bem como a sua relação com a sociedade em que vivem.

Além disso, se o esporte é entendido como um conteúdo da cultura corporal do movimento, que foi construído e sofreu modificações ao longo da história, faz-se necessário que a criança reconheça que ele se manifesta de formas diferentes em contextos diferentes do escolar, inclusive na sua forma mais difundida que é o rendimento, para assim ter condições de fazer uma reflexão crítica sobre o assunto.

Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria (SOARES *et al.*, 2009, p. 70).

Nesse sentido, entendo que as dimensões do conhecimento contribuem para este fim são a **compreensão e análise**, onde a primeira busca esclarecer o lugar das práticas corporais no mundo em diferentes épocas, tal conhecimento estaria ligado às questões éticas e estéticas da sociedade que o produziu e o transformou, já em relação à análise seriam os conhecimentos que levariam os alunos a compreenderem o funcionamento e características de determinada manifestação da cultura corporal do movimento (BRASIL, 2017).

Na sequência das atividades, depois de inúmeras intervenções com vistas a ampliar a visão das crianças acerca do atletismo, elas foram aos poucos

reconhecendo algumas características do esporte de rendimento, bem como sua história e relação com o mundo.

Professora: “Vocês sabiam que hoje, além de auxiliar os atletas no momento da saída, os blocos de partida também possuem sensores que acusam o atleta que saiu antes do sinal do árbitro?”

Pimentinha: “Isso é bom, porque assim ninguém pode roubar.”

Professora: “Todos concordam que a tecnologia trouxe boas mudanças para o momento de saída das corridas?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Vocês se lembram quais as mudanças ocorridas na saída da corrida ao longo do tempo? Como era antes?”

Goku: “Todo mundo saía em pé”

Professora: “E logo depois?”

Pimentinha: “As pessoas cavavam buraco no chão para ajudar na corrida.”

Professora: “E como é hoje?”

Pimentinha: “Hoje tem o bloco de saída.”

Professora: “Isso, bloco de partida. Vocês percebem que o esporte e o mundo ficam sempre iguais ou as coisas mudam com o tempo?”

Cleitinho: “As coisas mudam, como mudou o bloco de partida.”

Naruto: “É mudam, antes ganhavam coroa de folhas, agora ganham troféu e medalha.”

Spider: “Ganham até dinheiro.”

Professora: “Então no futuro, será que haverá mudanças.”

Pimentinha: “Acho que sim.”

Goku: “Tem até quem corre com perna biônica.”

Professora: “Sim Goku, essa tecnologia ajuda quem tem algum problema físico, e no passado isso não era possível.”

Em outro momento ele demonstraram reconhecer características das provas de corrida.

Professora: “Se fôssemos disputar uma corrida, como seria? Cada um sai no momento que quiser.”

Crianças: “Não.”

Robin: “Tem que esperar dar o sinal.”

Moana: “Tem que correr todo mundo junto”

Professora: “Tem que correr todo mundo junto, ou sair todo mundo junto?”

Moana: “Sair. Na hora que começa a correr, tem que ser junto”

Professora: “Isso. E como sai? Em que posição? Em pé? Sentado?”

Robin: “Em pé.”

Goku: “Tem que esperar dar a largada.”

Professora: “Mas como é a posição do corpo?”

Muitos deles demonstraram corporalmente a posição de saída no bloco de partida.

Leite: “E tem que colocar o pé no bloco de saída”

Professora: “Isso mesmo. E quando não tinha o bloco de saída, como faziam?”

Leite: “Eles cavavam um buraquinho no chão ou só saiam abaixados mesmo.”

Ao proporcionar um momento para que os alunos trouxessem o que mais chamou a atenção em alguns vídeos assistidos sobre as corridas de revezamento em

provas oficiais eles apontaram algumas peculiaridades das provas e atletas de rendimento e o caráter de espetáculo proporcionado pelo esporte de alto nível.

Professora: “Gostaram dos vídeos que assistiram?”
Crianças: “Sim”
Professora: “O que chamou mais atenção?”
Wandinha: “O lugar é bem legal, é grande”
Pimentinha: “Os atletas são bem fortes e rápidos”
Cyborg: “Cada um fica em uma risca”
Moana: “Tinha bastante gente assistindo”
Joaninha: “Verdade, tinha muita gente”

Sobre a inserção de pessoas com deficiência em competições esportivas os alunos assim se manifestaram:

Professora: “Observamos que a participação de pessoas com deficiência em esportes demorou a acontecer. No início dos Jogos Olímpicos, as pessoas que tinham deficiência podiam ou não participar?”
Crianças: “Não.”
Professora: “O que vocês pensam sobre isso?”
Cyborg: “É injusto também.”
Professora: “E se nós recebêssemos um aluno ou aluna em nossa turma, que apresentasse alguma dificuldade em participar das aulas de Educação Física, por exemplo, se a criança não pudesse andar, o que deveríamos fazer?”
Crianças: “Ajudar.”
Professora: “De que forma?”
Lady bug: “É, segurando assim ó.” Demonstrou segurar a mão de uma criança.
Professora: “E se ela usasse uma cadeira de rodas.”
Cyborg: “Aí tinha que empurrar.”
Professora: “E se fosse uma criança que não pudesse enxergar?”
Goku: “Nós teríamos que guiar ela.”
Professora: “Por que faríamos isso?”
Pimentinha: “Para ela poder brincar.”
Bailarina: “Não pode deixar sem participar”
Professora: “Ela tem direito de fazer a aula ou não.”
Pimentinha: “Tem direito sim.”

Embora as crianças ainda tenham dificuldades de argumentar em relação aos seus posicionamentos, já se manifestam em desacordo com condições pelas quais alguns grupos passaram ao longo do tempo e reconhecem o direito de acesso às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento por aqueles que assim desejarem.

Soares *et al.* (2009) aponta que ao estudar o esporte na escola há de se cultivar saberes que permitam aos alunos criticá-lo dentro de um contexto socioeconômico-político-cultural e entendê-lo como uma manifestação que deve ser acessível a todos os cidadãos.

Como alternativa ao trato do esporte na escola que vá além da reprodução dos valores do esporte de alto nível como exclusão, comparação de rendimentos, foco nos resultados, Vago propõe,

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte (VAGO, 1996, p. 12).

No contexto estudado, para poder questionar e criticar algumas características do esporte de rendimento foi necessário a esse grupo específico conhecê-lo, uma vez que ainda estão no processo de escolarização e a experiência que a maioria deles tinha relacionada às diferentes práticas corporais estavam relacionadas ao ambiente escolar, que privilegia a participação de todos e a inclusão.

Dessa forma, defendemos que o esporte praticado dentro do ambiente escolar deva ser realizado com valores educativos e inclusivos, porém isso não exclui a necessidade de se conhecer e discutir os sentidos e significados atrelados a ele em outros contextos, especialmente naquele que é mais difundido pelas grandes mídias, ou seja, o esporte de alto rendimento.

7.5 Uso e apropriação

Uma das preocupações que tive ao desenvolver a UD sobre atletismo a partir das oito dimensões do conhecimento na BNCC foi criar condições para que os alunos pudessem aplicar os conhecimentos obtidos ao longo das aulas para situações da vida. Neste sentido, por vezes os questionei quanto à possibilidade de usarem os conhecimentos advindos do estudo do atletismo em outros momentos, fora do contexto escolar, e normalmente eles diziam que sim. Como pode ser observado nos trechos dos diários trazidos abaixo:

Professora: “Será que dá para brincar de arremessar em casa?”

Crianças: “Sim.”

Naruto: “Vou chamar meu irmão para brincar comigo.”

Pimentinha: “E eu vou pedir para meu vô brincar. Ai a gente usa a bola que eu fiz.” (Bola adaptada para arremesso de peso, confeccionada com sacola e areia, que foi solicitada como dever de casa).

Goku: “Vou pedir para a minha mãe fazer a bola comigo, aí a gente brinca também.”

Professora: “Que ótima ideia, aproveitem o vídeo que enviei para seus pais, que traz dicas para a confecção de uma bola adaptada”.

Em outro momento, quando finalizava a aula sobre salto à distância, alguns alunos apontaram a possibilidade de realizá-lo em casa.

Professora: “Após finalizado o salto, ou seja, quando a pessoa cair na areia, ela pode voltar para trás ou tem que sair da caixa andando para frente?”

Goku: “Tem que ir para frente.”

Professora: “Isso mesmo, porque o juiz irá contar a primeira marca do seu corpo no chão, se voltar para trás seu salto terá uma distância menor. Se um dia vocês quiserem praticar o salto em distância ou se estiverem assistindo alguém saltando, deverão ficar atentos a esses detalhes.”

Professora: “Vocês acham que vão fazer ou assistir o salto em distância fora da escola algum dia?”

Moana: “Acho que sim”.

Robin: “O Goku é bom, acho que ele pode treinar e ser campeão”.

Professora: “Mas só pode treinar ou realizar o salto, quem consegue saltar bem, ou pode-se saltar com outros objetivos, como se divertir por exemplo?”

Cinderela: “Todo mundo pode brincar e se divertir saltando”.

Goku: “É, dá para brincar de saltar”.

Professora: “Como vocês brincariam de saltar?”

Cleitinho: “É só pegar duas cordas e saltar, sem pisar dentro.”

Moana: “Dá para fazer riscos no chão também.”

Robin: “Lá em casa tem uma parte com areia, acho que vou brincar de saltar lá.”

Professora: “Excelentes ideias. No momento da aterrissagem no chão, o ideal é colocar as mãos para trás, ou jogar o corpo para frente?”

Crianças: “Jogar o corpo para frente.”

Professora: “Por que?”

Pimentinha: “Por que senão, perde ponto.”

Professora: “Na verdade, o salto será considerado menor, por que a distância será considerada da área de salto, que no nosso caso era a primeira corda e nos vídeos era a tábua de impulsão, e a primeira marcação do seu corpo que estiver aparecendo no chão.”

Essa preocupação em aproximar os conteúdos aprendidos com o exercício da existência é amplamente evidenciado na dimensão do conhecimento intitulada na BNCC de “uso e apropriação.” Esta dimensão, refere-se ao saber que o aluno adquiri sobre determinada prática corporal de forma tal que ele tenha autonomia para usá-la nas aulas e em outros contextos e espaços (BRASIL, 2017).

Na leitura de Vidotti (2020), o uso e apropriação dos conhecimentos alcança o nível dos saberes corporais que oportunizam que os alunos aprofundem os conhecimentos de forma a torná-los parte da própria corporeidade daquele que os

aprende. Para o autor, este nível de apropriação dos conhecimentos, não se refere ao emprego de técnicas e táticas em nível profissional, mas sim, permite que os alunos se tornem capazes de desfrutar de seus saberes corporais fora do ambiente escolar, de maneira simples e ou recreativa.

No caso específico deste trabalho, com crianças de 7 e 8 anos de idade, não havia a intenção de que em pouco tempo de estudo, os alunos dominassem as técnicas e táticas do atletismo para usá-lo em outros contextos, todavia, como muitas brincadeiras foram usadas durante o processo, esperava-se que algumas delas tivessem sido significativas ao ponto de serem utilizadas em outros momentos de suas vidas.

Já em processo de avaliação da UD, planejei uma roda de conversa com vistas a observar o quanto as dimensões do conhecimento tinham sido ou não contempladas, no que diz respeito ao uso dos saberes acessados em aula em outros contextos de suas vidas, algumas crianças disseram não ter usado, enquanto outras trouxeram as formas como as atividades aprendidas na escola foram utilizadas para além deste espaço. O excerto abaixo traz alguns indicativos nesta direção:

Professora: “Estou curiosa para saber se, dentre as atividades que aprendemos aqui na escola, ou seja, o salto em distância, as corridas, o revezamento e o arremesso de peso, vocês ensinaram alguma delas aos seus amigos, ou irmãos ou pais?”

Alguns disseram não, outros começaram a explicar.

Lady bug: “Eu brinquei de corrida com minha irmã.”

Robin: “Eu também.”

Cyborg: “Eu também, com meu irmão, de corrida.”

Naruto: “Eu risquei o chão com giz na casa da minha vó e meus primos vieram e a gente apostou uma corrida.”

Professora: “O que você riscou no chão? As raias?”

Naruto: “É.”

Cleitinho: “Eu dei uns pulos, fui marcando no chão até onde conseguia pular.”

Professora: “Você observou se aumentava a distância do seu salto?”

Cleitinho: “É, eu marcava com um giz.”

Moana: “Eu, meu irmão e minha irmã, a gente apostou corrida e eu ganhei deles também.”

Pimentinha: “Eu brinquei com meu vô. A gente arremessou a bola para ver quem jogava mais longe.”

Spider: “Eu brinquei de bola de peso com meu pai também.”

Cinderela: “Eu corri com meu irmão. A gente apostou corrida em casa e saltamos também para ver quem pulava mais longe.”

Os indicativos relacionados ao uso autônomo dos conhecimentos sobre o atletismo adquiridos nas aulas de Educação Física, ou seja, as informações que apontavam se a dimensão do conhecimento “uso e apropriação” foi contemplada

neste trabalho, se deu exclusivamente através de relatos trazidos pelos alunos quando questionados a respeito.

E foi justamente esses relatos que impulsionaram a composição das escritas diarísticas utilizadas ao longo do trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa. Tais escritas, em última análise, proporcionaram a composição de narrativas, por meio das quais foi possível não medir, mas compor os movimentos singulares das dimensões do conhecimento que proporcionaram, como efeito, o uso e a apropriação dos conhecimentos acerca do atletismo pelos alunos.

Através de suas narrativas, as crianças que afirmaram ter feito uso do atletismo ou de brincadeiras relacionadas a eles em sua vida extraescolar até o momento da discussão, parecem ter sido capazes de apropriar-se, ainda que de maneira simples, dos conhecimentos estudados na Educação Física de forma que conseguiram usá-los em seus momentos de lazer sozinhos ou junto aos seus familiares.

Os demais podem não ter se manifestado no dia da conversa, ou ainda não ter tido oportunidades de usar o atletismo no seu cotidiano, ou o tema não pode não ter sido significativo para eles, e até mesmo não ter tido com quem compartilhar esses conhecimentos (com quem brincar). É preciso considerar as singularidades de cada criança, ser capaz de fazer algo não implica necessariamente querer fazer ou ter com quem fazer ou tempo para isso.

7.6 Protagonismo comunitário

Para começar as discussões acerca desta dimensão do conhecimento, trago aqui reflexões sobre uma atividade realizada durante o desenvolvimento da UD, na qual foi possível levantar questionamentos junto aos alunos sobre as possibilidades que os diferentes grupos e em especial a comunidade onde eles vivem têm de acessar uma determinada prática corporal, bem como reconhecer-se como um cidadão de direitos, que pode atuar de forma a agir ou cobrar do poder público o acesso a essa prática.

Tal atividade propunha a composição coletiva de uma carta que deveria ser endereçada para o prefeito da cidade de Limeira à época “Mário Celso Botion.” O propósito central desta carta era cobrar dos órgãos governamentais competentes os

direitos dos alunos ao acesso amplo e irrestrito da prática do atletismo dentro da comunidade. Desta maneira, os alunos foram acossados a pensar que, como cidadãos, eles também têm direito, não só ao atletismo, mas também ao acesso de toda e qualquer prática corporal, no entanto, como é sabido, embora seja um direito, este nem sempre é uma realidade da nossa população, tampouco das crianças deste grupo que vive longe da área urbana.

No caso dos alunos da escola na qual esta pesquisa está sendo realizada, é sabido que tais crianças são moradoras da zona rural de Limeira. A escola onde estudam apesar das reformas que recebeu ao longo do tempo, ainda não conta com um espaço adequado para as aulas de Educação Física e para acessarem serviços públicos de acesso à esporte e lazer precisam se deslocar por cerca de 10 km, isso se for considerado o endereço da escola, já que essa distância para algumas crianças pode ser bem maior.

Diante desse quadro, quando viram a infraestrutura do Centro Esportivo do SESI muitos deles ficaram maravilhados, como pode ser observado no trecho do diário a seguir.

Chegando ao Centro Esportivo do SESI Limeira, pedi a autorização para apresentar todas as instalações do local, uma vez que muitos deles sequer conheciam uma quadra poliesportiva, já que nossa Unidade Escolar não possui essa estrutura física. Ficaram muito impressionados com o tamanho e pela conservação do espaço e desejosos de desfrutar da infraestrutura, sabendo que o local era usado pelos alunos da escola SESI localizada no mesmo endereço uma menina comentou:

Cinderela: Vou pedir para minha mãe me matricular aqui.

Comentei que as vagas eram reservadas para filhos de industriários e que nos anos iniciais do ensino fundamental era muito difícil de conseguir vaga, mas que a família poderia pagar uma mensalidade e usar as dependências do clube e suas aulas.

Cinderela: “Xi, tem que pagar? Deixa quieto, minha mãe não tem dinheiro.” Aquele comentário foi muito significativo para mim, sabendo que o esporte e o lazer é um direito de todo cidadão, especialmente das crianças, como se conformar com a falta de acesso à infraestrutura e aulas específicas de algum esporte, para além da educação física escolar, somente pelo fato de estas crianças morarem na zona rural e não terem condições financeiras para pagar os serviços privados e até mesmo não terem condições de transportar-se aos serviços públicos?

A sensação de angústia a que fui acometida reforçou a necessidade de discutir com eles o direito ao esporte e ao lazer que naquele momento não estava lhes sendo oferecido. Sabia que precisaria retomar o assunto em outra situação e assim o fiz em

uma roda de conversa sobre o todo o processo de desenvolvimento da unidade didática.

*Em relação à dimensão do **protagonismo comunitário** me preocupei em sensibilizá-los sobre os direitos que eles possuem e que muitas vezes não são atendidos pelo Estado e ressaltar que enquanto cidadãos eles podem e devem requerer que tais direitos sejam respeitados.*

Professora: “Vocês se lembram que no dia 30 realizamos nossa visita no SESI? O que chamou a atenção de vocês naquele espaço? O que vocês observaram?”

Lady bug: “A corrida”

Professora: “E o vocês viram que tinha lá e que vocês gostariam de fazer?”

Pimentinha: “Basquete”

Cyborg: “Futebol.”

Moana: “Corrida de piscina”

Crianças: “Natação.”

Goku: “Atletismo.”

Professora: “Aqui no sítio tem algum local que vocês possam fazer isso?”

Crianças: “Não.”

Professora: “Vocês sabiam que vocês têm direito?”

Cyborg: “Ohhh!”

Cleitinho: “A quê?”

Professora: “Vocês têm direito a prática de esportes. Vou ler para vocês um trecho de uma lei antiga, chama-se “Estatuto da Criança e do Adolescente” ouçam: “Art. 71. A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.” Aqui no sítio vocês tem essas oportunidades?”

Crianças: “Não.”

Professora: “Vocês acham que esse direito deveria ser respeitado ou não?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Que tal escrevermos uma carta ao prefeito comunicando-o que precisamos de um espaço e condições adequadas para a prática do esporte aqui na área rural?”

Cleitinho: “Ele não ia resolver nada.”

Percebe-se um descrédito por parte de um aluno nas forças atreladas ao poder público, o que reforça a necessidade de já nos anos escolares iniciais trazer para a escola o debate sobre cidadania e sobre os direitos sociais.

Ao se envolver com questões políticas e jurídicas, a prática educativa traz para o contexto das aulas a dimensão do protagonismo comunitário. Segundo a BNCC essa dimensão está relacionada aos conhecimentos que proporcione aos alunos condições para atuarem

de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração,

entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo. (BRASIL, 2017, p. 222).

A discussão sobre seus direitos foi realizada em aula e a carta foi escrita sob minha orientação, entretanto a mesma, até o presente momento não chegou às mãos do poder público e isso se deu por vários fatores. O primeiro deles, foi o processo eleitoral acirrado a qual o país passava naquele momento que fez com que a direção da escola fosse orientada a adiar a ação, tempos depois, havia um problema com o transporte escolar para que os alunos pudessem ir até o prefeito. No momento atual, ao saber a existência da carta, uma vereadora da cidade, convidou as crianças para visitarem a Câmara Municipal e entregá-la à Comissão de Educação, porém a visita ainda não foi marcada.

Infelizmente, algumas ações que à primeira vista parecem simples, não são tão fáceis de serem executadas, especialmente aquelas que envolvem o uso de recursos e outros atores além dos alunos e professora.

Deste modo, neste trabalho, as ações que levaram à discussão sobre o protagonismo comunitário deram início quando os alunos perceberam que a alguns grupos são oferecidas condições de acesso ao esporte, enquanto para eles estas oportunidades não são proporcionadas, e isso se deu através da visita ao Centro Esportivo SESI.

Aquele grupo, até a data da visita, nunca tinha pensado sobre as condições limitantes de acesso ao esporte que eles vivenciavam já que a maioria deles não conhecia outra realidade. Entendo aqui, que não há como desejar algo e atuar para conquistá-lo quando não se sabe da existência.

Outro fator, foi o acesso à informação do artigo 71 do Estatuto da Criança e Adolescente de que os esportes e outras opções de lazer deveriam ser ofertadas a todas as crianças e adolescentes, direito este que não estava sendo respeitado em relação àquelas crianças (BRASIL, 1990). Diante dessa situação, foi discutida a possibilidade que cobrar o poder público através de uma carta endereçada ao Prefeito, que lamentavelmente ainda foi entregue.

De qualquer forma, considerando, que a faixa etária dos alunos participantes desta pesquisa era de 7 a 8 anos pode-se que dizer que ter condições para atuar como protagonista em uma ação com vistas a garantir o acesso às práticas corporais num contexto que extrapole a sala de aula é um objetivo bem difícil de ser atingido.

No entanto, acredita-se aqui na relevância em iniciar um movimento no qual a criança conheça seus direitos, verifique se estes lhes estão sendo garantidos e reflita sobre a importância de cobrar e agir no sentido de garantir o cumprimento da lei e, no caso específico das aulas de Educação Física, democratizar o acesso às práticas corporais.

Além disso, ao tratar da dimensão do conhecimento reflexão sobre a ação, Vidotti (2020, p. 130) sugere que “apesar de não ser uma obrigação, consideramos estimular saberes e ações próprias da Reflexão Sobre a Ação, uma boa estratégia para desenvolver conhecimentos relacionados ao Protagonismo Comunitário.” Dessa forma, ao refletirem sobre as possibilidades de adequarem as práticas às condições do grupo pode ser uma estratégia de iniciarem um movimento questionador e ativo em relação ao direito de todos às práticas corporais.

7.7 O trabalho concomitante das dimensões do conhecimento

Essa seção de análise partiu da minha observação sobre o quanto o trabalho síncrono das dimensões do conhecimento pode contribuir para uma prática educativa comprometida com uma aprendizagem que faça sentido na vida dos alunos e que colabore com a formação de um sujeito mais amplo, valorizando o conhecimento científico e as questões éticas e subjetivas de cada ser e da sociedade.

Assim, na UD planejada e implementada neste estudo quase todas as situações didáticas previam o trabalho com mais de uma dimensão do conhecimento. Nesta seção de análise trarei algumas delas onde acredito que o trabalho conjugado enriqueceu consideravelmente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A primeira situação que trarei para essa categoria de análise, refere-se à uma aula planejada visando a compreensão e reflexão por parte das crianças que em determinados momentos da História corpos que não se encaixavam em um padrão pré-determinado foram excluídos de algumas provas do atletismo e que com o passar do tempo a ideia de corpo atlético foi se modificando. Para auxiliá-los neste processo transitei pelas dimensões do conhecimento **fruição, construção de valores e compreensão**.

Ao iniciar os diálogos foi possível constatar que embora as habilidades motoras usadas no atletismo fossem muito presentes no cotidiano dos alunos, o esporte

sistematizado e mais especificamente as características do esporte de alto nível não faziam parte do universo daquele grupo especificamente. Quando tentavam contribuir com a discussão traziam elementos já trabalhados na escola em outros momentos como o direito de todos participarem das aulas, como pode ser visto no trecho abaixo:

Iniciei a aula questionando a turma sobre as características físicas de um atleta de arremesso de peso, porém a turma não soube responder. Tentei auxiliá-los:

Professora: “Um especialista em arremesso de peso é uma pessoa bem magrinha ou uma pessoa mais musculosa e/ou mais pesada?”

Cyborg: “Todo mundo poder participar.”

Percebam, que aquele grupo que já tinha vivenciado o arremesso de peso nas aulas de Educação Física não havia criado ainda um conceito de que é preciso ter algumas características físicas específicas para se destacar nesta modalidade. Isso é totalmente coerente com a experiência que tinham tido até então, já que todos realizaram os arremessos sem nenhuma cobrança relativa à comparação de resultados. Diante deste contexto, foi necessário a apreciação de algumas imagens para que eles conseguissem responder ao questionamento acerca das características da maioria dos atletas do arremesso de peso de alto nível na atualidade. Como será retratado no trecho do diário de campo abaixo:

Na sequência mostrei algumas imagens de alguns dos principais atletas de arremesso de peso no mundo na atualidade.

Professora: “E agora, após a visualização das imagens, como normalmente é o corpo de um atleta no arremesso de peso na atualidade?”

Cinderela: “São musculosos.”

Cyborg: “São gordos também.”

Moana: “São fortões e grandes.”

Na sequência, para fins de comparação, analisamos algumas imagens de atletas de alto nível do atletismo nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924, os alunos conseguiram perceber que no passado os corpos nas diferentes provas eram parecidos e, em contrapartida na atualidade cada prova pede um biotipo específico. Quando questionados se imaginavam os motivos da mudança eles retomaram à lógica do esporte como um direito de todos, não atentando-se que no alto nível o esporte segue uma outra lógica de hiper competitividade e exclusão.

Professora: “Por que no passado, o campeão do arremesso de peso tinha um corpo mais magro?”

*As crianças não conseguiram justificar e diante disso expliquei que no passado que havia um ideal de corpo atlético, ideal para a prática de qualquer tipo de esporte. Assim, corpos que não se encaixavam naquele padrão eram considerados inadequados para a prática esportiva de alto nível.
Pimentinha: “Mas tá errado isso, todos tem o direito de participar.”*

Nessa primeira ação, buscando compreender as mudanças as quais passou o esporte de alto nível ao longo da sua evolução, a fruição de imagens permitiu que os alunos percebessem que no passado as características físicas dos atletas eram diferentes da atualidade, identificassem a existência de padrões corporais e questioná-los, todavia, naquele momento ainda parecia não estar claro para eles que no esporte de alto nível não se segue a lógica escolar que privilegia a participação de todos.

Ao longo das aulas, fui percebendo que a dimensão do conhecimento fruição além de possibilitar a apreciação estética das práticas corporais poderia contribuir significativamente para o trabalho com outras dimensões do conhecimento especialmente a análise e compreensão.

Nesse processo observei que a apreciação de vídeos parecia ser mais eficiente para que eles visualizassem e compreendessem a configuração do esporte atletismo, assim o uso desse recurso passou a ser utilizado com maior frequência nas aulas. Moran (1997) enfatiza que a internet pode ser utilizada como um importante meio de divulgação e troca de conhecimentos, além de disponibilizar diferentes recursos pedagógicos como sons, vídeos, textos e imagens que podem ser utilizadas em aulas para enriquecer o processo pedagógico.

Em outro momento, a tratar das características da prova de revezamento, já atenta aos benefícios de trabalhar diferentes dimensões do conhecimento de maneira concomitante e da eficiência do uso de vídeos já havia planejado uma sequência pedagógica envolvendo as dimensões de **experimentação, análise e fruição**, para isto estava previsto rodas de conversa, vivência prática e uso de recursos audiovisuais, todavia já no início da atividade, surgiu a oportunidade de acessar um vídeo citado por um aluno acerca das corridas de revezamento.

*Professora: “Até hoje vivenciamos o arremesso de peso e a corrida, nessas provas a competição é individual ou coletiva? Ganha somente o melhor ou ganha uma equipe?”
Spider: “Só um”
Professora: “Então é individual?”
Crianças: “Sim.”*

Professora: “Vocês sabiam que há provas que podem ser realizadas em equipe?”

Pimentinha: “É? Qual?”

Professora: “Temos as corridas de revezamento, na qual tem-se que passar um bastão de uma pessoa para a outra”

Naruto: “Ah eu sei, já vi num desenho do Naruto. Tem um monte de faixa laranja e cada corredor tem que passar o pau para próximo até o último terminar.”

No mesmo momento, usei o celular e procurei na internet o desenho citado pela criança e constatei que realmente se tratava de uma corrida com as mesmas características da prova de revezamento do atletismo. As demais crianças ficaram curiosas, e, diante dessa demanda do grupo mostrei um pequeno trecho do vídeo para a turma que agora conseguia visualizar em suas mentes do que se tratava a corrida de revezamento.

No excerto acima trazido do diário, pode ser observado que apesar de as crianças não acessarem ainda o esporte em suas características oficiais, muitas vezes elas o conhecem por meio de atrações relacionadas ao seu universo como no caso o desenho do Naruto. Compete ao professor estar atento à essas particularidades e buscar estabelecer os links entre a realidade da criança e o objeto de estudo que se deseja ensinar. Tal consideração é reforçada por Gemente (2015) quando alerta que os professores de Educação Física não devem negar o uso de recursos tecnológicos sob o risco de distanciar-se cada vez mais da realidade dos estudantes.

Ao longo desta pesquisa, encontram-se indícios desta funcionalidade dos recursos tecnológicos na qualificação do exercício educativo. Em uma dada situação quando se refletiu com os alunos algumas diferenças entre o esporte escolar e o esporte sistematizado, o uso de recursos tecnológicos contribuiu significativamente para que os alunos conseguissem observar algumas características das provas de revezamento e relacioná-las à vivência da prova realizada na escola, como consta no excerto a seguir:

Após vivenciar a brincadeira algumas vezes, voltamos à sala de aula e avisei que assistiríamos a vídeos de provas de revezamento praticada por atletas de alto nível, ou seja, os melhores de seus países. Fiz essa observação para que começassem a entender o conceito de esporte de alto nível. Pedi para que observassem as passagens de bastão, a sincronização dos atletas no momento da passagem, atentar quanto a movimentação das mãos. Mostrei uma prova onde ocorreu a queda do bastão, avisei que aquela equipe tinha sido eliminada e perguntei se eles sabiam o motivo e a maioria conseguiu perceber que a razão era a queda do bastão.

A ideia era que eles fossem capazes de apreciar melhor a prova com base nos conhecimentos adquiridos na aula. Seus corpos e suas expressões manifestavam certa admiração pelo evento. Para tentar acessar o que estavam sentindo e o que tinham aprendido iniciei um diálogo.

Professora: “Gostaram dos vídeos que assistiram?”

Crianças: “Sim”

Professora: “O que chamou mais atenção?”
 Wandinha: “O lugar é bem legal, é grande”
 Pimentinha: “Os atletas são bem fortes e rápidos”
 Professora: “O que vocês observaram no vídeo e aprenderam na aula de hoje?”
 Spider: “O bastão, a corrida”
 Professora: “Quais as diferenças entre as provas que viram nos vídeos e o que brincamos na escola?”
 Cyborg: “Tudo”
 Pimentinha: “Não é tudo, aqui também tinha bastão, tinha corrida.”
 Professora: “Para vencer a brincadeira que fizemos aqui na escola a equipe teria que fazer o quê?”
 Crianças: “Chegar primeiro”
 Professora: “E nos vídeos, o que as equipes tinham que fazer?”
 Spider: “Também, a mesma coisa, tinha que chegar antes das outras equipes.”
 Professora: “Muito bem, já temos uma semelhança. E em relação ao bastão, tanto aqui como lá, ele podia cair?”
 Crianças: “Não”
 Professora: “As disputas aqui eram em equipe ou sozinhos?”
 Crianças: “Equipe”
 Professora: “E nos vídeos?”
 Crianças: “Também”
 Professora: “Muito bem, observamos que há semelhanças, mas também há diferenças entre o esporte que fazemos na escola e o esporte dos grandes atletas, vocês conseguem falar algumas? Eu gostaria de ouvir o KR”
 KR: “A pista. O formato é diferente.”
 Professora: “Certo. Agora será que a Joaquina pode me dizer outra diferença?”
 Joaquina: “Nós somos crianças e eles adultos”
 Professora: “Alguém sabe outra?”
 Pimentinha: “Eles ganham medalhas, os vencedores, acho que ganham dinheiro também.”
 Spider: “Ganham dinheiro sim”
 Professora: “Muito bem, vimos que existem algumas semelhanças e diferenças entre o esporte que fazemos na escola e o esporte de alto nível. Se vocês assistirem outro dia pessoalmente ou através de vídeo uma prova de revezamento, o que irão observar?”
 Pimentinha: “Quem ganha, que o bastão não pode cair.”
 Naruto: “Que tem que correr na linha.”
 Professora: “É mais divertido praticar ou assistir?”
 Crianças: “Praticar.”
 Como era de se esperar, para essas crianças estar em movimento costuma ser sempre estimulante.

O trecho acima, embora longo, é relevante para mostrar o quanto trabalhar o mesmo conteúdo através de diferentes frentes faz-se necessário para que as crianças possam acessar um determinado saber. No caso em questão, evidencia-se a importância da experimentação, da fruição através de imagens/vídeos e da análise já que essas dimensões do conhecimento se complementam, ampliando o exercício educativo.

Observem que a experimentação da brincadeira foi importante para que eles estabelecessem relações entre o atletismo de rendimento e aquele realizado no

ambiente escolar, além de ser a forma mais prazerosa de acessar o conhecimento para eles naquele momento. Já a fruição dos vídeos permitiu que conhecessem algumas características da prova de revezamento, dos atletas e as instalações oficiais da modalidade, informações essas que perpassam a dimensão do conhecimento de análise e não seriam acessadas se o trabalho se limitasse a vivência adaptada na escola. Além disso, tais conhecimentos possibilitarão aos alunos terem mais elementos para fruir a prova de revezamento em outra oportunidade, seja na condição de participantes ou espectadores.

Essas discussões, chamam a atenção para o caráter concomitante com o qual deve-se considerar as dimensões do conhecimento na BNCC. Segundo essa diretriz educacional, não deve haver hierarquia entre as dimensões do conhecimento tampouco uma ordem didática de sua apresentação no planejamento das aulas. Pelo contrário, as dimensões do conhecimento devem sempre que possível serem trabalhá-las concomitantemente (BRASIL, 2017). Assim, embora classificadas individualmente, as dimensões parecem ser elementos que se complementam em uma abordagem pedagógica que busque tratar os conhecimentos de maneira integrada e contextualizada com a realidade.

Dentre todos os apontamentos trazido pelas diferentes categorias de análise apresentadas, acredito que transitar pelas dimensões do conhecimento simultaneamente parece ter sido uma das evidências mais importantes desse movimento investigativo.

Uma vez que, ao longo desse caminho, surgiram muitas situações que não haviam sido previstas inicialmente e que me forçaram a trilhar alguns desvios e ampliar o percurso em alguns trechos deste trabalho.

Aquele leitor que atua na docência sabe muito bem que não há nada de novo nesta informação, já que quando se leciona para grupos heterogêneos é comum termos que adaptar nossa prática profissional com certa frequência.

Então, caro leitor, você pode se perguntar, por que trazer essa informação?

Pois, foi justamente através do uso concomitante das dimensões, que viabilizou a possibilidade de driblar algumas questões que não haviam sido previstas anteriormente e mostrou a relevância de refletirmos continuamente sobre nossa prática profissional. Esta constatação se deu pois, em algumas situações didáticas que previam alguns conhecimentos prévios, precisaram ser revistas diante da

observação que alguns conceitos não estavam formados nas crianças participantes da pesquisa. Para isso, foi preciso transitar por outras dimensões do conhecimento não planejadas para aquele momento.

Assim, neste estudo, trabalhar as dimensões de maneira concomitante foi essencial para que trazer mais sentido para as práticas e contribuir para que as crianças pudessem acessar alguns conhecimentos que provavelmente não seriam alcançados se determinadas dimensões fossem trabalhadas de forma isolada e descontextualizadas.

A vista disso, observou-se por exemplo, que a experimentação é ampliada pela fruição de imagens e vídeos que, por sua vez, retroalimenta a experimentação, gerando ampliação progressiva da compreensão dos alunos ao longo do processo educativo. Já a compreensão é essencial para transitar de maneira significativa pela construção de valores, que por sua vez contribui para os momentos de reflexão sobre a ação, que também necessita de elementos da categoria análise e experimentação. Tanto experimentação, quanto análise são dimensões indispensáveis para a consolidação da dimensão uso e apropriação e esta é essencial para o protagonismo comunitário, juntamente com a reflexão sobre a ação.

Pode parecer confuso, mas existem outras muitas possibilidades de correlações entre as dimensões e isto revela o quanto elas são complexas e estão entrelaçadas. A própria BNCC defende a ideia de que as dimensões não sejam trabalhadas isoladamente, e afirma que

considerando as características dos conhecimentos e das experiências próprios da Educação Física, é importante que cada dimensão seja abordada de modo integrado com as outras, levando-se em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva (BRASIL, 2017, p 222).

Essa interrelação entre as dimensões revela a necessidade de uma prática que promova a dialogicidade entre saberes, além de promover o envolvimento dos alunos nesse processo de construção e troca de conhecimento, com vistas a instrumentalizá-los a ser, compreender e interagir no mundo.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da

reflexão crítica. A capacidade comunicativa não é algo dado, simples produto da natureza, mas deve ser desenvolvida (KUNZ, 2009, p. 31).

Corroborando com o que diz Kunz, torna-se cada vez menos aceitável limitar as aulas de Educação Física apenas preocupando-se com o “saber fazer”, há uma infinidade de saberes atrelados às práticas corporais que devem ser acessados pelos alunos para que possam fazer uma leitura ampliada de mundo, conhecer os diferentes sentidos dados a essas práticas, bem como refletir sobre sua própria ação. Nesse processo, o aluno deve ser estimulado a se expressar a todo momento, para isso o professor deverá instigá-los, provocá-los com diferentes tipos de questionamentos, de maneira que se reconheçam agentes aptos a atuarem no seu processo de aprendizagem, bem como em outras situações de sua vida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem desta pesquisa se deu a partir de uma inquietação desta pesquisadora sobre a visão de que a Educação Física escolar estaria ligada exclusivamente ao ensino de técnicas, táticas e vivências lúdicas sem contextualizações e reflexões que promovessem a ampliação de tais conhecimentos e/ou que se comprometesse com a formação de cidadãos com princípios democráticos e éticos, ou seja, a prática pedagógica que ousamos chamar nesta pesquisa de um ensino focado no “saber fazer.”

Diante deste problema, nos aventuramos a propor um trabalho nos anos iniciais do Ensino fundamental onde o ensino do atletismo extrapolasse esse saber fazer, para isso usamos como referência as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC para o trabalho na Educação Física.

Todavia, tal proposta não foi configurada sem antes ser feito uma pesquisa bibliográfica que investigou a história da Educação Física Escolar no Brasil e suas legislações, que trouxeram apontamentos sobre a percepção de que a Educação Física estaria ligada a um saber de caráter exclusivamente prático, já que em sua origem essa era a sua maior preocupação e que apesar estudos e legislação apontando outros caminhos, traçá-los ainda parece um desafio para a área.

Buscou-se também por pesquisas relacionadas ao ensino do atletismo na escola sob orientações das dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, todavia as únicas publicações encontradas neste sentido foram dois livros didáticos que integram o PNLCD, Darido *et al.* (2017) e Darido *et al.* (2021). Acreditamos que isso se deve ao fato de essas orientações serem recentes (5 anos) e/ou pela paralização de diversos setores da sociedade durante o período pandêmico de COVID que o mundo passou 2 anos antes da realização deste trabalho. Face a essa dificuldade, a investigação se fundamentou principalmente em estudos que abordavam o ensino do atletismo na escola, especialmente aqueles que apontavam caminhos para um ensino mais contextualizado, extrapolando as preocupações com técnicas e habilidades motoras.

Com base no material pesquisado, na experiência profissional da pesquisadora, nas características do grupo participante (alunos de um 2º ano de uma

escola rural), da U.E. e da rede de ensino de Limeira - SP, foi elaborado um plano de estudos envolvendo o atletismo com duração de 40 dias.

Após aviado o exercício de implementação do trabalho pedagógico e posterior análise do material, para fins de pesquisa, temos agora condições de revisitar nossa delimitação problemática central, na busca por possíveis respostas que possam satisfazer, ainda que minimamente, nossos anseios investigativos.

Como guisa à orientação deste intento, com vistas à finalização do nosso exercício de pesquisa, vale destacar as principais problemáticas que instigaram nossa investigação, à saber: **“Como trabalhar o atletismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental para além do “saber fazer”?”** Desta questão central deriva outra que também integrou essa proposta de pesquisa: **“Como planejar e avaliar o ensino de uma unidade didática sobre o atletismo a partir das dimensões do conhecimento proposta pela BNCC?”**

As considerações finais, abaixo situadas buscam responder as questões acima, mas antes de lê-las, cabe uma ressalva: os apontamentos que se seguem cabem para a realidade a qual a pesquisa foi aplicada e podem trazer indícios de como seria o ensino do atletismo atravessado pelas oito dimensões do conhecimento com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de outras regiões e com outras vivências. Isso significa dizer que, tais apontamentos não devem ser lidos como regras gerais e princípios universais de ação e atuação que se adequam a qualquer contexto tal como aqui se encontram.

O movimento de composição de uma proposta de ensino balizada à luz destas oito dimensões do conhecimento já apresenta ao professor, de partida, o desafio de desvelar outras possibilidades didáticas que podem ser propostas chegando a resultados diferentes daqueles aqui verificados. Desta forma este trabalho não tem a intenção de esgotar a discussão sobre o tema.

Buscamos nesta pesquisa caminhar por todas as oito dimensões do conhecimento, mesmo considerando a pouca idade das crianças (sete e oito anos) para justamente investigar as reais possibilidades de trabalho com cada uma delas. Assim, embora um dos resultados mais gritantes deste estudo seja a importância de as dimensões serem tratadas concomitantemente, elas serão comentadas isoladamente na sequência que se inicia.

A dimensão experimentação, ligada ao vivenciar as diferentes práticas e talvez aquela que está mais próxima daquele saber fazer tão característico da área, mostrou sua relevância devido ao caráter lúdico que além de garantir na maioria das vezes uma experiência prazerosa aos alunos, mostrou-se eficaz desde que com o devido trato pedagógico, em proporcionar a aprendizagem de conceitos e valores.

A dimensão fruição que considera o caráter estético de apreciação de práticas corporais, trouxe a possibilidade de evidenciar o lado contemplativo das práticas e permitiu aos alunos através da apreciação de imagens e vídeos a compreenderem as características de funcionamento do atletismo, bem como sua transformação ao longo dos anos. Tais elementos além de ampliar a visão sobre a modalidade também poderão repertoriar outros momentos de fruição.

Já a dimensão relacionada a reflexão sobre a ação, a qual a BNCC orienta assertivamente que seja trabalhada em situações planejadas conduzindo os alunos na reflexão sobre suas práticas, relevou a importância de atentar-se às particularidades de cada grupo e/ou aluno, para conduzi-los num processo de leitura crítica de sua ação e/ou do grupo, valorizando valores democráticos e estabelecendo relações com outros conhecimentos aprendidos, além daqueles já consolidados entre o grupo. Todavia, este trabalho indicou que por vezes observações trazidas pelas crianças podem apontar caminhos para discussões não planejadas pelo professor, mas que podem ser significativas para eles e gerar novas aprendizagens.

Ao dar espaço para tais manifestações, valoriza-se a posição destes enquanto seres que trazem consigo uma história e podem atuar ativamente na construção de seu conhecimento e de outros. Esta afirmação se apoia no posicionamento de Paulo Freire ao evidenciar a necessidade de se considerar os saberes discentes e apontar que no exercício da docência o professor está em permanente processo de aprendizagem seja com os alunos ou seja com o próprio exercício de ensinar.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 12).

A dimensão construção de valores está associada ao ato intencional do professor em planejar situações que permitam aos alunos refletirem e se posicionarem sobre as diferentes formas de preconceito, a valorizar questões éticas e democráticas

que atravessam o universo dos conteúdos relacionados à Educação Física. Observou-se neste estudo que as falas dos alunos eram coerentes com a justiça social e contra qualquer forma de exclusão, em contrapartida, como todo ser em desenvolvimento em suas ações nem sempre se manifestaram assim. Dessa forma, entende-se aqui que é possível e necessário planejar momentos de reflexão sobre temas relacionados aos valores que dialoguem com a democracia, mas sobretudo garantir sessões que questionem ações que destoem deste discurso.

A dimensão do conhecimento compreensão está ligada ao entendimento do lugar nas práticas corporais no mundo e nos diferentes grupos sociais, bem como as transformações que elas passaram ao longo dos anos. Ao transitar por tal dimensão do conhecimento permite-se ao aluno observar o caráter dinâmico das relações a qual as práticas e a sociedade estão submetidas, no nosso entendimento essa é uma das principais dimensões que possibilitam um ensino que contribua para uma leitura crítica de mundo por meio do estudo das manifestações da cultura corporal de movimento.

Cabe uma observação que vale tanto para a dimensão de compreensão quanto para a próxima que será discutida (análise), para o trato destas manifestações faz-se necessário considerar a faixa etária dos alunos, pois no caso deste trabalho cujas crianças ainda estavam no início do processo de escolarização do ensino fundamental, foi necessário um esforço de transformação didático pedagógica para que os alunos pudessem acessar determinados conhecimentos.

A dimensão do conhecimento análise está associada à aprendizagem de conceitos relacionados às características das práticas corporais e os efeitos dessas no corpo das pessoas. No caso deste estudo, as crianças conseguiram compreender as principais provas do atletismo de rendimento e compará-las com as vivências sobre o tema realizadas na escola.

A dimensão do conhecimento uso e apropriação relaciona-se à capacidade de o aluno usar os conhecimentos das diferentes práticas corporais de forma autônoma em seus momentos de lazer, ou seja, apropriar-se das práticas de tal forma que sejam capazes de vivenciá-las sem a necessidade de um tutor. Convém lembrar que o alcance deste nível de aprendizagem é um dos principais objetivos de um trabalho de ensino focado nas oito dimensões do conhecimento, haja vista que requer um nível de envolvimento com a prática educativa que deixa de ser apenas pedagógico, para se tornar um envolvimento existencial.

Nem todas as crianças desta pesquisa disseram ter realizado as brincadeiras aprendidas nas aulas com seus familiares. Entendemos aqui, que essa capacidade de fazer uso das práticas corporais fora do contexto escolar depende de muitos fatores, entre eles um bom trabalho pedagógico frente as mais variadas dimensões do conhecimento, as condições necessárias para realizá-la fora da escola, mas também está relacionado à quanto tal prática foi significativa e prazerosa ao aluno para que ele sinta a necessidade de utilizá-la em outros contextos.

Já o “protagonismo comunitário”, dimensão do conhecimento que possibilita ao aluno atuar de forma ativa na democratização das práticas corporais na comunidade em que vive, requer um certo grau de amadurecimento e desenvolvimento a qual o grupo ainda não estava preparado. Todavia este trabalho buscou refletir com os alunos sobre o direito de acesso aos serviços de lazer e esporte a qual aquele grupo estava sendo privado, condição esta que eles ainda não tinham consciência. Tal movimento visa colaborar para que no futuro, talvez, a criança possa atuar de maneira a garantir o acesso da comunidade onde vive às práticas corporais.

Reforçamos a interdependência e dialogicidade entre as dimensões para um processo formativo abrangente e que faça sentido para as crianças. Dessa forma, se por exemplo, a dimensão experimentação for trabalhada sem nenhuma contextualização ou ligação com outras dimensões do conhecimento pode se limitar ao fazer pelo fazer, em contrapartida, quanto relacionada às outras dimensões pode ser tornar talvez a mais importante delas para a construção de saberes devido ao seu caráter lúdico, especialmente para crianças em início de escolarização.

E é justamente essa dialogicidade que deve ocorrer entre as dimensões que além de trazer indícios de contribuir amplamente para uma aprendizagem mais efetiva, significativa, democrática e integral dos alunos, pode inclusive abrir caminhos para o surgimento de novas dimensões do conhecimento que poderão ser evidenciadas em futuras pesquisas sobre o tema.

Para finalizar, informamos que além do presente estudo, desenvolvemos como resultado desta pesquisa um Produto Educacional, uma Unidade Didática intitulada de “Atletismo na Escola: muito além do “saber fazer”” com vistas à auxiliar professores que busquem uma prática pedagógica à luz das 8 dimensões dos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografa é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENITES, L. C.; NASCIMENTO, J. V.; MILISTETD, M.; FARIAS, G. O. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: Estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 35–50, 2015. DOI: 10.22456/1982-8918.53390. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53390>. Acesso em: 15 set. 2022.

BETTI, Mauro. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Educação Física do Ensino Fundamental. “Ruim com Ela, Pior Sem Ela.” **Blog do Cev. Bauru, São Paulo**, 1 mai de 2017. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56084298/BLOG_BNCC_Ruim_com_ela_pior_s_em_ela-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1657901229&Signature=CDQGbbq-otSIGZcttw4YcBBBoTCw7MofWqvRZy8f1IQtyy6iCULOTYtPND0D8MSK28p2O7Zwdlcybe~S72CaXbg610VtOkWJaRvdZg1~T6JIFvHfcRvpjAIRp8LavC7H6rfGYcnWUb~mRio9MmihPfercUqtVFtyM4MpqZiietY8cBi9kefhEctGCSu9ETzfosei0ufjCDGxi~kRhuAYISnaWn65UK3rICpSf5P4RPan5tvUD~6M8M5PN9qmINFJw~NyTEKZT4uSS3lhGAQHgFGpVQGLFkkTZo35RT0Kx-HzrneObJ-Ub5k9xJOCSRt0gbrK5dGAZkbH2nAR~IUtgkQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA acesso em: 15 jul. 2022.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto Lei n. 1212, de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1212-17-abril-1939-349332-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. Câmara dos deputados. Decreto Lei n.10793, de 1 de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10793-1-dezembro-2003-497217-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 13 jul. 2022.

BRASIL. Casa Civil. Decreto Lei 1044² de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Brasília,

1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm. Acesso em: 17 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 9394 de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 12 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em: 21 dez. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf> Acesso em 21 dez. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em 02 jul. 2023

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 08 set. 2022.

CERQUEIRA, T. C.S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Psic**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 29-38, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 jul. 2023.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes. 2006.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAÓLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: DAÓLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2006. (p. 73-84)

DAÓLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. 15 ed. Campinas: Papyrus, 2010.

DARIDO, S. et al. **Práticas corporais**: educação física – 1º e 2º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2017.

DARIDO, S. et al. **Presente mais**: educação física – 1º e 2º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2021.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. *In*: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (org.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (p. 64- 79).

DARIDO, S. C., SANCHES NETO, L. O Contexto da Educação Física na Escola. *In*: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (org.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (p. 2- 24).

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papyrus, 2007.

DE CASTRO, T. L.; MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. Sobre vídeos do youtube relacionados à confecção de implementos adaptados para o ensino do atletismo na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i2.45317. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/45317>. Acesso em: 20 mai. 2022.

DINIZ, I. K.S. et al. A dimensão “reflexão sobre a ação” na BNCC de educação física. **Anais do X Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XVI Simpósio Paulista de Educação Física**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/29741>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FARIAS, A. N.; IMPOLCETTO, F. M.; BENITES, L. C. A análise de dados qualitativos em um estudo sobre educação física escolar: o processo de codificação e categorização. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.57323. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57323>. Acesso em: 15 set. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.

GEMENTE, F. F. **Atletismo na educação física escolar**: a elaboração colaborativa do software Athletic. 2015. 216 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126412>>. Acesso em: 27 set. 2022.

GINCIENE, G. **A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo**. Rio Claro, 2016. 237 folhas. Tese

(doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/133937>. Acesso em 11 nov. 2021.

GINCIENE, G. **A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos**. 2012. 148 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: [/https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99056](https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99056) Acesso em: 07 set. 2022.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Caderno de Formação RBCE**, v.1, n.2, p. 10-21, set. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978/561> Acesso em: 28 mar. 2023.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como Componente Curricular da Educação Básica: aspectos legais. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M.C.S. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

KUNZ, E. **Transformação didática do esporte**. 7 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

LIMEIRA. **Currículo da Rede Municipal de Limeira – SP**. Limeira SP, 2019.

LOURAU, R. **Análise Institucional e práticas de psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MARIANI, F.; CARVALHO, A. de L. Pesquisa participante: Um recorte teórico acerca da abordagem de pesquisa e suas influências epistemológicas. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 169–181, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3648>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MATIAS-ANDRIATTI, R. A. **Planejamento Participativo em Educação Física Escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: possibilidades e desafios**. Rio Claro, 2020. 119 p. Dissertação (Mestrado) -Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202241/matias-andriatti_ra_me_rcla.pdf?sequence=3 Acesso em: 12 fev. 2022.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. 2 ed. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.

MINAYO, M. C. S. Capítulo I. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p.9-29. Disponível em:

<<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2022.

MORAN, J. M. Como utilizar a Internet na Educação. **Revista Ciência da Informação**. Vol. 26, nº2, maio – agosto 1997, pág. 146-153. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/700/709> . Acesso em: 07 set. 2022.

NASCIMENTO, M. L.; LEMOS, F. C. S. A pesquisa-intervenção em psicologia: o uso do diário de campo. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 57, p., jul./dez. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/14675> Acesso em: 30 nov. 2021.

NEIRA, M. G. BNCC de Educação Física. Youtube, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OfRz44TYaqc> Acesso em: 22 abr. 2022.

NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, issue 3, p. 215 - 223, set. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/m5NJPS7PQnCCxZZtCsdjsqL/abstract/?lang=pt> Acesso em 22 abril 2022.

PEREIRA, J. A.G. **Formação em educação física: discursos e a prática curricular**. 2014. Dissertação de mestrado (Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília). Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17585/1/2014_JorgeAdilsonGondimPereira.pdf. Acesso em: 19 ago. 21.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física Escolar. **Motriz**, v. 13, n. 2, p. 129-136, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-504267>. Aceso em 12 jul. 2023.

RANGEL, I. C. A. et al. O Ensino reflexivo como perspectiva metodológica. *In*: Suraya Cristina Darido; Irene Conceição Andrade Rangel. (Org.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 104-119.

RICETTO, L. A. (ed.). **Pitangá mais: educação física – 1º e 2º ano**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2021.

SANCHES, M. M. (ed.). **Buriti mais: educação física – 1º e 2º ano**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2021.

SESI (Serviço social da indústria). **Atletismo**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.

SESI (Serviço social da indústria). **Programa SESI Atleta do futuro: perspectivas da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TANI, G. **Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois**. **R. da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 3. trim. 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar_url?url=https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/download/5022/3684/&hl=pt-BR&sa=X&ei=MrsMYYnOK6OVy9YPnY-NiAc&scisig=AAGBfm3K3BRo94galVq4VegktVPrqhzuiQ&oi=scholar. Acesso em: 25 ago 2021.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, v. 3, n. 5, p. 4–17, 1996. DOI: 10.22456/1982-8918.2228. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>. Acesso em: 6 mar. 2023.

VIDOTTI, P. H. C. **A educação física e as dimensões do conhecimento na BNCC**: um estudo a partir dos planos de ensino dos professores de uma rede municipal de ensino. 2020. 207 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12925?show=full> Acesso em 21 fev. 2023.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Diário de campo

Aula 1: O que sabemos sobre o atletismo

Duração: 100 minutos

Data: 01/08/2022

Faltas: Wandinha

Iniciei a aula explicando que daríamos início ao estudo do atletismo e questionei a turma se eles sabiam o que era o atletismo, pois eu anotaria as respostas na lousa. Inicialmente, ocorreu um breve silêncio e encorajei-os a falar, já que naquele momento eu só queria acessar os conhecimentos deles sobre o assunto. Na sequência, alguns alunos se arriscaram:

Cleitinho: “pessoa atlética”

Pimentinha: “Fazer esporte.”

Após a constatação que, somente a palavra atletismo, trazia poucas referências para eles. Dei mais elementos a eles para que respondessem à pergunta inicial. Expliquei que o atletismo era uma modalidade esportiva constituída por provas que envolviam saltos, corridas e arremessos, sendo que seus objetivos estavam relacionados em saltar mais distante ou mais alto, correr mais rápido que os demais concorrente e arremessar ou lançar o mais longe possível. Após tais definições, as crianças avançaram nas respostas:

Naruto: “Prova de corrida”

Pimentinha: “Arremesso de saquinho”

Cleitinho: “Corrida com uns “parkour” no meio do caminho (tipo placa)

Lady bug: “Salto no trampolim”

Expliquei que agora estavam mais próximos do atletismo e perguntei quais brincadeiras eles conheciam que envolviam tais habilidades (correr, saltar e arremessar) e combinamos que faríamos uma lista e que ela também seria anotada na lousa e na sequência escolheríamos 2 para serem vivenciadas nas aulas, daí em diante surgiram as seguintes respostas: amarelinha, pular corda, corrida, vôlei, basquete, boliche, queimada, pega-pega, disco (frisbie). A partir dessa lista, iniciei a votação, onde cada criança poderia votar em duas brincadeiras de sua preferência. As brincadeiras vencedoras foram pega-pega e queimada.

Na sequência partimos para a vivência das brincadeiras, onde todos participaram ativamente, na queimada participam de maneira mais lenta onde cada criança quando pega a bola, demora um pouco a se decidir em quem vai arremessá-la, há também uma negociação entre para que aquele que arremessou mais vezes, ceda uma oportunidade de arremesso para aquele que pouco tocou na bola.

Após as vivências da queimada e do pega-pega, reuni a turma para que conversássemos sobre a aula e questionei a turma se na brincadeira de pega-pega era preciso correr bem rápido? Prontamente e em coro a turma respondeu que sim. Na sequência perguntei se no “pega-pega” quem corresse mais rápido era o vencedor, assim como na corrida praticada no atletismo? Onde obtive as seguintes repostas:

Pimentinha: “o pega-pega não é corrida, tipo o pegador em que pegar e a gente tem que fugir do pegador”

Spider: “Se o pegador pega todo mundo ele ganha.”

Questionei a turma se os objetivos eram iguais ou diferentes? E em coro responderam: “Diferentes.”

Retomei a discussão, indagando: quais os objetivos da brincadeira da queimada?

Goku: “Tem que arremessar a bola nos outros”

Pimentinha: “E fugir da bola também.”

Professora: O objetivo da queimada é arremessar a bola o mais longe possível?

Crianças: “Não”

Robin: “Ganha quem acerta a bola no amigo”

Professora: Então, apesar das duas atividades (arremesso de peso e queimada) envolverem a habilidade de arremessar, seus objetivos são iguais ou diferentes?

Crianças: “Diferentes”

Assim finalizamos a aula, partindo dos conhecimentos dos alunos acerca do atletismo, vivenciando brincadeiras que envolviam habilidades motoras usadas nas provas do atletismo e ao final, foi possível observar que conseguiram observar as diferenças entre os objetivos das provas do atletismo e os objetivos das brincadeiras vivenciadas.

Aula 2: O arremesso de peso

Duração: 50 minutos

Data: 02/08/2022

Faltas: Moana

Iniciei a aula na sala, mostrando algumas imagens de lançamentos de dardo, disco, arremesso de peso sentado e perguntei se eles sabiam quais daquelas imagens estavam relacionadas ao arremesso de peso. Eles foram escolhendo aleatoriamente, sem justificar suas escolhas.

Logo na sequência, eu apontei os nomes das provas de cada modalidade apresentada e ao falar do arremesso de peso, mostrei que o mesmo poderia ser praticado em pé ou de maneira adaptada (sentado).

Perguntei aos alunos se eles sabiam qual era o objetivo da prova do arremesso de peso:

Goku: "Jogar a bola mais longe"

Spider: "Ganhar dos adversários"

Pimentinha: "Arremessar para o alto"

Retomei que o objetivo da prova do arremesso de peso era arremessá-lo o mais longe possível e, assim aquele que conseguisse um arremesso com a maior distância seria o vencedor da prova. Convidei-os para realizar uma atividade chamada "Limpando a área" onde o arremesso seria muito utilizado.

Dividiu-se a turma em duas equipes, separando-as por uma corda amarrada à cerca de 1,5 m do chão. Cada criança recebeu uma bola de borracha, que deveria ser lançada para a área adversária, mas para isso deveria passar por cima da corda. Expliquei que o objetivo do jogo era deixar sua área com o menor número de bolas possível, assim toda bola que chegasse em seu campo deveria ser arremessada para o lado da equipe adversária.

O jogo teve início, as crianças estavam seguindo as regras previstas, entretanto algumas delas foram acertadas pelas bolas adversárias, porém continuaram ativas sem reclamar. Ao meu sinal, todos pararam de arremessar e após a contagem das bolas que estavam no chão de cada equipe, constatou-se uma vencedora.

Reuni a turma e pedi que tentassem relacionar a atividade ao arremesso de peso, porém alguns tinham um outro ponto a apresentar:

Cinderela: "Professora, algumas pessoas jogaram as bolas na nossa cabeça"

Lady Bug: "É, pegou em mim também."

Wandinha: "Até em mim"

Spider: "Eu também levei bolada"

Perguntei se alguém tinha se machucado, pois apesar de observar que algumas bolas estavam acertando seus corpos, nenhuma criança reclamou ou fez alguma expressão de dor durante a ação.

Lady bug: "Não machucou, mas doeu um pouco."

Professora: "O que vocês sugerem para que isso não ocorra novamente."

Wandinha: "É só pedir para não jogar na gente."

Pimentinha: "Eu não joguei em ninguém."

Robin: "Nem eu."

Lady bug: "Tem que ter cuidado né! Prestar atenção! Pensar um pouco antes de fazer!"

Professora: "Não acredito que alguém tenha jogado a bola com o propósito de acertar o adversário e sim para ultrapassar a corda. Podemos ficar mais atentos no momento do arremesso, para tentar evitar que a bola acerte nossos amigos."

Diante da preocupação em finalizar a atividade dentro do horário da aula e levantar os questionamentos previstos pela mesma, e, sabendo que a mudança de regras que eu proporia a seguir, sanaria grande parte do problema, interrompi a discussão sobre a segurança da atividade.

Professora: Voltando ao questionamento inicial, em que essa atividade se assemelha ao arremesso de peso?

Goku: "Nas duas tem que arremessar uma bola"

Cleitinho: "O arremesso."

Professora: Quais as diferenças entre este jogo e o arremesso de peso?

Ninguém respondeu.

Professora: "Qual o objetivo deste jogo?"

Pimentinha: "Jogar o máximo de bolas para o outro lado"

Professora: "Qual o objetivo do arremesso de peso?"

Goku: “Jogar a bola o mais longe possível.”

Professora: “Então no arremesso de peso tenho que aumentar a distância do arremesso?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Será que conseguimos fazer isso nesta atividade?”

Pimentinha: “Não sei.”

Professora: “Vou propor uma mudança de regras e vocês me dirão se isso será suficiente para aumentar a distância do arremesso.”

Crianças: “Tá.”

Professora: “Colocarei uma corda de cada lado e vocês deverão se posicionar atrás da corda para realizar seus lançamentos, será que assim os arremessos de vocês terão uma distância maior?”

Naruto: “Acho que sim.”

Professora: “Será que esta regra, também diminuirá as chances de a bola acertar o corpo de vocês?”

Lady bug: “Não sei, vamos ver.”

Professora: “Todos topam participar?”

Crianças: “Sim.”

Assim, deram início aos arremessos. Percebeu-se que, diferentemente do primeiro momento, algumas bolas não passavam por cima da corda, ou seja, eles precisavam se esforçar mais para realizar um arremesso mais longo. Outras crianças, esqueciam da regra e, ultrapassavam a linha limite, sendo orientados a voltarem para trás da linha. O problema das boladas foi aparentemente resolvido, já que as crianças precisavam ficar mais distante da corda central, assim, a maioria das bolas chegavam rolando ao local em que estavam.

Finalizada a atividade, reuni a turma novamente e questionei:

Professora: “Alguém levou bolada nesta rodada?”

Crianças: “Não”

Lady bug: “Uma bola bateu na minha perna.”

Professora: “Foi muito incômodo? Doeu?”

Lady bug: “Não.”

Professora: “Está tudo bem com você?”

Lady bug: “Sim.”

Professora: “Alguém tem alguma sugestão para melhorar a segurança dessa atividade?”

Pimentinha: “Poderíamos usar bolas bem levinhas, aí não machuca.”

Professora: “Alguma outra sugestão?”

Cleitinho: “Poderia ser bolas de pano.”

Professora: “A escola não tem bolas de pano, poderíamos fazer bolas de papel?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Perfeito, pensaremos nisso da próxima vez. Agora, em relação à atividade, vocês acham que conseguiram aumentar a distância dos arremessos?”

Cinderela: “Eu acho que sim, por que tinha que arremessar de mais longe.”

Cleitinho: “É, tinha que arremessar mais forte também, porque senão a bola não passava.”

Professora: “Nossa atividade ficou mais parecida com o arremesso de peso?”

Pimentinha: “Sim, porque tinha que arremessar mais longe”

Professora: “Podemos dizer que hoje fizemos arremesso de peso?”

Pimentinha: “Não, porque a brincadeira é diferente.”

Goku: “Nessa brincadeira tinha que jogar mais bolas para o outro lado, no arremesso só tem que arremessar mais longe.”

Professora: “No arremesso de peso, vocês acham que a bola usada é mais leve ou mais pesada que esta que usamos hoje.”

Naruto: “Mais pesada”

Professora: “Alguém acha que é mais leve?”

Ninguém se manifestou.

Professora: “Realmente, a bola do arremesso de peso é bem mais pesada. O peso pode variar de acordo com a idade de quem está arremessando, ou seja, em provas infantis a bola é mais leve do que as bolas oficiais de adultos. Mas mesmo as infantis, são mais pesadas que as bolas de borracha que usamos hoje. As bolas que as mulheres arremessam são mais leves que as bolas arremessadas pelos homens. Vou deixar uma lição de casa para vocês.”

Naruto: “Ah, não.”

Cinderela: “Que chato.”

Professora: “Calma, acho que vão gostar. Vou desafiá-los a construir junto de seus responsáveis uma bola para usarmos na próxima aula. Para isso, vocês poderão usar meias, areia, pedras, sacolas plásticas. Enviarei um vídeo para orientar melhor a família de vocês.”

E aula finalizou com a monitora os chamando para o intervalo.

Aula 3: A evolução do arremesso de peso

Duração: 100 minutos

Data: 08/08/2022

Faltas: Joaninha, Rapunzel, Heloísa, Cinderela, Moana, Leite, Wandinha e KR.

Observação: Muita chuva no período da manhã

No dia 08/08/2022 choveu consideravelmente no período da manhã, o que levou a muitas crianças da turma a se ausentarem das aulas no período da tarde. Cabe ressaltar aqui, que essa prática é comum na escola, já que está inserida em uma comunidade rural e, por problemas de locomoção das crianças até o ponto de ônibus escolar ou o próprio ônibus que tem dificuldade de chegar até alguns locais com dirigibilidade ruim, ou seja, onde pode atolar.

Ao chegarem à escola, alguns alunos me procuraram mesmo antes da aula, estavam muito empolgados e queriam mostrar suas bolas confeccionadas com os pais. Já tinham se organizado no ônibus e deram nomes às mesmas (Super Man, Homem Aranha, Thor e Relâmpago Mc Queen).

No início da aula, os alunos que trouxeram a bola, voltaram a falar delas e contar seus nomes, outros vieram dizer que não tiveram tempo de fazer junto aos pais, outros que esqueceram e ainda teve um grupo que não se manifestou e pareciam chateados por não terem uma bola também.

Comentei que eu também tinha feito duas bolas na minha casa e que eu as emprestaria para aqueles não tinham confeccionado em casa.

Na sequência os questionei sobre a origem do arremesso de peso, como será que essa prova do atletismo tinha sido inventada?

Pimentinha: “Acho que arremessavam pedras”

Cleitinho: “Sabe o vôlei? Pensaram vou fazer igual” (tal resposta pode estar relacionada à aula anterior onde tiveram de arremessar bolas por cima de uma corda).

Professora: “Será que faz muito tempo ou pouco tempo que essa modalidade foi inventada?”

As crianças responderam aleatoriamente, umas disseram muito tempo, outras pouco tempo, mas nenhuma conseguiu argumentar sobre o porquê de sua resposta.

Em seguida, coloquei um vídeo que trazia a história do arremesso de peso. Quando chegou a informação de que há muito tempo os Celtas disputavam uma prova de arremesso de pedras, o aluno Pimentinha comentou: “Não acredito, acertei. Eu chutei, eu não sabia.”

Ao final, fiz alguns questionamentos em relação a história do arremesso de peso e os alunos em sua maioria responderam corretamente e concomitantemente.

Na sequência avisei à turma que mostraria outro vídeo onde eram demonstrados diferentes tipos de arremessos. As crianças assistiram e ficaram ansiosas para realizá-los.

Expliquei a eles que experimentaríamos as diferentes formas de realizar os arremessos ao longo dos anos. Assim, num primeiro momento arremessaríamos uma “pedra” como os celtas, na sequência bolas de canhão como os soldados ingleses e somente depois usaríamos as bolas confeccionadas por eles para vivenciarmos o arremesso lateral parado.

Eles ficam empolgados:

Cyborg: “Mas vamos arremessar bola de canhão de verdade?”

Pimentinha: “Qual o tamanho da pedra?”

Comentei que foram adaptados alguns materiais para a vivência adaptada como um “bosu” revestido de papel, para simbolizar uma pedra grande e as bolas de canhão seriam bolas de borracha.

As bolas de canhão foram posicionadas próximas ao desenho de um canhão para que a vivência fizesse mais sentido para as crianças.

Em outro momento, comentei que usaríamos as bolas confeccionadas por eles para a realizar o arremesso lateral parado e devido ao peso da bola, por questões de segurança os arremessos seriam realizados por duas crianças de cada vez.

Pimentinha: “Mas não vamos fazer os outros arremessos?”

Professora: “Esse é o arremesso mais simples de ser executado, por isso é o mais praticado pelas crianças.”

Vale ressaltar que a ideia inicial desta unidade didática previa a realização de todos os tipos de arremesso, porém como a ideia era que posteriormente eles pudessem analisar e refletir sobre os próprios movimentos acreditei que a tarefa seria muito complexa.

O mesmo aluno que questionou a não realização dos demais arremessos foi observado tentando realizar o movimento do arremesso O'Brien, porém sem a bola. A base que o aluno teve para aventurar-se nesta prática foi o vídeo assistido em sala de aula, o que mostrou neste caso o vídeo contribuiu para ampliar o conhecimento do aluno sobre o tema.

Na sequência, retomei com eles a execução do arremesso lateral parado. Desenhei uma área de arremesso no chão e lembrei que eles não deveriam sair da mesma pela frente do círculo, sob pena de anular seu arremesso.

Após a realização de pelo menos 3 arremessos por cada dupla, avisei à turma que eu filmaria a execução de cada um para que depois eles pudessem avaliar o próprio arremesso. Pedi para que prestassem atenção no posicionamento inicial e rotação tronco, dos braços e da saída da área de arremessos.

Enquanto uma criança realizava seu arremesso, um de seus colegas se dirigiu a mim e perguntou:

Pimentinha: "Professora, posso ajudar o Naruto a se posicionar para o arremesso?"

Eu concordei e ele se aventurou na tarefa.

Na sequência chamei uma criança por vez para que observassem seus arremessos e os analisassem. Se estava correto, se havia algo a ser melhorado com base nas orientações passadas anteriormente.

Das oito crianças presentes na aula, 3 conseguiram realizar a análise sem a minha intervenção. Cabe comentar que todas tinham realizado o movimento como solicitado e relataram que estava correto, citando o posicionamento corporal, execução e saída da área de arremesso.

Outras duas crianças não souberam comentar, nesse momento precisei intervir, questionando a posição e movimentação de cada parte do corpo e, assim, com meu auxílio conseguiram identificar com respostas simples (sim, não, não está certo).

Três crianças afirmaram que seus movimentos estavam corretos, mas não sabiam justificar, precisaram de intervenções para apontar o que realmente estava correto e para identificar o que poderia ser melhorado. Entretanto, uma destas 3 crianças não foi capaz de admitir o ponto a ser melhorado, o que não foi uma grande surpresa para a professora, já que tal criança não costuma lidar bem com suas dificuldades e com correções.

Finalizando a aula, chamei-os para conversar.

Professora: "Gostaram de realizar o arremesso de peso aqui na escola?"

Crianças: "Sim."

Professora: "Acharam fácil ou difícil?"

Crianças: "Fácil".

Professora: "Ninguém achou difícil?"

Crianças: "Não."

Professora: "Será que dá para brincar de arremessar em casa?"

Crianças: "Sim."

Naruto: "Vou chamar meu irmão para brincar comigo."

Pimentinha: "E eu vou pedir para meu vô brincar. Aí a gente usa a bola que eu fiz."

Goku: "Vou pedir para a minha mãe fazer a bola comigo, aí a gente brinca também."

Professora: "Que ótima ideia, aproveitem o vídeo que enviei para seus pais, que traz dicas para a confecção de uma bola adaptada".

Aula 4: Diferentes tipos de corpos no atletismo

Duração: 50 minutos

Data: 09/08/2022

Faltas: Wandinha

Iniciei a aula questionando a turma sobre as características física de um atleta de arremesso de peso, porém a turma não soube responder. Tentei auxiliá-los:

Professora: "Um especialista em arremesso de peso é uma pessoa bem magrinha ou uma pessoa mais musculosa e/ou mais pesada?"

Cyborg: "Todo mundo poder participar."

Professora: "Realmente, todas as pessoas podem participar. Mas neste momento estamos falando dos atletas, aqueles que participam de grandes competições, que são os melhores de seu país no arremesso. Vamos observar alguns atletas."

Percebi que ou as crianças não possuíam essa concepção de corpo de um atleta profissional de arremesso de peso ou já foram tão influenciadas pelo discurso que todos podem e devem realizar as atividades que optaram por uma resposta mais inclusiva.

Na sequência mostrei algumas imagens de alguns dos principais atletas de arremesso de peso no mundo na atualidade.

Professora: “E agora, após a visualização das imagens, como normalmente é o corpo de um atleta no arremesso de peso na atualidade?”

Cinderela: “São musculosos.”

Cyborg: “São gordos também.”

Professora: “Será que sempre foi assim? Será que os principais atletas do mundo do arremesso de peso sempre foram musculosos e com peso corporal elevado?”

Pimentinha: “Acho que eram fortões.”

Na sequência mostrei a foto de Bud Houser, medalha de ouro na Olimpíada de 1924 realizada na França, a foto de Harold Osborn, ouro no salto em altura na mesma Olimpíada. Depois mostrei a imagem do atleta ucraniano Bohdan Bondarenko, campeão mundial no salto em altura em 2013 e do americano Joe Kovacs atual campeão do arremesso de peso. Pedi para que comparassem os corpos dos atletas campeões da Olimpíada de 1924.

Professora: “Como eram os corpos dos atletas campeões do salto em altura e do arremesso de peso? Eram diferentes ou parecidos?”

Crianças: “Parecidos.”

Professora: “E atualmente, os campeões nas mesmas modalidades tem corpos parecidos?”

Moana: “Não, um é magrinho e o outro gordinho.”

Professora: “Por que no passado, o campeão do arremesso de peso tinha um corpo mais magro?”

As crianças não conseguiram justificar e diante disso expliquei que no passado que havia um ideal de corpo atlético para a prática de qualquer tipo de esporte. Assim, corpos que não se encaixavam naquele padrão eram considerados inadequados para a prática esportiva de alto nível.

Pimentinha: “Mas tá errado isso, todos tem o direito de participar.”

Professora: “Sim, hoje sabemos disso. Porém, a maneira como pensamos sobre diferentes assuntos podem se modificar com o tempo. As pessoas perceberam que devemos dar oportunidade para que todos tenham direito de participar de diferentes esportes e, que para competições onde somente os melhores são capazes de vencer, corpos diversos poderiam se adaptar melhor a esportes com objetivos diferentes.”

Aparentemente, as crianças não entendem ainda as características do esporte de alto nível, não conseguem diferenciar as atividades realizadas no ambiente escolar das disputas de alto nível. Dessa forma, tal discussão pareceu não os atingir de maneira significativa. Dei continuidade à aula questionando-os:

Professora: “Com realizamos o arremesso de peso? Na posição em pé ou sentados?”

Crianças: “Em pé.”

Professora: “Uma pessoa com a perna quebrada, ou amputada ou que por outro motivo não conseguisse ficar em pé, poderia realizar o arremesso de peso?”

Cleitinho: “Se não dá pra ficar de pé, aí alguém precisa ajudar segurando a pessoa, ou então, a pessoa faz o arremesso sentada!”

Professora: “Será que dá para realizar o arremesso na posição sentada?”

A maioria da turma afirmou que sim.

Mostrei um vídeo com atletas paralímpicos arremessando sentados em suas cadeiras para assim ilustrar melhor a situação e, convidei-os na sequência a vivenciar o arremesso de peso sentados, usando as bolas confeccionadas por eles.

Finalizados os arremessos, chamei-os para conversarmos sobre as atividades e questionei:

Professora: “É possível participar da prova de arremesso sem os membros inferiores ou sem conseguir mexer os membros inferiores?”

Crianças: “Sim”

Professora: “O que você acha Bailarina?” Chamei-a nominalmente pois a mesma quase nunca se manifesta.

Bailarina: “Sim”

Professora: “Como?”

Bailarina: “Sentada.”

Professora: “Vimos que no passado acreditava-se que apenas pessoas magras e atléticas eram consideradas aptas a terem bom desempenho nos diferentes esportes. E atualmente, como é?”

Cleitinho: “Todo mundo pode participar.”

Naruto: “Não pode excluir.”

A questão do corpo aqui retratada foi pensada para ser trabalhada com a turma, pois um dos alunos já havia comentado duas vezes que tinha sofrido rejeição por conta de seu peso em outros

locais e por vezes já havia se manifestado contra a essa forma de preconceito. Esperava-se que ele debatesse mais o assunto, porém não se manifestou. Diante disso, provoqueei novamente:

Professora: “É justo que, alguém por suas características físicas, ou seja, altura, peso, cor de pele, seja impedido de praticar algum esporte?”

Crianças: “Não.”

E finalmente, o aluno se manifestou:

Pimentinha: “Isso não tem nada a ver, todo mundo tem direito de brincar.”

Professora: “E, se viesse aqui para a nossa escola alguma criança com alguma dificuldade para participar das brincadeiras, o que faríamos?”

Cyborg: “Aí, tem que ajudar.”

Moana: “É... não pode deixar sem participar.”

Aula 5: A corrida e a nossa vida

Duração: 50 minutos

Data: 15/08/2022

Faltas: Leite e Wandinha

Iniciei a aula retomando de maneira rápida os principais pontos abordados durante o estudo do arremesso de peso, questioneei a origem, os principais tipos de arremesso, quem pode ou não participar da prova de arremesso de peso. As crianças de maneira geral, e de forma simplificada se lembraram dos temas discutidos e vivenciados em aula.

Avisei que daríamos início ao estudo de outras provas do atletismo, a começar pela corrida. E de cara as crianças ficaram empolgadas, o que já era esperado, uma vez que se observa que esta é uma ação motora muito desejada por eles. Iniciei então os questionamentos:

Professora: “Como as corridas estão presentes no dia a dia de vocês?”

Leite: “No pega-pega”

Cyborg: “Nas brincadeiras”

Lady bug: “Quando corro atrás do meu cachorro”

Professora: “Por que as pessoas correm?”

Goku: “Para brincar”

Pimentinha: “Para fazer exercício”

Naruto: “No parkour”

Professora: “No decorrer da história, como as pessoas usavam a corrida? Antigamente, as pessoas corriam com os mesmos objetivos de hoje?”

Não souberam responder.

Avisei que passaria uma parte de um filme que retrata como acredita-se que era a vida humana há muito tempo. Ao iniciar o filme “Os Croods”, alguns relataram que já o conheciam, enquanto outros não, mas todos ficaram empolgados.

Por conta do tempo, o filme não foi visualizado na íntegra, causando certa frustração, mas eu disse que em outra oportunidade tentaria passar o filme completo e retomei os questionamentos:

Professora: “Como a corrida era usada na época retratada pelo filme?”

Simon: “Usavam para fugir”

Pimentinha: “Para sobreviver”

Naruto: “Para fugir dos animais”

Professora: “Como eles se alimentavam?”

Lady bug: “Com frutinhas”

Pimentinha: “Eles caçavam animais”

Professora: “Será que a corrida era importante nestes momentos também?”

Cyborg: “Acho que sim.”

Professora: “Vamos fazer uma brincadeira tipo um pega-pega, onde algumas pessoas serão caçadoras e os outros serão a caça?”

Crianças: “Vamos.”

A brincadeira previa que 1/4 da turma fossem caçadores (4 crianças), porém a atividade ficou confusa, assim diminuí o número de caçadores para 2 crianças. Houve um revezamento, até que todos passassem pela função de caçadores.

Na sequência propus uma brincadeira onde a busca pelo alimento se daria através de uma brincadeira de estafetas, onde os alunos deveriam correr atrás de frutos, porém no percurso as crianças teriam que fugir de um animal feroz (criança).

Finalizadas as atividades, chamei-os para uma conversa:

Professora: “E aí? Foi divertido esse momento de brincadeira?”

Crianças: “Sim”

Ao longo das aulas, as meninas apesar de participarem ativamente das atividades práticas pouco se manifestam nas discussões, precisando de estímulos para se manifestar.

Professora: Vamos lá! Gostaria de ouvir as meninas neste momento. Como os seres humanos conseguiam seus alimentos no período das cavernas?

Inicialmente, nenhuma resposta foi dada, assim, me dirigi a uma delas.

Professora: “Bailarina, para se alimentar o que as pessoas tinham que fazer?”

Bailarina: “Caçar.”

Professora: “Cinderela, de que outras formas eles conseguiam alimento?”

Cinderela: “Tinham que pegar frutinhas.”

Professora: “A corrida era importante nesse processo?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Como será que era a vida de uma pessoa incapaz de correr?”

Simon: “Devagar”

Cyborg: “Difícil.”

Professora: “A corrida era considerada um esporte nessa época?”

Crianças: “Não”

Professora: “Hoje é preciso correr para conseguir alimento?”

Crianças: “Não”

Professora: “Se no passado a corrida servia entre outras coisas para sobreviver, caçar e hoje, como vocês já me disseram a usamos para brincar, como esporte, para manter a saúde, será que no futuro ela poderá ter outros significados?”

Spider: “Acho que sim”

Professora: “Como será que poderemos usar a corrida no futuro Spider?”

Spider: “Para ganhar, para correr, para ganhar dinheiro.”

Professora: “É possível ganhar dinheiro correndo?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Como?”

Cleitinho: “Você, corre, vence, ganha o troféu e consegue a maior grana”

Spider: “Existe até barra de ouro”

Professora: “Então ser um corredor pode ser uma profissão?”

Crianças: “sim.”

Aula 6: As corridas, as mulheres e os Jogos Olímpicos

Duração: 50 minutos

Data: 15/08/2022

Faltas: Leite e Wandinha

No dia 15/08/2022, assim como todas as segundas-feiras tivemos aula dupla, assim segui o diálogo da aula anterior:

Professora: “Agora vamos falar sobre os Jogos Olímpicos. Vocês conhecem os jogos olímpicos?”

Alguns alunos: “Não”

Professora: “Ninguém conhece?”

Cleitinho: “Esses jogos são esportes que as pessoas fazem, elas competem”

Professora: “O que os vencedores ganham?”

Cleitinho: “Troféu”

Professora: “Alguém sabe se os vencedores ganham outro tipo de prêmio?”

Joaninha: “Medalha”

Cleitinho: “De ouro”

Spider: “De prata, de bronze”

Goku: “Bronze é a pior, a melhor é a de ouro.”

Spider: “Bronze é a pior mesmo.”

Professora: Quem é o vencedor ganha qual medalha?”

Alguns alunos: “De ouro”

Professora: “E quem chega em segundo lugar?”

Crianças: “De prata”

Professora: “E em terceiro lugar?”

Crianças: “De bronze”

Professora: “E em quarto lugar?”

Crianças: “Nenhuma”

Professora: “Ganhar nenhuma medalha é melhor ou pior do que ganhar a medalha de bronze?”

Crianças: “Pior”

Professora: “Então ganhar a medalha de bronze pode ser bom?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Vocês sabem qual foi a primeira prova disputada nos Jogos Olímpicos?”

Crianças: “Não”

Na sequência contei a história da corrida do Estádio, cuja distância era aproximadamente 192 metros, e há indícios de que foi disputada no ano de 776 a.C., onde só era permitida a participação masculina e que foi vencida por Corobeu que ficou conhecido como o primeiro campeão olímpico da história.

Professora: “Vocês sabem qual foi o prêmio que ele recebeu?”

Simon: “Um troféu”

Cleitinho: “Uma medalha”

Professora: “Não, naquela época os vencedores recebiam uma coroa de louros.”

Cyborg: “O que é louro?”

Pimentinha: “É algum tipo de metal?”

Professora: “É uma planta, usada na culinária, com ela podemos fazer chá, ela pode também ser usada como tempero. A coroa era parecida com essa que eu fiz para vocês, porém esta não é uma folha de louro e sim uma planta parecida com louro e que temos uma árvore aqui na escola. Vocês topam realizar uma corrida como se fosse a corrida Estádio que foi uma das primeiras provas dos Jogos Olímpicos?”

Crianças empolgadas: “Sim.”

Professora: “O vencedor da prova, ganhará essa linda coroa que eu fiz.”

Enquanto eles comemoravam, complementei:

Professora: “Porém, como eu disse, naquela época as mulheres não participavam, assim as meninas não poderão participar.”

A reação dos meninos foi de comemoração, ainda que tímida. Já as meninas não disseram uma palavra, mas seus corpos e expressões indicavam que estavam contrariadas.

Os meninos se preparavam para a corrida e eu, que estava atenta às reações femininas, inclusive esperava que se manifestassem mais ativamente pude observar que algumas sussurravam entre si algo relativo à situação, mas nenhuma delas questionou minha decisão de deixá-las apenas como espectadoras da atividade.

Realizamos a prova, porém no percurso alguns alunos se esbarravam e caíram no chão, porém não se machucaram, e, tivemos um vencedor que exerceu o papel de Corobeu e recebeu sua coroa.

Chamei-os para conversar sobre a atividade.

Professora: “Qual era o nome do vencedor da primeira prova dos Jogos Olímpicos?”

Alguns alunos: “Corobeu”

Professora: “Qual foi o prêmio dele?”

Pimentinha: “Coroa de folhas”

Cleitinho: “De louro”

Professora: “Alguém quer comentar algo sobre a atividade?”

Pimentinha: “Aconteceu um “atropelamento.””

Goku: “Um caiu em cima do outro”

Professora: “Alguém se machucou?”

Crianças: “Não.”

Professora: “O que poderíamos fazer para isso não acontecer mais?”

Simon: “Colocar um risco no chão.”

Cinderela: “Eu sei, colocar algumas linhas e cada um fica na reta de uma linha”

Professora: “Que excelente ideia. Vocês já viram isso em algum lugar?”

Crianças: “Sim”

Cinderela: “Na Olimpíada”

Crianças: “Éééé...”

Observa-se que embora não soubessem falar sobre os Jogos Olímpicos, conseguem trazer algumas lembranças sobre os Jogos.

Cinderela: “Nas corridas, cada um só pode correr em uma linha.”

Professora: “Tem uma outra situação que eu queria abordar. Essa atividade foi justa para todos os alunos?”

Robin: “Não, porque caímos.”
 Spider: “Alguém derrubou o Cyborg e o Robin.”
 Professora: “Além disso, aconteceu algo que foi injusto com as crianças da sala?”
 Pimentinha: “Nem todo mundo recebeu a coroa”
 Professora: “Mas a coroa não era só para o vencedor?”
 Crianças: “Sim”
 Professora: “Não faltou a presença de algumas pessoas nessa competição?”
 Cleitinho: “As meninas”
 Professora: “É justo?”
 Crianças: “Não.”
 Professora: “Eu gostaria que as meninas falassem como elas se sentiram em relação à proibição da participação?”
 Lady bug: “Eu fiquei triste.”
 Rapunzel: “Chateada.”
 Professora: “É justo os homens poderem fazer algumas atividades e as mulheres não?”
 Crianças: “Não.”
 Professora: “Se os meninos jogam futebol, as meninas também podem jogar?”
 Crianças: “Sim”
 Pimentinha: “Vocês jogam chute a gol com a gente no recreio”
 Spider: “Tem gente que fala, que só porque é menina não pode jogar futebol, pode sim.”
 Professora: “E as mulheres hoje podem votar?”
 Crianças: “Sim.”
 Professora: “E as mulheres podem dirigir carro?”
 Crianças: “Sim.”
 Professora: “Vocês sabiam que antes não era assim?”
 Simon: “É?”
 Pimentinha: “Eu sabia, minha vó até hoje não dirige.”
 Professora: “Vocês sabiam que os maridos mandavam nas esposas?”
 Algumas crianças: “Xi”
 Pimentinha: “Mas agora, as mulheres que mandam nos homens”
 Professora: “Mas está correto as mulheres mandarem nos homens?”
 Crianças: “Não.”
 Moana: “A gente tem que cuidar uns dos outros, a mulher cuida do marido e o marido cuida da mulher.”
 Professora: “Homens e mulheres devem ou não ter os mesmos direitos?”
 Cleitinho: “Tudo o que o homem pode fazer, a mulher também pode.”
 Professora: “Todos concordam?”
 Crianças: “Sim.”
 Professora: “Perfeito. Agora quero propor uma nova corrida com a participação dos meninos e das meninas. Vocês topam?”
 Crianças: “Sim.”

A corrida foi realizada e vencida por uma das meninas. Não tivemos tempo para discussões pois eu já tinha extrapolado meu horário de aula, assim a conversa foi retomada na aula seguinte, o que de certa forma não foi ruim, já que a reflexão não foi influenciada pelas emoções do momento, uma vez que os meninos não pareciam muito felizes com a vitória de uma menina.

Na aula do dia 16/08, o vencedor da corrida no dia anterior (Corobeu) voltou com sua coroa cujas folhas já estavam ressecadas e caindo, o que demonstra o quanto aquilo foi importante para ele.

Iniciei a aula retomando os temas estudados na aula anterior:

Professora: “Alguém lembra o nome da primeira prova disputada em Olimpíadas?”
 Ninguém conseguiu responder.
 Professora: “O nome da prova era “estádio”, vocês se lembram como era essa prova?”
 Naruto: “Era uma corrida”
 Pimentinha: “Era uma corrida que só os homens podiam competir”
 Professora: “Por que as mulheres não podiam?”
 Algumas crianças: “Porque era proibido”
 Professora: “E hoje, as mulheres são proibidas de competir?”
 Crianças: “Não.”
 Professora: “O que vocês acham dessa mudança?”

Pimentinha: “Eu acho bom.”

Professora: “Alguma menina pode falar sobre isso?”

Rapunzel: “Acho que todo mundo tem direito, não pode proibir”

Professora: “Quando alguém disser que vocês não podem fazer alguma coisa só porque são meninos ou meninas, o que vão falar?”

Rapunzel: “Tipo, se alguém disser que não posso brincar de futebol só porque sou menina, vou dizer posso sim”

Pimentinha: “É, não tem nada a ver, todo mundo pode brincar daquilo que quiser.”

Professora: “Muito bem, todos concordam?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Vocês se lembram o nome do primeiro vencedor da corrida Estádio?”

Naruto: “Corobeu”

Professora: “Qual foi o prêmio que ele recebeu?”

Algumas crianças: “Coroa de louros”

Aula 7: Corridas de revezamento

Duração: 50 minutos

Data: 16/08/2022

Faltas: Cinderela, Cleitinho e Leite

Para iniciar as discussões da aula do dia, trouxe os seguintes questionamentos:

Professora: “Até hoje vivenciamos o arremesso de peso e a corrida, nessas provas a competição é individual ou coletiva? Ganha somente o melhor ou ganha uma equipe?”

Spider: “Só um”

Professora: “Então é individual?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Vocês sabiam que há provas que podem ser realizadas em equipe?”

Pimentinha: “É? Qual?”

Professora: “Temos as corridas de revezamento, na qual tem-se que passar um bastão de uma pessoa para a outra”

Naruto: “Ah eu sei, já vi num desenho do Naruto. Tem um monte de faixa laranja e cada corredor tem que passar o pau para próximo até o último terminar.”

No mesmo momento, usei o celular e procurei na internet o desenho citado pela criança e constatei que realmente se tratava de uma corrida com as mesmas características da prova de revezamento do atletismo. As demais crianças ficaram curiosas, e, diante dessa demanda do grupo mostrei um pequeno trecho do vídeo para a turma que agora conseguia visualizar em suas mentes do que se tratava a corrida de revezamento.

Professora: “Como vocês puderam observar no vídeo, uma corrida de revezamento envolve mais de um competidor, no atletismo oficial cada equipe possui 4 competidores que terão de correr a mesma distância, se a corrida é de 4x100m, significa que cada um dos 4 atletas correrá 100m. Quando o competidor termina a sua distância, ele entrega o bastão para o próximo competidor da sua equipe. É importante que vocês saibam que caso o bastão caia no chão a equipe é eliminada. No caso as faixas laranjas que o colega comentou, são as raias de uma pista de atletismo. Vamos experimentar uma corrida de revezamento aqui na escola?”

Todos concordaram, inicialmente ensinei a forma de passagem do bastão e na sequência vivenciamos uma estafetas onde a cada volta um competidor passava o bastão para o outro.

Após vivenciar a brincadeira algumas vezes, voltamos à sala de aula e avisei que assistiríamos a vídeos de provas de revezamento praticada por atletas de alto nível, ou seja, os melhores de seus países. Fiz essa observação para que comesçassem a entender o conceito de esporte de alto nível. Pedi para que observassem as passagens de bastão, a sincronização dos atletas no momento da passagem, atentar quanto a movimentação das mãos. Mostrei uma prova onde ocorreu a queda do bastão, avisei que aquela equipe tinha sido eliminada e perguntei se eles sabiam o motivo e a maioria conseguiu perceber que a razão era a queda do bastão.

A ideia era que eles fossem capazes de apreciar melhor a prova com base nos conhecimentos adquiridos na aula. Seus corpos e suas expressões manifestavam certa admiração pelo evento. Para tentar acessar o que estavam sentindo e o que tinham aprendido iniciei um diálogo.

Professora: “Gostaram dos vídeos que assistiram?”

Crianças: “Sim”

Professora: “O que chamou mais atenção?”

Wandinha: “O lugar é bem legal, é grande”

Pimentinha: “Os atletas são bem fortes e rápidos”
 Cyborg: “Cada um fica em uma risca”
 Moana: “Tinha bastante gente assistindo”
 Joaquina: “Verdade, tinha muita gente”
 Professora: “O que vocês observaram no vídeo e aprenderam na aula de hoje?”
 Spider: “O bastão, a corrida”
 Professora: “Quais as diferenças entre as provas que viram nos vídeos e o que brincamos na escola?”
 Cyborg: “Tudo”
 Pimentinha: “Não é tudo, aqui também tinha bastão, tinha corrida.”
 Professora: “Para vencer a brincadeira que fizemos aqui na escola a equipe teria que fazer o quê?”
 Crianças: “Chegar primeiro”
 Professora: “E nos vídeos, o que as equipes tinham que fazer?”
 Spider: “Também, a mesma coisa, tinha que chegar antes das outras equipes.”
 Professora: “Muito bem, já temos uma semelhança. E em relação ao bastão, tanto aqui como lá, ele podia cair?”
 Crianças: “Não”
 Professora: “As disputas aqui eram em equipe ou sozinhos?”
 Crianças: “Equipe”
 Professora: “E nos vídeos?”
 Crianças: “Também”
 Professora: “Muito bem, observamos que há semelhanças, mas também há diferenças entre o esporte que fazemos na escola e o esporte dos grandes atletas, vocês conseguem falar algumas?”
 Eu gostaria de ouvir o KR”
 KR: “A pista. O formato é diferente.”
 Professora: “Certo. Agora será que a Joaquina pode me dizer outra diferença?”
 Joaquina: “Nós somos crianças e eles adultos”
 Professora: “Alguém sabe outra?”
 Pimentinha: “Eles ganham medalhas, os vencedores, acho que ganham dinheiro também.”
 Spider: “Ganham dinheiro sim”
 Professora: “Muito bem, vimos que existem algumas semelhanças e diferenças entre o esporte que fazemos na escola e o esporte de alto nível. Se vocês assistirem outro dia pessoalmente ou através de vídeo uma prova de revezamento, o que irão observar?”
 Pimentinha: “Quem ganha, que o bastão não pode cair.”
 Naruto: “Que tem que correr na linha.”
 Professora: “É mais divertido praticar ou assistir?”
 Crianças: “Praticar.”
 Como era de se esperar, para essas crianças estar em movimento costuma ser sempre estimulante.

Aula 8: Corridas de velocidade e saída baixa

Duração: 100 minutos

Data: 22/08/2022

Faltas: Cinderela e Lady Bug

Iniciei a aula questionando:

Professora: “Vocês já observaram a posição que ficam os atletas durante a largada?”

Pimentinha: “Eu sei, fica assim ó.”

Nesse momento abaixou-se demonstrando à sua maneira a saída baixa. Seguindo seu exemplo, outras crianças também mostraram a posição.

Professora: “Isso, chamamos essa posição de saída baixa. Se existe saída baixa, será que também existe saída alta?”

Moana: “Acho que sim.”

Cleitinho: “Deve ser quando começa a correr sem abaixar”

Professora: “Quando será se usa a saída baixa e quando usa a saída alta?”

Pimentinha: “Cada um escolher o que achar melhor”

Professora: “Em corridas mais curtas, ou seja, com distâncias menores, costuma-se usar a saída baixa, pois quando ela é bem treinada ajuda a ganhar velocidade mais rapidamente, já em corridas mais longas, onde precisa-se correr bastante, usa-se saída em pé. Vamos ver alguns vídeos com a saída alta e a saída baixa.”

As crianças visualizaram alguns vídeos, onde puderam observar atentamente o bloco de partida. Na sequência questionei:

Professora: “Será que sempre existiu a saída baixa? Será que o bloco de partida já era usado na época da corrida Estádio?”

Naruto: “Acho não”

Pimentinha: “Provavelmente não, se tudo muda”

Cleitinho: “Acho que era de outra forma, tipo eles apoiavam em pedras.”

Professora: “Há muitos anos eles saíam em pé. Depois, começaram a perceber que que saíssem abaixados conseguiam ganhar velocidade mais rapidamente e assim conseguiam terminar a corrida em menos tempo, mas para isso também perceberam que precisavam apoiar os pés em algum local, só que eles não criaram o bloco de partida como é hoje, eles faziam buracos no chão para apoiar os pés. O que acha de fazermos o mesmo?”

Após a criação experimentaram uma corrida apoiando seus pés nos buracos. Depois, sugeri que a realização de uma brincadeira de mãe de rua adaptada, onde a mãe ficaria atrás dos corredores e estes deveriam sair da posição abaixada. Os que fossem capturados pela mãe, esperariam ao lado até que uma nova “mãe da rua” assumisse sua função.

Na sequência ainda com a mesma brincadeira, porém agora os alunos saíam na posição em pé, e para agilizar teríamos 3 mães de rua, já que a maioria gosta de passar por esse papel.

Para finalizar, as crianças poderiam optar se saíam em pé ou abaixados, e como pode-se observar a maioria optou por sair abaixado.

Convidei-os para conversar sobre a aula:

Professora: “Qual forma de saída vocês gostaram mais?”

Assim como demonstrado pela foto, as respostas ficam bem divididas e com respostas bem simples:

Simon: “Eu prefiro em pé”

Joaninha: “Eu também”

Cyborg: “Eu prefiro abaixado, é mais legal.”

Spider: “Abaixado”

Robin: “Abaixado também”

Professora: “Por que será que inventaram o bloco de partida?”

Pimentinha: “Para dar mais impulso”

Professora: “Será que é viável que todo atleta faça seu buraco no chão? Como ficaria o chão das pistas de atletismo?”

Moana: “Cheio de buracos”

Simon: “Demora muito fazer os buracos”

Spider: “Demora mesmo e o chão é duro.”

Professora: “Na brincadeira mãe de rua, todos saíam ao mesmo tempo, ou algumas crianças saíam antes da fala da mãe?”

Spider: “O Robin, o Naruto e o KR saíram antes.”

Naruto: “Eu não.”

Professora: “Não importa quem. É justo em uma corrida que algum competidor comesse a correr antes dos outros?”

Crianças: “Não.”

Professora: “Vocês sabiam que hoje, além de auxiliar os atletas no momento da saída, os blocos de partida também possuem sensores que acusam o atleta que saiu antes do sinal do árbitro?”

Pimentinha: “Isso é bom, porque assim ninguém pode roubar.”

Professora: “Todos concordam que a tecnologia trouxe boas mudanças para o momento de saída das corridas?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Vocês se lembram quais as mudanças ocorridas na saída da corrida ao longo do tempo? Como era antes?”

Goku: “Todo mundo saía em pé”

Professora: “E logo depois?”

Pimentinha: “As pessoas cavavam buraco no chão para ajudar na corrida.”

Professora: “E como é hoje?”

Pimentinha: “Hoje tem o bloco de saída.”

Professora: “Isso, bloco de partida. Vocês percebem que o esporte e o mundo ficam sempre iguais ou as coisas mudam com o tempo?”

Cleitinho: “As coisas mudam, como mudou o bloco de partida.”

Naruto: “É mudam, antes ganhavam coroa de folhas, agora ganham troféu e medalha.”

Spider: “Ganham até dinheiro.”

Professora: “Então no futuro, será que haverá mudanças.”

Pimentinha: “Acho que sim.”

Goku: “Tem até quem corre com perna biônica.”

Professora: “Sim Goku, essa tecnologia ajuda quem tem algum problema físico, e no passado isso não era possível.”

Aula 9: O salto em distância

Duração: 50 minutos

Data: 23/08/2022

Faltas: Joanelha e Rapunzel

Antes de começar o registro da aula vale salientar que inicialmente o salto em distância não seria abordado, entretanto a visita em uma pista de atletismo já estava confirmada e, assim, para que eles pudessem aproveitar melhor esse momento, o salto foi também acrescentado à unidade didática.

Iniciei a aula explicando que abordariamos o salto em distância, que é a prova cujo objetivo é saltar o mais longe possível e coloquei um vídeo mostrando o salto e dicas de desempenho. Na sequência levantei alguns questionamentos:

Professora: “Vocês já saltaram em uma pista dessas? Se alguém já saltou, pode descrever a experiência?”

Crianças: “Não”

Professora: “Em que momentos vocês costumam saltar?”

Lady bug: “Pulando corda.”

Naruto: “Salto da escada.”

Professora: “Na brincadeira da amarelinha é preciso usar essa habilidade?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Na brincadeira “amarelinha” o objetivo é saltar mais longe?”

Lady bug: “Não, é saltar nos números.”

Moana: “E tem que jogar a pedrinha.”

Professora: “Vamos brincar de uma amarelinha diferente, onde vamos aumentando a distância dos saltos?”

Todos concordaram, e já na área externa organizei duas amarelinhas com bambolês, assim conseguiria aumentar a distância gradativamente. Separei a turma em duas filas e fui aumentando as distâncias. A partir do momento que observei que algumas crianças não estavam conseguindo saltar as distâncias propostas, pedi para que se sentassem e disse:

Professora: “Percebi que a distância entre os bambolês está muito grande para alguns de vocês, então agora vou deixar uma das amarelinhas com uma distância maior entre os bambolês e a outra com a distância menor, quem perceber que está com muita dificuldade em saltar a amarelinha com a distância maior, vai para a outra.

A ideia era que eles pudessem perceber e analisar o próprio movimento e procurar a amarelinha que se adequasse melhor à sua condição naquele momento, entretanto não foi o que aconteceu com a maioria. Cerca de 7 alunos estavam com dificuldades, mas apenas 1 ficou na amarelinha com distância menor. Senti a necessidade de parar a atividade novamente.

Professora: “Todos que estão saltando na amarelinha maior estão conseguindo pular dentro dos bambolês ou alguns estão errando?”

Naruto: “Tem um monte de gente errando.”

Pimentinha: “É, só eu fiquei aqui (na amarelinha com distância mais curta).”

Professora: “Vamos combinar assim, quem errar o salto volta para a amarelinha “menor.””

Embora, todos tenham concordado, alguns ainda permaneciam na amarelinha com distância maior, mesmo com muita dificuldade em realizar os saltos. Parei mais uma vez e disse:

Professora: “Eu estou gravando, vocês acham que estão me enganando ou se enganando? Sei quem não está cumprindo o combinado.”

Professora: “Vocês conseguem perceber quando erram?”

Goku: “Sim, quem pisava no bambolê ou fora dele estava errando.”

Pimentinha: “Tinha que pisar dentro do bambolê.”

Professora: “Todos sabiam disso?”

Crianças: “Sim”

Professora: “E por que não seguiram o combinado?”

Pimentinha: “O Spider não estava fazendo certo.”

Professora: “Não quero acusações. Quero que me respondam, por que não seguiam os combinados?”

Ninguém soube se explicar, na sequência tentei sensibilizá-los sobre a importância de perceber seus corpos e suas possibilidades.

Professora: “Pessoal, sempre conversamos em nossas aulas sobre nossas diferenças, não somos e nem precisamos ser iguais a ninguém, mas precisamos perceber como nosso corpo funciona. Se percebo que não sei andar de skate, preciso usar estratégias para aprender, ou seja, vou procurar alguém que me ensine, vou usar equipamentos de segurança, não vou descer uma ladeira, não andarei por vias movimentadas com carros se eu não me respeitar e tentar descer uma ladeira em cima de um skate o que provavelmente irá me acontecer?”

Moana: “Você vai cair.”

Pimentinha: “Nossa, vai se arreentar”

Professora: “Por isso, preciso perceber como meu corpo funciona, como realizo determinado exercício, para pensar em estratégias para melhorar.”

Na sequência, eles voltaram a atividade se adequando a amarelinha mais coerente com suas possibilidades

Na sequência, busquei aproximar ainda mais a prática escolar ao salto em distância oficial.

Professora: No vídeo que vimos sobre o salto em distância, onde os atletas caem/aterrizam?

Wandinha: “Na areia”

Spider: “Em um espaço onde tem um monte de areia.”

Professora: “Temos um espaço assim aqui na escola?”

Naruto: “Tem o parque de areia”

Professora: “Lá tem espaço suficiente para saltarmos?”

Crianças: “Não.”

Goku: “Lá tem os pneus e os toquinhos de madeira, não dá para saltar.”

Professora: “Proponho então em saltar na terra, será que é possível?”

Pimentinha: “Acho que sim, na terra é menos duro do que no cimento.”

Na área externa à escola, coloquei duas cordas e fui aumentando a distância entre as elas gradativamente, pedi que saltassem antes da primeira corda, pois se pisassem além dela, o salto não seria válido.

Professora: “Será que conseguimos realizar o salto em distância na escola?”

Crianças: “Sim.”

Com a intenção de inserir alguns alunos que pouco participam das discussões em aula, perguntei nominalmente:

Professora: “KR, o salto que realizamos na escola, é igual ao que vimos nos vídeos?”

KR: “Não”

Professora: “Você consegue me falar pelo menos uma diferença?”

KR: “Aqui não tinha areia.”

Professora: “Isso. Leite, você consegue apontar outras diferenças?”

Leite: “Sim, lá são adultos que saltam bem longe, aqui somos crianças.”

Professora: “Por que eles saltam tão longe?”

Leite: “Por que treinaram muito.”

Professora: “Sim, são atletas que dedicam muito tempo em treinos para melhorar seu desempenho.”

Professora: “Alguém consegue apontar semelhanças entre o salto que fizemos na escola e o que vimos nos vídeos?”

Goku: “Nos dois tem que saltar o mais longe que conseguir”

Professora: “Muito bem, nossos objetivos são muito parecidos. No desafio de saltar sobre as duas cordas, qual era o ponto onde vocês deveriam realizar a impulsão?”

Goku: “Não podia pisar depois da primeira corda.”

Professora: “E nos vídeos, vocês se lembram de alguma orientação sobre o espaço adequado para saltar?”

Pimentinha: “Eu sei, tinha que pisar naquele risco no chão antes de pular na areia.”

Professora: “Isso, aquele risco chama-se tábua de impulsão, se o atleta passar dela o salto dele não vai valer, por isso é necessário treinar muito para conseguir pisar direitinho a corrida antes do salto, para que seu último contato com o chão antes do salto toque o limite da tábua de impulsão. Tinha outra situação que temos que ter atenção durante o salto, lembram-se do que falei durante os vídeos?”

Ninguém se manifestou, diante disso complementei:

Professora: “Após finalizado o salto, ou seja, quando a pessoa cair na areia, ela pode voltar para trás ou tem que sair da caixa andando para frente?”

Goku: “Tem que ir para frente.”

Professora: “Isso mesmo, porque o juiz irá contar a primeira marca do seu corpo no chão, se voltar para trás seu salto terá uma distância menor. Se um dia vocês quiserem praticar o salto em distância ou se estiverem assistindo alguém saltando, deverão ficar atentos a esses detalhes.”

Professora: “Vocês acham que vão fazer ou assistir o salto em distância fora da escola algum dia?”

Moana: “Acho que sim”.

Robin: “O Goku é bom, acho que ele pode treinar e ser campeão”.

Professora: “Mas só pode treinar ou realizar o salto, quem consegue saltar bem, ou pode-se saltar com outros objetivos, como se divertir por exemplo?”

Cinderela: “Todo mundo pode brincar e se divertir saltando”.

Goku: “É, dá para brincar de saltar”.

Professora: “Como vocês brincariam de saltar?”

Cleitinho: “É só pegar duas cordas e saltar, sem pisar dentro.”

Moana: “Dá para fazer riscos no chão também.”

Robin: “Lá em casa tem uma parte com areia, acho que vou brincar de saltar lá.”

Professora: “Excelentes ideias. No momento da aterrissagem no chão, o ideal é colocar as mãos para trás, ou jogar o corpo para frente?”

Crianças: “Jogar o corpo para frente.”

Professora: “Por que?”

Pimentinha: “Por que senão, perde ponto.”

Professora: “Na verdade, o salto será considerado menor, por que a distância será considerada da área de salto, que no nosso caso era a primeira corda e nos vídeos era a tábua de impulsão, e a primeira marcação do seu corpo que estiver aparecendo no chão.”

Aula 10: Planejando um festival

Duração: 100 minutos

Data: 29/08/2022

Faltas: KR

Esta aula precede a visita à pista de atletismo e a ansiedade toma conta das crianças.

A ideia é fazê-los participar de um momento de organização de um festival de atletismo, entretanto, alguns pontos que já haviam resolvidos por mim e pela direção da escola, como agendamento do espaço, disponibilização e compra de alguns materiais, para serem usados nas provas, por exemplo faixas para compor as equipes, lanches e transporte até o local. Iniciei convidando-os para pensar na elaboração do festival.

Professora: “Todos preparados para o passeio de amanhã?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “O que vamos fazer lá?”

Naruto: “Vamos correr, brincar.”

Pimentinha: “Vamos conhecer.”

Professora: “Pensei em planejarmos um festival de atletismo, já que vamos conhecer uma pista de atletismo.”

Pimentinha: “O que é um festival?”

Professora: “Existem vários tipos de festivais. Em um festival de atletismo poderíamos disputar algumas provas dessa modalidade.”

Pimentinha: “Ah, não. Prova não.”

Professora: “Não é uma prova escolar, as provas do atletismo são as disputas de cada uma das modalidades que estudamos. O que estudamos nesse período?”

Cleitinho: “Saltos, corridas, o arremesso.”

Professora: “Podemos fazer as disputas dessas provas?”

Crianças: “Sim”

Professora: “Tem uma prova que o Cleitinho não citou, alguém lembra?”

Naruto: “Salto em distância?”

Professora: “Ele já citou saltos. Como chama a prova que tem que passar um bastão?”

Joaninha: “Corrida do bastão.”

Professora: “Tem outro nome.”

Goku: “Corrida de passar o bastão.”

Professora: “Reve...”

Pimentinha: “Corrida de revezamento.”

Professora: “Podemos definir essas provas para o nosso festival?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Só que temos que pensar em equipes. Comprei faixas de 3 cores para montarmos nossas equipes.”

Pimentinha: “Eu, o Cleitinho, o Leite e o Goku somos da mesma equipe. A equipe dos amigos.”

Professora: “Nossa, achei que todos fôssemos amigos. Pensei em fazermos um sorteio e para deixarmos com número de meninos e meninas parecidos em cada time, sorteio um menino e uma menina para cada time, pode ser?”

As crianças aceitaram a proposta e os times foram separados. Nem todos ficaram totalmente satisfeitos.

Expliquei que a ideia era premiar todos os participantes e não só os vencedores, perguntei se aprovavam a ideia e todos concordaram. Tínhamos que decidir a forma de premiação.

Professora: “Pessoal, o que preferem para a premiação? Coroa de louros como antigamente ou medalhas?”

Inicialmente, achei que eles prefeririam as coroas, inclusive já tinha combinado com uma monitora da escola que nos ajudaria na elaboração das coroas, mas a turma optou por medalhas.

Professora: “Só que cada um de vocês será responsável por elaborar a sua medalha. Utilizaremos faixas da cor de cada equipe e vocês farão um desenho relacionado às provas do atletismo que estudamos, pode ser?”

Wandinha: “Vai ter que desenhar?” Se contrapondo à ideia.

Professora: “Podemos pesquisar desenhos na internet, imprimimos e aqueles que não quiserem desenhar, podem apenas pintar.”

Todos optaram por pintar. Escolhemos juntos 3 imagens, uma relacionada às corridas, outra ao arremesso e a terceira ao salto. Cada um escolheu sua prova preferida, imprimimos eles pintaram e colamos o desenho em um E.V.A., que foi colado à faixa de cada equipe. Como um dos colegas faltou no dia, perguntei se alguém poderia se responsabilizar por elaborar a medalha dele e uma das crianças se ofereceu e pintou o desenho e eu finalizei a medalha.

Questionei a turma sobre os materiais necessários para o nosso festival.

Professora: “O que acham que precisamos levar amanhã?”

Pimentinha: “Tem que levar as nossas bolas.”

Professora: “Bem lembrado Pimentinha. Eu já consegui algumas bolas de arremesso infantil para serem usadas amanhã, se você quiser levar a sua tudo bem.”

Pimentinha: “Um pouco, vou pensar se levo ou não.”

Professora: “Como verificaremos os vencedores das provas de salto em distância e salto em altura? Será que dá tempo de ficar medido cada arremesso ou salto? Será que cada criança não terá que ficar muito tempo esperando?” Fiz o comentário na tentativa de desencorajá-los dessa opção, uma vez que eu sabia que não teríamos tempo suficiente.

Algumas crianças achavam que daria tempo de medir, porém a maioria desistiu da ideia. Mesmo porque em nenhuma aula focamos na medida e sim em aumentar a distância do salto e do arremesso.

Professora: “Pensei em delimitar alguns espaços com algumas cordas, se saltar ou arremessar até a primeira corda, ganha um ponto, se arremessar ou saltar até a segunda ganha dois pontos e se arremessar após a segunda ganha 3 pontos. Aqueles que queimarem o salto ou o arremesso não ganhará pontos. O que acham?”

Cleitinho: “Pode ser assim.”

Pimentinha: “Não entendi direito.”

Retomei a explicação, usando a lousa e desenhando as delimitações e na sequência todos concordaram.

Professora: “Quem irá marcar os pontos?”

Muitas crianças se ofereceram a realizar a ação, assim decidimos que na hora escolheríamos pessoas de outro time para realizar a marcação.

Professora: “Onde marcaremos?”

Lady bug: “Eu levo papel e lápis.”

Professora: “Combinado.”

Professora: “Vamos ficar a tarde toda lá, o que mais precisamos levar?”

Bailarina: “Tem que levar água e comida.”

Lady bug: “Vamos fazer um piquenique? Pode levar lanchinho?”

Professora: “Muito bem lembrado, temos que nos hidratar e alimentar. Podemos fazer um piquenique, mas podem ficar tranquilos que a escola irá fornecer os lanchinhos, mas não se esqueçam de levar garrafinha de água. Vocês se lembraram da hidratação e alimentação e, se estiver com sol intenso, que cuidados temos que tomar?”

Naruto: “Aí, tem que levar boné”.

Lady bug: “E protetor solar”.

Professora: “Isso mesmo, então não se esqueçam das garrafinhas, boné, protetor solar e roupas confortáveis.”

Aula 11: Visita e vivência do festival

Duração: 200 minutos

Data: 30/08/2022

Faltas: KR

As crianças estavam extasiadas muito empolgadas com a visita que fariam, o que já era esperado uma vez que normalmente os passeios escolares causem muita expectativa nos mesmos, somado a esse fato tivemos a pandemia que inicialmente manteve as crianças em suas casas e mesmo com o retorno das aulas no período pós-pandêmico as viagens e passeios escolares foram evitados, assim essa seria a primeira visita pedagógica propiciada pela nossa escola àqueles alunos.

Chegando ao Centro Esportivo do SESI Limeira, pedi a autorização para apresentar todas as instalações do local, uma vez que muitos deles sequer conheciam uma quadra poliesportiva, já que nossa Unidade Escolar não possui essa estrutura física. Ficaram muito impressionados com o tamanho e pela conservação do espaço e desejosos de desfrutar da infraestrutura, sabendo que o local era usado pelos alunos da escola SESI localizada no mesmo endereço uma menina comentou: Cinderela: Vou pedir para minha mãe me matricular aqui.

Comentei que as vagas eram reservadas para filhos de industriários e que nos anos iniciais do ensino fundamental era muito difícil de conseguir vaga, mas que a família poderia pagar uma mensalidade e usar as dependências do clube e suas aulas.

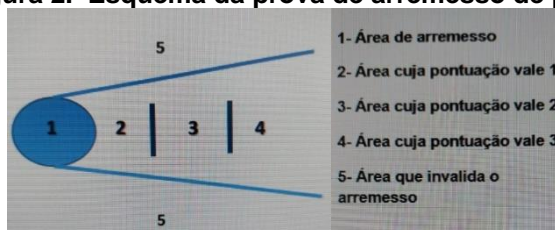
Cinderela: “Xi, tem que pagar? Deixa quieto, minha mãe não tem dinheiro.”

Aquele comentário foi muito significativo para mim, sabendo que o esporte e o lazer é um direito de todo cidadão, especialmente das crianças, como se conformar com a falta de acesso à infraestrutura e aulas específicas de algum esporte, para além da educação física escolar, somente pelo fato de estas crianças morarem na zona rural e não terem condições financeiras para pagar os serviços privados e até mesmo não terem condições de transportar-se aos serviços públicos?

Finalmente chegamos à pista de atletismo que ainda que não tivesse uma infraestrutura modernizada era bem conservada e com metragens oficiais, as áreas que antes eram destinadas ao lançamento de dardo e arremesso de peso deram espaço a quadras de beach tênis, esporte que tem levantado receita ao clube. Os alunos ficaram muito empolgados e assim que chegaram começaram a correr pelo campo de futebol que fica no centro da pista, o que dificultou um pouco a manutenção no foco de apresentação da pista e posterior vivência das provas previamente combinadas na escola.

Partimos para a primeira disputa, o arremesso de peso, combinamos que todas as crianças de uma mesma equipe fariam 3 arremessos, sendo que cada um deles poderia valer de 0 a 3 pontos, 0 para aqueles que queimassem o arremesso, 1 para aqueles arremessos que caíssem até o espaço delimitado pela 1ª corda, 2 pontos dentro do espaço entre a 1ª e 2ª corda e 3 pontos além da 2ª corda, como exemplificado no esquema a seguir.

Figura 2. Esquema da prova de arremesso de peso



Fonte: Elaborada pela professora

A pontuação de cada equipe era anotada por um colega de uma equipe adversária após minha intervenção com a turma para definir qual era a pontuação do arremesso.

Após a vivência do arremesso, percebemos que Moana, aluna sempre muito ativa estava em silêncio e sentada isolada dos demais. Ela alegava estar com dor de cabeça e após conversar com a professora da turma, admitiu que não tinha almoçado naquele dia. Sabendo que a escola

fornece o almoço assim que as crianças chegam, questionei o motivo de não ter almoçado e a aluna disse ter esquecido. Acreditamos que a ansiedade era tamanha que ela realmente não se lembrou de almoçar. Demos um lanche que foi preparado pelas merendeiras e pedimos que esperasse até o momento do piquenique.

Na sequência seguimos para a prova da corrida de 50 metros, onde colocamos duas crianças de cada equipe em cada série, sendo que o 1º que chegasse marcaria 3 pontos para sua equipe, o 2º colocado marcaria 2 pontos e o 3º 1 ponto. Combinados que cada criança deveria permanecer em sua raia, que poderiam optar pela saída baixa ou alta e que deveriam esperar o sinal da professora para sair.

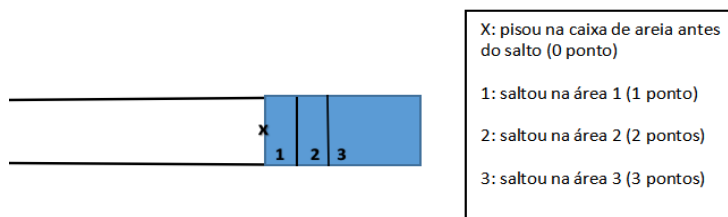
Nessa prova a agitação dos competidores e torcedores era tanta que eu me responsabilizei pelo registro dos pontos. A verificação dos vencedores não foi por marcação de tempo e sim por filmagem de cada série.

Em uma das largadas, duas crianças saíram antes do sinal pré-determinado, e, imediatamente, alguns alunos que estavam assistindo denunciaram a ilegitimidade da ação.

Em duas oportunidades, algumas crianças invadiram raias adversárias e quando isso acontecia eu questionava a turma sobre o que não estava correto na disputa e a maioria deles era capaz de apontar a invasão da raia e apontavam quem era a criança que havia desrespeitado a regra.

Finalizada a prova da corrida de 50 metros, partimos para a prova do salto em distância. Para isso usamos a mesma dinâmica da prova do arremesso de peso, ou seja, cada criança teria direito a 3 saltos que poderiam valer de 0 a 3 pontos, como explicado no esquema abaixo.

Figura 3. Esquema da prova do salto em distância



Fonte: Elaborada pela autora

Assim como na prova do arremesso de peso, um dos colegas da equipe adversária ficaria responsável pela anotação da pontuação de cada salto. Outros que aguardavam sua vez, apontavam quando o salto havia sido queimado, enquanto alguns apontavam a pontuação de cada salto. Isso se deu, espontaneamente, sem nenhuma orientação minha.

A prova do salto foi finalizada por volta das 14h20 (neste horário as crianças já teriam tomado o lanche na escola) e, algumas já perguntavam pelo piquenique prometido, além disso já estavam ficando cansadas. Dessa forma, agilizamos a prova do revezamento 5X300m da melhor maneira possível. Cada criança deveria percorrer em torno de 60m e entregar o bastão para o colega da sua equipe. Usamos somente a raia 1, uma vez que seria impossível acompanhá-los nas raias, já que éramos apenas 3 adultos, eu, a professora polivalente da turma e a diretora da escola.

Ao final da prova, eu já comemorava com eles classificação das equipes na prova de revezamento quando fui interrompida por um deles:

Cyborg: “A Moana (da equipe laranja que ficou em terceiro lugar) entregou o bastão para o Goku (da equipe roxa que venceu o revezamento), era para a gente ter ganhado.”

Professora: “Não acredito, ela confundiu a equipe? Pode isso?”

Cyborg: Não, não vale.

Naquele momento percebi que todos estavam cansados e a maioria deles faminta. Não acreditava ser viável a realização de uma nova prova.

Professora: “Acho que então tivemos mais de um vencedor. O que acham de declararmos que todas as equipes venceram esta prova?”

Nem todos estavam presentes no momento da conversa, já que muitos ainda estavam se dirigindo ao local. Os que estavam ali toparam a ideia. Deixei para problematizar a situação em outro momento.

A confusão foi compreensível, uma vez que apenas uma faixa os diferenciava e todos estavam na raia 1, talvez se estivessem usando um colete tal equívoco não teria ocorrido.

Todos se reuniram para o piquenique, se alimentaram e logo a energia voltou a reinar na turma. Convidei-os a realizar a premiação, sendo que uma equipe premiaria a outra. Não houve questionamentos quanto à contagem dos pontos, para assim verificar qual seria a equipe vencedora.

No decorrer do processo isso não foi valorizado e, uma vez que todos estavam sendo premiados a satisfação era coletiva.

Enquanto esperávamos o ônibus para retornarmos à escola, perguntei à turma se todos tinham gostado do evento e, todos afirmaram que sim. Questionei se alguma regra do esporte tinha sido descumprida:

Naruto: “Teve criança que saiu da raia, a Joanhina, a Bailarina, o Spider.”

Spider: “Mas eu invadi, só um pouquinho.”

Professora: “Pode um pouquinho?”

Naruto: “Não pode.”

Professora: “Cyborg, o que mais aconteceu que não estava correto?”

Cyborg: “A Moana entregou o bastão para o Goku.”

Professora: “Moana, o que aconteceu? Você não sabia que tinha que entregar para o Cyborg?”

Moana: “Me confundi.”

Professora: “Se fosse uma prova de revezamento com regras oficiais isso poderia acontecer?”

Moana: “Não.”

Cyborg: “Não.”

As crianças estavam muito dispersas, atentando-se até para as câmeras colocadas no local e pouquíssimas participavam da conversa. Optei por continuar a discussão em outro momento.

O ônibus chegou e todos retornaram muito falantes e animados, sendo que um deles comentou com a professora polivalente:

Robin: “Hoje foi o dia mais feliz da minha vida.”

Provavelmente, tal criança em breve elegerá outro momento como o mais feliz da vida dele, porém naquele dia ele se sentiu muito feliz, pois teve oportunidade de conhecer e vivenciar situações que não são cotidianas. Não havia pressão para vencer as disputas e nem por decorar conceitos, o processo de aprendizagem se deu de maneira lúdica e natural.

Continuação da aula 11: Roda de conversa pós visita

Duração: 50 minutos

Data: 06/09/2022

Faltas: Sem faltas

Essa conversa deveria ter sido realizada no dia da visita, mas o tempo não foi suficiente para isso, assim foi realizada na aula seguinte.

Buscou-se com essa atividade refletir sobre as diferenças entre a vivência na escola e em uma pista oficial de atletismo.

Professora: “Que diferenças vocês perceberam entre fazer o atletismo na escola e fazer o atletismo na pista do SESI?”

Pimentinha: “Eu sei. Porque lá no SESI tem pista de corrida de verdade e aqui não, porque não tem muito espaço. Então aqui é mais perigoso. A bola de meia é mais leve do que aquela usada lá (bola de peso infantil), então aquela é mais perigosa.”

Professora: “Você achou a outra bola mais perigosa?”

Pimentinha: “Sim, por que é mais pesada”

Professora: “Que cuidados devemos tomar para não nos machucarmos com aquela bola?”

Pimentinha: “Ah, não ficar com brincadeira boba e tomar cuidado para não acertar o colega.”

Bailarina: “Por que lá tem pista de corrida, é mais legal.”

Professora: “O que vocês acharam de usar a pista de corrida com as raias?”

Crianças: “Legal”

Cyborg: “Lá ninguém trombou com ninguém né?”

Professora: “Todos respeitaram as raias na corrida”

A maioria respondeu que não, enquanto outros responderam sim, o que me levar a cogitar que ou realmente não observaram algumas poucas invasões que aconteceram durante a prova ou respondem no coletivo sem pensar na questão feita pela professora.

Cyborg: “A Joanhina invadi.”

Pimentinha: “Duas pessoas. A Joanhina e a Wandinha”

Wandinha: “Eu não”

Professora: “Tivemos algumas invasões e agora não importa quem invadiu. Essa invasão é permitida nas regras oficiais?”

Crianças: “Não”

Professora: “O que aconteceu na prova de revezamento no momento da passagem dos bastões?”

Cyborg: “Se confundiram.”

Pimentinha: “O Naruto se confundiu.”

Professora: “O Naruto também?”

Pimentinha: “Sim. E sabe por que a equipe roxa venceu? O Naruto se confundiu na primeira (passagem) e a equipe roxa ganhou.”

Nesta prova, fiquei muito longe das crianças e realmente só soube dos problemas após a fala deles.

Professora: “Eu só sabia que a Moana tinha se confundido.”

Moana: “É, eu me confundi.”

Professora: “Não tem problema que naquele momento vocês tenham se confundido. O importante é que vocês saibam que o correto é entregar o bastão para seu colega de equipe. No dia da visita, eu poderia ter repetido a prova, porém a distância para corrida era grande e observei que vocês estavam cansados e com fome.”

Naruto: “Eu estava com fome mesmo.”

Joaninha e Wandinha: “Eu também.”

Professora: “Vocês conseguem me dizer o que aprenderam com o atletismo?”

Diante do silêncio da turma, fiz uma intervenção.

Professora: “O que aprenderam sobre o arremesso de peso?”

Nenhuma resposta. Percebe-se que com questões muito abertas eles tem dificuldade ou receio em responder. Então direcionei melhor a pergunta.

Professora: “Antes de se arremessar uma bola de ferro, o que se arremessava antigamente?”

Pimentinha: “Eu sei, eu sei. É... galhos pesados (truncos de árvores) ou pedras.”

Professora: “Isso, depois também observamos que os soldados ingleses arremessavam...”

Robin: “Bolas de canhão.”

Professora: “O que chamou mais atenção de vocês neste estudo? Alguém pode falar?”

Cyborg: “O peso, o arremesso de peso”

Professora: “Por que?”

Cyborg: “É legal”

Pimentinha: “Eu gostei do bastão. Da corrida de bastão”

Professora: “Da corrida de revezamento? O que vocês aprenderam sobre ela?”

Leite: “Que o bastão tem que entregar na mão.”

Professora: “Como deve ser feita a passagem de bastão nessa corrida?”

Rapunzel: “Assim ó.” Demonstrando a posição das mãos de quem receberá o bastão na passagem.

Professora: “Para quem que devemos passar o bastão? Para a sua equipe ou equipe adversária?”

Crianças: “Minha equipe”

Professora: “O bastão pode cair no chão?”

Crianças: “Não.”

Aula 12: Avaliação

Duração: 50 minutos

Data: 12/09/2022

Faltas: Joaninha, Cinderela

A ideia da aula era trazer para discussão questões que levantassem elementos para identificar se as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC foram efetivamente trabalhadas durante o processo.

Na dimensão experimentação, para além das observações realizadas durante as aulas foram trazidas as seguintes questões:

Professora: “Como foi a participação de vocês nas atividades? Alguém deixou de realizar alguma atividade?”

Cleitinho: “Todo mundo participou e brincou.”

Joaninha: “Eu participei.”

Professora: “Todos concordam, que todos participaram das aulas?”

Crianças: “Sim.”

Moana: “Sabe o que eu gostei mais? Daquela corrida.”

Lady bug: “Eu também”

Cyborg: “Eu gostei do salto na areia”

Professora: “Qual é o nome da prova em que saltamos na areia?”

Cleitinho: “Salto em distância.”

Cyborg: “Eu gostei do salto em distância.”

Professora: “Isso, esse é o nome correto. Mas será que em alguma atividade houve algum desconforto? Em algum momento não foi prazeroso?”

Cleitinho: “Não.”

Crianças: “Não.”

Pimentinha: “Sim.”

Professora: “Qual? Pode falar.”

Pimentinha: “Da corrida.”

Professora: “Por quê?”

Pimentinha: “Só não gostei da corrida.”

Professora: “Você não quer me dizer o motivo? Eu gostaria de entender.”

Goku: “É porque você é lento.”

Professora: “O que foi Goku?”

Goku: “O Pimentinha é forte, mas não é rápido, é lento.”

Professora: “É isso mesmo Pimentinha?”

Pimentinha: “Eu e o Goku a gente sempre brinca de queda de braço e aí eu ganho.”

Professora: “Entendi. Mas será que só é legal quando ganhamos? Já conversamos algumas vezes que cada um tem suas qualidades. Dá para ser bom em tudo?”

Spider: “Tem gente que ganha e tem gente que perde.”

Professora: “Isso, não ganhamos sempre e não perdemos sempre.”

Moana: “Sabe aquela raia que tava lá no chão para não errar o caminho?”

Professora: “Sei.”

Moana: “Eu não errei e ainda ganhei.”

Professora: “Você realmente é veloz Moana, essa é uma das suas qualidades.”

Professora: “Me lembro de algumas crianças reclamando de levarem boladas e de cair.”

Lady bug: “Teve isso, mas foi só aquele dia.”

Robin: “Tem que tomar cuidado para não cair.”

Professora: “De maneira geral, vocês entendem que foi divertido ou foi ruim participar das atividades propostas sobre o atletismo?”

Crianças: “Foi divertido.”

Como relatado anteriormente, nessa faixa etária e especificamente neste grupo, as crianças gostam muito de vivenciar os jogos, brincadeiras e exercícios que envolvam movimento nas aulas de Educação Física. Embora entenda-se a necessidade de se criar situações visando a prevenção de acidentes, alguns tombos, trombadas e boladas podem ocorrer e gerar um desconforto momentâneo, que não podem desencorajar a criança de voltar a participar das vivências propostas.

Na dimensão uso e apropriação a constatação se dará apenas por relato, pois na escola as atividades são quase todas orientadas, inclusive as brincadeiras do intervalo.”

Professora: “Estou curiosa para saber se, dentre as atividades que aprendemos aqui na escola, ou seja, o salto em distância, as corridas, o revezamento e o arremesso de peso, vocês ensinaram alguma delas aos seus amigos, ou irmãos ou pais?”

Alguns disseram não, outros começaram a explicar.

Lady bug: “Eu brinquei de corrida com minha irmã.”

Robin: “Eu também”

Cyborg: “Eu também, com meu irmão de corrida.”

Naruto: “Eu risquei o chão com giz na casa da minha vó e meus primos vieram e a gente apostou uma corrida.”

Professora: “O que você riscou no chão? As raias?”

Naruto: “É.”

Cleitinho: “Eu dei uns pulos, fui marcando no chão até onde conseguia pular.”

Professora: “Você observou se aumentava a distância do seu salto?”

Cleitinho: “É, eu marcava com um giz.”

Moana: “Eu, meu irmão e minha irmã, a gente apostou corrida e eu ganhei deles também.”

Pimentinha: “Eu brinquei com meu vô. A gente arremessou a bola para ver quem jogava mais longe.”

Spider: “Eu brinquei de bola de peso com meu pai também.”

Cinderela: “Eu corri com meu irmão. A gente apostou corrida em casa e saltamos também para ver quem pulava mais longe.

Em relação à dimensão do conhecimento Fruição, baseada nas respostas anteriores, eles conseguiram apreciar a própria vivência e a do grupo, se empolgam ao observar a realização de um

salto por exemplo, demonstraram estar construindo elementos para identificar acertos e erros seus e de seus colegas, dentro das regras da modalidade estudada, o que leva a crer que estão construindo recursos para poderem apreciar melhor uma prática esportiva na condição de expectadores e praticantes.

Professora: “Além de brincar e disputar algumas provas, no estudo do atletismo assistimos alguns vídeos. Vocês se lembram? Alguém pode citar algum?”

Cyborg: “Eu lembro do vídeo do arremesso.”

Professora: “O que te chamou atenção nesse vídeo?”

Cyborg: “Tem o arremesso de martelo, de peso e de disco.”

Professora: “Vocês se lembram quais são os tipos de arremesso que vimos?”

Pimentinha: “Eu sei. Tem o arremesso de martelo, de disco, de lança, da bola de peso e também no passado eles arremessavam bolas de canhão ou pedras grandes.”

Professora: “Você se lembrou de muitas coisas Pimentinha. Mas vocês se lembraram que aqui na escola fizemos o arremesso lateral parado, vocês se lembram de mais algum?”

Robin: “Tem o arremesso na cadeira”

Professora: “Isso mesmo. Quem arremessa na cadeira?”

Robin: “Eu sei. Quem tem problema na perna”

Pimentinha: “Ou eles quebraram a perna ou nasceram assim.”

Spider: “É cadeirante.”

Professora: “Quando passar na TV uma competição de atletismo. Vocês gostariam de assistir?.”

Crianças: “Sim”

Professora: “E o que vocês iriam observar se fossem assistir uma corrida?”

Pimentinha: “Se está correndo dentro da raia, se for corrida de bastão, tem que passar certo o bastão, não pode deixar cair, senão pode perder por causa disso.”

Goku: “Foi isso que a Moana fez, em vez de entregar para o Cyborg, entregou o bastão para mim.”

Professora: “Será que esse erro não foi importante para vocês prestarem mais atenção na passagem do bastão. Será que o erro colaborou para aprender mais ou menos.”

Goku: “Aprender mais.”

Professora: “O erro pode nos ajudar na nossa aprendizagem. Talvez nunca mais você se esqueça disso, devido ao erro que aconteceu na sua equipe.”

Cyborg: “Não pode invadir a raia do outro.”

Professora: “E no arremesso do peso, o que vocês precisam ficar atentos?”

Cyborg: “Tem que prestar atenção que não pode pisar fora do círculo.”

Professora: “Com quantas mãos fazemos o arremesso.”

Crianças: “Uma.”

Pimentinha: “Uma, porque com a outra você faz assim e assim (demonstrou o arremesso).

Professora, sexta o Cyborg ficou bravo só porque eu assopro as respostas.”

Realmente, Pimentinha se antecede às respostas, sendo que algumas vezes é necessário pedir para que ele espere seus colegas se manifestarem.

Professora: “Acho que as pessoas também querem se manifestar, então devemos dar oportunidades para todos falarem, o que acha?”

Pimentinha: “Mas eles podem falar também.”

Professora: “Certo, então vamos dar espaço para todos, espere um pouco antes de responder. Vamos falar agora sobre o salto em distância. Ao finalizar o salto, devo sair para frente ou posso voltar para trás.”

Crianças: “Para frente.”

Professora: “Antes do salto, o pé que realiza o impulso deve tocar em qualquer lugar?”

Cleitinho: “Não pode pisar na areia.”

Professora: “Quando saltamos foi esse o combinado, não pisar na areia. E nos vídeos? Vocês se lembram onde tocava o pé do atleta?”

Cyborg: “Num risco do chão.”

Professora: “Se chama tábua de impulsão. Vocês percebem quantas coisas novas aprenderam e já podem usar ou para brincar ou para assistir o atletismo em qualquer lugar?”

Crianças: “Sim.”

No que diz respeito à **reflexão sobre a ação**, no decorrer das aulas, foram propostos momento de reflexão sobre a ação, onde os alunos puderam trazer diferentes elementos que lhes eram significativos aos debates, inclusive algumas vezes fugindo daquilo que era proposta pela docente. Todavia, quando foi proposto uma reflexão da própria ação, onde eles tivessem que se

atentar à execução do movimento e a partir disso pensar em estratégias para adequar-se às características da modalidade estudada, alguns deles apresentaram dificuldades.

Nesse momento de diálogo, eu trouxe alguns questionamentos relacionados ao saber como fazer as provas vivenciadas, mas não garante que saibam analisar o próprio movimento.

Professora: “Se eu os convidasse a participar de uma competição de atletismo com as provas de salto em distância, arremesso de peso, corridas de velocidade e revezamento, que cuidados vocês teriam em cada prova?”

Silêncio total, assim decidi por simplificar a questão.

Professora: “Se fôssemos disputar uma corrida, como seria? Cada um sai no momento que quiser.”

Crianças: “Não.”

Robin: “Tem que esperar dar o sinal.”

Moana: “Tem que correr todo mundo junto”

Professora: “Tem que correr todo mundo junto, ou sair todo mundo junto?”

Moana: “Sair. Na hora que começa a correr, tem que ser junto”

Professora: “Isso. E como sai? Em que posição? Em pé? Sentado?”

Robin: “Em pé.”

Goku: “Tem que esperar dar a largada.”

Professora: “Mas como é a posição do corpo?”

Muitos deles demonstraram corporalmente a posição.

Leite: “E tem que colocar o pé no bloco de saída”

Professora: “Isso mesmo. E quando não tinha o bloco de saída, como faziam?”

Leite: “Eles cavavam um buraco no chão ou só saíam abaixados mesmo.”

Para tratar da dimensão **construção de valores**, retomei a reflexão realizada em outros momentos.

Professora: “Descobrimos através do nosso estudo, que as provas olímpicas só permitiam a participação masculina, o que vocês pensam sobre isso?”

Cyborg: “Injusto”

Robin: “Injusto.”

Pimentinha: “In-jus-ti-ça”

Cleitinho: “É injusto porque as meninas não podem brincar.”

As meninas, mesmo se tratando de um assunto que as atinge diretamente, precisaram ser estimuladas a falar.

Professora: “O que as meninas acham desta situação? Não poder realizar algumas ações, enquanto os meninos podem.”

Lady bug: “Chato.”

Bailarina: “Chato.”

Moana: “Chato.”

Lady bug: “As meninas não gostaram de ficar paradas.”

Rapunzel: “É, não era justo.”

Professora: “Observamos que a participação de pessoas com deficiência em esportes demorou a acontecer. No início dos Jogos Olímpicos, as pessoas que tinham deficiência podiam ou não participar?”

Crianças: “Não.”

Professora: “O que vocês pensam sobre isso?”

Cyborg: “É injusto também.”

Professora: “E se nós recebêssemos um aluno ou aluna em nossa turma, que apresentasse alguma dificuldade em participar das aulas de Educação Física, por exemplo, se a criança não pudesse andar, o que deveríamos fazer?”

Crianças: “Ajudar.”

Professora: “De que forma?”

Lady bug: “É, segurando assim ó.” Demonstrou segurar a mão de uma criança.

Professora: “E se ela usasse uma cadeira de rodas.”

Cyborg: “Aí tinha que empurrar.”

Professora: “E se fosse uma criança que não pudesse enxergar?”

Goku: “Nós teríamos que guiar ela.”

Professora: “Por que faríamos isso?”

Pimentinha: “Para ela poder brincar.”

Bailarina: “Não pode deixar sem participar”

Professora: “Ela tem direito de fazer a aula ou não.”

Pimentinha: “Tem direito sim.”

Lady bug: “Sabia que tem cachorro que leva a pessoa cega para todo lugar?”

Professora: “É verdade, esse cachorro é chamado de cão guia.”

Na dimensão de conhecimento **análise**, me preocupei em trazer alguns questionamentos com vistas a observar se os alunos foram capazes de identificar algumas características das provas estudadas, bem como do atletismo enquanto manifestação classificada como esporte de marca.

Professora: “Vocês se lembram de qual é o objetivo principal de cada prova estudada (salto em distância, arremesso de peso, corridas)?”

Mais uma vez, a pergunta ficou muito aberta.

Professora: “Para eu vencer o salto em distância, o que eu preciso fazer?”

Cyborg: “Treinar.”

Robin: “Treinar.”

Professora: “Sim todos devemos treinar.”

Pimentinha: “Tem que saltar mais longe.”

Professora: “Quem será o vencedor da prova, que treinou mais ou quem saltou mais longe?”

Crianças: “Quem saltou mais longe.”

Professora: “Isso. Treinar é muito importante, mas na regra do salto o vencedor é aquele que conseguiu saltar uma distância maior.”

Moana: “Ah, tem que prestar atenção para não pisar na areia antes de saltar.”

Professora: “Isso. Tem que prestar atenção para não queimar o salto. E em relação às corridas. Se eu disputar uma corrida com o Goku, o que preciso fazer para vencê-lo?”

Cyborg: “Tem que correr mais rápido”

Leite: “Ganha quem chegar primeiro”

Professora: “Leite. Se eu disputar uma prova de arremesso de peso com a Moana, como saberemos quem foi a vencedora?”

O aluno Leite, que pouco se manifesta ficou paralisado. E outros disseram que sabiam a resposta, mas insisti que eu gostaria de ouvir a resposta do Leite.

Professora: “Para vencer a prova do arremesso de peso, o que cada competidor deve fazer?”

Leite: “Mais pontos.”

Penso que a resposta relacionada aos pontos estava atrelada à forma que fizemos a disputa no dia do festival.

Professora: “Leite, vence quem arremessa mais perto ou mais longe da área de arremesso?”

Leite: “Mais longe.”

Professora: “Todos concordam?”

Crianças: “Sim.”

Professora: “Vocês conhecem outros esportes que por exemplo, ganha quem chega primeiro?”

Cleitinho: “Ginástica.”

Professora: “Na ginástica vence quem chega primeiro?”

Lady bug: “Não.”

Bailarina: “Corrida de bicicleta.”

Professora: “Isso. Ciclismo.”

Pimentinha: “Eu sei. Natação.”

Professora: “Muito bem, tanto a natação, o ciclismo e o atletismo são chamados de esportes de marca, ou seja, são esportes onde o vencedor é aquele que fizer uma marca melhor, ou seja um resultado melhor, por exemplo ser mais rápido, conseguir arremessar mais longe, ou saltar mais longe, ou conseguir levantar mais peso como o levantamento de peso.”

Em relação à dimensão do **protagonismo comunitário** me preocupei em sensibilizá-los sobre os direitos que eles possuem e que muitas vezes não são atendidos pelo Estado e ressaltar que enquanto cidadãos eles podem e devem requerer que tais direitos sejam respeitados.

Professora: “Vocês se lembram que no dia 30 realizamos nossa visita no SESI? O que chamou a atenção de vocês naquele espaço? O que vocês observaram?”

Lady bug: “A corrida”

Professora: “E o vocês viram que tinha lá e que vocês gostariam de fazer?”

Pimentinha: “Basquete”

Cyborg: “Futebol.”

Moana: “Corrida de piscina”

Crianças: “Natação.”

Goku: “Atletismo.”

Professora: "Aqui no sítio tem algum local que vocês possam fazer isso?"

Crianças: "Não."

Professora: "Vocês sabiam que vocês têm direito?"

Cyborg: "Ohhh!"

Cleitinho: "A quê?"

Professora: "Vocês têm direito a prática de esportes. Vou ler para vocês um trecho de uma lei antiga, chama-se "Estatuto da Criança e do Adolescente" ouçam: "Art. 71. A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento." Aqui no sítio vocês tem essas oportunidades?"

Crianças: "Não."

Professora: "Vocês acham que esse direito deveria ser respeitado ou não?"

Crianças: "Sim."

Professora: "Que tal escrevermos uma carta ao prefeito comunicando-o que precisamos de um espaço e condições adequadas para a prática do esporte aqui na área rural?"

Cleitinho: "Ele não ia resolver nada"

Professora: "Por que você acha que não?"

Cleitinho: "Por que ele é mau."

Professora: "Ele é mau? Você o conhece?"

Cleitinho: "Sim, ele é muito mau. Ele é o Bolsonaro."

Professora: "Não, o Bolsonaro não é o nosso prefeito. Quem é o nosso prefeito crianças?"

Algumas crianças responderam em tom de pergunta? "É o Lula?" E a polarização que atingia a país naquele momento se manifestou na aula. Por não ser um assunto tratado em minhas aulas, eu realmente não sabia que eles não tinham ideia de quem era o prefeito da nossa cidade. Precisei explicar brevemente que tanto Lula, quanto Bolsonaro estavam disputando as eleições presidenciais e um era o atual presidente do Brasil enquanto o outro já tinha sido presidente em outro momento. Orientei que o presidente cuidava do país e os prefeitos administravam as cidades e que o nosso prefeito se chamava Mário Botion e, que se fôssemos escrever uma carta seria ao prefeito da nossa cidade e não ao presidente do Brasil.

Professora: "O que acham de escrever uma carta ao nosso prefeito?"

Lady bug: "Pode ser."

Professora: "Vocês topam pessoal?"

Crianças: "Sim."

As crianças não pareciam muito empolgadas com a ação, muito menos esperançosas de que algo das suas realidades poderia ser mudado com esta iniciativa, mas de qualquer forma, combinamos que a carta seria escrita em outro momento.

Professora: "O que vocês gostariam de escrever? O que vocês gostariam de reivindicar?"

Moana: "Uma pista de atletismo!"

Pedro: "Piscina!"

Matheus: "Quero fazer judô!"

Naruto: "Podia ter aula de futebol."

Joaninha: "Verdade."

Spider: "Eu também queria futebol."

Arthur: "Futebol não. Eu queria fazer atletismo."

Leite: "E se tivesse parkour?"

Lady bug: "Eu queria fazer aula de circo."

Professora: "Nossa, quantas ideias legais. Seria muito bom se tivéssemos todas essas possibilidades. Será que a prefeitura vai fazer tudo isso?"

Pedro: "Aí eu não sei."

Professora: "Vamos por partes. Será o prefeito nos conhece? Que tal nos apresentarmos primeiro e contarmos sobre nosso projeto e depois pedimos o acesso ao esporte."

Lady bug: "Tá bom"

Pimentinha: "Pode ser."

Na sequência elaboramos a carta e eu fui os orientando quanto a melhor forma de se dirigir ao prefeito, a informar que sabíamos de nossos direitos, mas não especificar qual modalidade cada um gostaria de fazer, já que dificilmente agradeceríamos a Prefeitura conseguiria agradar a todos.

Limeira, --- de setembro de 2022.

Exmo. Sr. Mário Botion

Como vai?

Esperamos que esteja bem.

Nós somos os alunos do 2º ano da EMEIEF @ Alfredo Christiano Stahlberg.

Queremos contar que fizemos uma visita ao SESI Alto da Boa Vista e lá pudemos conhecer todo o espaço destinado para a prática de esportes e lazer.

Este dia foi muito legal e divertido, pois participamos de um festival de atletismo, esporte que estudamos nas aulas de Educação Física.

Quando retornamos à nossa escola observamos que não temos uma estrutura adequada para a prática de esportes.

Descobrimos que de acordo com o estatuto da Criança e Adolescente, Lei 8069/90, em seu artigo 71 “A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.” Sabendo disso, solicitamos a construção de um espaço na zona rural, para atender o bairro dos Pires e Frades, para que possamos praticar esportes, aprender e nos divertir como as crianças que moram na área urbana.

Na esperança de sermos atendidos, nos despedimos.

APÊNDICE B - Roteiro de observação

**Critérios a serem observados durante a aplicação da unidade didática
(realizados continuamente durante as aulas)**

Aula _____	Data _____
OBJETIVO DA AULA:	
ATIVIDADES PROPOSTAS: Houve imprevistos que provocaram alterações na aula?	
QUANTO À PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS: Quantidade de alunos faltosos: Entre os presentes, alguém não participou das atividades propostas? Por quê? Os alunos trouxeram elementos pessoais /conhecimentos sobre o tema para a aula? Quais? Os alunos demonstraram engajamento nas atividades realizadas? Os alunos participam ativamente da construção e ressignificação dos temas? Outros fatores relevantes:	
AValiação DA AULA: Os objetivos da aula foram alcançados? Pontos fortes: Pontos a melhorar:	

Outras observações:

APÊNDICE C - Termo de assentimento (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO - (TALE) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

ALUNO (A)

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada “O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do “saber fazer””, que eu, Adriana Garcia, RG: 28622049-0, estou realizando no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), sob a orientação do Prof. Drº Flávio Soares Alves, docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro.

Os objetivos da pesquisa são: pesquisar os estudos acerca do ensino do atletismo na escola que já se apoiam nas diretrizes da BNCC, refletir sobre as condições históricas que levaram as percepções atuais sobre a Educação Física Escolar, construir uma unidade didática (sequência de aulas) do ensino do atletismo nos anos iniciais do ensino fundamental, aplicar e avaliar o plano de intervenção proposto com uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Limeira, SP.

Os benefícios da pesquisa são: colaborar com a área da Educação Física Escolar no que diz respeito ao ensino do atletismo dialogando com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, fortalecer o componente curricular de Educação Física como fator importante para a ampliação da visão de mundo dos alunos.

Será elaborada e implementada uma unidade didática (conjunto de aulas) referente ao ensino do atletismo. A aplicação desta unidade didática acontecerá durante as aulas regulares de Educação Física, pela própria professora responsável pela turma. No decorrer das aulas, a professora fará anotações num diário (Caderno de registros) sobre o que foi observado em aula. É importante que saiba que essa observação é uma prática didática já realizada nas aulas de Educação Física, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, e inicialmente, esse material terá fins unicamente pedagógicos.

Caso aceite a participação nesta pesquisa, peço seu consentimento para o uso desse caderno de registros, derivado da observação dos alunos (diários da professora), para fins de pesquisa.

A observação pode gerar riscos mínimos, tais como: você pode se sentir desconfortável ou incomodado (a) ao ser observado (a), se isso acontecer saiba que a observação e produção de registros de diários acontecerão apenas para fins didáticos, ou seja, para acompanhar seu desenvolvimento e aprendizagem. A intenção da observação não é expor você, ou apontar seus erros nas aulas, mas apenas acompanhar seu envolvimento e seu desenvolvimento dentro da unidade didática proposta. Apenas após o fim desse processo educativo é que será considerada a possibilidade de os diários serem utilizados para fins de pesquisa, assim, não se sinta intimidado (a) a participar da mesma. Caso não aceite disponibilizar o material para a pesquisa, os registros serão desconsiderados. Você também poderá apontar o que pode ou não ser considerado na pesquisa.

A participação é voluntária e sua recusa na participação não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação estarei disponível para esclarecer qualquer dúvida que possa ter sobre a pesquisa. A participação não irá gerar nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração.

Os dados utilizados na pesquisa são confidenciais e será retirada toda e qualquer referência nominal sobre você, para evitar que seus dados possam ser identificados, portanto, será garantido sigilo e a privacidade de sua participação.

Se estiver se sentindo esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convidado(o) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra comigo.

Limeira, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do (a) participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:**Título do Projeto:** “O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do “saber fazer””**Pesquisadora Responsável:** Adriana Garcia**Cargo/função:** Mestranda**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**Endereço:** Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro - SP**Dados para Contato:** (19) 35264329 e-mail: adriana.garcia@unesp.br**Orientador:** Prof. Dr. Flávio Soares Alves**Instituição:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**Cargo/função:** Professor do departamento de Educação Física**Endereço:** Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro - SP**Dados para Contato:** fone (19) 35264329 e-mail: flavio.alves@unesp.br**Dados do participante da pesquisa (aluno):**

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Número do parecer: _____

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)****PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS**

Gostaria de convidar o(a) seu(sua) filho(a) e/ou menor de idade sob sua responsabilidade para participar de uma pesquisa intitulada “O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do “saber fazer””, que eu, Adriana Garcia, RG:28622049-0, estou realizando no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), sob a orientação do Prof. Drº Flávio Soares Alves, docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus de Rio Claro. Os objetivos da pesquisa são: pesquisar os estudos acerca do ensino do atletismo na escola que já se apoiam nas diretrizes da BNCC, refletir sobre as condições históricas que levaram as percepções atuais sobre a Educação Física Escolar, construir uma unidade didática (sequência de aulas) do ensino do atletismo nos anos iniciais do ensino fundamental, aplicar e avaliar o plano de intervenção proposto com uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Limeira, SP.

Os benefícios da pesquisa são: colaborar com a área da Educação Física Escolar no que diz respeito ao ensino do atletismo dialogando com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular, fortalecer o componente curricular de Educação Física como fator importante para a ampliação da visão de mundo dos alunos.

Será elaborada e implementada uma unidade didática (conjunto de aulas) referente ao ensino do atletismo. A aplicação desta unidade didática acontecerá durante as aulas regulares de Educação Física, pela própria professora responsável pela turma. No decorrer das aulas, a professora fará anotações num diário (Caderno de registros) sobre o que foi observado em aula. É importante que saiba que essa observação é uma prática didática já realizada nas aulas de Educação Física, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, e inicialmente, esse material terá fins unicamente pedagógicos.

Caso o (a) Sr. (a) aceite a participação do(a) seu(sua) filho(a) e/ou menor de idade sob sua responsabilidade, nesta pesquisa, peço seu consentimento para o uso desse caderno de registros (diários da professora), para fins de pesquisa.

A observação pode gerar riscos mínimos, tais como se sentir desconfortável ou incomodado (a) ao ser observado(a), se isso ocorrer saiba que a observação e produção de registros de diários acontecerão apenas para fins didáticos, ou seja para acompanhar desenvolvimento e aprendizagem da criança. A intenção da observação não é expor o (a) aluno (a), ou apontar seus erros nas aulas, mas apenas acompanhar seu envolvimento e seu desenvolvimento dentro da unidade didática proposta. Apenas após o fim desse processo educativo é que será considerada a possibilidade de os diários serem utilizados para fins de pesquisa, assim, não se sinta intimidado (a) a permitir participação de seu/sua filho (a) da mesma. Caso não aceite disponibilizar o material para a pesquisa, os registros serão desconsiderados. Além disso, você também poderá apontar o que pode ou não ser considerado na pesquisa.

A participação é voluntária e sua recusa na participação do(a) seu(sua) filho(a), ou menor de idade sob sua responsabilidade, não lhe provocará nenhum dano ou punição. O(a) Sr.(a) poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para ele. A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir com a pesquisa. A participação não irá gerar nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração.

Os dados utilizados na pesquisa são confidenciais e será retirada toda e qualquer referência nominal sobre seu (sua) filho(a) e/ou menor de idade sob sua responsabilidade, para evitar que

os dados possam ser identificados, portanto, será garantido sigilo e a privacidade da participação.

Se o (a) senhor (a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido- (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor (a) e a outra com o pesquisador.

Limeira, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do (a) responsável legal do(a) participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do “saber fazer””

Pesquisadora Responsável: Adriana Garcia

Cargo/função: Mestranda

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Endereço: Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro - SP

Dados para Contato: (19) 35264329 e-mail: adriana.garcia@unesp.br

Orientador: Prof. Dr. Flávio Soares Alves

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Cargo/função: Professor do departamento de Educação Física

Endereço: Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro - SP

Dados para Contato: fone (19) 35264329 e-mail: flavio.alves@unesp.br

Dados do (a) responsável ou representante legal do (a) participante:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Número do parecer: _____

ANEXO A - Parecer do comitê de ética

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do simples "saber fazer".

Pesquisador: ADRIANA GARCIA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55635222.8.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.278.960

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado profissional, que será desenvolvida pela estudante ADRIANA GARCIA, sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Soares Alves, no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade UNESP- Rio Claro. O projeto de pesquisa tem como temática O ATLETISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: MUITO ALÉM DO SIMPLES "SABER FAZER". O resumo da pesquisa é: A pesquisa intitulada de "O Atletismo nas Aulas de Educação Física: muito além do simples "saber fazer"" pretende investigar as possibilidades de trabalhar do atletismo nos iniciais do ensino fundamental através das 8 dimensões de conhecimento propostas pela BNCC, buscando diversificar as intervenções pedagógicas do professor de Educação Física no ambiente escolar com vistas à ampliar as possibilidades de proporcionar uma aprendizagem mais significativa aos alunos. Dessa forma, a questão principal deste trabalho será: como trabalhar o atletismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para isso, será realizado um levantamento bibliográfico das pesquisas já realizadas com o ensino do atletismo nas escolas, em especial aquelas que já dialogam com as oito dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, será construída e aplicada e avaliada uma unidade didática (produto educacional) considerando a realidade escolar e as especificidades dos alunos, bem como as pesquisas realizadas e o conhecimento profissional da professora. A aplicação e avaliação da Unidade Didática será um exercício de reflexão e ação, sempre documentado em diários de campo, que será subsidiado pela observação da ação dos alunos nas

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib.rc@unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



Continuação do Parecer: 5.278.960

aulas e por rodas de conversa, trazendo a pesquisa para a realidade escolar de maneira a verificar a sua efetividade. Os critérios inclusão e exclusão são: Alunos do 2º ano do ensino fundamental, da EMEIEF (RURAL) Alfredo Christiano Stahlberg

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as possibilidades de trabalhar o atletismo nos iniciais do ensino fundamental através das 8 dimensões de conhecimento BNCC.

Objetivo Secundário:

Levantar o estado da arte dos estudos acerca do ensino do atletismo na escola que já se apoiam nas diretrizes da BNCC.

Refletir sobre as condições históricas que levaram as percepções atuais sobre a Educação Física Escolar.

Construir uma unidade didática de ensino do atletismo nos anos iniciais.

Aplicar e avaliar o plano de intervenção proposto com uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Limeira, SP.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos gerados pela pesquisa são considerados baixos, uma vez que os alunos serão observados quanto aos seus conhecimentos, à sua participação nas aulas e aos significados que atribuem ao conteúdo estudado. Acredita-se que alguns podem se sentir incomodados e desconfortáveis com o registro, análise e divulgação destes dados.

Visando a diminuição destes riscos, pais e alunos serão orientados que os dados serão colhidos, registrados e analisados com fins didáticos e pedagógicos sem juízo de valor à criança, mas sim acompanhar seu desenvolvimento e verificar a aplicabilidade e benefícios da unidade didática.

Se ainda assim a família e/ou a criança não concordar com o uso dos dados na realização da pesquisa os mesmos serão desconsiderados, porém usados para avaliar o desenvolvimento da criança nas aulas de Educação Física. Os pais/crianças ainda poderão delimitar quais dados poderão ou não ser considerados no estudo.

Benefícios:

Colaborar com a área da Educação Física Escolar no que diz respeito ao ensino do atletismo

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib.rc@unesp.br

O ATLETISMO NA ESCOLA: muito além do “saber fazer”



ADRIANA GARCIA
FLÁVIO SOARES ALVES

REALIZAÇÃO

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade Júlio de Mesquita Filho / Instituto de Biociências
Campus de Rio Claro – SP

Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional- PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível
Superior – CAPES



ELABORAÇÃO
ADRIANA GARCIA

SUPERVISÃO GERAL
PROF. DR. FLÁVIO SOARES ALVES

ILUSTRAÇÕES
ALEX GHUENTER

IMAGENS

*Fotos extraídas da prática pedagógica da professora –
pesquisadora, devidamente autorizadas pelos responsáveis legais.*

RIO CLARO – SP
2023

Garcia, Adriana
G216a O atletismo na escola [recurso eletrônico] : muito além do
“saber fazer” / Adriana Garcia. - Rio Claro, 2023
44 p. : il., figs., fots.

Produto educacional que acompanha a dissertação do
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional – ProEF – Universidade Estadual Paulista
(Unesp) – Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: Flávio Soares Alves

1. Educação. 2. Educação física. 3. Atletismo. 4. Prática
pedagógica. I. Título.

796.4

Ficha catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Câmpus de Rio Claro/SP – Ethiane Rodrigues de Oliveira – CRB: 8/9948

Referência da Dissertação:

GARCIA, Adriana. **O atletismo nas aulas de educação física**: muito além do “saber fazer”.
Orientador: Flávio Soares Alves. 2023. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade Júlio Mesquita Filho/Instituto de Biociências,
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2023.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
UNIDADE DIDÁTICA:	8
Atletismo na escola: muito além do “saber fazer”	8
Aula 1. O que sabemos sobre o atletismo?.....	9
Aula 2. O arremesso de peso	11
Aula 3. A evolução do arremesso de peso.....	14
Aula 4. Diferentes tipos de corpos no atletismo.....	18
Aula 5. A corrida e a nossa vida.....	21
Aula 6. As corridas, os Jogos Olímpicos e as mulheres.....	23
Aula 7. Corridas de revezamento.....	25
Aula 8. Corridas de velocidade e saída baixa.....	28
Aula 9. O salto em distância	30
Aula 10. Planejando um festival	34
Aula 11. Festival e visita à pista de atletismo	37
Aula 12. Avaliação	39
APONTAMENTOS FINAIS.....	41
SITES E CANAIS ACESSADOS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

APRESENTAÇÃO

Esse Material Didático foi construído como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade UNESP- Rio Claro.

Ele é resultado de uma pesquisa intitulada de **“O atletismo nas aulas de educação física: muito além do “saber fazer””** que teve como principal objetivo investigar e avaliar formas de ampliar o trabalho com o atletismo nos anos iniciais do ensino fundamental, tomando como referência as oito dimensões do conhecimento propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim, ele se destina àqueles professores de Educação Física que desejam realizar um trabalho que extrapole o ensinar a fazer determinado movimento, procurando transitar por outras dimensões do conhecimento, como a experimentação, fruição, uso e apropriação, análise, compreensão, construção de valores, protagonismo comunitário e reflexão sobre a ação, sugeridas pela BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.

Segundo a BNCC a Educação Física é a área que estuda as práticas corporais, como fenômeno cultural em permanente transformação em suas diferentes formas, sentidos e significados, produzidos e reinventados por diferentes grupos sociais ao longo da história (BRASIL, 2017).

Ela defende o modo particular da Educação Física de acessar os conhecimentos advindos das práticas corporais prezando pela vivência, pela experimentação corporal, mas não se limitar a isso. Esse conhecimento deve dialogar com a vida dos alunos, com o meio em que vivem, com a sociedade como um todo, de maneira que essa criança seja estimulada a compreender, questionar, desnaturalizar, admirar, percebendo assim a diversidade e complexidade dos sentidos e significados atribuídos as práticas corporais nas diferentes épocas e grupos sociais.

Todavia, na escola, nem sempre a Educação Física é vista pela comunidade escolar com tamanha relevância para a formação dos futuros cidadãos, sendo que ainda ouvimos de pessoas da comunidade escolar que a Educação Física é o momento de brincar e jogar, destinado apenas para a diversão e a descontração dos estudantes.

Tendo em vista essa problemática pergunta-se: O que fazer para mudar esse cenário, no qual as aulas de Educação Física na escola são vistas de maneira simplista? Tal questão, em última análise, pretendem dar passagem para uma prática pedagógica mais ampla e diversa para os professores e mais significativa para os alunos, sem a qual, os esforços educacionais parecem não fazer sentido. Assim, a ideia deste estudo é pensar em possibilidades de ampliação do universo de intervenções pedagógicas do professor de Educação Física.

Para isso, optou-se por uma intervenção usando como tema o Atletismo, que é uma das práticas sistematizadas de esporte mais antigas que se tem registros, assim, o seu estudo pode dar subsídio para que os alunos possam compreender as transformações sociais as quais a sociedade passou em diferentes épocas. Além disso, as corridas, os saltos e os arremessos, habilidades tão presentes nas provas da modalidade, são muito usadas em diferentes brincadeiras do universo infantil, o que contribui para tornar a prática pedagógica significativa para eles.

Essa intervenção foi elaborada considerando as particularidades de uma escola rural da cidade de Limeira – SP, e as características de uma turma do 2º ano, dos anos iniciais do ensino fundamental, com 16 alunos. Cada professor, deverá observar a sua realidade e verificar o que é adequado ou não para a sua prática. Esse produto didático apresenta 12 planos de aula, com duração de 50 ou 100 minutos (aulas duplas), e conta com a realização de um festival de atletismo que aconteceu durante uma visita a uma pista de atletismo.

Assim, caro leitor, o que você acessará nas páginas seguintes refere-se ao resultado da elaboração, implementação e avaliação de um plano de estudos sobre o atletismo, que buscou passar pelas dimensões do conhecimento propostas pela BNCC, buscando

responder a seguinte pergunta: “Como planejar e avaliar o ensino de uma unidade didática sobre o atletismo a partir das dimensões do conhecimento proposta pela BNCC?”

A cada aula, são apresentados os objetivos traçados e as principais dimensões do conhecimento trabalhadas, que isso não o limite em pensar em outras. Há descrição de uma ou mais atividades e, você observará que há muitas situações em que as crianças são convidadas a se expressarem, dando sugestões, trazendo suas impressões sobre a aula, refletindo sobre suas ações, retomando conhecimentos e buscando estabelecer relações entre o tema tratado, sua vida e o mundo. Ao final de cada aula, haverá algumas observações derivadas de reflexões e análises da implementação desta unidade didática em um grupo com características específicas, ou seja, moradores da zona rural de Limeira - SP, com idades entre 7 e 8 anos, que passaram por 2 anos de pandemia de COVID- 19, sendo que parte desse tempo ficaram sem frequentar a escola, dessa forma, é possível que essas considerações contribuam com o seu trabalho no âmbito que atua, porém pode ser que não sejam totalmente adequadas à sua realidade.

Para facilitar a leitura, tornando-a mais diretiva, optou-se pela composição de uma regência em estrutura de tópicos, com a apresentação de verbos no infinitivo, o que beira uma estruturação redacional instrumental. No entanto, chama-se a atenção para a necessidade de o leitor ter que conjugar esse instrumento em seus próprios termos, forçando a diferenciação constante das afirmativas que aqui se impõe, a partir das próprias condições de trabalho interventivo encontrará em suas aulas.

Espero que possa se inspirar com esse processo, não para reproduzi-lo, tal como aqui está, mas para partir dele, compondo sua própria singular trajetória, a partir das demandas situacionais que atravessam o contexto no qual está inserido.

UNIDADE DIDÁTICA:
**Atletismo na escola: muito
além do “saber fazer”**

Aula 1. O que sabemos sobre o atletismo?

Duração da aula: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: Caneta e folha de papel para um cartaz (cartolina, papel pardo ou outro)

Objetivos:

- Identificar os conhecimentos dos alunos sobre o atletismo.
- Selecionar, junto com os alunos, jogos e brincadeiras da cultura local envolvendo habilidades de corrida, saltos e arremessos que possam ser vivenciados na escola, respeitando as características dos participantes e da unidade escolar.
- Vivenciar os jogos e brincadeiras elencados pelos alunos.
- Comparar os objetivos das brincadeiras vivenciadas e os objetivos de algumas provas do atletismo.

Dimensões do conhecimento: experimentação e análise



Conversa inicial

Levantar algumas questões sobre o atletismo de maneira a investigar os conhecimentos dos alunos sobre o tema.

- O que é o atletismo?
- Alguém já praticou e/ou conhece alguém que pratique ou tenha praticado?

Após este primeiro momento, fazer uma breve explanação sobre o atletismo enquanto prática corporal, cujo objetivo consiste na comparação de resultados, a fim de descobrir quem é a pessoa que corre mais rápido, lança ou arremessa mais longe, salta mais longe ou mais alto, ou seja, quem possui a melhor marca em cada habilidade.

Retomar a conversa, relacionando os conhecimentos ao cotidiano das crianças:

- Em quais atividades do dia a dia usamos as habilidades de correr, saltar ou arremessar? Quais brincadeiras envolvem tais habilidades?
- Quais brincadeiras poderíamos vivenciar na escola envolvendo essas habilidades?

Anotar as respostas em um cartaz, ou caderno, de maneira a registrar os conhecimentos iniciais dos alunos sobre o tema.

Em seguida, democraticamente, pensar junto com os alunos em duas ou três brincadeiras presentes no cotidiano deles que possam ser vivenciadas, respeitando as características dos participantes e da escola.



Desenvolvimento:

Vivenciar as brincadeiras propostas pelos alunos atentando-se para que elas permitam a participação de todos eles.



Discussões sobre a aula:

Proporcionar um momento de diálogo onde os alunos possam demonstrar se compreenderam os objetivos dos esportes de marca e se são capazes de comparar os objetivos das brincadeiras realizadas e os objetivos das principais provas do atletismo. Sugestões de questionamentos:

- O que era preciso ser realizado para ter sucesso nas brincadeiras vivenciadas?
- Os objetivos das brincadeiras que vivenciamos são parecidos com o objetivo principal do atletismo que é o de conquistar uma melhor marca (ser mais rápido; saltar mais longe, ou mais alto; lançar ou arremessar mais distante)?

Observações:

- É importante considerar a realidade dos alunos a partir da vivência das brincadeiras que eles identificaram fazer uso das habilidades de arremessar, correr e saltar.
- Ao finalizar as vivências, provoque-os a comparar os objetivos das brincadeiras com os objetivos dos esportes de marca. É importante, que já nesse primeiro momento eles reconheçam as semelhanças e diferenças entre as práticas especialmente no que diz respeito aos objetivos dos esportes de marca.

Aula 2. O arremesso de peso

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: Imagens de provas de arremesso de peso e lançamentos, bolas de borracha, cordas

Objetivos:

- Identificar a prova do arremesso de peso
- Identificar o objetivo da prova do arremesso de peso.
- Vivenciar o arremesso de peso, aumentando a distância gradativamente.
- Relacionar os objetivos da atividade com a prova de arremesso de peso.

Dimensões do conhecimento: experimentação, análise e fruição



Conversa inicial:

Iniciar a aula trazendo várias imagens de provas do atletismo relacionadas aos lançamentos e arremesso, como: arremesso de peso adaptado (cadeirantes), arremesso de peso feminino, lançamento de martelo, lançamento de disco. Pedir para que as crianças apontem quais as imagens se relacionam ao arremesso de peso. Se necessário auxiliá-las nesse processo.

Após a identificação da prova e nomeação das demais modalidades presentes nas imagens, questione a turma sobre qual o objetivo do arremesso de peso? Espera-se chegar à conclusão de que é “arremessar o mais longe possível”.

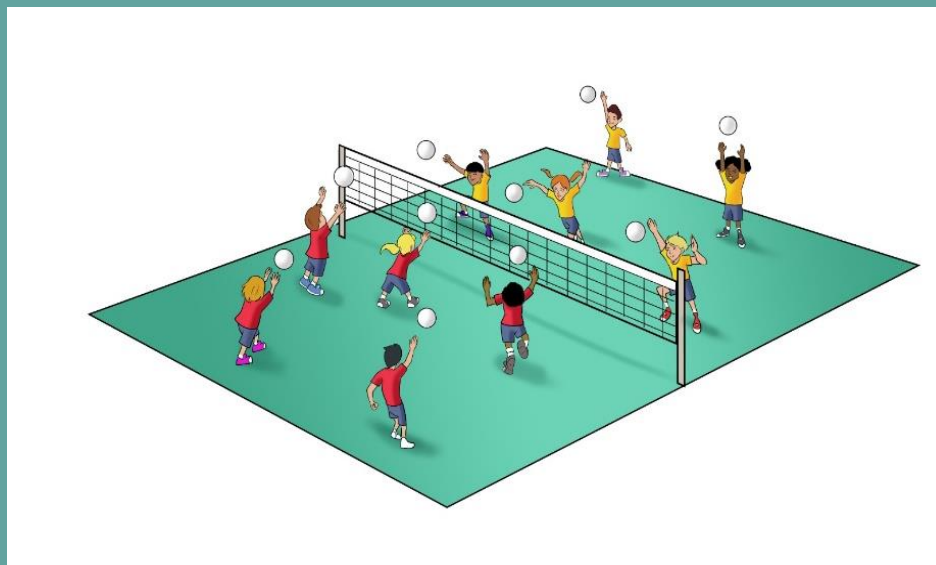


Desenvolvimento:

Propor às crianças uma vivência de arremessos salientando a necessidade de lançar a bola para frente e para o alto de maneira que passe por cima de uma rede ou corda.

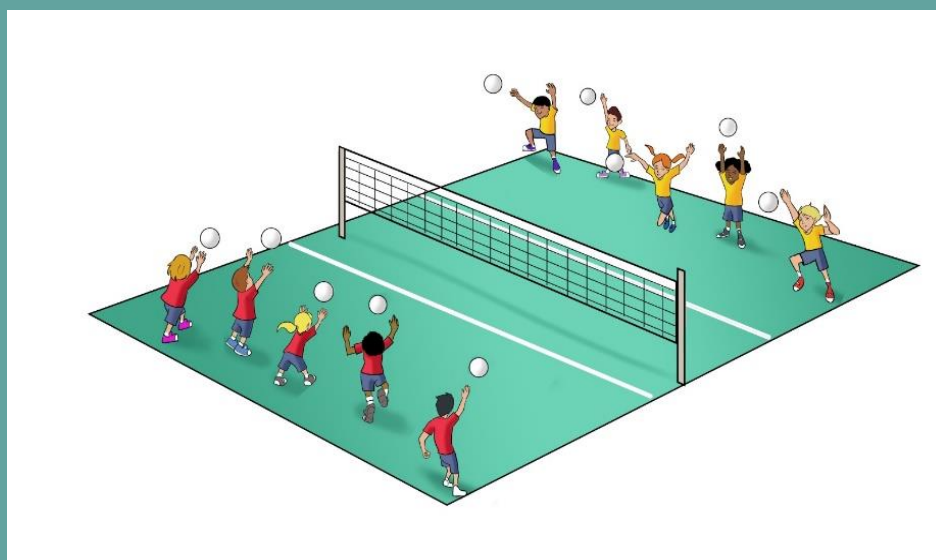
Separar as crianças em duas turmas e colocá-las uma de cada lado de uma corda/rede esticada a 1,5m de altura. Entregar uma bola de borracha para cada criança e pedir que arremessem para o lado oposto. O objetivo é arremessar o maior número de bolas possível, não deixando nenhuma bola em seu campo. Após alguns minutos de atividade, a dar um sinal para que parem os arremessos, pode ser um apito ou comando

combinado previamente. O grupo contará o número de bolas de cada lado, sendo que o lado que tiver menos bolas será o vencedor.



Chamar os alunos para falarem sobre a prática. Perguntar se eles realizaram diferentes tipos de arremesso. Como se sentiram? Que estratégias usariam para aumentar a distância do arremesso?

Em um segundo momento, buscando aumentar a distância entre o ponto de arremesso e a corda central, posicionar outra corda a 1,5m da rede/corda central e peça que os alunos não ultrapassem essa marcação no momento do arremesso.





Discussões sobre a aula:

Ao final da aula, levantar alguns questionamentos com a finalidade de observar se os alunos se apropriaram dos temas abordados. Sugestões:

- Qual o objeto utilizado na prova de arremesso de peso?
- Durante a atividade vocês realizaram arremessos? Foram capazes de aumentar a distância dos seus arremessos?
- A bola usada foi adequada?
- Que tal construirmos uma bola mais pesada para realizar novos arremessos?

Pedir aos alunos que façam uma bola de arremesso de peso adaptada, com ajuda de seus familiares, como sugestão, eles poderão encher um plástico com aproximadamente 500g de areia e revesti-lo com uma meia velha ou sacola plástica.

SUGESTÕES DE VÍDEOS:

- Como fazer um implemento adaptado: Peso
<https://www.youtube.com/watch?v=o7KuUJsu1a4>
- Como fazer um implemento adaptado para aula de arremesso de peso – Atletismo
<https://www.youtube.com/watch?v=BaxxOY7EJIO>

Observações:

No que diz respeito à essa aula, os alunos que participaram deste estudo reclamaram que as bolas que vinham da equipe adversária estavam acertando-os e isso os incomodou. Essa discussão não estava prevista, todavia em vez de ignorar ou resolver rapidamente a situação, provoqueei-os a observar se essas “boladas” estavam machucando-os e que estratégias eles utilizariam para resolver esse problema. Assim, iniciou-se uma discussão que atingiu outra dimensão do conhecimento não planejada inicialmente, a de reflexão sobre a ação. Ao considerar as percepções dos alunos foi possível ampliar as possibilidades de aprendizagem, bem como tornar o momento mais significativo para as crianças.

Aula 3. A evolução do arremesso de peso

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: TV com acesso à internet, bolas de meia, giz para marcar o chão.

Objetivos:

- Vivenciar algumas formas de arremesso fazendo referência à sua evolução ao longo dos anos.
- Entender que o arremesso de peso está em constante transformação, assim como a humanidade.
- Identificar diferentes tipos de arremesso.
- Refletir sobre a execução do próprio arremesso.

Dimensões do conhecimento: experimentação, compreensão, análise e reflexão sobre a ação.



Conversa inicial:

Pedir que as crianças apresentem as bolas produzidas em casa, explicando que os objetos serão usados em uma das atividades propostas para a aula.

Trazer alguns questionamentos sobre o tema da aula, como, por exemplo:

- Qual seria a origem do arremesso de peso? Será que essa é uma modalidade antiga ou recente?
- Qual será a melhor forma de realizar o arremesso de peso para que ele alcance a maior distância possível?

Mostrar um vídeo com a evolução das técnicas do arremesso e pedir que eles observem as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e as diferentes técnicas de arremesso usadas na atualidade. Sugestão:

Atletismo: Arremesso do Peso <https://www.youtube.com/watch?v=EyiDQuxxym8> acesso em 12 jul. 2022

Perguntar à turma sobre as principais mudanças que eles observaram nas provas de arremesso ao longo dos anos e quais os principais tipos usados na atualidade.

Na sequência, mostrar arremessos de diferentes atletas, pausando o vídeo e pedindo que eles identifiquem as técnicas utilizadas (O'Brien e rotacional).

Sugestão: <https://www.youtube.com/watch?v=lywIC93tIJQ> Acesso em 19 jul. 2023

Explicar que as técnicas assistidas no vídeo são as mais usadas atualmente em competições adultas. Em seguida, convidar os alunos a experimentar uma sequência de arremessos no espaço externo da escola.



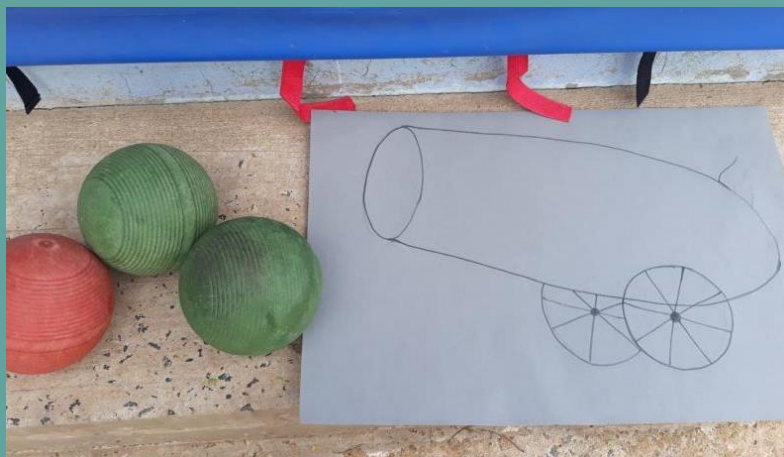
Desenvolvimento:

Inicialmente, pedir que as crianças arremessem uma pedra grande fazendo referência ao período histórico ao qual os celtas realizavam competições de arremesso de pedras. Para evitar acidentes, você pode adaptar algum material. Como sugestão, encapamos uma bola “bosu” com papel pardo.



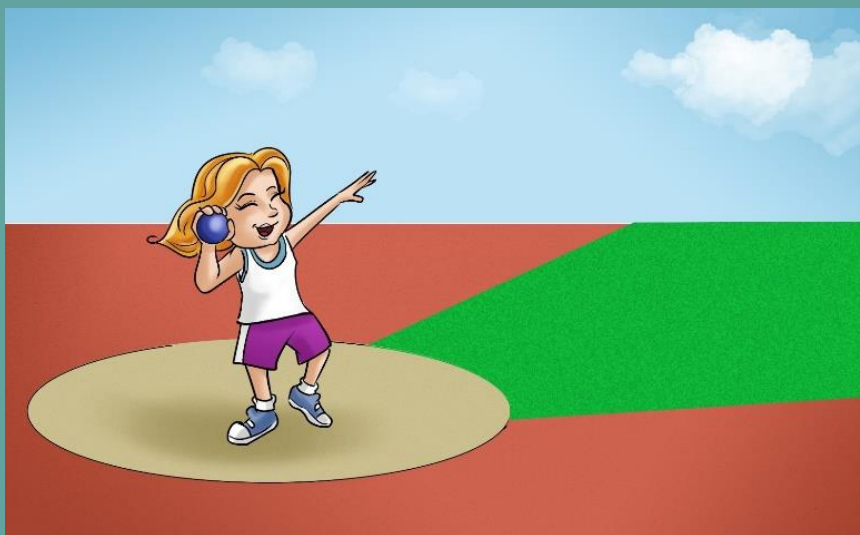
“Bosu” encapado com papel pardo

Num segundo momento, disponibilizar bolas de borracha, deixando-as próximas ao desenho de um canhão, simbolizando os arremessos realizados pelos soldados Ingleses no século XVII. Pedir que as crianças as lancem da forma como imaginam que os soldados faziam à sua época.



Materiais usados na aula.

Na sequência, desenhar áreas de arremesso no chão e retomar o movimento do arremesso lateral parado, sendo que os alunos deverão se atentar à empunhadura, ao arremesso e não sair da área de lançamento. Cada criança usará a bola que fabricou em casa. Após alguns arremessos e orientações sobre a execução do movimento, a professora filmará cada criança arremessando. Posteriormente, cada criança deverá refletir sobre sua ação ao observar a execução do seu arremesso, apontando possíveis pontos a melhorar: quanto à posição do braço no início do arremesso, ao braço oposto estendido para cima na direção do arremesso, à extensão do braço que realizará o arremesso que deverá mover-se para cima e para frente, além de não sair da zona de arremesso. Se necessário, auxilie-a nesse processo, com questionamentos, como: Você respeitou a área de arremesso? Seus braços estavam posicionados corretamente?





Discussões sobre a aula:

- Gostaram de realizar a sequência de arremessos?
- Qual foi a primeira forma de disputa de arremessos?
- O que os soldados arremessavam em seus momentos de lazer por volta do século XVII?
- Vocês conseguiram realizar o arremesso lateral parado?
- Percebemos que ao longo dos anos as técnicas do arremesso de peso se alteraram?
- Será que elas poderão mudar futuramente novamente?

Observações:

Parte deste grupo necessitou de auxílio no exercício de observar e avaliar o próprio movimento, o que parece coerente com seu processo de desenvolvimento. Todavia ao insistir nessa estratégia didática, eles passam a ter mais elementos para se autoavaliarem e se sentirem atores responsáveis pelo seu processo de ensino e aprendizagem.

Aula 4. Diferentes tipos de corpos no atletismo

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: imagens de atletas ao longo dos anos, cadeiras e bolas de meia

Objetivos:

- Reconhecer que as formas de perceber o corpo se modificam com o passar do tempo.
- Conhecer o arremesso de peso para cadeirantes.
- Experimentar o arremesso de peso na posição sentada.
- Refletir sobre a importância de possibilitar a participação de todos nas atividades esportivas.

Dimensões do conhecimento: construção de valores, experimentação, fruição e compreensão



Conversa inicial:

Iniciar um diálogo buscando identificar os conhecimentos que as crianças possuem acerca das características físicas de um atleta do arremesso de peso. Sugestões de perguntas:

Quais as características físicas de um atleta do arremesso de peso?

Espera-se que, pelas imagens e vídeos que já viram sobre o tema, descrevam pessoas grandes, com musculatura definida e/ou “obesas”.

- Vocês acreditam que sempre foi assim?

Desenvolvimento:

Mostrar imagens dos campeões Olímpicos da modalidade nas Olimpíadas de 1924, atentando para a estrutura corporal deles, ou seja, magros. Contar que na época acreditava-se que pessoas com um biótipo específico teriam ótimo desempenho em todas as modalidades esportivas, mas que, com o passar dos anos, percebeu-se que as diferentes

provas do atletismo exigiam características específicas. Usar como referência a reportagem “Atletismo deixa o biótipo padrão e agrega do magro ao peso-pesado”, que trará o referencial teórico e imagens que podem ser utilizadas em aula. A reportagem está disponível em:

<https://ge.globo.com/atletismo/noticia/2015/08/atletismo-deixa-o-biotipo-padrao-e-agrega-do-magro-ao-peso-pesado.html> Acesso em 19 jul. 2023

Num segundo momento, questionar a turma: ao arremessarmos o peso, ficamos na posição em pé ou sentado?

Será que uma pessoa com uma amputação de pernas ou com algum tipo de paralisia nos membros inferiores pode arremessar o peso? Se sim, como?

Para que eles possam apreciar um arremesso de peso adaptado, apresentar um ou mais vídeos com atletas paralímpicos arremessando de suas cadeiras.

Sugestão de vídeo: “Polonesa fica com a prata no arremesso de peso feminino (F34); chinesa é campeã”, disponível em:

<https://ge.globo.com/paralimpiadas/video/polonesa-fica-com-a-prata-no-arremesso-de-peso-feminino-f34-chinesa-e-campea-5307014.ghtml> Acesso em 19 de jul. 2023.



Desenvolvimento:

Convide-os a experimentar o arremesso de peso na posição sentada. Para isso, você pode usar uma cadeira escolar e orientá-los a não sair da cadeira até o final do movimento. Sugira que use os conhecimentos adquiridos na aula sobre o arremesso lateral parado e aplicá-los na execução do arremesso sentado.





Discussões sobre a aula:

Procurar, nesta discussão final, identificar se as crianças perceberam que padrões relacionados à prática esportiva se modificam ao longo do tempo. E se concordam com o estabelecimento desses padrões. Observar se eles valorizam e se mobilizam em favor da participação de todas as pessoas nas práticas corporais. Sugestões de questionamentos:

- Percebemos que no passado acreditava-se que apenas pessoas magras eram consideradas aptas a terem bom desempenho nos diferentes esportes. E atualmente, como é?
- É possível realizar arremesso de peso sem a mobilidade dos membros inferiores?
- Como se sentiram ao vivenciar o arremesso na posição sentada?
- Devemos determinar quem pode ou não realizar alguma atividade esportiva?
- E se percebermos que algum amigo não consegue participar de alguma atividade ou brincadeira, como devemos proceder? Deixá-lo de fora ou pensar em formas de permitir a sua participação? Por quê?

Observações:

No início da aula percebi que o grupo não tinha elementos para a discussão, ou seja, não sabiam inicialmente quais as características físicas de um(a) atleta de arremesso de peso de alto nível, sendo necessário assim, usar algumas imagens e vídeos de atletas profissionais da atualidade para que as crianças pudessem compreender as transformações as quais o esporte passou ao longo de sua história.

Aula 5. A corrida e a nossa vida

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: TV, bolas coloridas, bambolês, DVD player, DVD

Objetivos:

- Reconhecer como o uso da corrida foi se modificando ao longo dos anos.
- Vivenciar uma brincadeira envolvendo a corrida.

Dimensões do conhecimento: fruição, experimentação e compreensão



Conversa inicial:

Investigar como as crianças percebem que a corrida está presente no seu cotidiano e como acreditam que os povos que nos antecederam usavam as corridas.

Sugestões de perguntas:

- Como as corridas estão presentes no dia a dia de vocês?
- Por que as pessoas correm?
- No decorrer da história, como as pessoas usavam a corrida?

Desenvolvimento:

Na sala de aula, assistir a um trecho do filme **“Os Croods”** e pedir que fiquem atentos aos motivos que levavam os personagens a correrem. Após a fruição dos 15 primeiros minutos do filme já é possível levantar alguns questionamentos:

No período em que se passa o filme, como era usada a corrida? Por que era importante correr?

Espera-se que relacionem a corrida à sobrevivência, à caça e à proteção.



Desenvolvimento:

Vamos vivenciar situações parecidas através de brincadeiras?

1ª Caça e caçador: As crianças devem ser divididas de maneira que 4 delas sejam caçadores e o restante seja caça. Inicia-se um jogo de “pega-pega” finalizando quando todas as caças forem capturadas. Faz-se um revezamento até que todas as crianças passem pela função de caçador.

2ª Em busca de alimento: Separar as crianças em dois grupos, que participarão de uma brincadeira de estafeta em que cada equipe deverá pegar o maior número de bolinhas (alimentos) possível e, para isso, deverão locomover-se com velocidade. À frente de cada fila será colocado um bambolê onde ficarão as bolinhas conquistadas e do outro lado ficará uma caixa de papelão com as bolinhas a conquistar. Entre estes dois pontos, uma criança realizará o papel de predador atrapalhando a corrida das demais crianças, mas não capturando-as. Ganha a equipe que capturar mais bolinhas.



Discussões sobre a aula:

Neste momento, observar se as crianças são capazes de compreender que as corridas são usadas para diferentes fins no decorrer da História. Sugestões de questionamentos:

- Na época em que os homens moravam em cavernas, como é que conseguiam seus alimentos?
- A corrida era importante nesse período?
- Nessa época, correr era considerado um esporte?
- Hoje usamos a corrida com os mesmos objetivos?
- Em que circunstâncias usamos a corrida atualmente?
- Será que, no futuro, correr poderá ter outros significados?

Observações:

O uso de um filme (Crood's) próprio da cultura infantil, bem como vivenciar brincadeiras simulando a realidade do período pré-histórico onde a corrida era um requisito importante para a sobrevivência, pode contribuir para uma aprendizagem que faça mais sentido aos estudantes. Ressalta-se aqui o quanto a fruição de um filme, a experimentação de uma brincadeira representando um contexto histórico favoreceram a compreensão das mudanças de sentido atrelado ao ato de correr ao longo da história.

Aula 6. As corridas, os Jogos Olímpicos e as mulheres

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: coroa de louros ou de qualquer outra folha

Objetivos:

- Conhecer um pouco da história das corridas nos Jogos Olímpicos.
- Refletir sobre como a sociedade tratava as mulheres no passado e atualmente.

Dimensões do conhecimento: compreensão, experimentação e construção de valores



Conversa inicial:

Identificar o que as crianças já sabem sobre os Jogos Olímpicos. Sugestões de questionamentos:

- Vocês conhecem os Jogos Olímpicos?
- Vocês sabem qual foi a primeira prova disputada nos Jogos Olímpicos?
- Todas as pessoas podiam disputar os primeiros Jogos Olímpicos?

Falar sobre a corrida do estádio, cuja distância era de 192, 27 metros no ano de 776 a.C., na qual só era permitida a participação masculina e que foi vencida por Corobeu, que ficou conhecido como o primeiro campeão olímpico da história e recebeu, como prêmio, uma coroa de louros.



Desenvolvimento:

Convidar as crianças a vivenciar uma corrida nos moldes das primeiras competições Olímpicas. Todavia, como forma de provocação, excluir as meninas da atividade, uma vez que, na Era Antiga, as mulheres eram impedidas de participar dos jogos.

Sugestão de orientação sobre a brincadeira:

Vamos experimentar essa corrida? Valendo uma coroa de louros? Porém, as meninas não poderão participar, já que naquela época as mulheres não podiam competir. Ao final da atividade o vencedor receberá uma coroa de louros.



Discussões sobre a aula:

Nesse momento, investigar se as crianças se atentaram a alguns elementos históricos compartilhados durante a aula, como o nome do primeiro campeão Olímpico, a forma de premiação daquela época. Na sequência, levantar a questão da não participação feminina nas provas e questionando-os como a sociedade trata e tratou as mulheres ao longo do tempo.

- Vocês se lembram do nome do primeiro campeão de uma prova Olímpica?
- Qual foi o seu prêmio?
- Deu tudo certo durante a aula? Todos gostaram? Todos participaram da corrida? Essa atividade foi justa para todas as crianças?

Espera-se um desconforto das meninas por não terem participado. Propor uma discussão sobre como as mulheres eram vistas no passado e atualmente.

Após a discussão, considerar a possibilidade de repetir a prova, porém, agora, com a participação de meninos e meninas.

Ao final da vivência, comparar a corrida sem a participação feminina e com a participação feminina.

Observações:

Diferente do que estava previsto, as meninas deste grupo, ao serem afastadas da corrida (seguindo as regras dos Jogos Olímpicos da Antiguidade) não questionaram a situação, apenas expressaram corporalmente alguma insatisfação e trocaram entre si algumas falas ao pé do ouvido, que não foram compartilhadas com a professora. Para chegarmos à discussão sobre como a sociedade enxergava a condição feminina no passado e na atualidade, perpassando pelas dimensões do conhecimento compreensão e construção de valores, foi necessário realizar várias perguntas provocativas para que então as crianças comesçassem a se posicionar.

Aula 7. Corridas de revezamento

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: Bastões com aproximadamente 30 cm

Objetivos:

- Vivenciar brincadeiras que envolvam o revezamento das crianças.
- Entender a dinâmica das provas de revezamento.
- Apreciar atletas numa prova de revezamento.

Dimensões do conhecimento: experimentação, análise, compreensão e fruição



Conversa inicial:

Neste início de aula, investigar o que as crianças sabem sobre as corridas de revezamento. Sugestões de questionamentos:

- As provas do atletismo que estudamos até agora são realizadas individualmente ou em equipes?
- Vocês sabiam que existem provas que devem ser realizadas em equipes com 4 pessoas?

Falar brevemente sobre as características das provas de revezamento no atletismo, como, por exemplo: elas acontecem nos formatos 4 X 100m ou 4 x 400m; são necessários 4 atletas que passam um bastão de um para o outro; as corridas ocorrem em raias delimitadas, sendo que cada equipe deve permanecer em sua raia do início ao fim da prova; o bastão não pode cair no chão; entre outras características que achar pertinente.

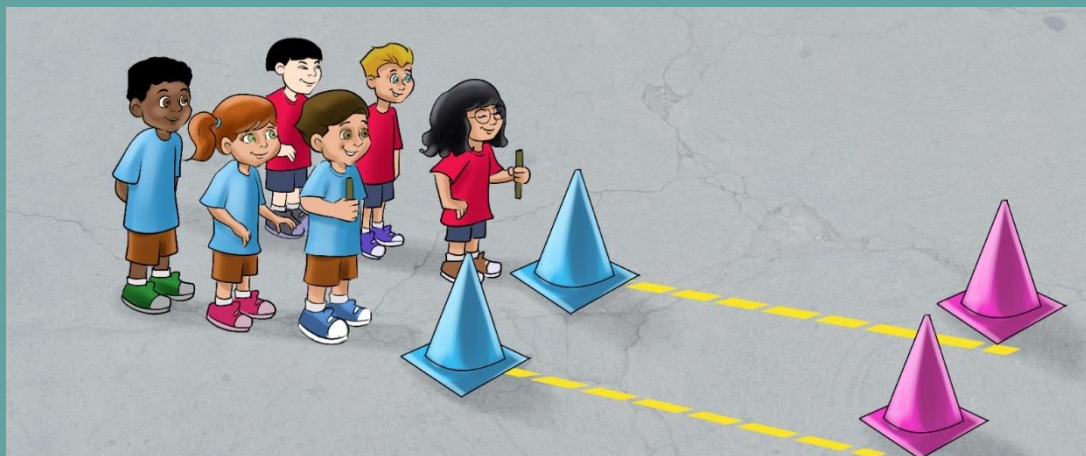


Desenvolvimento:

Na área externa, dividir a turma em equipes com 4 crianças cada e propor a vivência de uma brincadeira de estafetas, possibilitando, assim, uma forma de revezamento.

Num segundo momento, orientar que nas corridas de revezamento há a necessidade da passagem de um bastão, que em hipótese alguma poderá cair no chão.

Retomar a brincadeira de estafetas e salientar que os alunos deverão pensar em estratégias para que consigam realizar a atividade no menor tempo possível e sem deixar o bastão cair no chão.



Depois, orientá-los para que, no momento da passagem do bastão, a criança que irá recebê-lo deverá estar de costas para o colega que fará a passagem.

Num terceiro momento, de volta à sala de aula, mostrar alguns vídeos de atletas participando de provas de revezamento. Solicitar que as crianças observem as passagens de bastão, a sincronização dos atletas no momento da passagem, e atentem quanto a movimentação das mãos.

Sugestão de vídeo: Revezamento 4x100m Feminino Mundial de Atletismo Sub20, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7yxO8NO5ig> Acesso em: 19 jul. 2023



Discussões sobre a aula:

Ao final, orientar os alunos a falarem sobre o que observaram nos vídeos.

Sugestões:

- Gostaram de apreciar uma prova de atletismo por vídeo?
- O que chamou mais a atenção de vocês?

- Quais as semelhanças e diferenças da vivência que realizaram na escola e as provas que vocês observaram nos vídeos?
- É possível dizer que na escola também realizamos provas de revezamento?

Observações:

O uso de vídeo foi uma ferramenta muito importante para que os alunos pudessem compreender as características do esporte de alto nível, para assim estabelecerem as semelhanças e diferenças de sentidos, regras, localidade, público, instalações entre outras possibilidades, entre as corridas com revezamento experimentada na escola e a de alto nível.

Aula 8. Corridas de velocidade e saída baixa

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: sem materiais

Objetivos:

- Experimentar diferentes formas de saída nas corridas do atletismo.
- Entender as mudanças ocorridas ao longo dos anos na saída das corridas.

Dimensões do conhecimento: experimentação e análise.



Conversa inicial:

Sugestões de questões para identificar o que as crianças sabem sobre o tema:

- Alguém já observou qual é a posição de um atleta antes da largada de uma corrida? Como é?
- As formas de saída são iguais em todas as provas de corrida?



Desenvolvimento:

Na área externa, explicar que na saída das corridas de velocidade (curtas) os atletas se posicionam próximo ao chão, enquanto nas corridas de fundo e meio fundo (com distância maior) eles saem em pé.

Explicar que nem sempre foi assim, pois inicialmente em todas as corridas os atletas saíam em pé (saída alta), mas que, com o passar do tempo, as provas mais curtas adotaram a saída baixa, em que os próprios atletas cavavam pequenos buracos no chão para fincarem os pés e darem o primeiro impulso, e isto só deixou de acontecer com a criação e implementação dos blocos de partida.

Convidar os alunos a vivenciarem, através de brincadeiras, diferentes posições de saída para uma corrida. Para isso, propor brincadeira de “mãe da rua” diferente, em que a mãe da rua ficará atrás do grupo e não entre um ponto e outro, assim, as crianças poderão

correr em linha reta, sem a necessidade de desvios. Outro diferencial será que as crianças, ao se prepararem para correr para o lado oposto, deverão fazê-lo de diferentes formas usando as saídas do atletismo. Num primeiro momento usarão a saída alta, depois usarão a saída baixa (nesta, os alunos farão os buracos no chão).



Discussões sobre a aula:



Ajude-os a refletir nesse momento sobre a forma mais adequada de realizar a saída em uma prova de corrida para cada um e, além disso, procure levantar hipóteses sobre os motivos que levaram às transformações ocorridas nas saídas das corridas de velocidade. Sugestões de questões:

- Qual forma de saída vocês preferem?
- Quais as vantagens e desvantagem de cavar buracos no chão?
- Por que vocês acham que a saída baixa se tornou uma regra do atletismo?

Explicar que a saída baixa hoje é obrigatória e usada também como recurso para evitar queima da largada.

Observações:

Num primeiro momento, é possível que as crianças relacionem a saída alta como mais efetiva que a saída baixa, reforce junto a eles que para uma saída baixa eficiente é necessário muito treinamento.

O ato de cavar os buracos no chão, assim como atletas do passado o faziam foi importante para que eles percebessem as mudanças as quais a modalidade passou e levantar hipóteses sobre os motivos que levaram à criação dos blocos de partida. Ressalta-se aqui a importância de o conhecimento passar por mais de uma dimensão a fim de favorecer uma aprendizagem mais integral e significativa.

Aula 9. O salto em distância

Duração: 50 minutos

Materiais necessários: bambolês, duas cordas

Objetivos:

- Experienciar o salto em distância a partir de uma brincadeira do cotidiano infantil.
- Conhecer as principais características do salto em distância.
- Refletir sobre as suas possibilidades individuais e adequá-las à vivência de saltos mais adequada para si.

Dimensões do conhecimento: experimentação, reflexão sobre a ação e análise.



Conversa inicial:

Comunicar que o tema da aula é a prova do salto em distância, cujo vencedor é aquele que salta mais longe.

Assistir, junto à turma, a parte do vídeo que orienta sobre algumas técnicas do salto em distância “A receita para o salto em distância perfeito” disponível no endereço https://www.youtube.com/watch?v=-2_c85LYiAI Acesso em 19 jul. 2023.

Reforçar a necessidade de uma corrida prévia, da impulsão para cima e para frente a partir de um pé numa área determinada e a queda com os pés unidos à frente.

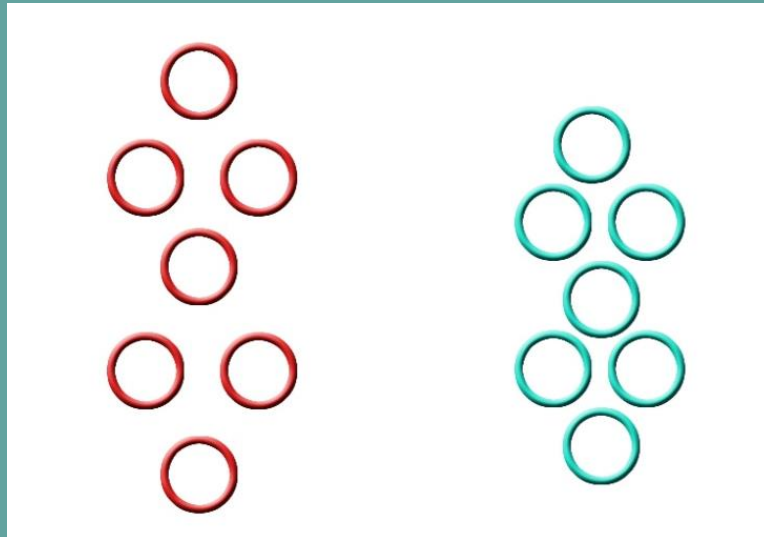
Com base no vídeo, questionar os alunos:

- Vocês já saltaram em uma pista dessas?
- Se alguém já saltou, pode descrever a experiência?
- Em que contexto vocês costumam saltar?
- Na brincadeira da amarelinha é preciso usar essa habilidade? Vamos vivenciá-la?



Desenvolvimento:

Organizar bambolês pelo chão, formando o desenho da brincadeira “amarelinha” (formar mais de um desenho no chão de maneira que as crianças não fiquem ociosas). Propor a vivência da amarelinha. Após alguns minutos de vivência, parar a atividade e questioná-los se é possível aumentar a distância dos bambolês para assim ampliar a distância dos saltos. Aumentar a distância entre os bambolês, deixando algumas amarelinhas com distâncias diferentes, possibilitando que as crianças escolham a que melhor se adequa às suas características individuais.



Conversa com os alunos:



- Nessa atividade vocês conseguiram ampliar a distância dos saltos?
- Vivenciaram a impulsão a partir de um pé?
- Que tal experimentarmos novas formas de saltar, em que o objetivo principal é aumentar cada vez mais a distância?

Num primeiro momento, sugerir a realização do salto em distância parado e com as pernas afastadas, orientando os alunos a balançar seus braços para frente e para trás de maneira a ganhar impulso e partir com os joelhos semiflexionados.

Para iniciar o salto com corrida prévia, levante algumas questões:

- No vídeo a que assistimos, observamos que o salto em distância é realizado parado ou com uma corrida prévia?
- Onde é realizada a aterrissagem do salto?
- Podemos saltar a qualquer momento, ou é preciso tocar em algum local antes?
- Entre quais pontos é realizada a verificação da distância?
- Que tal experimentarmos esse salto aqui na escola?



Discussões sobre a aula:

- Será que conseguimos realizar o salto em distância?
- No desafio de saltar sobre as duas cordas, qual era o ponto onde vocês deveriam realizar a impulsão?
- Quais as semelhanças e diferenças entre o salto realizado na escola e o salto que vocês assistiram no vídeo do início da aula?

Observações:

Muitas crianças desta turma, precisaram ser auxiliadas a refletirem sobre qual a sequência de bambolês seria mais adequada às suas características individuais, já que quase todos optavam por saltar as “amarelinhas” com bambolês mais distantes uns dos outros. Sendo assim, foi necessário intervir de maneira que eles entendessem que era preciso superar uma tarefa mais simples, para assim desafiar-se à outra mais complexa.

Aula 10. Planejando um festival

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: papéis, canetas

Objetivos:

- Participar do planejamento de um mini festival de atletismo.
- Confeccionar material a ser utilizado como premiação
- Reconhecer-se com agente capaz participar da organização de eventos.

Dimensões do conhecimento: protagonismo comunitário



Conversa inicial:

Retomar quais foram as práticas relacionadas ao atletismo vivenciadas nas últimas aulas (salto em distância, arremesso de peso, corrida de velocidade, corrida de revezamento). Convidar as crianças a planejarem conjuntamente um mini festival de atletismo.

Desenvolvimento:

Inicialmente explicar que a ideia do festival é promover um momento de socialização dos conhecimentos que foram adquiridos ao longo do estudo do atletismo; que o foco principal estará na confraternização e não na disputa. Dessa forma, o intuito seria premiar todos os participantes.

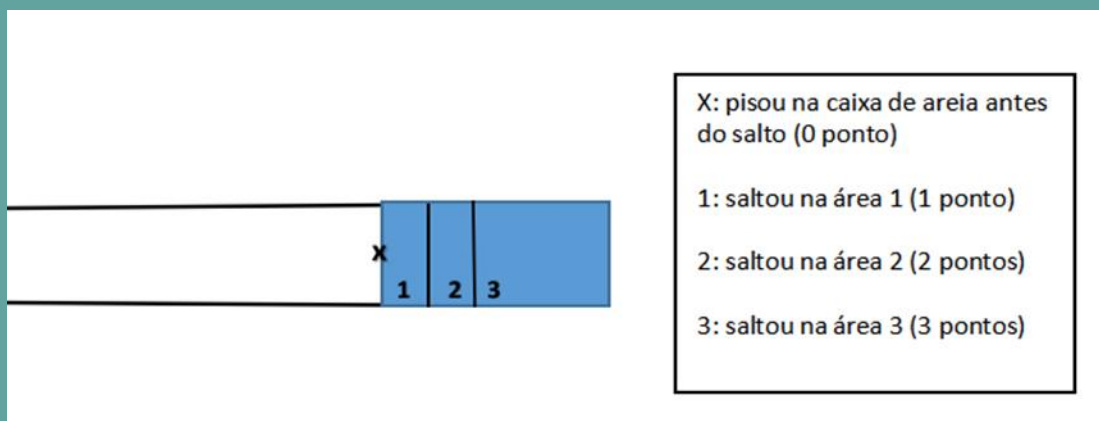
Questionar a turma sobre as possibilidades de premiação, reforçando que o prêmio será confeccionado por eles. Assim, as crianças devem pensar em possibilidades viáveis de confecção.

Sugerir a divisão da turma em equipes, de maneira que a disputa não seja individual. Perguntar quais provas podem ser disputadas de modo que todos possam participar. Separar a turma em 3 ou mais equipes, que podem ser divididas por cores.

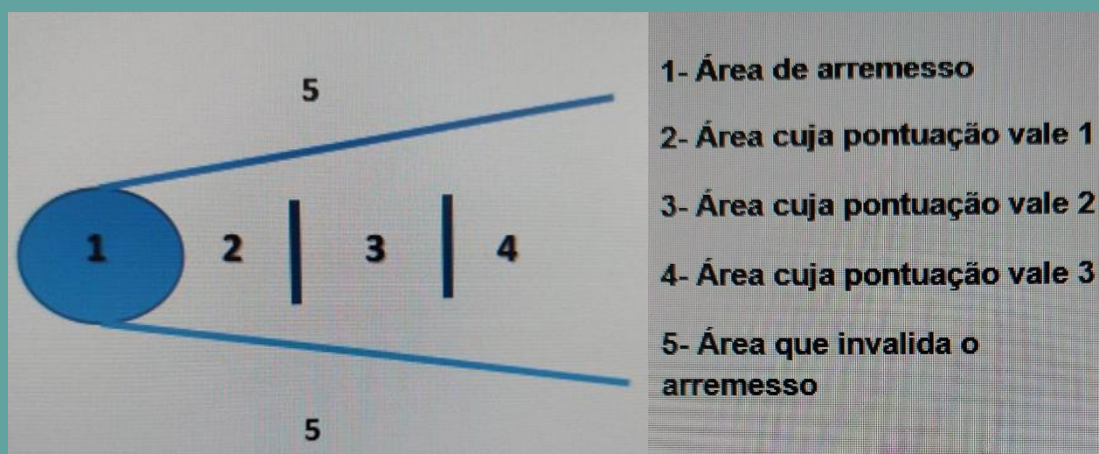
Num segundo momento, após a decisão sobre a forma de premiação, iniciar, junto ao grupo, a confecção do prêmio com os materiais disponíveis na escola.

No caso desenvolvido neste trabalho, o festival foi pensado para ser realizado durante uma visita a uma pista de atletismo. Assim, as provas foram pensadas da seguinte forma:

Salto em distância: Dividir o setor em 3 níveis: se a criança saltar e aterrissar no nível 1, marca 1 ponto para sua equipe; nível 2, marca 2 pontos; nível 3, marca 3 pontos. Se a criança “queimar” o salto, não ganha nenhum ponto.



Arremesso de peso: Dividir o setor em 3 níveis, se a bola cair no nível 1 a equipe ganha 1 ponto, nível 2 dois pontos, nível 3 marca 3 pontos. Se a criança “queimar” o arremesso não ganha nenhum ponto.



Corrida de 50m: 1º lugar ganha 3 pontos, 2º lugar ganha 2 pontos, 3º lugar ganha 1 ponto

Revezamento: Dividir a pista de atletismo pelo número de alunos de cada equipe, de maneira que uma volta de 400m seja completada com a participação de todos da equipe.

Elencar com a turma quais os materiais precisam ser providenciados para o dia do festival, considerando as provas planejadas, as necessidades fisiológicas da turma, os cuidados com o corpo, a premiação, entre outros pontos que achar necessário.



Discussões sobre a aula:

Procurar identificar nas crianças como se sentiram em realização à sua participação no planejamento do evento e quais as expectativas delas para o dia do festival.

Sugestões de questionamentos:

- Como foi participar do planejamento do festival?
- Vocês acreditam que crianças podem participar da organização de eventos?
- O que esperam para o dia do festival?

Observações:

Ao propor a participação dos alunos no planejamento do festival de atletismo buscou-se deixar a vivência mais significativa na medida que os alunos realizavam algumas escolhas relativas à organização do evento, além disso, esperava-se que eles se reconhecessem capazes de atuar na organizar eventos, para que se assim desejarem, em outros momentos pensar em ações atingindo outras pessoas da comunidade, a fim de democratizar o acesso às diferentes práticas corporais.

Aula 11. Festival e visita à pista de atletismo

Duração: De 4 a 5 horas

Materiais necessários: Transporte, apito, cronômetro, marcações com os nomes dos alunos, prêmios, bastões, e outros a serem definidos com os alunos.

Objetivos:

- Conhecer uma pista de atletismo
- Participar de um festival de atletismo
- Atuar como protagonista na execução de um festival de atletismo.

Dimensões do conhecimento: experimentação, análise e protagonismo comunitário



Conversa inicial:

Conversar sobre os cuidados a serem tomados durante o transporte e a chegada ao clube que possui a pista de atletismo.

Comparar o espaço da pista com os locais adaptados na escola para a prática e com os locais observados nos vídeos assistidos durante o todo o estudo sobre o tema.

Checar com o grupo se os materiais para as provas estão separados.

Definir qual a sequência das provas a serem vivenciadas.



Desenvolvimento:

Seguir a sequência das provas previamente elaborada junto aos alunos. Criar estratégias para que os alunos se revezem na organização das provas, como, por exemplo, retomar as regras previamente elaboradas, anotar resultados e organizar o grupo que não estiver competindo.

Ao final, premiar todos os participantes.



Discussões sobre a aula:

Gostaram de conhecer uma pista de atletismo? O que chamou mais atenção?
Gostaram de participar de um festival de atletismo? Como se sentiram assistindo/apreciando seus colegas competirem? Preferem competir ou planejar o festival?

Observações:

Como nenhuma das crianças conhecia uma pista de atletismo, ao ter acesso a uma os alunos ficaram maravilhados diante da estrutura e esta parece ter sido a vivência mais prazerosa para o grupo durante todo o trabalho. Além disso, durante a realização do festival, foi possível observar muitos deles demonstrando que se apropriaram de alguns saberes relativos ao uso das raíais, à largada, ao salto que foi queimado, ou ainda apreciando as atividades realizadas por outros colegas, sendo capazes de apontar os erros e acertos.

Aula 12. Avaliação

Duração: 100 minutos (aula dupla)

Materiais necessários: Celular para gravação



Conversa, desenvolvimento e avaliação:

Para esse momento final do processo elaborar algumas questões que perpassem pelas diferentes dimensões do conhecimento propostas pela BNCC. Como sugestão, segue abaixo um roteiro de perguntas que podem ser colocadas ao grupo de forma geral, entretanto, é importante chamar para a discussão aquelas crianças mais tímidas, que pouco se manifestam no coletivo.

Experimentação: Como foi a participação de vocês nas atividades? Alguém deixou de realizar alguma atividade? Houve algum desconforto? Em algum momento não foi prazeroso? O que poderia ser melhorado nas vivências práticas?

Uso e apropriação: Algum de vocês conseguiu levar os conhecimentos adquiridos nas aulas para fora da escola, ou seja, praticou ou ensinou alguém da família alguma das brincadeiras, dos conhecimentos ou atividades que realizamos? Como foi? O que ensinou? Com quem brincou?

Fruição: Como vocês se sentiram realizando as atividades? Como foi assistir aos vídeos? Como se sentiram ao observar seus colegas competindo no festival? Será que, se hoje, eu os convidasse a assistir a alguns vídeos de atletismo, vocês os assistiriam da mesma forma que antes? Que elementos observariam nas provas que antes não prestavam atenção?

Reflexão sobre a ação: Se eu os convidasse a participar de uma competição de atletismo com as provas de salto em distância, arremesso de peso, corridas de velocidade e revezamento, que cuidados vocês teriam em cada prova? Como realizariam o salto? Como se posicionariam nas raias? De que forma fariam o arremesso? Como passariam o bastão?

Construção de valores e compreensão: Descobrimos, através do nosso estudo, que as provas olímpicas só permitiam a participação masculina, o que vocês pensam sobre isso? Observamos também que a participação de pessoas com deficiência em esportes demorou

a acontecer. O que vocês fariam se um de nossos colegas não pudesse realizar algum tipo de atividade das aulas?

Análise: Vocês se lembram de qual é o objetivo principal de cada prova estudada (salto em distância, arremesso de peso, corridas)? Como se observa quem foi o vencedor? Conhecem outros esportes com objetivos parecidos?

Protagonismo comunitário: Como foi sua participação na organização do evento? Como se sentiu? Nas redondezas do local onde moram, existem espaços e oportunidades oferecidos pela prefeitura para que as crianças e os adultos possam praticar esportes? Vocês gostariam de ter acesso a isso?

Vocês sabiam que há leis que dizem que toda criança deve ter acesso ao esporte, à cultura, ao lazer?

Segue a sugestão do artigo 71, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do adolescente:

ECA - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

De acordo com o art. 71. A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Se achar necessário, considere a redação de uma carta às autoridades competentes, a fim de reivindicar oportunidades de acesso ao lazer e ao esporte.

Observações:

Como já dito anteriormente, nesta roda de conversa procurou-se levantar alguns questionamentos abordando todas as dimensões do conhecimento.

Este espaço foi reservado para comentar a dimensão uso e apropriação, que em sua definição refere-se à capacidade de usar autonomamente os conhecimentos adquiridos sobre as práticas corporais em outros contextos de sua vida, como lazer, saúde, entretenimento. Devido à impossibilidade de observá-la dentro do ambiente escolar, onde as ações dos alunos são orientadas, a roda de conversa foi o espaço onde os alunos puderam apontar ou não se foram capazes de usar os conhecimentos sobre o atletismo em outros contextos de suas vidas. Neste trabalho, alguns alunos disseram ter brincado com familiares e outros apontaram que não, ora porque não quiseram ou porque não tinha com quem brincar.

APONTAMENTOS FINAIS

Este trabalho nasceu do anseio de uma professora com 17 anos de atuação no ensino público em dar mais significado ao Ensino da Educação Física na escola ao buscar estabelecer relações entre os conteúdos relativos às práticas corporais e a forma como as relações sociais se estabelecem no mundo, buscando assim colaborar com a formação crítica de um cidadão comprometido com os valores democráticos.

Ele foi pensado para ser implementado a um grupo específico e em nenhum momento pretende ser uma receita ou modelo a ser seguido, mas sim uma possibilidade de pensar a Educação Física na escola extrapolando um ensino como foco no “saber fazer” já nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, foi usado como referencial base as 8 dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

Dentre os apontamentos mais importantes derivados da análise dos dados deste trabalho destaca-se a interdependência e dialogicidade entre as dimensões para um processo formativo abrangente e que faça sentido para as crianças. Dessa forma, se por exemplo, a dimensão experimentação for trabalhada sem nenhuma contextualização ou ligação com outras dimensões do conhecimento pode se limitar ao fazer pelo fazer, em contrapartida, quanto relacionada às outras dimensões pode ser tornar talvez a mais importante delas para a construção de saberes devido ao seu caráter lúdico, especialmente para crianças em início de escolarização.

E é justamente essa dialogicidade que deve ocorrer entre as dimensões que além de trazer indícios de contribuir amplamente para uma aprendizagem mais efetiva, significativa, democrática e integral dos alunos, pode inclusive abrir caminhos para o surgimento de novas dimensões conhecimento que poderão ser evidenciadas em futuras pesquisas sobre o tema.

SITES E CANAIS ACESSADOS

A RECEITA PARA O SALTO EM DISTÂNCIA PERFEITO. Publicado pelo site **VejaPontocom** em **03 de agosto de 2012**. (2m26s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-2_c85LYiAI Acesso em 19 jul. 2023.

ATLETISMO #27_ARREMESSO DE PESO. Publicado pelo canal **Educação Física Esporte e Corpo** em **16 de junho de 2018**. (2m54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lywlC93tIJQ> Acesso em 19 jul. 2023.

ATLETISMO: ARREMESSO DO PESO. Publicado pelo canal **André Coutinho** em **15 de outubro de 2018**. (8m 10s). <https://www.youtube.com/watch?v=EyiDQuuxym8> Acesso em 12 jul. 2022

ATLETISMO DEIXA O BIÓTIPO PADRÃO E AGREGA DO MAGRO AO PESO-PESADO. Publicado pelo site **Globo Esporte** em **28 de agosto de 2015**. Disponível em: <https://ge.globo.com/atletismo/noticia/2015/08/atletismo-deixa-o-biotipo-padrao-e-agrega-do-magro-ao-peso-pesado.html> Acesso em 19 jul. 2023

COMO FAZER UM IMPLEMENTO ADAPTADO PARA AULA DE ARREMESSO DE PESO – ATLETISMO. Publicado pelo canal **Instituto Esporte Educação** em **26 de julho de 2021**. (3m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BaxxOY7EJIO> Acesso em 12 ago. 2022

COMO FAZER UM IMPLEMENTO ADAPTADO: PESO. Publicado pelo canal **GEPPA Unesp** em **26 de agosto de 2014**. (4m31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o7KuUJsu1a4> Acesso em 12 ago. 2022.

POLONESA FICA COM A PRATA NO ARREMESSO DE PESO FEMININO (F34); CHINESA É CAMPEÃ. Publicado pelo site **Globo Esporte** em **2016**. (3m 44s). Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/video/polonesa-fica-com-a-prata-no-arremesso-de-peso-feminino-f34-chinesa-e-campea-5307014.ghtml> Acesso em 19 de jul. 2023.

OS CROODS. Direção: Kirk De Micco, Cris Sanders. Produção: DreamWorks Animatio, Gizmo Prods. Estados Unidos: DreamWorks Animation; BloisSanders Entertainmen, 2013. DVD.

REVEZAMENTO 4X100M FEMININO MUNDIAL DE ATLETISMO SUB20. Publicado pelo canal **TV Atletismo Brasil** em **13 de maio de 2019**. (4m 6s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7yxO8NO5ig> Acesso em: 19 jul. 2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 08 set. 2022.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm. Acesso em: 28 jun. 2018.
- COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papyrus, 2007.
- DARIDO, S. et al. **Práticas corporais: educação física – 1º e 2º ano**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2017.
- DARIDO, S. et al. **Presente mais: educação física – 1º e 2º ano**. 1 ed. São Paulo, Moderna, 2021.
- DE CASTRO, T. L.; MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. Sobre vídeos do youtube relacionados à confecção de implementos adaptados para o ensino do atletismo na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i2.45317. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/45317>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- GEMENTE, F. R. F. **Atletismo na educação física escolar: a elaboração colaborativa do software Athletic**. 2015. 216 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://handle.net/11449/126412>>. Acesso em: 27 set. 2022.
- GINCIENE, G. **A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo**. Rio Claro, 2016. 237 folhas. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/133937>. Acesso em 11 nov. 2021.
- GINCIENE, G. **A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos**. 2012. 148 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99056> Acesso em: 07 set. 2022.
- MATTHIENSE, S. Q. **Atletismo: teoria e prática**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- MORAN, J. M. Como utilizar a Internet na Educação. **Revista Ciência da Informação**. Vol. 26, nº2, maio – agosto 1997, pág. 146-153. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/700/709>. Acesso em: 07 set. 2022.

RANGEL, I. C. A.; SANCHES, L.; DARIDO, S. C.; GASPARI, T. C.; GALVÃO, Z. O Ensino reflexivo como perspectiva metodológica. *In: Suraya Cristina Darido; Irene Conceição Andrade Rangel. (Org.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 104-119.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física Escolar. *Motriz*, v. 13, n. 2, p. 129-136, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-504267>. Acesso em 12 jul. 2023.

RICETTO, L. A. (ed.). **Pitanguá mais:** educação física – 1º e 2º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2021.

SANCHES, M. M. (ed.). **Buriti mais:** educação física – 1º e 2º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2021.

SESI (Serviço social da indústria). **Atletismo.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.

SESI (Serviço social da indústria). **Programa SESI Atleta do futuro:** perspectivas da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva. São Paulo: SESI-SP Editora, 2006.